



Universidade Federal do Amazonas
Programa de Pós-Graduação em História
Mestrado em História

DANIEL BARROS DE LIMA

**REPRESENTAÇÕES DO SERINGUEIRO
NA IMPRENSA AMAZONENSE:
COTIDIANO E VIVÊNCIAS NO MUNDO DA BORRACHA
(1890-1920)**

Manaus
2016



Universidade Federal do Amazonas
Programa de Pós-Graduação em História
Mestrado em História

DANIEL BARROS DE LIMA

REPRESENTAÇÕES DO SERINGUEIRO
NA IMPRENSA AMAZONENSE:
COTIDIANO E VIVÊNCIAS NO MUNDO DA BORRACHA
(1890-1920)

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em História da Universidade
Federal do Amazonas, como requisito para a
obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro

Manaus
2016

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

L732r Lima, Daniel Barros de
Representações do seringueiro na imprensa amazonense:
cotidiano e vivências no mundo da borracha (1890-1920) / Daniel
Barros de Lima. 2016
200 f.: 31 cm.

Orientador: Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro
Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do
Amazonas.

1. Seringueiro. 2. Imprensa. 3. Representações. 4. Vivências. 5.
Trabalho. I. Pinheiro, Luís Balkar Sá Peixoto II. Universidade Federal
do Amazonas III. Título

À minha amada mãe, Pepita, mulher
guerreira, uma verdadeira Amazona, que
conheceu de perto a vida do trabalho do
interior no Alto Purus e soube vencer as
muitas adversidades de seu tempo.

Obrigado Mãe!

Aqui está o fruto desse trabalho!

TERMO DE APROVAÇÃO

Banca Examinadora

Prof. Dr. Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro
(UFAM – Presidente)

Prof. Dr. Davi Avelino Leal
(UFAM – Membro)

Prof. Dr. Francisco Pereira da Costa
(UFAC – Membro)

A história não pode ser comparada a um túnel por onde um trem expresso corre até levar sua carga de passageiros em direção a planícies ensolaradas. Ou então, caso o seja, gerações após gerações de passageiros nascem, vivem na escuridão e, enquanto o trem ainda está no interior do túnel, aí também morrem. Um historiador deve estar decididamente interessado, muito além do permitido pelos teleologistas, na qualidade de vida, nos sofrimentos e satisfações daqueles que vivem e morrem em tempo não redimido.

Edward Palmer Thompson

AGRADECIMENTOS

Esses agradecimentos serão descritos na primeira pessoa. Esse texto poderia ter cem páginas, considerando não apenas as pessoas ou instituições as quais devo agradecer, mas, pelo tanto que teria a dizer sobre elas em minha gratidão. Não sendo possível, tentarei ser breve, agradecendo aqueles que contribuíram diretamente para a concretização deste sonho, desse trabalho. Assim, Agradeço...

Ao Senhor Jesus Cristo, Deus, autor da vida e de todo o conhecimento verdadeiro. Embora tente definir Sua pessoa e conhecer Sua grandeza, devo admitir minha limitação, assim, ofereço a Ele este louvor: “Não tento penetrar na Tua sublimidade, pois de modo algum comparo o meu conhecimento com Ela, mas, anseio para entender até certo ponto a Tua verdade, que meu coração crê e ama. Não busco, pois, entender para crer, mas creio para compreender. Pois nisto também creio: que se não cresse, não entenderia. Tu és Incomensurável e Incognoscível”.

Ao meu orientador, o Prof. Dr. Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro, que para além dessa função, demonstrou ser um verdadeiro amigo. Sua simplicidade, unida ao conhecimento que domina, atestam uma síntese rara de ser combinada no universo acadêmico. A ele devo todo aprendizado dessa pesquisa. Foi sempre um grande incentivador e transmissor da perspectiva, domínio e dimensão da História Social sob proposições thompsonianas. Quando preciso, foi enérgico em nos corrigir na pesquisa, mas, também foi respeitador quando tivemos opiniões divergentes, principalmente quando falávamos de política e religião. Este trabalho tem sua marca.

A minha esposa Larissa Barros, a quem escolhi pra viver todos os meus dias. Sua companhia e suporte foram fundamentais nesses últimos dois anos. Ela foi o esteio providencial que limpou minha vista de tantas ocupações e imprevistos que surgiam em nosso dia a dia, os quais poderiam ter me tirado do foco, mas, ela sempre esteve lá, tornando-se assim minha auxiliadora capaz. Te Amo!

A minha filha Ana Sophia. Minha amada criança, que vem desde muito pequena sentido a ausência do pai por causa dos estudos. Finais de semana inteiros sem olhar em seus olhos, pedindo maior atenção. Não foram poucas as vezes que não pude ficar com ela e lhe dar todo o tempo que só ela merece. Sua vizinha

dizendo: “Papai, brinca comigo?”, sempre me apertava o coração. Obrigado filha por ter tido tanta paciência e por ter entendido que seu pai estava fazendo uma grande obra. Te Amo!

Ao meu pai, Gilázio Lima, que pôde, ao seu próprio modo, me incentivar pra continuar estudando mesmo quando, aparentemente, outras necessidades parecessem mais importantes, ele sempre me encorajou.

A minha mãe, Pepita Barros, a quem dediquei este trabalho. Ela me deu toda a cobertura necessária pra que eu pudesse trabalhar nessa pesquisa. Quantas vezes nos sustentou preparando os almoços, sempre lembrando que também havia hora pra comer, mais do que isso, minha mãe nos ajudou muitíssimo cuidando da Ana Sophia em momentos decisivos.

Aos meus irmãos. Suelen Barros que suportou pedagogicamente o cuidado da Ana Sophia e as suas inúmeras atividades escolares diárias que ela tinha, e Samuel Barros, que esteve sempre por perto quando precisamos dele. Vocês são amados por mim!

Aos meus sogros Luiz Costa e Sônia Maria que compreenderam bem a obra que eu estava produzindo, me deixando muito à vontade em relação aos compromissos da igreja. Assim como os amigos e irmãos os quais sentiram minha ausência em eventos sociais, quase sempre nos finais de semana, pois tinha que estudar, pesquisar e escrever. Agradeço a compreensão.

Aos professores do PPGH-UFAM: Maria Luíza Pinheiro, Patrícia Silva, Almir Diniz, Antônio Morga, Kátia Cilene, Sinval Carlos, César Queirós, James Roberto, Patrícia Sampaio e Davi Leal. Em menor ou em maior grau, todos me auxiliaram na compreensão da pesquisa histórica e de alguns temas preponderantes da Amazônia.

Aos colegas do PPGH-UFAM que no decorrer desses dois anos foram meus companheiros de amizade, e que também trocaram conhecimentos imprescindíveis à minha pesquisa: Eduardo Gomes, Amaury Pio, Lucas Montalvão, Sarah Araújo, Daniela Blanco, Isabel Saraiva, Ernesto Martinez, Pedro Marcos, Cláudia Barros, Gláucia Campos e Alba Pessoa. Esses de algum modo tocaram ao tema de nossa pesquisa. Obrigado!

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), pelo apoio financeiro para realização da pesquisa, concedido na forma de bolsa de estudo nos últimos meses do mestrado.

À Faculdade Boas Novas de Ciências Teológicas, Sociais e Biotecnológicas (FBNCTSB), lugar especial para mim, pois ali me graduei e hoje ali exerço o ofício da docência. À pessoa da diretora geral, Maria José Lima, e do diretor acadêmico, Edivaldo Lima, minha infinita gratidão, tanto por nos liberar para a pesquisa, como pelo investimento e pela confiança depositada em minha pessoa.

A todos minha gratidão eterna!

SUMÁRIO

<i>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</i>	10
CAPÍTULO 1:	
REVISITANDO O SERINGAL E O SERINGUEIRO	29
A economia de exportação da borracha: antecedentes socioeconômicos	31
De retirante a seringueiro: o processo migratório	42
Os interpretes do seringal: a emergência do seringueiro no pensamento social	51
CAPÍTULO 2:	
<i>A IMPRENSA AMAZONENSE E O SERINGUEIRO</i>	63
O periodismo no Amazonas: surgimento, dinâmica e diversidade	63
Um jornal da colônia cearense no Amazonas: <i>O Pátria</i>	82
<i>O olhar do patrão: A Revista da Associação Comercial do Amazonas</i>	100
CAPÍTULO 3:	
<i>O COTIDIANO DO SERINGAL NA IMPRENSA AMAZONENSE</i>	122
O brabo: o migrante nordestino no ambiente amazônico	123
Tornar-se seringueiro: convívio, dominação e resistência	144
Família e relações de gênero	146
A violência como linguagem	168
Transgressões e resistências	176
<i>CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	189
<i>REFERÊNCIAS</i>	192

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A pesquisa histórica no interior da Amazônia tem possibilitado a construção de inúmeros trabalhos, evidenciando o protagonismo de importantes sujeitos históricos, e trazendo à tona novos olhares e debates sobre questões históricas decisivas para a compreensão da formação e do desenvolvimento da região. Essa análise pode recuperar, para além dos tradicionais discursos historiográficos (também importantes pelo que nos legaram), a discussão sobre alguns desses novos e importantes temas.

Essa pesquisa identificou como contexto espacial, a região amazônica durante o processo de migração nordestina em que a atividade gomífera determinou a dinâmica econômica e o perfil do trabalho na região, e estabeleceu como recorte temporal o fim do século XIX e início do século XX, mais precisamente o período entre 1890 e 1920.¹

Nesse contexto figura o seringueiro², identificado aqui como o objeto principal da pesquisa, escolha que se deu basicamente por ter sido ele o mais emblemático sujeito social do período. Sobre ele, buscou-se um olhar diferenciado, investigando-se, para além das fontes oficiais, outras não tão exploradas, como a imprensa periódica da região, por onde se poderia problematizar importantes dimensões suas vivências e experiências, como ainda entender os significados à ele atribuído pelos próprios periódicos em sua lida cotidiana.

¹ Inicialmente, o projeto trazia um extenso recorte de 50 anos (1870-1920), considerando a década de 70 do século XIX como ponto inicial e principal do fluxo de maior migração e seca no Nordeste e a década de 20 do século seguinte, tomando como parâmetro a crise da economia da borracha na região. No entanto, acabamos optando por trabalhar um recorte menor (1890-1920), opção esta que levou em consideração o envolvimento mais direto com as fontes compulsadas no decorrer da pesquisa.

² Num rápido esforço de definição, podemos concordar com Gisele Souza, para quem o *seringueiro* é todo aquele indivíduo que organiza e executa a atividade de extração de látex da árvore de seringueira (*hevea brasilienses*) e realiza sua transformação em borracha natural. SOUZA, Gisele Elaine de Araújo Batista et al. *Movimentos Sociais dos Seringueiros e a RESEX Chico Mendes: a cada conquista, persiste a necessidade das lutas*. Disponível em: <http://sober.org.br/palestra/13/911.pdf> Acesso em: 27/06/2014.

Assim, desde o início, foi estabelecido um vínculo ativo entre a pesquisa histórica preocupada com tanto com o cotidiano do seringueiro, com os dilemas de sua existência no solo amazônico, com suas expectativas e demandas, quanto com a análise das representações que sobre ele a imprensa amazonense produziu durante o período proposto.³

A partir do século XIX a utilização da borracha foi aprimorada e, tal como nos informa uma consolidada bibliografia acerca do tema, isso possibilitou a ampliação de seu uso como matéria-prima industrial na produção de uma infinidade de produtos, tais como correias, mangueiras, sapatos e pneumáticos. Como a região amazônica concentrava a maior parte das árvores produtoras de seringueiras, para ela afluíram os interesses do capital internacional, dando início a um acelerado processo de dinamização da economia regional, com significativos impactos na sociedade e na cultura regional.⁴

A partir da análise da base documental constituída prioritariamente pela imprensa amazonense, desenvolvemos a pesquisa no enfrentamento de um tema central de dupla dimensão, já que preocupado tanto com as vivências e experiências dos seringueiros, quanto com as representações produzidas e difundidas pela imprensa amazonense sobre eles. Isso nos desafia a colocar questões difíceis de serem enfrentadas e respondidas.

Se parece não ser tarefa fácil investigar as representações – sempre múltiplas – que foram produzidas e difundidas pela imprensa amazonense nos momentos em que teve por alvo os seringueiros, que dizer do desafio de identificar e analisar, por trás, acima e nestas representações os processos e experiências que conformavam o cotidiano dos seringueiros no percurso de suas existências?

³ Segundo Roger Chartier, *representação* deve ser pensada como algo que permite “ver uma coisa ausente”, como “exibição de uma presença”. Representações geram identidade tanto para o indivíduo quanto para o grupo e são portadoras do simbólico, que é construído social e historicamente. CHARTIER, Roger. *A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002, p. 72-76. Voltaremos à discussão conceitual em outro momento.

⁴ A historiografia da borracha é verdadeiramente extensa e parte dela (a que tivemos acesso) se encontra indicada nas referências ao final da dissertação. Aqui listemos apenas alguns estudos mais abrangentes, alguns deles, hoje considerados clássicos sobre o tema: REIS, Arthur César Ferreira. *O Seringal e o Seringueiro*. 2ª ed. Manaus: EDUA, 1997; PRADO, Maria Lígia e CAPELATO, Maria Helena Rolin. *A Borracha na Economia Brasileira na Primeira República*. In: FAUSTO, Boris (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. vol. 8. 4ª ed. São Paulo: DIFEL, 1985; SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T. A. Queirós, 1980; WEINSTEIN, Bárbara. *A Borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: HUCITEC, 1993.

Não bastassem a complexidade das questões levantadas, há ainda que se considerar, neste rol de dificuldades que se erguem no processo da pesquisa de forma tão assomada quanto um mar revolto, a condição de historiador aprendiz daquele que se lançou à investigação, consciente de que poderia ficar à deriva e até mesmo não concluir sua jornada.

Já no início do percurso, a pesquisa foi apresentando desafios que impunham enfrentamentos não previstos à partida. Assim, nos arquivos, nos deparamos com uma diversidade de periódicos, onde também constatamos a presença de diversas atores sociais e de variadas categorias de trabalhadores, urbanos e rurais, sendo referenciados, seja pela importância de seus trabalhos, seja pelos problemas que sua presença em certos espaços impunha às autoridades ou a seus patrões.

A própria imagem do seringueiro, intimamente associada aos processos de trabalho no âmbito das unidades produtivas do vasto sertão amazônico (os seringais), emergia também nos discursos e notícias sobre a cidade e o contexto urbano, denunciando a interconexão existente entre campo e cidade. Não apenas esses mundos aparentemente distantes se conectavam, como também se articulavam em múltiplas e inesperadas hierarquizações. Assim, muitos proprietários de jornais do período eram também proprietários de seringais ou tinham negócios diretos com a comercialização daquele produto, o que tornava a tarefa de lidar com as representações por eles produzidas ainda mais complexas, já que crivadas de interesses.

De modo geral, há na historiografia amazonense, diversas referências acerca das vivências do seringueiro nos seringais da região e estas são sempre marcadas, como não podia deixar de ser, por experiências profundas. Em que pese o fato de que, desde Euclides da Cunha, o trabalho nos seringais ser alvo de reiteradas críticas e o seringueiro identificado como vítima indefesa da ganância e avareza dos “aviadores solertes, zangões vertiginosos e ingleses de sapatos brancos” que dominavam os negócios da borracha⁵, há muito da vivência e das ações dos seringueiros que ficaram obscuras e pouco iluminadas por uma historiografia mais tradicional, pouco afeita a iluminação das contradições e dos conflitos sociais.⁶

⁵ CUNHA, Euclides da. *Amazônia: Um paraíso perdido*. 2ª ed. Manaus: Valer, 2011, p. 221.

⁶ Analisando o universo do trabalho em Manaus da época da borracha, Luís Balkar Pinheiro elenca um conjunto de importantes historiadores (Mário Ypiranga e Arthur Reis, por exemplo) que narram uma história regional numa perspectiva positivista e conservadora e elitista. Por meio de discursos

Não se advoga aqui a desconsideração da historiografia clássica da economia da borracha, pelo tanto que ela contribuiu na abertura de caminhos que podem ser alargados e transpostos pela produção mais recentes. Tentamos, todavia, empreender uma nova abordagem e, desta forma, trazer à tona uma história que busque iluminar dimensões ainda pouco exploradas. Edward Thompson⁷ nos sugere a ousadia de fazer diferente, de explorar de uma perspectiva *de baixo* até mesmo o que parece ser “os becos sem saída, as causas perdidas e os próprios perdedores”, sempre esquecidos.⁸

Imbuídos de tal inspiração, levantamos uma série de questionamentos, buscando iluminar dimensões pouco exploradas: O seringueiro foi realmente um trabalhador passivo, que nada conseguia fazer para tentar modificar seu destino, tal como apresenta a historiografia tradicional? Aceitou ele, ingenuamente, a exploração e a dominação que lhes foram impostas? Em caso contrário, como e por que meios reagiu à essa situação? Como eram as relações familiares dos seringueiros? Como se davam as relações de conflitos do seringueiro com seus patrões, com os índios e mesmo com outros seringueiros, para não falar das relações conflituosas que também mantinham com os animais e com a própria natureza?

Voltando o olhar para a imprensa, que contradições sociais na dinâmica do trabalho nos seringais podem ser percebidas a partir de diferentes órgãos da imprensa? Que outros interesses poderiam existir na relação entre poder público e proprietários de seringais que também pudessem ser percebidos nos jornais, produtos, eles próprios, dos segmentos dominantes?

Sendo estas as principais questões propostas pela pesquisa, é preciso deixar claro que não se almeja alcançar respostas absolutas e peremptórias, mas tão-somente problematizar questões, e indicar novos caminhos, contribuindo desta

de ordem, essa cultura historiográfica amazonense tendeu a ignorar as demandas e vivências populares, quando não as desprezou e rejeitou como irascíveis, impertinentes e equivocadas. PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. Na contramão da história: mundos do trabalho na cidade da borracha (Manaus, 1920-1945). In: *Revista Canoa do Tempo*, v.1, n.1, Jan/dez.2007, p. 15.

⁷ Edward Palmer Thompson foi um dos mais destacados historiadores ingleses, vinculado à tradição marxista. Buscou em seus trabalhos dar voz a homens e mulheres esquecidos nas análises de historiográficas, inclusive nas de historiadores marxistas afinados com as teorias estruturalistas então em voga. Sobre a importância e atualidade de sua obra, cabe conferir: PALMER, Bryan. *Edward Palmer Thompson: objeções e oposições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996; FORTES, Alexandre. Miríades por toda a eternidade: a atualidade de E. P. Thompson. São Paulo: *Revista Tempo social*, v. 18, nº 1, 2006.

⁸ THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da Classe Operária Inglesa*. Vol. 1. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 14.

forma para uma maior compreensão do tema. Seja como for, tais questões nortearam a própria formulação dos objetivos traçados para a pesquisa.

De forma mais geral, a pesquisa se propôs a inventariar e analisar as múltiplas representações do seringueiro produzidas no interior da imprensa amazonense entre os anos de 1890 e 1920, da mesma forma como se interessou em inquirir acerca da própria realidade do seringueiro em suas ações cotidianas. Isso significa que assumimos a perspectiva de trabalhar numa articulação entre História e Imprensa em que esta última é tanto *fonte* quanto *objeto* de nossa reflexão.⁹

Numa primeira dimensão ela nos permite, pelo que informa e registra, uma aproximação com as vivências, as experiências concretas dos seringueiros, iluminando eventos, temas e questões nem sempre exploradas pela historiografia, em especial porque esta produção historiográfica mais tradicional praticamente ignorou a imprensa como fonte documental. Sua abordagem, crivada pelo imperativo da informação e problematização de questões que identificava como relevante para seus próprios projetos de intervenção social, tende a diferir daquelas usualmente registradas no ambiente historiográfico.

Contudo, numa segunda dimensão, resulta evidente que a imprensa não é, por si e em si, uma espécie de “voz do passado”, registro seco e seguro do que aconteceu, como se ela própria tivesse vindo à tona para servir aos historiadores do futuro. A imprensa fala de um lugar social e, enquanto tal, vê, compreende e constrói o mundo que está a sua volta¹⁰ ou, como sustenta Heloísa de Faria Cruz, é preciso “entender a Imprensa como linguagem constitutiva do social”¹¹. Nesse sentido, suas matérias não são um registro seco da realidade exterior, mas produto e produtor de sentidos, o que significa dizer, em nosso caso, que o seringueiro que ela localizou e informou nos rincões da Amazônia foi, em boa medida, também construído por ela, e não mero reflexo impositivo do mundo que lhe é exterior e diante do qual ela teria se colocado, passivamente, como espelho.

⁹ Esta perspectiva explora as orientações metodológicas discutidas em: ZICMAN, Renée Barata. História através da Imprensa: algumas considerações metodológicas. *Projeto História*, São Paulo, nº 4, p. 89-102, jan./dez. 1985.

¹⁰ VIEIRA, Maria do Pilar et al. Imprensa como fonte para a pesquisa histórica. *Projeto História*, São Paulo, nº 3, p. 47-54, jan./dez. 1984.

¹¹ CRUZ, Heloísa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário. Na oficina do historiador: conversa sobre História e Imprensa. *Projeto História*, São Paulo, nº 35, p. 255-272, dez. 2007, p. 260.

Neste sentido e neste percurso, objetivos secundários foram se configurando, e fazendo com que a imprensa e o seringueiro dividissem o papel principal desta trama. Assim, nos interessamos legitimamente por compreender os meandros do processo da migração nordestina para a Amazônia, assim como inquirir sobre o gradual o processo de construção identitária que o nordestino/seringueiro vai desenvolvendo a partir de sua imersão no mundo da floresta e do seringal.

Da mesma forma, nos pareceu legítimo pensar que, ao registrar e informar os temas do momento, os diversos jornais amazonenses tenham acabado por se distanciar uns dos outros nas percepções desses novos personagens e na forma como eles passaram a se relacionar com o ambiente amazônico. Trilhamos, assim, um percurso em que *práticas e representações* se imbricaram de forma visceral.

Não se trata de produzir mais uma análise dessa história, puramente do ponto de vista político e econômico e a partir dos registros ditos “oficiais”, mas, pelo contrário, apresentar uma história em que se perceba a construção da imagem do seringueiro. Também nos parece possível perceber o seringueiro mais próximo de sua própria perspectiva e visão de mundo, destacando seu valor e protagonismo, pela inflexão no olhar em direção à uma *história vista de baixo*.¹²

Se a saga e o martírio dos seringueiros acabaram se tornando um tema de conhecimento geral, pelo menos desde as abordagens de Euclides da Cunha, a forma como a imprensa do período se reportou a eles, nem sempre foi mencionada ou devidamente explorada, razão pela qual, nesta pesquisa, ela é pedra de toque, propiciando a percepção de novos temas e questões.

Os questionamentos e objetivos traçados impõem uma discussão conceitual prévia, buscando a identificação e problematização de conceitos e categorias de análise que possam ancorar com maior segurança e precisão o trabalho de pesquisa, relacionando, como sugere Marcelo Badaró Matos, tais “conceitos às matrizes teóricas das quais surgem, bem como aos contextos históricos em que foram formulados”.¹³

De imediato, foi necessário alcançar uma compreensão do conceito de *representação*, tal como iluminado no trabalho de seu mais destacado teórico, o

¹² SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 39-62.

¹³ MATTOS, Marcelo Badaró (Org.). *História: Pensar & Fazer*. Niterói: LDH/UFF, 1989, p. 96.

historiador francês, Roger Chartier. Não se trata de uma tarefa simples, já que se trata de um conceito extremamente complexo e muitos dos textos que o fundamentam são dos mais herméticos no campo da história contemporânea.¹⁴

De acordo com Chartier, o conceito passou a se impor ao longo do século XX, quando os historiadores se viram forçados a “abandonar a certeza de uma coincidência total entre o passado tal como foi e a explicação histórica que o sustenta”¹⁵. Com efeito, Sandra Pesavento lembra que a “realidade do passado só chega ao historiador por meio de representações”, imagens que produzem a “presentificação de um ausente”.¹⁶

Esta dimensão remete para uma primeira – e por vezes mais usual – compreensão do conceito de representação, vendo-o tão-somente como

Um instrumento de um conhecimento mediato que revela um objeto ausente, substituindo-o por uma “imagem” capaz de trazê-lo à memória e “pintá-lo” tal como é. A relação de representação, assim entendida como correlação de uma imagem presente e de um objeto ausente, um valendo pelo outro, sustenta toda a teoria do signo do pensamento clássico...

Sandra Pesavento alerta que o conceito potencializado pelo historiador francês é, todavia, mais complexo, e propõe sua compreensão não como mera “cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas [como] uma construção feita a partir dele”¹⁷. O próprio Chartier amplia e complexifica essa discussão ao enfatizar que “as representações não são simples imagens, verdadeiras ou falsas, de uma realidade que lhes é externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é”.¹⁸

Ao assim argumentar, o conceito de representação, diz Pesavento, opera uma transposição da “tradicional clivagem entre real e não-real, uma vez que ... tem a

¹⁴ O conceito de representação já vinha se impondo no cenário historiográfico francês desde meados do século XX e Roger Chartier lembrará sempre das discussões formuladas por Paul Ricoeur ou Michel de Certeau, em duas obras seminais: RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. 3 vols. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010; DE CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

¹⁵ CHARTIER, Roger. *A História ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 11-12.

¹⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. São Paulo: Autêntica, 2008, p. 42.

¹⁷ Idem, p. 40. A autora ainda nos lembra que as “representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão. Há, no caso do fazer ver por uma imagem simbólica, a necessidade da decifração e do conhecimento de códigos de interpretação, mas antes revelam coerência de sentido pela sua construção histórica e datada, dentro de um contexto dado no tempo”. Idem, p. 41.

¹⁸ CHARTIER, Roger. *A História ou a leitura do tempo*. Op. cit., p. 51-52.

capacidade de se substituir à realidade que representa, construindo o mundo paralelo de sinais nos quais as pessoas vivem”.¹⁹

Chartier trouxe importantes contribuições para a pesquisa histórica com a formulação de conceitos e noções que hoje são fundamentais para a História Cultural, sendo o de representação apenas o mais destacado por ele. Em paralelo e em forte articulação com este, propõe também a atenção do historiador às *práticas*, lembrando sempre que “a noção de representação não nos afasta nem do real nem do social”.²⁰

Intimamente ligadas, práticas e representações se articulam num contínuo e pluridirecional processo de retroalimentação em que determinadas práticas geram representações, no mesmo instante em que determinadas representações geram práticas.

Todas essas discussões resultaram favorecidas pela forte valorização que se verificou com o conceito de *cultura*, fruto de um diálogo maior de parte dos historiadores com o campo antropológico. Chartier, por exemplo, entende *cultura* como *prática*, e por isso, Chartier argumenta que já em sua primeira grande obra, *A História Cultural: entre práticas e representações*,

chamava a atenção para os gestos e comportamentos, e não apenas para as ideias e os discursos, e considerava as representações (individuais ou coletivas, puramente mentais, textuais ou iconográficas) não como meros reflexos verdadeiros ou falsos da realidade, mas como entidades que vão construindo as próprias divisões do mundo social.²¹

De acordo com Ronaldo Vainfas, os conceitos de representação e apropriação de Chartier permitem articular três modalidades da relação com o mundo social: a delimitação e classificação das múltiplas configurações intelectuais; as práticas de

¹⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Op. cit., p. 41.

²⁰ CHARTIER, Roger. *A História ou a leitura do tempo*. Op. cit., p. 51. Asseverando que “práticas geram representações e representações geram práticas, José D’Assunção Barros exemplifica o entendimento desta noção: “São práticas culturais não apenas a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como, em uma dada sociedade, os falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem seus estrangeiros”. BARROS, José D’Assunção. *O Campo da História: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 77.

²¹ CHARTIER, Roger. *A História ou a leitura do tempo*. Op. cit., p. 7. O livro citado, *O Mundo como Representação*, é de 1988. No entanto, o tema voltaria a ser discutido e atualizado em outras obras do autor. Cf. CHARTIER, Roger. *A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

reconhecimento de uma identidade social; as formas institucionalizadas que marcam a existência de um grupo.²²

Assim se compreende através a abordagem de Chartier, que as representações geram identidades tanto para o indivíduo quanto para o grupo e são portadoras do simbólico, que também é construído social e historicamente, da mesma forma como, “não existem práticas ou estruturas que não sejam produzidas pelas representações”.²³

Outro conceito bastante valorizado no âmbito da História Cultural mais próxima de Chartier é o de *imaginário*, traduzindo, grosso modo, as ideias e representações de uma determinada época, criadas para dar sentido ao mundo²⁴. Reportando-se a diversos teóricos, Sandra Pesavento sintetiza as características e dimensões do conceito, asseverando, como o destacaram Bronislaw Baczko e Cornelius Castoriadis, sua dimensão histórica e sua capacidade de representar o mundo, dando-lhe sentido ontológico. Ou seja: “Em cada época, os homens constroem representações para conferir sentido ao real”, configurando estas o imaginário social.²⁵

É preciso ter em mente que o campo historiográfico contemporâneo é bem mais amplo e estratificado, sendo o modelo de abordagem vinculado História Cultural praticada por Chartier, apenas um segmento deste espectro maior, como elucidado por Barros²⁶. Mesmo no interior da História Cultural mais difundida e praticada na atualidade, há origens e perspectivas teóricas e metodológicas distintas, como as associadas à Carlos Ginzburg e à Edward Thompson, configurando cada uma delas um modelo próprio.²⁷

Importa asseverar que tais modelos, embora distintos e operando com conceitos e categorias próprias em cada caso, não são, necessariamente, opostos ou

²² VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história*. São Paulo: Campus, 2011, p. 143.

²³ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos avançados*, 11(5), 1991, p. 177.

²⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Op. cit., p. 43.

²⁵ Idem, p. 43. A autora também destaca a contribuição de Jacques Le Goff para o refinamento da discussão conceitual de imaginário, uma vez que este autor o entende “como uma forma de realidade, como um regime de representação, tradução mental não-reprodutora do real, que induz e pauta as ações”. Idem, p. 44.

²⁶ BARROS, José D’Assunção. *O Campo da História*. Op. cit.

²⁷ VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. Op. cit., p. 150-151. Ver ainda: BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

excludentes, sendo muitas vezes o resultado de ênfases diferenciadas à preocupações comuns dos historiadores, tal como pondera Daniel Roche:

Penso que, apesar de escrever história cultural, continuo ainda um historiador social. Digo a Chartier que faço história sociocultural, enquanto ele me diz que faz história cultural-social. Na verdade, é que renunciamos a explicar um nível pelo outro. Acredito que os historiadores possam se distinguir uns dos outros no seguinte: de um lado, há os que dão maior importância ao estudo das representações e da maneira como elas se constroem a partir dos textos e das práticas de difusão dos textos; e, de outro, há os que estudam como os grupos desenvolvem certos tipos de práticas, de usos, de leituras, de hábitos de vestir, etc. O procedimento, o caminho a ser seguido nesses dois casos, não é, evidentemente, o mesmo, mas o método não deixa de ser bastante equivalente, pois trata-se, em ambos, de um diálogo entre práticas e representações.²⁸

Essa perspectiva parece orientar melhor a opção que fizemos, de investigar tanto o mundo da borracha na Amazônia onde os seringueiros estruturaram suas vidas a partir de múltiplas *experiências*, quanto abordar as representações produzidas e difundidas sobre eles pela imprensa amazonense do período. Se com relação à esta última dimensão – o trabalho focado na imprensa amazonense –, as discussões relativas ao conceito de representação e também, como se verá, a própria definição contemporânea de documento parecem dar conta das nossas preocupações, com relação à primeira dimensão – o seringueiro no interior do mundo da borracha –, a análise busca apoiar-se em outros postulados.

Aqui nos aproximamos mais claramente das preocupações da História Social Inglesa²⁹, estruturada na tradição do Materialismo Histórico e a partir de um debate interno ao pensamento marxista, notadamente na crítica à leituras dogmáticas e esquemáticas em voga em meados do século XX. Dela recupera-se aqui a opção por uma História preocupada com as “pessoas comuns do povo”, com a percepção do das classes sociais e do conflito social, além do desvelamento das estratégias relacionais de dominação e resistência.³⁰

²⁸ Daniel Roche, em entrevista anotada por: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As Muitas Faces da História*: Nove entrevistas. São Paulo: Editora Unesp, 2000, p. 177.

²⁹ O termo deriva da atuação de um grupo bastante heterogêneo de historiadores ingleses, em que se destacam intelectuais consagrados como Edward Thompson, Eric Hobsbawm, Christopher Hill, Raphael Samuel, Raymond Williams, Keith Thomas, Georges Rudé, Dorothy Thompson, além de Perry Anderson e Tom Nair. Sobre sua origem, contribuições e tensões internas, cf.: FONTANA, Josep. *História: análise do passado e projeto social*. Bauru, SP: EDUSC, 1998, p. 217-232.

³⁰ CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história*. Op. cit., p. 45-60; PETERSEN, Sílvia e LOVATO, Bárbara. “Os historiadores marxistas britânicos”. In: *Introdução ao Estudo da História*. Porto Alegre: Edição do Autor, 2013, p. 173-189.

Distanciando-se das perspectivas estruturalistas assumidas pelo marxismo até meados do século XX, a História Social Inglesa propõe reinserir os sujeitos na história, buscando perceber seu protagonismo, para além do peso das estruturas econômicas, sociais, políticas e culturais. Descrevendo as principais características da perspectiva histórica assumida pelo grupo, Silvia Petersen e Bárbara Lovato destacam que

Os historiadores britânicos vão recuperar não somente a pesquisa empírica, o compromisso com o acontecido, como a participação do sujeito na História. Assim, se para uma concepção culturalista do marxismo há uma determinação mecânica das estruturas sobre os sujeitos, os marxistas britânicos vão repensar essa relação, propondo a noção de experiência como mediadora entre a determinação das estruturas e as ações humanas.³¹

Pensar por esse prisma a condição social do seringueiro é recusar, à partida, assimila-lo, à partida, como simples dado quantitativo nas seriações quantitativas de migrantes nordestinos deslocados para a Amazônia, ou mesmo como vítima inerte do arbítrio e ganância patronal, portanto incapaz de agir (ou mesmo reagir) na construção de sua própria história.

Além da noção de experiência, Thompson também chama a atenção para a percepção do passado em seus próprios termos, o que significa, por exemplo, não desconsiderar o ideário político e as ações dos segmentos populares, mesmo quando estes apresentavam, à luz dos embates políticos e das teorias políticas contemporâneas, limites estreitos, daí que sua opção e atenção “pelos de baixo”, não alcance apenas o trabalhador sindicalizado ou o militante socialista dos séculos XIX e XX, mas inclua também a cultura plebeia e os trabalhadores inarticulados. Em célebre passagem de sua mais importante obra, Thompson dirá:

Estou tentando resgatar o pobre tecelão das malhas, o meeiro luddita, o tecelão do ‘obsoleto’ tear manual, o artesão ‘utópico’ e mesmo o iludido seguidor de Joanna Southcott, dos imensos ares de condescendência da posteridade. Seus ofícios e tradições podiam estar desaparecendo. Sua hostilidade frente ao novo industrialismo podia ser retrógrada. Seus ideais comunitários podiam ser fantasiosos. Suas conspirações insurrecionais podiam ser temerárias, mas eles viveram nesses tempos de aguda perturbação social, e nós não. Suas aspirações eram válidas nos

³¹ PETERSEN, Sílvia e LOVATO, Bárbara. *Introdução ao Estudo da História*. Op. cit., p. 177.

termos de sua própria experiência; se foram vítimas acidentais da história, continuam a ser condenados em vida, vítimas acidentais.³²

Os *insights* thompsonianos nos põe a pensar e a inquirir o mundo do seringal e do seringueiro com outras preocupações e questões. Assim, se é possível aceitar como verdadeiras as imagens cristalizadas pela historiografia regional de uma extrema violência patronal no gerenciamento do trabalho da borracha no interior do vasto e inóspito sertão amazônico, será possível aceitar também as idênticas imagens de conformação, acomodação e passividade do seringueiro? Podia ele reagir ou resistir a sua subjugação estando dentro de uma relação não apenas hierarquizada e assimétrica, como também pautada pela extrema violência? Em caso afirmativo, como e em que condições?

Acompanhar o *fazer-se* do seringueiro no ambiente amazônico da virada do século XIX para o XX, implica deslocar o olhar do lócus tradicional de onde se supunha advir a dinâmica histórica – o mundo estruturado e empoderado das elites – para acompanhar, no cotidiano do seringueiro, as experiências partilhadas que propiciaram tanto processos de acomodação, quanto processos de ruptura diante das estruturas e práticas de dominação, fossem no seringal ou mesmo nos ambientes urbanos por onde circulavam, interagindo com outros atores e grupos sociais.

De Thompson também recuperamos as orientações metodológicas que estruturam os procedimentos do historiador nas diversas etapas da pesquisa. A “lógica histórica” preconizada por ele traduz-se num

método de investigação adequado a materiais históricos, destinado, na medida do possível, a testar hipóteses quanto à estrutura, causação, etc., e a eliminar procedimentos autoconfirmadores (“instâncias”, “ilustrações”). O discurso histórico disciplinado da prova consiste num diálogo entre conceito e evidência, um diálogo conduzido por hipóteses sucessivas, de um lado, e a pesquisa empírica do outro.³³

Thompson destacou-se ainda por sua crítica às abordagens teoricistas, que se circunscreviam em abstrações demasiadas, praticamente não realizando uma investigação documental adequada. Longe de ser um empirista – pecha que alguns

³² THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa*. Vol. 1: a árvore da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 13.

³³ THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 49.

lhe atribuíram – Thompson enfatiza a relevância da empiria, o recurso contínuo à evidência, “não por si mesma, mas a evidência interrogada dessa maneira”, ou seja, no interior da lógica histórica.³⁴

A pesquisa documental, assim valorizada, se vê ainda mais difícil na medida em que passa a se relacionar com objetos não convencionais, como acabam sendo as vivências de sujeitos sociais marginalizados, como os seringueiros. Eric Hobsbawm já havia alertado para o fato de que uma das maiores dificuldades de se fazer história das pessoas comuns é exatamente a exiguidade das fontes, entrando nessa equação tanto a baixa condição social, aliada a pouca escolaridade (ou mesmo sua ausência), quanto o descaso dos poderes públicos.³⁵

Seguindo as ponderações do autor, quando se busca investigar temáticas pouco convencionais, é preciso não apenas buscar fontes diferenciadas (às tradicionais), como também saber formular as perguntas certas, em especial porque os registros documentais não estão disponíveis à priori para o historiador e, portanto, precisam ser “garimpados” no interior de arquivos, quase sempre desorganizados. Para Hobsbawm

Em muitos casos, o historiador dos movimentos populares descobre apenas o que está procurando, não o que já está esperando por ele. Muitas fontes para a história dos movimentos populares apenas foram reconhecidas como tais porque alguém fez uma pergunta e depois sondou desesperadamente em busca de alguma maneira – qualquer maneira – de responde-la. Não podemos ser positivistas, acreditando que as perguntas e as respostas surgem naturalmente do estudo do material. Em geral, não existe material até que nossas perguntas o tenham revelado.³⁶

No decorrer da pesquisa, partimos do pressuposto de que a historiografia mais tradicional associada ao tema, alcançava o seringueiro apenas tangencialmente, já que muito mais preocupada com a borracha (o produto), e com as *benesses* trazidas com os lucros auferidos com sua produção e comercialização. É, a bem dizer, muito mais uma historiografia da borracha, do que de seus extratores. De qualquer forma, mesmo obras como *O Seringal e o Seringueiro*, de Arthur Reis³⁷, lidam com o seringueiro mais como um dado estatístico e como vítima acidental do

³⁴ Idem, p. 49.

³⁵ HOBBSAWM, Eric. A História de baixo para cima. In: Sobre História. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 219-223.

³⁶ Idem, p. 220.

³⁷ REIS, Arthur César Ferreira. *O Seringal e o Seringueiro*. 2ª ed. Manaus: EDUA, 1997.

imperativo da produção gomífera, dedicando a ele algumas observações muito gerais, recolhidas quase sempre em relatórios governamentais e até mesmo pela observação direta, pouco tendo explorado a imprensa como fonte de referências para as pesquisas.

Na pesquisa aqui desenvolvida, a opção foi exatamente a de utilização da imprensa como fonte capaz de gerar evidências sobre múltiplos aspectos da vivência dos seringueiros, tanto no interior dos seringais, quanto nas suas áreas de trânsito, como as zonas urbanas por onde passavam.

O uso da imprensa como fonte, tendo superado um momento inicial de desconfiança e até mesmo de descaso por parte dos historiadores³⁸, está hoje consagrado, além de dispor de sólida produção historiográfica preocupada com a adoção de procedimentos metodológicos adequados à sua natureza.

Uma das principais preocupações, foi a de não tomar o discurso da imprensa como neutro na observação dos temas e questões que informa e discute. Ela não é espelho da realidade, reproduzindo com imparcialidade o que se passa no mundo ao seu redor. Pelo contrário, a imprensa atua no mundo como ator social crivado de interesses e preocupações próprias. Produz, desta forma, representações do real que são dinâmicas e que, muitas vezes, se impõe ao real, produzindo sentidos.

Em outras palavras, mesmo um periódico informativo, atua tanto na *produção* da notícia quanto na sua *difusão*, razão pela qual as representações que produz e difunde só se tornam plenamente cognoscíveis quando se consegue situar a fonte jornalística em seu próprio tempo e espaço, atentando assim para o lugar social onde é produzida.

Como sustenta Renée Barata Zicman, há que se perceber os compromissos sociais assumidos por cada um dos periódicos utilizados na pesquisa, desnudando seus interesses e perspectivas.³⁹ Desta forma, quando o seringueiro aparece nas páginas dos jornais do período, ele não se desvela claramente na fonte, já que esta filtra as informações a partir de seus interesses e visões de mundo, atribuindo-lhes, de forma consciente ou inconsciente, novos significados e sentidos.

³⁸ Tania Regina de Luca informa que “o reconhecimento imediato das potencialidades da imprensa”, não veio juntamente com a crítica historiográfica feita pela Escola dos *Annales* na década de 1930, pois o uso da imprensa como fonte histórica permaneceu numa espécie de limbo nas décadas seguintes. LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 112.

³⁹ ZICMAN, Renée Barata. História através da Imprensa. Op. cit.

Essas dimensões subjetivas da fonte imprensa – presente também em todo e qualquer registro documental⁴⁰ – não inviabiliza ou impede uma aproximação com a realidade vivenciada pelos seringueiros, embora imponha a tarefa prévia de, questionando as intenções do documento, filtrar adequadamente as informações que nos são repassadas.

Para tal, é preciso lançar mão dos procedimentos heurísticos refinados por mais de dois séculos, como sustenta Carlo Ginzburg, para nos fazer diferenciar adequadamente, o verdadeiro, o falso e o fictício. Para Ginzburg, o adequado uso do método histórico aliado a sagacidade do historiador pode fazer emergir dimensões reais do passado até mesmo em obras ficcionais, como um poema ou um romance, vendo neles “textos entremeados de História”.⁴¹ Essa “fé histórica”, nos diz ele

Permite superar a incredulidade, alimentada pelas objeções recorrentes do ceticismo, referindo-se a um passado invisível, graças a uma série de oportunas operações, sinais traçados no papel ou no pergaminho, moedas, fragmentos de estátuas erodidas pelo tempo, etc. Não só. Permite-nos, como mostrou Chapelain, construir a verdade a partir de ficções [*fables*], a história verdadeira a partir da falsa.⁴²

Assim, é de se considerar que o uso dos periódicos como *fonte* prioritária para a pesquisa sobre a vivência de seringueiros na Amazônia configura um procedimento metodológico – o da *História através da imprensa* – extremamente fértil no âmbito desta pesquisa história, ainda mais se levarmos em consideração as ponderações de Zicman quando afirma serem os jornais “arquivos do cotidiano, registrando a memória do dia a dia e este acompanhamento diário permite estabelecer a cronologia dos fatos históricos”.⁴³

Como a imprensa também entra numa outra ponta da pesquisa, explorada, desta vez, como o próprio *objeto* da reflexão – e portanto associada aos procedimentos de uma *História da Imprensa* –, convém, uma vez mais, retomar Maria Helena Capelato e enfatizar que a imprensa, “ao invés de espelho da realidade passou a ser concebida como espaço de representação do real, ou melhor, de

⁴⁰ Para uma discussão acerca das concepções de documento e dos usos que os historiadores fazem deles ao longo dos dois últimos séculos, cabe conferir: LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: *A História Nova*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992, p. 535-553.

⁴¹ Ao assim proceder, nos lembra o autor, “nos romances medievais podemos detectar testemunhos históricos involuntários sobre usos e costumes, isolando na ficção fragmentos de verdade”. GINZBURG, Carlo. *Os fios e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Cia das Letras, 2007, p. 11.

⁴² Idem, p. 93.

⁴³ ZICMAN, Renée Barata. *História através da Imprensa*, Op. cit., p. 90.

momentos particulares da realidade”⁴⁴. Esta é a razão pela qual os periódicos devem ser entendidos em sua historicidade própria e devidamente contextualizados pelo historiador que os utiliza. Capelato, lembrando que “todos os documentos são, ao mesmo tempo, falsos e verdadeiros”, sustenta que, ao lidar com a imprensa como fonte ou objeto de sua reflexão e análise,

A tarefa do historiador consiste em desmistificar o seu significado aparente, explicitando que sua roupagem resulta de uma construção. Demoli-la implica analisar as condições em que o documento foi produzido.

A análise da fonte-jornal pressupõe a realização dessa tarefa. Ao invés de se perguntar se as ideias e informações nela contidas são falsas ou verdadeiras, procura-se antes saber: quem produziu o jornal? Para que? Como e quando?⁴⁵

Nesta perspectiva de inquirir o duplo papel assumido pela pesquisa na pesquisa aqui desenvolvida, foi importante ter tido acesso aos estudos de Maria Luíza Ugarte Pinheiro, uma vez que explorou essas dimensões no contexto amazonense. Se em seu primeiro livro a imprensa aparece como fonte documental por onde a autora investigou os trabalhadores do porto de Manaus – notadamente os estivadores⁴⁶ –, seu livro posterior explora exatamente a riqueza e diversidade da imprensa amazonense da virada do século XIX para o século XX.⁴⁷

Embora a pesquisa dialogue principalmente com os periódicos, não se deve toma-los isoladamente, nem exclusivamente, já que, como qualquer outro tipo de fonte, ele também se mostrará limitado para sustentar a possibilidade de interpretação do passado. Assim, foi possível enriquecer a pesquisa fazendo o entrecruzamento dos jornais com outras fontes, como relatório de governadores, documentos das secretarias de governo, dados censitários e seriações estatísticas, além de fontes mais literárias, como relatos de viagens e romances de época.

Foi nas oportunidades de idas aos arquivos⁴⁸ que percebemos a existência de uma variedade de fontes que poderiam ser incorporadas à pesquisa, além das fontes

⁴⁴ CAPELATO, Maria Helena R. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999, p. 24.

⁴⁵ Idem, p. 24.

⁴⁶ PINHEIRO, Maria Luíza Ugarte. *A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1889-1925)*. 3ª ed. Manaus: EDUA, 2015.

⁴⁷ PINHEIRO, Maria Luíza Ugarte. *Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920)*. Manaus: EDUA, 2015.

⁴⁸ A pesquisa documental se desenvolveu basicamente em cinco instituições, a saber: Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA), Biblioteca Pública do Estado do Amazonas (BPEA), Associação Comercial do Amazonas (ACA), Museu Amazônico (MA/UFAM) e Laboratório de História da Imprensa no Amazonas (LHIA/UFAM).

periódicas. Sempre que possível elas foram incorporadas, mas é preciso reconhecer que, embora potencialmente ricas, acabamos priorizando o trabalho com a imprensa, devido ao tempo exíguo de que dispúnhamos. Mesmo na lida com os periódicos, e em função da notória desorganização arquivística que reina em Manaus, foi preciso fazer opções que facilitassem o acesso a um número maior de títulos e números, o que, muitas vezes, nos impulsionou à priorização de bases digitais e de microfilmes.⁴⁹

*

* *

A dissertação foi estruturada de forma simples, em três capítulos que permitiram discutir e alcançar os temas e objetivos aqui traçados. O primeiro capítulo, que tem por título *Revisitando o Seringal e o Seringueiro*, tem por característica principal ser um capítulo contextualizador da temática, por esta razão, foi desenvolvido ancorando-se, quase que exclusivamente, em atenção à historiografia da borracha e, portanto, utilizando de forma ampla fontes secundárias. Assim, seu mote foi situar previamente a questão da vivências dos seringueiros a partir de referências hoje consideradas clássicas da historiografia estabelecida sobre a temática e de algumas obras mais recentes, também fundamentais pelo que discutem e propõem.

Nesse sentido, foi por meio dessas fontes secundárias que se buscou conhecer e analisar os antecedentes socioeconômicos da economia da borracha em seu contexto de exportação em fins do século XIX e início do século XX. Abordou-se igualmente a temática da migração de nordestinos para a Amazônia, momento em que a figura do seringueiro passa a ser enfatizada tão-somente como uma questão apenas atinente à necessidade de braços para a extração do látex. Desumanizado, desencarnado de suas relações sociais e culturais e de sua própria história, é mais como número e estatística que o seringueiro parece se inserir nessas primeiras interpretações históricas.

Neste capítulo também se buscou destacar a forma como a figura do seringueiro passa a ser inserida no pensamento social da época, por meio da ação de diversos intelectuais do período, ali atuando não apenas como escritores, mas

⁴⁹ Neste particular, cabe destacar a relevância da Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional, acessada pelo site <http://bndigital.bn.br/>.

também como jornalistas, juristas, agrimensores, historiadores, etc. Foram eles, portanto, os primeiros interpretes do mundo do seringal e do drama humano do seringueiro.

Pode-se afirmar sem grande preocupação que as imagens e representações produzidas por esta plêiade de intelectuais sobre o universo do seringal – em regra mais gerais e totalizadoras – são aquelas que ainda hoje informam, majoritariamente, tanto o público ligado à ambiência acadêmica, como a sociedade em geral.

Nos dois capítulos seguintes foram enfrentados mais diretamente os objetivos da pesquisa, na expectativa de fazer emergir do contato com os periódicos amazonenses imagens mais próximas ao cotidiano específico dos seringueiros, e ao mesmo tempo inquirindo acerca do papel que a imprensa amazonense desempenhou na produção de representações sobre os seringueiros. São, portanto, capítulos estruturados a partir do diálogo com estas fontes, fazendo delas o principal eixo revelador das análises. Obviamente fez-se isso dialogando também com a bibliografia consolidada sobre o assunto.

Assim, no segundo capítulo, *A Imprensa Amazonense e o Seringueiro*, traçou-se um panorama da diversidade e riqueza do periodismo amazonense, para, em seguida, inquirir como ele recepcionou o tema do seringueiro e sobre ele produziu suas representações. Nesta oportunidade, foi possível delimitar melhor a condição do periódico como fonte e objeto da análise historiográfica, discutindo questões levantadas sucintamente nesta introdução.

A visão panorâmica inicial cedeu espaço para uma perspectiva exploratória diferenciada no segundo e terceiro tópicos do capítulo. Neles, exploramos o tema do seringueiro a partir de representações sabidamente diferenciadas, estabelecendo comparações entre, de um lado, o discurso patronal e das elites econômicas, e, de outro lado, a perspectiva assumida por um jornal da colônia nordestina radicada na cidade de Manaus.

No terceiro e último capítulo, *O Cotidiano do Seringal na Imprensa Amazonense*, deu-se ênfase às experiências próprias desses sujeitos sociais que puderam ser percebidas por meio do universo dessas fontes. Ao lado de temas tradicionalmente iluminados da vivência dos seringueiros, tais como os relacionados às condições de trabalho (violência patronal, lógica do endividamento

no barracão, fugas, motins), o foco dos jornais nas “*pequenas coisas*” do cotidiano, como os afogamentos nos rios, os suicídios, as brigas entre seringueiros, as brigas por mulheres, os adultérios, ou até mesmo nas “bizarrices” (o termo é usado pelos jornais!) constituídas pelos os ataques de animais da floresta (onças, cobras, etc.), permitiam recuperar histórias que não foram até hoje adequadamente exploradas.

Dessa forma, esboçou-se o capítulo em duas partes fundamentais. Em primeiro lugar explorou-se *O Brabo: O migrante nordestino no ambiente amazônico*, investigando os dilemas de adaptação ao meio amazônico que o trabalhador nordestino enfrentou, como a floresta, os rios, os animais, a resistência indígena, o isolamento inerente e as sociabilidades com a família, grupos de convívio, e outros seringueiros.

Num segundo momento, o tópico *Tornar-se Seringueiro: Vivência, dominação e resistência no trabalho*, focalizou a inserção da família e da mulher no convívio do seringal; a violência como linguagem própria daquele ambiente e as transgressões e resistências possíveis. Evidenciava-se, através da lógica do trabalho nos seringais, relatos e histórias de transgressões e as resistências, de seringueiros atuando, nas brechas do sistema, na construção de uma história alternativa para si e seus familiares.

Por fim, penso ser pertinente uma observação formulada por meu orientador no início da pesquisa, no sentido de que os principais trabalhos sobre o período da borracha, os clássicos, os grandes livros de literatura e de história, trazem uma visão mais geral e sintetizadora sobre a condição social do seringueiro, já os jornais, não. Eles apresentam pessoas reais, que tem nome e sobrenome, que tem histórias específicas e vivenciaram pessoalmente cada um daqueles dramas relatados nas páginas dos periódicos. Os jornais puderam mostraram os seringueiros agindo, reagindo e resistindo mais do que foi dito até aqui. Esse cotidiano pode ter se mostrado rico em experiências de resistências e lutas, contraditando a passividade com que sempre os seringueiros foram descritos. Da inquirição de perspectivas como estas, que apresentamos, a seguir, os resultados das investigações.

Que a história comece...

CAPÍTULO 1: REVISITANDO O SERINGAL E O SERINGUEIRO

O seringal, núcleo de onde partia toda a seiva que a vivificava, passou a construir a expressão mais perfeita para a caracterização da Amazônia.

Arthur César Ferreira Reis

O *seringal*⁵⁰ e o *seringueiro* são as expressões que melhor representam a vida socioeconômica da Amazônia na virada do século XIX para o XX, marcando de forma indelével o contexto regional e gerando uma identidade própria do trabalho e de um tipo específico de trabalhador que, desde então se viu plasmado como sendo o verdadeiro símbolo do trabalhador amazônico.

Em fins do século XIX e início do século XX a atividade gomífera dava o tom da dinamização econômica na região amazônica. Nessa conjuntura, o *seringueiro*⁵¹ se inseriu como um dos protagonistas principais dessa história, já que trabalhador indispensável para a produção da borracha dentro dos longínquos seringais amazônicos. Diga-se desde logo que esse protagonismo não lhe atribuiu nenhuma posição de mando ou destaque que significasse uma condição socioeconômica que lhe favorecesse a existência. Pelo contrário, como aconteceu com muitos

⁵⁰ De acordo com Lúcia Helena Cunha, o *seringal* pode ser entendido como uma propriedade extensa, geralmente à margem de rios, composta por uma quantidade considerável de árvores de seringueira. É formado por várias *colocações*, unidades produtivas onde vive e trabalha o seringueiro. CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira. *Reservas Extrativistas: Uma Alternativa de Produção e Conservação da Biodiversidade*.

Disponível em: <http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/color/resex.pdf>
Acesso em: 27/06/2014.

⁵¹ Gisele Souza define o seringueiro como o indivíduo que organiza e executa a atividade de extração de látex da árvore da seringueira e realiza sua transformação em borracha natural. No entanto, essa definição parece pertinente para o período atual, em que muitas reservas extrativistas excluíram o patronato do gerenciamento da cadeia produtiva. Para o momento inicial que averiguamos, essa dimensão de gerenciamento não se faz presente, estando o papel do seringueiro restrito aos processos de extração do látex e sua transformação inicial em pelas de borracha. Cf. SOUZA, Gisele Elaine de Araújo Batista et al. *Movimentos Sociais dos Seringueiros e a RESEX Chico Mendes: a cada conquista, persiste a necessidade das lutas*.

Disponível em: <http://sober.org.br/palestra/13/911.pdf> Acesso em: 27/06/2014.

trabalhadores ao longo da história, a condição social do seringueiro carregava dentro de si todas tensões e contradições inerentes ao sistema de produção que o inseria de forma bastante impositiva.

O título dado ao capítulo, acaba sendo, involuntariamente, uma referência a um clássico estudo de Arthur César Ferreira Reis, cujo mérito inquestionável foi tentar inserir o seringueiro como peça chave do período de expansão, consolidação e crise da economia de exportação da borracha, demonstrando as grandes dificuldades encontradas por ele no processo de adaptação e no desbravamento da floresta para a identificação e exploração das seringueiras, assim como seu papel fundamental para os resultados alcançados pela economia da borracha naquele período.

Como se verá, não se esgotam aqui as referências feitas a essa rica obra, daquele que seguramente ainda é o mais destacado representante da historiografia amazonense. Apreendida numa necessária dimensão crítica, ela também mostrará seus limites, assim como os de seu autor, homem de um tempo que não é mais o que vivemos hoje. O tempo não para, nem para a história, nem para seus historiadores, e, assim, o tema mais amplo relacionado ao período marcado pela borracha produziu, antes e depois de Arthur Reis, importantes *insights*⁵² e visões de conjunto já há muito consagradas⁵³, assim como também vem se desdobrando na contemporaneidade, numa recentíssima e cada vez maior produção acadêmica, ainda não difundida e assimilada adequadamente, em que pese seus méritos inequívocos.⁵⁴

É sob essa inspiração e a partir de suas contribuições que aqui se busca uma aproximação com essa história que ainda precisará ser desbravada em novas clivagens e interrogações, uma vez que o passado do seringal e do seringueiro estará

⁵² CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999; CUNHA, Euclides da. *Amazônia: Um paraíso perdido*. 2ª ed. Manaus: Valer, 2011.

⁵³ SANTOS, Roberto. *História econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T. A. Queirós, 1980; PRADO, Maria Lígia e CAPELATO, Maria Helena Rolin. A Borracha na Economia Brasileira na Primeira República. In: FAUSTO, Boris (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. vol. 8. 4ª ed. São Paulo: DIFEL, 1985, p. 285-307; DEAN, Warren. *A luta pela borracha no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989; WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: HUCITEC, 1993.

⁵⁴ BATISTA, Luciana Marinho Batista. *Muito além dos seringais: elites, fortunas e hierarquias no Grão-Pará, 1850-1870*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004; COSTA, Francisco Pereira. *Seringueiros, patrões e a justiça no Acre Federal, 1904/1918*. Rio Branco: UFAC, 2014; LEAL, Davi Avelino. *Entre barracões, Varadouros e Tapirís: os seringueiros e as relações de poder nos seringais do Rio Madeira (1880-1930)*. Dissertação de Mestrado. Manaus: UFAM, 2007.

sempre em relação com os temas e preocupações que a sociedade contemporânea dita aos historiadores. Assim, dessa base histórica estruturada pela historiografia, é possível seguir adiante, iluminando questões novas, ou mesmo velhas questões, a partir de olhares diferenciados.

Isso também se dá desta maneira, porque a História disciplina processa o conhecimento de forma cumulativa, mesmo que abandonando ou minimizando temas e questões aqui e ali, para encetar o debate de outras, sem pretensões de produzir uma *verdade* geral e absoluta, apresentando, num devaneio positivista, *o que realmente aconteceu*. François Dosse, um crítico contemporâneo daquele pensamento historiográfico que marcou o século XIX⁵⁵, lembrará, todavia, que o “contrato da verdade continua sendo fundamental para a disciplina histórica”, mesmo levando-se em consideração as perspectivas de Jacques Lacan, para quem “o real é impossível”, ou de Michel de Certeau, quando afirma que “a História nunca é certeza”.⁵⁶

A ECONOMIA DE EXPORTAÇÃO DA BORRACHA: ANTECEDENTES SOCIOECONÔMICOS

Entre o final do século XIX e o início do XX, a produção gomífera representou uma grande parte das exportações brasileiras além de significar um importante fator para o crescimento econômico e demográfico da região amazônica, acabando por atribuir à esse momento a designação de “ciclo da borracha”⁵⁷. Ainda que se

⁵⁵ DOSSE, François. História e historiadores no século XIX. In: MALERBA, Jurandir (Org.). *Lições de História: o caminho da ciência no longo século XIX*. Porto Alegre: FGV/EDIPUCRS, 2010, p. 15-31.

⁵⁶ DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 4, n° 1, jan./fev. 2012, p. 12.

⁵⁷ Em conhecido texto de João Pacheco de Oliveira Filho, considerado importante estudo revisor acerca da economia da borracha, o autor levantou diversas ponderações e críticas à noção de ciclo, denunciando o economicismo presente neste tipo de modelo analítico, em detrimento da apreensão de outros vínculos que sustentam a totalidade do processo histórico e social. Segundo o autor, o termo “ciclo”, utilizado pelos clássicos autores da borracha, foi útil para se observar a ordem cronológica de fatos históricos gerais, que valiam apenas para que se compreendesse a unidade do todo social. No entanto, continua, nas últimas décadas, a noção de ciclo perdeu sua aura científica nas rodas intelectuais, pois se sobrepôs a uma história política e cultural extremamente empobrecida e plena de lacunas. “Ciclo” se impõe sobre a discussão de temas quase sempre omitidos, como o uso da mão-de-obra indígena, o desenvolvimento de outros tipos de produção (inclusive de subsistência) dentro da própria empresa seringalista, a multiplicidade de papéis econômicos existentes dentro do

tenha clareza da imensa propulsão trazida pela atividade ligada à borracha, não se pode incorrer no erro de pensar que aquele produto tenha atuado sozinho na dinâmica deste contexto econômico, já que havia uma diversidade de formas de produção e produtos sendo explorados e comercializados na região amazônica do período. A própria exploração da borracha por meio da atividade extrativista denuncia uma íntima relação com uma dinâmica econômica colocada em prática desde o período colonial, e traduzida pela exploração extrativa e comercial das “drogas do sertão”.⁵⁸

A história da borracha na Amazônia começou há séculos, já que a origem da extração do látex da seringueira foi fundamentalmente nativa e não ocorreu apenas na Amazônia, de acordo com os relatos históricos⁵⁹. O látex da borracha era utilizado para fins diversos pelas comunidades indígenas, mas o emprego da *havea brasiliensis*⁶⁰, visando algum tipo de exploração comercial, parece ter surgido na segunda ou terceira década do século XVIII, quando o jesuíta Samuel Fritz e o carmelita Manoel da Esperança prestaram as primeiras informações acerca daquela nova *droga* e de sua utilização local. Assim, alguns sertanistas que subiam o rio partindo de Belém passaram a se interessar pela novidade, começando o comércio do produto.

Foi após Charles Marie de La Condamine levar informações, em 1745, para a Academia de Ciências de Paris, sobre sua descida pelo rio Amazonas, e apresentar algumas indagações e resultados obtidos ali, que a borracha começou a ganhar interesse internacional, embora ainda de forma pouco expressiva. Ao findar o

seringal, etc. OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. O caboclo e o brabo. In: *Encontros com a Civilização Brasileira*, nº 10. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 101-106.

⁵⁸ BARATA, Manoel. A Antiga Produção e Exportação do Pará. *Formação Histórica do Pará*. Belém. UFPA, 1973, p. 301-330; FREIRE, José Ribamar Bessa et al. A Amazônia Colonial. Manaus: Metro Cúbico, 1990; SAMPAIO, Patrícia Maria Melo. *Os fios de Ariadne*: tipologia de fortunas e hierarquia sociais em Manaus, 1840-1880. Dissertação de Mestrado. Niterói: UFF, 1993, p. 117.

⁵⁹ Arthur Reis afirma que o europeu teve conhecimento da espécie quando veio para a América. Colombo a viu sendo utilizada pelos índios do Haiti e os cronistas espanhóis, ao tratarem das peculiaridades que distinguiam os grupos indígenas encontrados pelos conquistadores ibéricos, também se referiram a ela. Os indígenas extraíam o látex das árvores e preparavam bolas, faziam sapatos, capas, couraças, usavam para tratamento de hemorroidas, além de usarem como untamento dos recém-nascidos. Na Amazônia atividades com o látex eram realizadas pelos Cambéba, que ocupavam vasta área do Solimões. REIS, Arthur César Ferreira. *O Seringal e o Seringueiro*. Op. cit., p. 80-81.

⁶⁰ Nome científico da espécie da seringueira dado pelo botânico Fuset Aubley em 1762. É uma árvore da família das euforbiáceas de folhas compostas, flores pequeninas, reunidas em amplas panículas, fruto que é uma grande cápsula com sementes ricas em óleo, e madeira branca e leve, de cujo látex se fabrica a borracha. AURÉLIO, Dicionário. 2011.

período colonial, no momento da chegada de D. João IV ao Brasil, é que se encontra, de acordo com Reis, o primeiro inventário comercial das exportações de produtos de borracha para Inglaterra e para Portugal.⁶¹

É importante acrescentar as observações de Djalma Batista, sintetizando o que fizeram La Condamine e anotando as designações em torno do trabalho com a borracha, bem como o aperfeiçoamento posterior do produto:

Das seringas encontradas por La Condamine surgiram as designações em português: seringueira, a árvore; seringal, a área em que as árvores se encontram; seringueiro, o coletor do látex; seringalista, o dono da terra [...]. Em 1839, o americano Charles Goodyear descobriu que, misturando enxofre à borracha (vulcanização), conseguia aumentar-lhe a resistência e torná-la quase insensível às variações de temperatura.⁶²

Portanto, a borracha quando vulcanizada também foi aperfeiçoada e trouxe significativos avanços para o seu manejo, sendo utilizada para a fabricação de uma gama maior de produtos como correias, mangueiras, sapatos, capas de chuvas, dentre outros. Interessante é notar que surgiu na própria Amazônia a produção de artigos manufaturados de borracha, como botas e capas de chuva, como atestaram diversos viajantes:

Ao tempo da estada de Spix e Martius já os soldados de policia usavam grosseiros casacos tornados impermeáveis pela aplicação de uma tenue camada de borracha que se deixava secar ao sol, e os proprios dous exploradores os utilizaram nas suas jornadas em paragens em que tinham sido bem antes precedidos pelo seu compatriota, o jesuita Samuel Fritz.⁶³

A produção de tais artigos em Belém logo foi descontinuada, em nome da exploração e venda da borracha *in natura*. A indústria do mundo inteiro se beneficiou com esse produto e com os melhoramentos nele realizados nas décadas seguintes. Daí por diante a corrida para a floresta amazônica, região com maior incidência de seringueiras, iria produzir todo um novo condicionamento de vida na região, pois, tendo-se constatado a vastíssima presença daquela árvore, governos (nacionais e estrangeiros) e empresários de toda espécie mobilizaram-se para se apossar dessa riqueza.

⁶¹ REIS, Arthur César Ferreira. *O Seringal e o Seringueiro*. Op. cit., p. 79-92.

⁶² BATISTA, Djalma. *O Complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento*. 2ª ed. Manaus: Valer, 2007, p. 170.

⁶³ LIMA, Oliveira. *Don João VI no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945, p. 182.

O imperativo da produção extrativa articulou, de imediato, a força de trabalho regional, indígena e cabocla⁶⁴, mas esta parecia não responder às demandas colocadas pela indústria da borracha que forçava uma expansão extensiva da produção e, com isso, carecia de um número sempre crescente de extratores, número esse que a região não conseguia disponibilizar. Logo essa produção inicial seria, senão substituída, acrescida e superada pela realizada do imigrante nordestino. A própria forma de exploração – extrativa – também deveria ser racionalizada (cultivada), mas tal não ocorreu, como adiante se verá.

Como ressalta Barbara Weinstein, a *Hévea brasiliensis* tinha como habitat natural a Amazônia, que assim passou a ser a única fornecedora⁶⁵ de borracha até a década de 1880, e, ainda na virada para o século XX, a produção amazônica de borracha de alta qualidade excedia e muito a de seu concorrente mais próximo, a África Ocidental. Por mais de sessenta anos a indústria de produtos de borracha, setor chave do crescimento econômico das nações industrializadas, recebeu toda ou quase toda a matéria-prima da região amazônica.⁶⁶

No entanto, deve-se atentar aqui que o modo como se estabelecia a produção de borracha na Amazônia foi sempre bastante criticado como primitivo, arcaico e pouco racional, já que ancorado no extrativismo vegetal, uma das formas mais antigas e rudimentares de produção agrícola da humanidade. Para muitos analistas, o extrativismo se impôs por muitos motivos, mas principalmente por “determinações” ditadas do meio ambiente inóspito, onde pragas e fungos acabavam atacando e destruindo as iniciativas de cultivo (plantação) de árvores de seringueiras.⁶⁷

⁶⁴ REIS, Arthur César Ferreira. *O Seringal e o Seringueiro*. Op. cit., p. 61-62.

⁶⁵ Em tempo, a produção asiática afetaria diretamente a produção amazônica. A historiografia mais tradicional sobre o tema – p. ex.: LOUREIRO, Antônio. *A grande crise*. 2ª ed. Manaus: Valer, 2008, p. 20-23 – salienta, de uma forma geral, o papel de Sir Henry Wickham, como responsável pelo extravio fraudulento de sementes de seringueiras para o Jardim Botânico de Kew, em Londres, de onde seriam, posteriormente, transferida para plantações no Ceilão e na Malásia, então possessões britânicas. Contudo, uma produção historiográfica mais recente atenua o peso desse episódio na explicação da crise. Warren Dean, por exemplo (DEAN, Warren. *A luta pela borracha no Brasil*. Op. cit.), lembra que a troca de sementes, inclusive de seringueiras, entre Brasil e Inglaterra era aberta e bastante comum no período. Já Fernando Henrique Cardoso e Geraldo demonstram a partir de quadros estatísticos mundiais, que o mercado internacional de borracha, já vinha, desde o início da década de 1890, dando sinais de saturação, gerando uma crise que se abateu tanto na Amazônia, quanto no próprio oriente asiático. CARDOSO, Fernando Henrique e MÜLLER, Geraldo. *Amazônia: expansão do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense/CEBRAP, 1978, p. 33-36.

⁶⁶ WEINSTEIN, Bárbara. *A Borracha na Amazônia*. Op. cit., p. 23.

⁶⁷ Cf. DEAN, Warren. *A luta pela borracha no Brasil*. Op. cit., p. 17-45.

Além disso, durante muito tempo e em muitas áreas da região, se estabeleceu o método de extração do látex por meio do *arrocho*, método esse que, conforme Arthur Reis, consistia na prática grosseira que os seringueiros empregavam na extração, sangrando fortemente a árvore e a apertando com um cipó bem próximo ao chão, de modo que se formava uma orla capaz de dar assento a uma goteira circular de barro feita ali mesmo pelo seringueiro. Abaixo da goteira colocavam uma panela ou vasilha para receber bastante líquido. A partir daí golpeavam a seringueira por todos os lados. Assim ela se exauria e se esgotava em único dia, e se não morresse, só se estabeleceria depois de muitos anos. Era evidente que esse procedimento impiedoso não levava em consideração o dia de amanhã. Apesar das advertências que faziam os governantes, a maior consequência disso era o empobrecimento da produção dessas regiões.⁶⁸

Apesar de tudo, percebe-se que Arthur Reis fez uma descrição bastante positiva da transformação pela qual passou a Amazônia, momento em que a natureza, brava e selvagem, se tornaria o palco para a marcha da exploração da borracha. A dinâmica dessa exploração, impactaria integralmente a região:

Impôs a formação de imensa frota fluvial, para o vai e vem dos negócios e, crescente constante, e a aparelhagem de estaleiros. Assegurou ao país grande parte das divisas que lhe garantiram maior mobilidade no comércio internacional. Multiplicou os núcleos urbanos no interior. Estabeleceu o contato da região com as grandes capitais do imperialismo industrial, na Europa e na Norte América... Belém e Manaus deixaram de ser os pequenos centros urbanos... movimentavam-se por uma atividade mercantil e espiritual das mais ricas do país. Um capital imenso foi sendo manipulado e investido em serviços, em operações mercantis, em obras do estado. As rendas públicas e privadas cresceram sem medida... Modificaram-se os hábitos dietéticos com o uso de alimentos importados do exterior.⁶⁹

O olhar de Arthur Reis parte de um ponto em que o progresso é parceiro da expansão da economia gomífera, e é isso, seguramente, o que mais importa, já que propiciou o desenvolvimento da região. No entanto, é necessário analisar alguns pormenores que não são ou não estão tão explícitos na sua abordagem, o que se fará mais adiante.

⁶⁸ Arthur Reis informa que Tenreiro Aranha, João Martins da Silva Coutinho e Pimenta Bueno foram os que fizeram as primeiras advertências desse sistema predatório e mostrando a necessidade de abandoná-lo em detrimento de técnicas mais modernas e adequadas, como a plantação ordenada. REIS, Arthur César Ferreira. *O Seringal e o Seringueiro*. Op. cit., p. 95-96.

⁶⁹ Idem, p. 77-78.

É importante analisar com maior cuidado as conclusões de Arthur Reis, já que obscurecem pontos importantes, como o impacto que as comunidades indígenas sofreram em suas terras e em seus modos de vida em nome do capital econômico da borracha. Assim, muitos grupos que haviam escapado à sanha do colonialismo português (e espanhol) ao longo do vale do Solimões, viram-se novamente articulados à processos de dominação violentos, em que muitas tribos foram sistematicamente dizimadas, em nome da produção de borracha.⁷⁰

A inercia e subserviência dos poderes públicos regionais diante da sanha avassaladora do capital, produzindo um monopólio estrangeiro sobre áreas e setores essenciais da vida econômica da Amazônia e de suas principais vilas e cidades⁷¹ foi outro tema ignorado por Reis, que viu sempre a ação dos estrangeiros como positiva e associada ao ideário do “fardo civilizador” do europeu.⁷²

De qualquer forma, inserimos aqui o modo como Arthur Reis conclui sua exposição apresentando o seringal:

Toda uma outra estrutura socioeconômica se estabeleceu com o advento da nova era representada no ciclo da borracha. O seringal, núcleo de onde partia toda a seiva que a vivificava, passou, assim, a construir a expressão mais perfeita para a caracterização da Amazônia.⁷³

Com relação à dinâmica e ao funcionamento do mercado de exportação da borracha, estes devem ser compreendidos a partir dos registros disponíveis para verificar de maneira evolutiva como a borracha se tornou o segundo maior produto nas exportações brasileiras e o primeiro na pautas das exportações de toda a Amazônia.⁷⁴

⁷⁰ OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. O caboclo e o brabo. Op. cit.

⁷¹ Roberto Santos argumenta que houve um verdadeiro aparelhamento na região pelos estrangeiros: De ingleses quanto à infraestrutura de portos, energia, telefonia etc.; a de alemães, americanos, franceses no setor da comercialização e do crédito; a dos hebraicos... nas práticas de contabilidade comercial; a dos sírio-libaneses no comércio de regatão; a dos portugueses no comércio. Em comum tinham a organização dos serviços terciários de natureza privada, numa região em que o tirocínio mercantil se apresentava extremamente atrasado. SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. Op. cit., p. 97.

⁷² Esta perspectiva, que acompanhará o conjunto de sua obra, aparecerá apenas arranhada, quando o autor, expressando veios nacionalistas, publicará aquele que é apontado por muitos como o seu mais importante trabalho: REIS, Arthur César Ferreira. *A Amazônia e a Cobiça Internacional*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Americana, 1972.

⁷³ REIS, Arthur César Ferreira. *O Seringal e o Seringueiro*. Op. cit., p. 78.

⁷⁴ Samuel Benchimol afirma que no auge do preço a borracha, em 1910, este produto gerou £ 25.254.371 de exportação, equivalente a 40% do total da exportação brasileira, ficando, por pouco, do café, com £ 25.825.283. BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: formação social e cultural*. Manaus: Valer, 2009, p. 153.

Samuel Benchimol afirma que “a partir de 1827 a borracha amazônica começa a aparecer na pauta de exportação regional com um embarque de 30 toneladas. Com a descoberta do processo de vulcanização, em 1839... os registros subiram para 1445 toneladas”⁷⁵. Então, pode-se tomar o ano de 1827 como base inicial para montar um quadro das exportações ascendentes que duraria por todo o século XIX e início do século XX. Muitos autores registraram esses números em suas pesquisas, apresentando como evoluíram as denominadas curvas de mercado.

Como pode haver discrepâncias entre os dados apresentados por Benchimol e outros autores, far-se-á um cotejamento com o de outros autores, como os expostos por Celso Furtado em sua obra mais importante. Tais dados se referem a evolução dos preços de mercado por tonelada em *libras esterlinas* (£), preços estes que a borracha alcançou desde a década de 1840 até o auge e a crise após 1912. Posteriormente, há que se conferir também os registros apresentados por Arthur Reis, analisando a evolução e declínio da exportação da borracha por toneladas dentro do mesmo período. Antes, porém, guarde-se o que diz Celso Furtado sobre a borracha:

A borracha estava destinada, nos fins do século XIX e começos do século XX, a transformar-se na matéria-prima de procura em mais rápida expansão no mercado mundial. Assim como a indústria têxtil caracterizara a Revolução Industrial de fins do século XVIII e a construção das estradas de ferro os decênios da metade do século seguinte, a indústria de veículos terrestres a motor de combustão interna será o principal fator dinâmico das economias industrializadas, durante um largo período que compreende o último decênio do século XIX e os três primeiros do século XX.⁷⁶

Furtado, um importante e renomado economista brasileiro, faz uma oportuna descrição evolutiva, e pode-se dizer também comparativa das transformações ocorridas nos últimos dois séculos. Toma por base as transformações que vinham ocorrendo desde o século XVIII com a revolução industrial, momento em que a matéria prima têxtil ditava o ritmo de sua indústria, bem operavam-se importantes mudanças no transporte, o que foram fatores preponderantes para a reelaboração logística para uma articulação mais integrada e integradora dos mercados internacionais.

⁷⁵ BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: formação social e cultural*. Op. cit.

⁷⁶ FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 20ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985, p. 130.

Assim, a matéria prima da borracha seria o veio propulsor para a indústria dos novos veículos automotivos, recém inventados e que, conforme informa Arthur Reis, para quem o automóvel foi “um desses inventos revolucionários” que contribuiu para que “a industrialização da borracha na nova utilidade [tomasse] vulto rapidamente, abrindo perspectivas as mais animadoras para o mercado produtor das gomas silvestres”.⁷⁷

Pode-se compreender mais adequadamente o ritmo dessas transformações ocorridas no século XIX, permitindo a análise dos dados de exportação da borracha assim colocados por Furtado:

Era o caso, por exemplo, da produção de borracha, cuja exportação se registra desde os anos vinte, alcançando 460 toneladas anuais como média nos anos quarenta, 1.900 no decênio seguinte e 3.700 nos anos sessenta. É por essa época que começa a registrar-se o aumento nos preços do produto. De 45 libras por tonelada nos anos quarenta, o preço médio de exportação sobe para 118 libras no decênio seguinte, 125 nos anos sessenta e 182 nos setenta.... A primeira fase da economia da borracha se desenvolve totalmente na região amazônica e está marcada pelas grandes dificuldades que apresenta o meio. Os preços continuam sua marcha ascensional, alcançando, no triênio 1909-11, a média de 512 libras por tonelada, ou seja, mais que decuplicando o nível que prevalecera na metade do século anterior... ao introduzir-se a borracha oriental de modo regular no mercado, depois da Primeira Guerra Mundial, os preços do produto se reduziram de forma permanente a um nível algo inferior a cem libras por tonelada.⁷⁸

A citação apresenta com clareza a evolução do valor econômico de exportação que a borracha alcançou desde a década de 1940 (quando passou a ser mais valorizada por causa de sua vulcanização), até o auge no triênio de 1909-1911, quanto foi desvalorizada na crise que se abateu em sua economia.

Alguns dos dados apresentados até aqui podem ser melhor compreendidos pela sua articulação em gráficos, como os que se reproduz a seguir, que chamam a atenção para a evolução (trajetória) dos vetores discutidos em cada um deles. Assim, o primeiro gráfico demonstra a dinâmica dos preços da borracha por tonelada, enquanto o segundo traz a exportação da borracha no decorrer das mesmas décadas, levando em consideração não mais o preço, mas, a própria produção, o volume da borracha exportada, tendo como ponto de partida a primeira exportação

⁷⁷ REIS, Arthur César Ferreira. *O Seringal e o Seringueiro*. Op. cit., p. 104.

⁷⁸ FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. Op. cit., p. 130-131.

de 31 toneladas de 1827, e estruturada de acordo com dados informados por Arthur Reis:⁷⁹

Gráfico 1

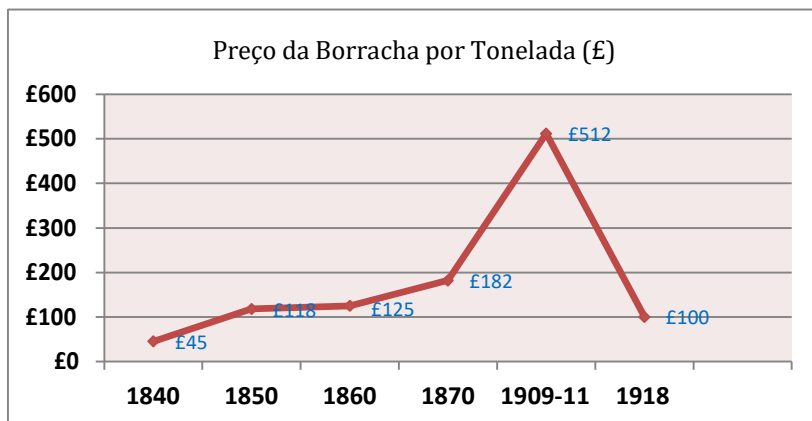
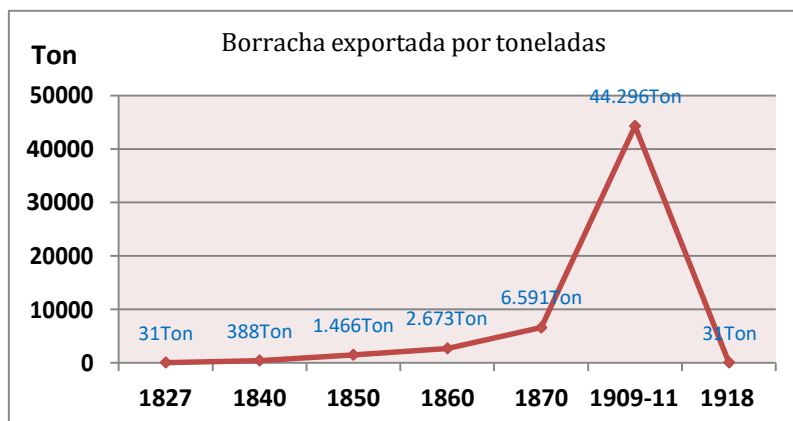


Gráfico 2



Arthur Reis ratifica que havia, de vez em quando, uma variação nos preços da borracha, o que acarretava crises pontuais, mas mesmo assim a ascensão do produto no mercado mundial era flagrante. Reis afirma que “o ponto mais alto da produção, a Amazônia o alcançou em 1911 com 44.296 toneladas. O esplendor do ciclo da borracha alcançava a sua fase máxima”.⁸⁰

Aqui vale lembrar o que dizem Maria Lígia Prado e Maria Helena Capelato acerca do ambiente de expectativas e mesmo as visões delirantes que se

⁷⁹ REIS, Arthur César Ferreira. *O Seringal e o Seringueiro*. Op. cit., p. 101,111.

⁸⁰ Idem, p. 111.

aclimatavam por causa da prosperidade que se alcançava do Norte do país, em sua indiscutível supremacia no mercado da borracha:

Conta-se que, em Belém ou Manaus, acendiam-se charutos com notas de quinhentos mil-réis, que se tomava champanha como água, que qualquer dor de dente era curada na Europa. Fantasias ou não, o que se pode extrair dessas histórias é que, realmente, os lucros eram altos e fáceis, que a confiança no futuro era ilimitada e que uma grande euforia dominava a região.⁸¹

É plausível e razoável pensar que esse clima de estabilidade e segurança estava fortemente presente na região, que os lucros eram realmente exorbitantes e sem medidas, e que atraía gente de todos os lugares. Mas, é necessário atentar para fatores no processo produtivo que foram ignorados pela conjuntura política e econômica do período e que, quando da criação de ações voltadas para a defesa da economia da borracha amazônica, já era tarde demais, pois o mercado asiático se tornara muito mais competitivo.

Registre-se, desta forma, uma importante informação presente na mensagem proferida pelo Governador do Estado do Amazonas, Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt no ano de 1910 ante o Congresso do Amazonas. Nela pode-se perceber o caráter otimista acerca da realização do Congresso Comercial, Industrial e Agrícola⁸² que se reuniu em Manaus naquele ano:

Para essa festa do trabalho inteligente foram convidados, e nela se fizeram representar, os Estados vizinhos e as Nações limítrofes... E, como era natural, desse conagraçamento e da exposição de borracha, que então efetuada, resultou o aumento de valor comercial do Amazonas. Não só a imprensa do país, mas também a do estrangeiro, noticiou o fato, enaltecendo-o com elogiosas referências.... Mas outro proveito ainda trouxe o Congresso e esse foi o da indicação de novos métodos para extração do látex precioso da *hévea*, além de grande cópia de conselhos, que passaram a ser observados, sobre a cultura da mesma.⁸³

⁸¹ PRADO, Maria Lígia e CAPELATO, Maria Helena Rolin. A Borracha na Economia Brasileira na Primeira República. In: FAUSTO, Boris (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira*, vol. 8. 4ª ed. São Paulo: DIFEL, 1985, p. 328.

⁸² Dentre algumas das ações está a realização do Congresso Comercial, Industrial e Agrícola que se reuniu em Manaus de 22 a 27 de fevereiro de 1910 que discutiu e aprovou as teses que defendiam a execução de programas imediatos de cultura da seringueira, de colonização e de modificação das condições de vida através de uma série de medidas que seguramente, seriam um grande passo para garantir, à região, os elementos imprescindíveis à sua vitalidade em face dos ventos maus que sopravam do oriente. MIRANDA, Bertino. (Org.) *Anais do Congresso Comercial, Industrial e Agrícola: 22 a 27 de fevereiro de 1910*. Manaus: ACA/Fundo Editorial, 1990. Para uma melhor análise dessas ações, verificar: REIS, 1997, p.115-135.

⁸³ *Mensagem do Governador do Amazonas ao Congresso do Amazonas*. Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt. Manaus, 10 de Julho de 1910, p. 6-7.

Mais adiante, na mesma mensagem, também é possível observar que o Estado aparentemente gerava um ambiente positivo sobre as resoluções criadas para a estabilidade da economia da borracha, o que se percebe pela fala do governador ao solicitar isenção de direitos para o estado, ou seja, isenção de impostos para os produtores de gêneros de exportação:

O comércio é o maior fator da renda pública e quanto se faça para o seu crescimento e benefício de suas relações, frutificará em favor de nossa terra. Ora, é por pensar dessa maneira Srs. Representantes, que venho pedir para o extrator de borracha, em seringais novos de rios ainda não explorados, isenção de direitos, durante alguns anos, para os gêneros que exportar, com a condição de se domiciliar nesses rios. É óbvio que esses favores trarão maior desenvolvimento à cultura das nossas terras, pois que o dinheiro dispensado nos direitos poderá ter essa aplicação. Idêntica vantagem solicito para a produção dos seringais plantados.⁸⁴

Ao final daquele ano Bittencourt ainda chegou a sancionar uma lei que demonstrava a preocupação de não se medir esforços para recuperar a queda da borracha regional. A lei anunciava em sua apresentação: “Autoriza o Governo a tomar as providencias necessárias para evitar a desvalorização da borracha”.⁸⁵

Retomando aos dados de Celso Furtado, este, ao descriminar a evolução do preço de exportação da borracha, também chama atenção para uma problemática que passou a existir no decorrer da hipervalorização daquele produto, a saber, o problema da mão de obra. Temática que será melhor explorada no tópico seguinte, mas que aqui já se anuncia, uma vez que se exigia cada vez mais da produção amazônica em virtude do consumo que crescia vertiginosamente, desde as últimas décadas do século XIX.

Portanto, nessa análise, Celso Furtado lembra que, “sendo a borracha um produto ‘extrativo’ e estando o estoque de árvores então existente concentrado na bacia amazônica, o problema de como aumentar sua produção para atender a uma procura mundial crescente se afigurava extremamente difícil”⁸⁶. Inicialmente se acreditava que uma solução a longo prazo deveria ser pensada, pois a possibilidade de aumentar a produção na Amazônia não era muito grande, principalmente por causa das grandes dificuldades que se apresentavam no meio geográfico e na impossibilidade de sua racionalização (cultivo). Daí, pode-se lembrar do incentivo

⁸⁴ Idem, p. 7-8.

⁸⁵ Lei nº 656. Manaus, 3 de Dezembro de 1910.

⁸⁶ FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. Op. cit., p. 130.

solicitado pelo governador Antônio Bittencourt pela isenção de impostos, tanto na extração e produção de borracha, quanto para as novas plantações de seringais em rios não explorados. De qualquer forma, uma solução a curto prazo teve que ser tomada.

DE RETIRANTE À SERINGUEIRO: O PROCESSO MIGRATÓRIO

Abordar a temática relacionada ao trabalho dos migrantes nordestino nos seringais da Amazônia, ou, como tem sido comum dizer-se, a “problemática da mão de obra” para a borracha, é tarefa espinhosa a que muitos historiadores já se lançaram. Com efeito, o processo migratório que se orientou fortemente do Nordeste brasileiro para a Amazônia em finais do século XIX buscava solução para a grande demanda de borracha estabelecida pelo mercado mundial.

Sem conseguir aumentar a produtividade com investimentos na esfera produtiva e numa mudança radical do processo de produção, com a introdução do cultivo, a saída encontrada foi, ao longo de várias décadas, o aumento exponencial da força de trabalho empregada no processo de extração do látex. Reconhecendo que havia efetivamente escassez de braços para a borracha na Amazônia, Roberto Santos registrou que as discussões voltadas para a resolução do problema, acabavam sempre por indicar que “o braço externo de sustentação da atividade extrativista e agrícola, foi por excelência o nordestino”.⁸⁷

Debruçando-se mais seriamente sobre a questão, Celso Furtado vê na emigração do Nordeste para a Amazônia uma verdadeira “transumância”⁸⁸ e destaca que após a grande corrente migratória europeia para a região cafeeira, “o Brasil conheceu no último quartel do século XIX e primeiro decênio do XX um outro grande movimento de população: da região nordestina para a amazônica”.⁸⁹

⁸⁷ SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. Op. cit., p. 97.

⁸⁸ Transumância é usado para referenciar migrações humanas, embora o termo seja comumente usado para se referir à migração periódica dos rebanhos da planície, os quais vão habitar durante o calor as altas montanhas, delas descendo ao aproximar-se o inverno, ou vice-versa. No Brasil, embora a palavra transumância seja, em geral, restrita apenas a estudos científicos, a prática é muito conhecida, frequentemente associada à expressão *invernada*, em quase todas as regiões do país. AURÉLIO, Dicionário. 2011.

⁸⁹ FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. Op. cit., p. 129.

Entretanto, e tomando como base o que dizem esses autores, é necessário observar de que forma se fez ou se orientou essa migração para a Amazônia que, a priori, tinha como objetivo principal aumentar a oferta de força de trabalho, mas que há também um conjunto de outros fatores que devem ser analisados com ponderação.

Observando as últimas décadas do século XIX, a primeira década do século XX e levando-se em consideração a desagregação provocada pelas secas que ocorriam regularmente desde o início do século XIX⁹⁰, resulta incontestável o grande deslocamento de nordestinos para a Amazônia. Celso Furtado admite que esse influxo de população destacada para a região amazônica “não seria inferior a meio milhão de pessoas”.⁹¹ Este número é acompanhado por Samuel Benchimol, para quem “aproximadamente 500.000 nordestinos vieram fazer a Amazônia, representando assim o maior movimento humano das migrações internas da história brasileira, superado somente pela migração pau-de-arara para São Paulo”.⁹²

A respeito dessa migração, indica Benchimol:

A Amazônia recebeu uma considerável massa humana de migrantes nordestinos aqui genericamente conhecidos como *cearenses*. Procediam geralmente das zonas do agreste e do sertão do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, e outros Estados nordestinos, sendo tanguido pela seca – imigração por fome, ora simplesmente atraídos pelo apetite de seringa – imigração por cobiça, fortuna e aventura, ou simultaneamente por ambos. Geograficamente nascia, assim, uma nova Amazônia, baseada na seca e na *hevea* e na conjunção de duas linhas: a de maior flagelo e sofrimento – o sertão – e a de mais resistência e atração – a floresta.⁹³

Percebe-se de onde vinham esses migrantes, bem como os dois motivos gerais para emigrarem, embora a fome pela seca (primeiro motivo) e a ambição por fortuna (segundo motivo) não sejam absolutos em si, eles explicam essencialmente o porquê do deslocamento. Em tais deslocamentos estavam os potenciais seringueiros, homens do sertão nordestino que deveriam aprender não apenas as técnicas de extração da borracha, como também, e acima de tudo, a viver no ambiente amazônico, para eles inóspito e crivado de relações hierárquicas de poder.

⁹⁰ Conforme Euclides da Cunha, até a década de setenta do século XIX, o sertão nordestino fora assolado pelas secas de 1808-09, 1825-26, 1835-37, 1844-45 e, finalmente, pela de 1877-79. CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Ministério da Cultura: Fundação Biblioteca Nacional, p. 15.

⁹¹ FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. Op. cit., p. 131.

⁹² BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: formação social e cultural*. Manaus: Valer, 2009, p. 155.

⁹³ Idem, p. 153-154.

Assim, é forçoso reconhecer que a imigração nordestina assumiu papel pioneiro no desbravamento da região amazônica,⁹⁴ constituindo também papel fundamental de crescimento demográfico em muitas cidades da região, em especial Manaus e Belém. Quanto às suas causas, em que pese serem diversas, é a seca e a fome no Nordeste as que foram de imediato colocadas em destaque, como se vê na matéria de um jornal cearense (o jornal *A Constituição*, órgão do Partido Conservador), reproduzida na imprensa de Belém:

São do dia para dia mais desoladoras as notícias que nos chegam... a seca estende os seus desastrosos efeitos por todo interior da bela província do Ceará, um vasto deserto árido sem uma gota d'água para refrescar o sol gretado pela violência do calor, sem um ramo verde para abrigar as populações abrasadas nos delírios febris da miséria, a atonia mórbida e desesperada da fome. As colheitas estão perdidas, o gado morre de fome e de sede e as populações desesperadas e sem recursos, sem esperanças, sem terem para onde lançarem olhares aflitos abandonam o lar e emigram, alucinadas que nem sabem se encontrarão nas terras para onde fogem o que o solo extenuado do lar já não lhes pode dar... essa migração fala-nos com a eloquência da dor do sofrimento que a desenraizou da terra do berço.⁹⁵

A imprensa do período fazia circular na região as mais desoladoras notícias do interior cearense, onde constata-se um cenário de miséria, calamidade e morte, que não terminaria brevemente. Por ela, vê-se uma população afugentada pela fome e que, por isso, migra desesperançada sem saber se para onde vai, visando unicamente encontrar meios de sua subsistência.

Um dos mais importantes estudiosos do impacto das secas no Nordeste, Rui Facó afirma que “a grande seca de 1877 deixou memória em toda a região... foram três anos seguidos sem chuvas, sem semeaduras, sem colheitas, os rebanhos morrendo, os homens fugindo para não morrer”.⁹⁶ A fala de Agesilão Pereira da Silva, Presidente da Província do Amazonas entre 1877 e 1878, já menciona a

⁹⁴ Conforme afirmam Maria Prado e Maria Helena Capelato a região amazônica era a menos densamente povoada do Brasil. O censo populacional de 1799 acusava 83.510 habitantes, o de 1832, 149.854 e o de 1862, 272.014 habitantes. A colonização da Amazônia, comparativamente às demais regiões do país, realizou-se com um contingente de população branca praticamente irrisória. As dificuldades de penetração, a inexistência de um atrativo econômico fez com que o colono português buscasse preferentemente outros pontos do território. PRADO, Maria Lígia e CAPELATO, Maria Helena Rolin. *A Borracha na Economia Brasileira na Primeira República*. Op. cit., p. 317.

⁹⁵ *Diário do Gram-Pará*. Belém, 1 jun 1877.

⁹⁶ FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 21.

entrada de grandes contingentes nordestinos e que muitos estavam sendo imediatamente deslocados para os seringais da região.⁹⁷

Os textos de Euclides da Cunha também retratam com traços tremendamente realísticos a migração nordestina, que, conseqüentemente, acabaria definindo a condição econômica e humana no seringal. Em *À Margem da História*, Euclides descreve a realidade da migração:

São as secas do Nordeste que tangem para as cidades do litoral essa população de famintos assombrosos, devorados das fezes e das bexigas – a preocupação exclusiva do poder público consistia em libertá-las quanto antes daquela invasão de bárbaros. Mandavam-nos para a Amazônia – vastíssima e despovoada, quase ignota – o que equivalia a expatriá-los dentro da própria pátria. Nunca, até aos nossos dias, os acompanhou um só agente oficial ou um médico. Os banidos levavam a missão dolorosíssima e única de desaparecerem... e não desapareceram. Naquele extremo sudoeste amazônico 100 mil sertanejos ou 100 mil ressuscitados repatriavam-se de modo original e heroico, dilatando a pátria até os terrenos novos que tinham desvendado.⁹⁸

No relato de Euclides já é possível observar uma intencionalidade por parte do poder público em orientar a migração para a Amazônia como região “despovoada” (ignorando-se tanto a presença, quanto o direito de posse dos índios e populações tradicionais) e desconhecida. Pior, desloca-los sem nenhum cuidado ou respeito com a vida desses indivíduos. Euclides desnuda ainda que menos que resolver o problema da seca, o que o poder público quer também é livrar-se desses indivíduos, fazendo-os “desaparecer” de suas competências jurisdicionais, mas, diz Euclides, *não desapareceram!* E isso por que traziam dentro de si o espírito desbravador e guerreiro que foram constituindo historicamente nas lutas que enfrentavam.

Há também algo importante que se deve analisar a partir de uma pergunta formulada por Roberto Santos: “Para a Amazônia: por quê?” Nesse sentido, o autor faz uma necessária digressão, ao considerar, inicialmente, estranho o fato dessa migração não ter se orientado para o sul do Brasil, como frequentemente acontecia. Ocorre que, como argumenta o autor, a condição estável da economia cafeeira, já “se via a braços dados com crescente mão de obra”.⁹⁹

⁹⁷ *Fala do Presidente da Província do Amazonas, Agesilão Pereira da Silva, ao Congresso do Amazonas.* Manaus, 4 de junho de 1877.

⁹⁸ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 20.

⁹⁹ SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. Op. cit., p. 107.

Santos argumenta que mesmo considerando a volumosa imigração internacional para Brasil no final do século XIX como importante fator para a estabilização da economia cafeeira, ainda assim a migração nordestina poderia ser útil para o sul cafeeiro, mas não foi e, por esta razão Santos levanta o imperativo de se explicar por que “a corrente migratória direcionada para Amazônia não se houvesse orientado para sul?”.¹⁰⁰

Antes de observar como Roberto Santos elucida tal questionamento, anote-se que outro autor, Carlos Corrêa Teixeira, também trata do assunto. Em linhas gerais descreve a falta da mão de obra para a região cafeeira ao mesmo tempo em que afirma que a mão de obra livre existente no país não serviria para a grande lavoura por sua falta de disciplina, característica essa identificada na mão de obra estrangeira. Essa dificuldade, aliada a outros fatores ocasionais, indicavam que a solução para o problema da força de trabalho nos seringais fosse encontrada em nosso próprio território, a saber, a mão de obra nordestina.

Dessa forma, Teixeira sintetiza dois fatos estreitamente ligados que condicionaram a natureza do processo migratório em direção à Amazônia: a exploração da borracha, especialmente a partir de 1870 que coincide com o estabelecimento da grande indústria na Europa e com a formação dos grandes monopólios¹⁰¹, e, no plano interno, com o deslocamento da população nordestina, ocorrendo paralelamente à substituição do trabalho escravo no país.¹⁰²

Voltando aos argumentos de Roberto Santos, este faz referência a existência de um do preconceito do próprio trabalhador nordestino referente ao trabalho nos cafezais do sul, pois lá seria considerado escravo, ao passo que em relação a Amazônia, o trabalhador sonhava em operar como se fosse empreiteiro de si mesmo, seringueiro autônomo, não sujeito sequer a regime salarial, pois o látex que vendesse lhe pertenceria, o que não foi, propriamente, o que ocorreu.¹⁰³

¹⁰⁰ SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. Op. cit., p. 107.

¹⁰¹ Em fins do século XIX se formava aquilo que chamamos de controle de mercados. Um significativo exemplo dos monopólios que se formam a partir de então foi a tentativa do *Bolivian Syndicate* de apoderar-se do comércio da borracha na Amazônia, logo no início do século XX. Conferir: REIS, Arthur César Ferreira. *A Amazônia e a Cobiça Internacional*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Americana, 1972, p. 144-156.

¹⁰² TEIXEIRA, Carlos Corrêa. *Servidão Humana na Selva: o aviamento e o barracão nos seringais da Amazônia*. Manaus: Valer/EDUA, 2009, p. 36-38.

¹⁰³ SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. Op. cit., p. 108.

A segunda razão se apresenta pelas ilusões de enriquecimento rápido a que o boom da borracha expunha o nordestino, as quais eram suficientes para superar os estímulos de maior salário ou remuneração pelo trabalho do sul do país. A terceira razão está estritamente relacionada à segunda, pois, inclui a propaganda e arregimentação realizada por prepostos de seringalistas do Pará e do Amazonas em Fortaleza, Recife e Natal, atraindo os nordestinos diretamente para o trabalho nos seringais.¹⁰⁴

É importante lembrar que esses prepostos pintavam um quadro bastante favorável na Amazônia e apresentavam um verdadeiro *El Dorado*¹⁰⁵ para aquelas populações despossuídas de bens, de trabalho e até mesmo da dignidade que todo o ser humano deveria ter. Assim, propagandistas saíam pelo Nordeste, como informa Oyama Ituassú, “a seduzir as mentes simplórias dos nordestinos, vítimas de uma tremenda fraude nos aliciamentos que se processavam ao logo das cidades”.¹⁰⁶

Deslumbrados e seduzidos, achavam que iam encontrar na floresta fortuna e riqueza, visto que fatores como a miséria na terra natal, a falta de trabalho permanente, a imensa responsabilidade de sustentar a família, geralmente numerosa, cooperavam ainda mais para que migrassem.

A quarta razão exposta por Roberto Santos inclui também os subsídios que os governos do Pará e Amazonas concediam ao transporte de imigrantes em vista dos programas de colonização agrícola, mas que redundavam em favorecer, em última análise, a migração para as zonas extratoras da borracha.¹⁰⁷

A quinta e a sexta razões apresentam aquilo que parece ser o ponto mais óbvio, qual seja a proximidade e a facilidade do transporte de cabotagem até porto de Belém, incidindo sobre a logística da própria viagem para à Amazônia, condições melhores do que para o Sul. Por último, Santos associa a gravidade da seca com a postura dos senhores de terra nordestinos, que passaram a não mais resistir à saída dos homens até então sujeitos a seus poderes.¹⁰⁸

¹⁰⁴ Idem.

¹⁰⁵ Lugar pródigo em delícias e riquezas. País imaginário que se dizia existir na América meridional. AURÉLIO, Dicionário. 2011.

¹⁰⁶ ITUASSÚ, Oyama. *O Colonialismo e a Escravidão humana*. Manaus: Valer/Academia Amazonense de Letras/ Governo do Estado do Amazonas, 2007, p. 60.

¹⁰⁷ SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. Op. cit., p. 108.

¹⁰⁸ Idem.

Esses fatores não são, obviamente simétricos e é por isso que o autor dá mais atenção e enfatiza uns, em relação a outros. Por exemplo, levanta a discussão acerca da intencionalidade do Estado, bem como da propaganda que fazia, e da arregimentação particular realizada por meio de prepostos de seringalistas. Segundo o autor, não se pode omitir o fato de que esse processo migratório não foi espontâneo. Além do patrocínio estatal e privado, havia também a ação de intermediários, agindo por conta própria.

Santos pondera que parece ser errôneo confundir esse tipo de arregimentação, notoriamente enganoso e corrupto, com a que foi levado a efeito pelos governantes amazônicos, pois segundo afirma, não há evidências de que a administração pública dos estados da Amazônia se haja envolvidos com promoções de emigração no Nordeste para fins de exploração da borracha. Pelo contrário, afirma que há indicações de que a migração patrocinada oficialmente tinha objetivos agrícolas.¹⁰⁹

Diante disso, percebe-se que as repostas e razões para a migração nordestina ocorrer para a Amazônia e não para outro lugar são bastante complexos. Assim, a forma como se deu, ou como se orientou toda essa corrente migratória ainda deve ser estudada e analisada com cautela e ponderação, pois há muitas variáveis a impedir conclusões fechadas.

De todo o modo, outros autores abordam a questão. Ao analisarem o problema, Maria Lígia Prado e Maria Helena Capelato observam que para além da ampliação das áreas de exploração dos seringais houve também o que chamam de “o aparelhamento das operações por uma técnica comercial que movimentou capitais e energias”, tornando necessária a mobilização de braços para a exploração do produto.¹¹⁰

Dessa forma, segundo as autoras, os governos da região amazônica, interessados no aumento da produção, foram obrigados a mobilizar populações de outras áreas do país. Com este fim, organizaram serviços de propaganda e concederam subsídios para os gastos de transportes e adiantamento de dinheiro para as primeiras necessidades.

¹⁰⁹ SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. Op. cit., p. 106-107.

¹¹⁰ PRADO, Maria Lígia e CAPELATO, Maria Helena Rolin. *A Borracha na Economia Brasileira na Primeira República*. Op. cit., p. 317.

Assim, o Nordeste, que tinha sua atividade voltada para a economia de subsistência, representava um reservatório potencial de mão-de-obra.¹¹¹ Celso Furtado também afirma que “os governos amazônicos organizaram serviços de propaganda e concederam subsídios para gastos de transportes”.¹¹²

Pelo que se viu até aqui, não somente houve intencionalidade na migração, mas, patrocínio e financiamento por parte do poder público na arregimentação de trabalhadores nordestinos. Conforme observam Maria Lígia Prado e Maria Helena Capelato não havia nenhum propósito que visasse demograficamente e politicamente o futuro, pelo contrário, “era uma multidão de que se esperava apenas o rendimento material de uma produção cada vez maior”.¹¹³

Ante essas formas de abordar a migração, Barbara Weinstein faz uma importante ponderação, afirmando que o negócio da borracha não recebeu incentivos do governo central, como a economia cafeeira de São Paulo recebeu, e que sua crise também pode ser explicada por meio disso, pois para o bem ou para o mal, a inação do Estado em fase do negócio da borracha reduziu o potencial de transformação da economia amazônica.¹¹⁴

A despeito dessas conjecturas, é necessário compreender quem são esses trabalhadores nordestinos que migram para a Amazônia. O nordestino era criado na mata de caatinga, que é totalmente diferente da mata amazônica. Não tinha, por exemplo, a presença constante de rios a impedir os deslocamentos cotidianos. Na Amazônia, não sabiam se orientar dentro da selva, ou como enfrentar suas intempéries e perigos. Ao chegar na Amazônia, passaram a se defrontar com um meio natural totalmente outro, que os desafiava até mesmo no nível da manutenção de suas próprias existências.

Uma ponderação é necessária: Nem todos os nordestinos que se deslocaram para a Amazônia, o fizeram motivados pela seca do sertão, assim como também, nem todos os que emigraram foram conduzidos para os seringais, como é possível supor. Assim, como argumentou Maria Luiza Ugarte Pinheiro, muitos nordestinos

¹¹¹ Idem, p. 289-290.

¹¹² FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. Op. cit., p. 133.

¹¹³ PRADO, Maria Lígia e CAPELATO, Maria Helena Rolin. *A Borracha na Economia Brasileira na Primeira República*. Op. cit., p. 319.

¹¹⁴ WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850–1920)*. Op. cit., p. 17-18.

acabaram à meio caminho do seringal, estabelecendo-se nas cidades e vilas da Amazônia, construindo ali trajetórias de vidas diferenciadas. Diz a autora:

De fato, tanto para a extração do látex quanto para a edificação das obras de modernização da cidade – como a construção do porto – foi necessário enfrentar os problemas relacionados à escassez de mão-de-obra, só sanados com o apelo à migração de uma população nordestina assolada pela seca e pelo controle latifundiário. Boa parte desses migrantes acabavam a meio caminho, engrossando as fileiras de elementos pauperizados que vagavam sem rumo pelas cidades do *cautchó*, imprimindo-lhes sua marca, fazendo com que Manaus fosse, paulatinamente, perdendo um pouco de sua fisionomia tapuia.¹¹⁵

Em que pese o fato da imensa maioria dos nordestinos deslocados para a Amazônia ser de possuidor de baixa condição socioeconômica, parcela menor acabou se tornando, nos centros urbanos da região, profissionais liberais (médicos, advogados, farmacêuticos, engenheiros, dentistas), estudantes e/ou comerciantes envolvidos com negócios diversos ao longo dos rios e nas cidades do interior.¹¹⁶

De acordo com Ana Maria Daou, alguns desses médicos ganharam projeção nacional graças aos trabalhos realizados no contato com a população do Amazonas, como é o caso de Alfredo da Matta. A escolha de Manaus foi valorizada por seu valor “simbólico” de fronteira, possibilitando a passagem para a “vida urbana” para uns, ou mercado de trabalho para outros que acreditavam nas facilidades de enriquecimento no Amazonas pelo crescimento da exportação da borracha.¹¹⁷

No que tange ao mundo do trabalho da borracha, Benchimol informa que, das centenas de milhares, alguns conseguiram classificar-se social e economicamente, após longos anos de sofrimento e duras jornadas de trabalho nos seringais. Este nordestino ia aos poucos ascendendo no espaço do seringal, até atingir o topo da carreira, quando então se tornava patrão (seringalista). Desde a ascensão social e o reconhecimento do novo *status* social, os nordestinos em geral, e os cearenses em particular, passaram então a se fazer representar na “alta” sociedade amazônica.¹¹⁸

¹¹⁵ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A cidade sobre os ombros*. Op. cit., p. 61-62.

¹¹⁶ Se o estudo de Maria Luiza Pinheiro explorou, de passagem, a trajetória de nordestinos no processo de urbanização modernizadora de Manaus, na tese de Franciane Lacerda ele é explorado em um capítulo inteiro, “Migrantes cearenses na cidade de Belém”. Cf.: LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes Cearenses no Pará: faces da Sobrevivência (1889/1916)*. Belém: Editora Açai, 2010, p. 235-301.

¹¹⁷ DAOU, Ana Maria Lima. *A Cidade, o Teatro e o “Paiz das Seringueiras”*: práticas e representações da sociedade amazonense na virada do século XIX. Tese de Doutorado. UFRJ: Rio de Janeiro, 1998, p. 109-111.

¹¹⁸ BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: formação social e cultural*. Op. cit., p. 159-166.

De modo categórico, o seringueiro emerge do pensamento social amazônico na relação direta de seu trabalho no seringal. Deve-se, assim, considerar como se configura e se interpreta sua inserção no ambiente amazônico, e em especial suas vivências no seringal. Aqui se empregará uma descrição de caráter seletivo, delimitando essa análise a alguns aspectos importantes da trajetória de vida do seringueiro, e isto tendo por base alguns autores clássicos, bem como outros estudos revisores, que versaram sobre o tema do seringal e do seringueiro.

Por sua importância incontestável, Euclides da Cunha é o ponto de partida, sendo considerado por muitos autores “um dos primeiros a estudar a sociedade brasileira cientificamente”¹¹⁹ e, desta forma, contribuindo também para a escrita sobre a Amazônia. Em suas impressões gerais, obtidas através de suas viagens pelos rios da região¹²⁰ Euclides apresenta a Amazônia como um ambiente complexo:

É sem dúvida o maior quadro da Terra... a impressão que tive, e talvez correspondente a uma verdade positiva, é esta: o homem, ali, é um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido... mesmo os rios ainda não se firmaram nos leitos; parecem tatear uma situação de equilíbrio derivando, divagantes, em meandros instáveis... Destarte a natureza é portentosa, mas incompleta.... Tem tudo e falta-lhe tudo... é como que a lógica inconstante das coisas. Daí esta singularidade: é de toda a América a paragem mais perlustrada dos sábios e é a menos conhecida.¹²¹

Dessa forma, têm-se a representação vívida do ambiente que submetia todos os envolvidos na exploração da borracha: a vastidão da selva amazônica. No texto

¹¹⁹ LEAL, Davi Avelino. Por uma arqueogenealogia dos seringais: os seringueiros na historiografia regional. In: *Canoa do Tempo: Revista de Estudos Amazônicos*. Manaus: UFAM, v. 1, nº 1, jan./dez. 2007, p. 211.

¹²⁰ Euclides da Cunha foi nomeado pelo governo brasileiro em 6 de agosto de 1904 para chefiar a Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus, uma comissão mista entre Brasil e Peru para a demarcação de limites nas fronteiras. Isto ocorreu após uma conversa direta entre Euclides e o Barão do Rio Branco. Euclides passaria o ano de 1905 inteiro na Amazônia. Após essa riquíssima experiência escreveu textos incomparáveis sobre a Amazônia. Em 29 de outubro de 1905 teve sua entrevista publicada no *Jornal do Comércio*, de Manaus, acerca da expedição no Alto Purus. BRAGA, Robério. *Euclides da Cunha no Amazonas*. Manaus: Valer/Fundação Lourenço Braga, 2002, p. 203-204.

¹²¹ CUNHA, Euclides da. *Amazônia: Um paraíso perdido*. 2ª ed. Manaus: Valer, 2011, p. 17-18.

Entre os Seringais, Euclides afirma que ali “o homem é um solitário”, como que oprimido pela força incomensurável da natureza.¹²²

Em consonância com os escritos de Euclides, Ferreira de Castro, no romance *A Selva*, esmerou-se em desenha imagens poderosas da floresta amazônica como um mundo à parte, onde o personagem Alberto, uma espécie de alter-ego do autor, não consegue se sentir à vontade:

Era um mundo à parte, terra embrionária, geradora de assombros e tirânica, tirânica! Nunca árvore alguma daquela lhe dera uma sugestão de beleza, levando-lhe ao espírito as grandes volúpias íntimas. Ali não existia mesmo árvore. Existia o emaranhado vegetal, louco, desorientado, voraz, com alma e garras de fera esfomeada.¹²³

Nesse clássico romance da literatura amazônica, Ferreira de Castro traduz em linguagem romaneada o que representava viver na selva amazônica. Ele mesmo teve chegou ao Brasil em pleno auge da borracha, e descreveu a vida no seringal com traços realísticos, como quem observou e viveu de perto a Amazônia, lembrando sempre das experiências vividas na dinâmica do mundo da borracha, dentro do seringal *Paraíso*, onde ficou por quatro anos.

Tanto nos textos de Ferreira de Castro, como principalmente nos textos de Euclides da Cunha, percebe-se um modo distinto de representação. A Amazônia é apresentada marcadamente como uma espécie de cárcere de ferro, complexa e insólita, “é a imagem monstruosa e expressiva da sociedade torturada que moureja naquelas paragens”.¹²⁴ Nela, a natureza submete e transforma o homem, especificamente o seringueiro, que sempre é apresentado como alguém que sofre de forma cruel e passiva os danos de sua condição:

O cearense venturoso ali chega numa desapoderada sede de fortuna; e depois de uma breve aprendizagem em que passa de *bravo* a *manso*, consoante a gíria dos seringais... ergue a cabana de paxiúba à ourela mal destocada de um igarapé pitoresco, ou mais para o centro numa clareira que a mata ameaçadora constringe, e longe do barracão senhoril, onde o seringueiro opulento estadeia o parasitismo farto, pressente que nunca mais se livrará da estrada que o enlaça, e que vai pisar durante a vida inteira, indo e vindo, a girar estonteadamente no monstruoso círculo vicioso de sua faina fatigante e estéril.¹²⁵

¹²² Idem, p. 221.

¹²³ CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. 37ª ed. Lisboa: Guimarães Editora, 1989, p. 123.

¹²⁴ CUNHA, Euclides da. *Amazônia: Um paraíso perdido*. Op. cit., p. 220.

¹²⁵ Idem, p. 220-221.

A partir das descrições advindas dos clássicos autores da borracha, percebe-se um enquadramento comum de interpretação, um modelo estático de que o homem sofre passivamente suas agruras como sendo um produto do meio, e que, pelo meio se vê determinado como este vai viver e trabalhar. Não há interesse em apresentar as contradições sociais do mundo do trabalho no seringal, tendo em vista identificar e denunciar as ações do estado, ou das corporações econômicas, que aliados, visavam unicamente o interesse capitalista, em detrimento da melhor valia do trabalhador, ou de qualquer benefício para com a vida dos trabalhadores extratores da borracha.

Acerca disso, Davi Avelino Leal lembra que muitos autores pensaram a Amazônia desse modo no século passado, já que, segundo o autor:

Seguem a lógica de falar primeiramente sobre a natureza, a terra, os aspectos nosológicos¹²⁶ e fisiológicos, para a partir daí falarem sobre o homem e a cultura. Nesse modelo teórico o homem só pode ser pensado como elemento passivo do processo, determinado pela natureza. Essa ideia... está muito próxima à imagem de um primitivismo que a civilização precisa conquistar, pois esse mesmo homem é o que tem de mais autêntico de nossa nacionalidade.¹²⁷

Na mesma obra, Luís Balkar Pinheiro, também destacava no pensamento social esse enquadramento do homem amazônico oprimido pelo meio:

Idealizada como natureza, espaço desumanizado e vazio de cultura, a Amazônia entra no discurso moderno pela mão de um punhado de naturalistas estrangeiros, homens de ciências e letras que o Iluminismo forjou. Essa lenta construção discursiva incorporou também expressões destacadas da intelectualidade brasileira, como Alberto Rangel, Araújo Lima e Euclides da Cunha, para quem, nessa “última página do Gênesis”, o homem amazônico se vê sufocado pela latente preponderância de um elemento natural que o transcende e amesquinha... Do eldorado dos conquistadores ao paraíso dos naturalistas, a Amazônia forneceu um sem número de imagens em que a natureza suplanta a cultura: celeiro do mundo, pulmão do planeta, inferno verde.¹²⁸

Observando a complexidade que envolvia e ainda envolve a Amazônia, na década de 1970 surgiria um importante estudo revisor sobre a região por um de seus mais destacados intelectuais, Djalma Batista. Em *Complexo da Amazônia*, Batista desenvolveu um olhar amplo sobre a região que historicamente era

¹²⁶ Referente ao estudo das moléstias. AURÉLIO, Dicionário. 2011.

¹²⁷ LEAL, Davi Avelino. Por uma arqueogenealogia dos seringais. Op. cit., p. 213.

¹²⁸ PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. Na contramão da história. Op. cit., p.12.

conhecida pelo mundo (e talvez ainda seja) a partir de um padrão estático, sem maiores demandas a serem estudadas.

O autor parte da tese de que para compreender a Amazônia é necessário trabalhar de modo constante e sistemático a relação da região com a nação, compreendo-a como dimensão do Brasil. Em suas análises, explica a falta de perspectivas de sua população do interior, o atraso relativo que apresenta em relação ao desenvolvimento nacional, cimentada em uma percepção crítica de temas e questões vivenciadas na realidade.

Em decorrência disso, Djalma Batista faz uma consideração importante, refletindo o que houve na região no período posterior a grande crise borracha:

Na verdade, em todo o vale amazônico ficou o mesmo travo amargo de desesperança e amargura, uma vez que a borracha tem sido um marco em nossa história e em nossa psicologia, em torno do qual temos vivido uma verdadeira neurose obsessiva.¹²⁹

É por essa razão que Batista propõe uma análise da Amazônia que deve considerar toda sua complexidade. Renan Freitas Pinto, na apresentação da segunda edição da obra, destaca as diferentes abordagens adotadas por Batista para compreender o complexo da Amazônia e afirma que o uso de categorias de análises de diferentes campos de investigação como história, economia, geografia, demografia, ecologia, sociologia, antropologia e literatura, são preponderantes para conectar ideias e descobrir uma região com imensas desigualdades sociais e subdesenvolvimento. Tal percepção, de acordo com Freitas Pinto, derivou das experiências cotidianas e da prática profissional de Djalma Batista na região, como profissional da medicina que foi e de suas ações no campo da saúde pública.¹³⁰

Na obra de Arthur Reis, *O Seringal e o Seringueiro*, já citada nos tópicos anteriores, há diversas informações pormenorizadas acerca do seringueiro em suas relações de trabalho nos seringais amazônicos no período da borracha. Essas informações também ocupam um lugar central no pensamento social da Amazônia, no entanto, embora Reis objetive fazer um estudo sócio antropológico sobre a Amazônia, para uma melhor compreensão de certas contradições, o que se vê de modo cristalino é uma interpretação parecida com o modelo de Euclides da Cunha e

¹²⁹ BATISTA, Djalma. *O Complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento*. 2ª ed. Manaus: Valer, 2007, p. 34.

¹³⁰ Idem, p. 11-13.

de Ferreira de Castro. Assim, a dimensão do conflito, das tensões, do abuso e da exploração do seringueiro são postas em segundo plano, sob o discurso determinista de que tudo se explica pelo meio natural.

A obra de Arthur Reis descreve os infortúnios que o seringueiro enfrentou nos seringais, expõe o sistema de aviamento que, ao fim e ao cabo, tornava o seringueiro uma espécie de semiescravo e, após lembrar da existência de certa literatura que narra em “quadros tremendamente realísticos a vida dos seringais nessas relações de trabalho, de comércio, em base ásperas”¹³¹, tenta explicar e dar sentido a isso de outra forma:

Tais relações, no entanto, devem ser explicadas pela barbaria do meio-natureza e do meio-sociedade em formação. Porque, se o aviador e o seringalista exploram o seringueiro, este não se comporta melhor. Vinga-se com as armas de que dispõe e de acordo com o primarismo de sua inteligência, das coisas e dos homens. Assim é que negocia às escondidas a produção da safra, lesando o seringalista, entrega-se à madraçaria, diminuindo a produção ou extraíndo látex por processo proibido para aumentar a purgação e dispor de safra maior que lhe garantirá saldo-credor.¹³²

Reis, além de justificar as tensões e contradições do trabalho pelo meio-natureza e meio-sociedade, parece tentar também justificar a exploração que o seringueiro sofria, ao referenciar, em tom condenatório, os meios de resistência que o mesmo utilizava para auferir algum provento pelo desvio da borracha, bem como para aumentar de forma ludibriosa seu saldo. Dessa forma, pelo olhar de Reis, o seringueiro não se comportava melhor que o patrão e o aviador.

Ao que parece, e embora realmente houvesse essa prática de resistência, a mesma não deve ser considerada absoluta dentro do universo complexo dos seringais amazônicos, mas sim, observadas como ações pontuais e isoladas por parte desses seringueiros. Pode-se afirmar ainda que, ao contrário, o sistema de aviamento era o modo geral e absoluto em que se processava o trabalho nos seringais.

Essa postura tradicional da historiográfica sobre o período da borracha seria afetada por ocasião do estudo realizado por João Pacheco de Oliveira Filho, *O Caboclo e o Brado*, já citado anteriormente. Nesse estudo, Oliveira Filho expõe os

¹³¹ REIS, Arthur César Ferreira. *O Seringal e o Seringueiro*. Op. cit., p. 178.

¹³² Idem, p. 178.

primeiros fundamentos para a adoção de uma nova perspectiva historiográfica,¹³³ que daria à luz a diversos outros estudos, teses e dissertações oriundos não apenas de uma revisão de pressupostos historiográficos, mas também auxiliados pelas contribuições da historiografia francesa dos *Annales* e pela história social inglesa.

Sobre a inserção de nordestinos para além da fronteira amazônica, Oliveira Filho a vê como singular, considerando ter ocorrido ali uma verdadeira “inversão do homem”, em comparação com outras ocupações históricas:

[...] a grandeza da tarefa do cearense decorre do fato de que sua penetração se dá não só em um meio hostil, mas principalmente em um meio dessemelhante ao seu próprio, dele exigindo (e com rapidez) uma adaptação que corresponde a uma verdadeira “inversão do homem”, fato que não teria ocorrido com os primeiros americanos ou com os bandeirantes do Brasil Colônia. Além disso, as explorações realizadas pelos seringueiros são muito mais duras do ponto de vista psicológico, uma vez que o pioneiro se desloca juntamente com sua família e as bandeiras que por sua vez eram verdadeiras “cidades ambulantes”.¹³⁴

Observa-se que o autor insere um novo fator que deve ser considerado, na singularidade do seringueiro, no fato de que este não apenas enfrentou a vastíssima e despovoada região amazônica como ambiente hostil, mas também que deveria imediatamente se inserir a um conjunto de normas rígidas de trabalho, as quais chocava toda a sua humanidade, sendo traumático para eles. Não havia tempo de se adaptar, e o nordestino tinha que ir se adaptando em ritmo extremamente veloz, e de modo coercitivo, às novas demandas do trabalho. Propõe também que essa inserção pode ser entendida como aquilo que os antropólogos chamam de “choque cultural”, pois o nordestino sofreu em sua adaptação ao novo ambiente geográfico e na assimilação dos costumes e hábitos da região.¹³⁵

Arthur Reis também analisa e apresenta as características próprias dos nordestinos em face dessa assimilação de hábitos e costumes. Em seus termos, os nordestinos eram de temperamento vibrante e varonil. Por serem marcados pelas desventuras e pela impiedade do clima, mostram-se dotados de uma energia

¹³³ Segundo Davi Leal, nesta nova historiografia, novos conceitos ganham destaques e velhos termos são reformulados, tais como cotidiano, poder, natureza e cultura. LEAL, Davi Avelino. Por uma arqueogenealogia dos seringais. Op. cit., p. 219.

¹³⁴ OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. O Caboclo e o Brabo. Op. cit., p. 109.

¹³⁵ Segundo Roy Wagner a partir do choque natural que se estabelece no contato com um novo ambiente há a necessidade de uma invenção do homem. Inventar aqui é criar e recriar a nova experiência cultural. Ocorre toda vez e onde quer que, algum conjunto de convenções estrangeiro ou alienígena seja posto em relação com o do sujeito. WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 39.

estuante, pois foram modelados na luta contra as forças da natureza. Eram sóbrios sem serem ensimesmados: tinham à flor da pele o sentimento da honra e da dignidade. Não se submetem sem protesto as exigências de quem os queria dominar e possuem uma rara aptidão para enfrentar a vida. Alimentam-se parcamente, eram enérgicos, cheios de vontade, ambiciosos, marcados pelo espírito de aventura. Iam aos extremos na luta em que se empenhavam. Profundamente católicos, associavam-se com fervor a todas as manifestações de religiosidade. Os choques a que tiveram que enfrentar, as diferenças em relação ao ambiente estranho, gêneros de vida, à alimentação, não foram obstáculos intransponíveis. De tudo, nesse processo de adaptação e assimilação os nordestinos não abandonaram seus costumes, que formam os padrões culturais que os distinguiram.

Antes de se compor o quadro da inserção do nordestino no ambiente do seringal, Samuel Benchimol descreveu em poucas linhas o que ocorria na trajetória dos migrantes nordestinos após saírem de suas terras em direção à Amazônia: “Eles embarcavam nos porões dos navios do Lloyd, amontoados nas improvisadas hospedarias e depois mandados, com suas redes de dormir, nos porões dos *vaticanos*, *chatas* e *gaiolas*, rio acima, para trabalhar nos seringais dos baixos e altos rios”.¹³⁶

Essa inserção do nordestino nos seringais amazônicos deve ser considerada como ponto de partida para se compreender como era sua adaptação ali. Antes de mais nada, essa inserção é extremamente subordinada, bastando lembrar quanto à isso uma expressão utilizada por Barbara Weinstein ao dizer que “o homem na posição mais baixa desse mastro totêmico era o seringueiro”¹³⁷. Arthur Reis descreve esse processo de inserção ao apresentar os tipos sociais do seringal:

Por fim, chegamos aos dois últimos tipos de significação na paisagem social do seringal. Referimo-nos ao “brabo” e ao “seringueiro”. O primeiro é o nordestino novato nas operações de extração do látex. Chegado ao seringal, desconhece as técnicas de trabalho, os segredos da mata.... Ensinasse-lhe tudo. Necessariamente comete, nesses primeiros tempos, grandes imprudências, erra constantemente, reclama, ressent-se daquele mundo de novidades com que se defronta. Em pouco, porém, se vai aclimatando, perdendo as hesitações, afeiçoando-se às contingências locais, para poder permanecer no seringal e realizar seus sonhos de enriquecimento. Vencida essa fase de experiência..., atinge a condição ambicionada de “seringueiro”. Sente-se, então, um vitorioso. Está, assim,

¹³⁶ BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: formação social e cultural*. Op. cit., p. 159.

¹³⁷ WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia*. Op. cit., p. 31.

assimilando e incorporado de vez ao quadro permanente que movimenta e dá cor definitiva à paisagem humana do seringal.¹³⁸

O cotidiano do extrator da borracha era cercado por um universo de contingências humanas e por fenômenos da natureza. Além do processo de corte, sangria, coleta, e de defumação nos tapirís, rotineiramente enfrentavam muitas dificuldades. Dirá sobre isso Samuel Benchimol: “Quando não eram vítimas da violência, das flechadas dos índios, picadas de cobras, das emboscadas e conflitos de sangue nas festas e nos negócios, morriam aos milhares de doenças como beribéri, pelagra, malária, maleita e ferida braba”.¹³⁹

Uma observação peculiar também é feita por Arthur Reis ao destacar as condições sanitárias em que se encontrava o seringueiro em seu ambiente de trabalho, notadamente as epidemias mais constantes e mortíferas as quais enfrentavam nos seringais. Vale destacar aqui as *Notas sobre o Rio Purus*, de William Chandless, utilizadas como fonte por Arthur Reis, as quais fazem referência ao fato de que não seria possível conquistar a Amazônia, social e economicamente, pela permanência de concentrações humanas. Nenhuma sociedade vingaria ali impondo sua vontade na disciplinarização do ambiente, pois a mortalidade era grande, principalmente nas vazantes.

Chandless havia percorrido o Purus e sustentava essa tese, alarmado diante do que estava presenciando. Epidemias como a malária, o beribéri e a polinevrite provocavam desfalques espantosos nos quantitativos populacionais, o que significava desfalque na produção gomífera. Essas epidemias eram uma consequência imediata do processo de conquista da região, de vários grupos, inclusive de imigrantes que chegavam do Nordeste. Portanto, essas epidemias eram estranhas ao meio, mas haviam encontrado condições que facilitavam a intensidade por que se manifestavam.¹⁴⁰

Observa-se agora como se dava a logística do trabalho que fazia o seringueiro. Bárbara Weinstein que fez um trabalho amplo em torno da expansão e decadência da borracha na Amazônia, informa que, em linhas gerais, ao chegar ao seringal, o

¹³⁸ REIS, Arthur César Ferreira. *O Seringal e o Seringueiro*. Op. cit., p. 226-227.

¹³⁹ BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: formação social e cultural*. Op. cit., p. 159.

¹⁴⁰ Apud. REIS, Arthur César Ferreira. *O Seringal e o Seringueiro*. Op. cit., p. 259-261.

nordestino era enviado ao comércio (barracão de aviamento) para ali se aviar¹⁴¹, e assim acabava por se endividar ainda mais, pois deveria arcar (muitas vezes sem saber) com os gastos de passagens e alimentação. De lá iam para a selva e tinham que produzir uma média de 50 Kg de borracha por semana para rapidamente quitar o seu débito da vinda, a comida e os instrumentos que haviam pegado no comércio para o trabalho na selva. Após serem levados para a selva, onde passavam a morar e a trabalhar, só voltavam à sede do seringal, para trazer a produção do látex em pelas de borracha que extraíam da seringueira, para no comércio (chamado de barracão de aviamento), trocar pela comida e instrumentos de trabalho.¹⁴²

É importante saber que, “a constituição do aviamento, como principal relação econômica e social da Amazônia, consolidou-se a partir do contato da sociedade amazônica com o capitalismo europeu”.¹⁴³ No entanto, o sistema de aviamento consistia em diferentes formas de troca de mercadorias sem a utilização do dinheiro. Na ausência da circulação monetária nos seringais, os gêneros utilizados pelos seringueiros e sua família eram fornecidos, aviados, para serem pagos ao final do processo de produção (fábrico). Ou seja, o patrão fornecia os produtos minimamente necessários para a reprodução física do trabalhador e de sua família durante o desenvolvimento da atividade extrativa.

A respeito das relações de produção na cadeia do aviamento, Octávio Ianni afirma:

Este era o circuito fechado de relações dos homens entre si: havia o seringueiro que trabalhava a extração do látex que resultava na borracha; o proprietário de fato, ou de direito, do seringal; o aviador que provia de aviamentos o seringalista para que este provesse a si e ao seringueiro de instrumentos, utensílios, gêneros ou bebidas; a casa aviadora lá em Belém (ou Manaus), e o exportador da borracha. Todos vivendo do trabalho do seringueiro que estava na base do processo que operava a metamorfose do látex em borracha, da natureza em mercadoria.¹⁴⁴

Portanto, era sobre o seringueiro que se estabelecia a base dessa cadeia de relações. A situação de dívida quase que permanente, que amarrava o seringueiro

¹⁴¹ O termo e o processo de aviamento, bem como seu largo uso no cenário amazônico desde o período colonial, são descritos detalhadamente em: SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. Op. cit., p. 155-175.

¹⁴² WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia* Op. cit., p. 31-35.

¹⁴³ SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. Op. cit., p. 40.

¹⁴⁴ IANNI, Octávio. *Colonização e Contrarreforma agrária na Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 42-43.

ao seringalista e este ao aviador, como consequência de safras más, de preços que não compensavam, em face das despesas realizadas nos seringais, como fruto daquela exploração impiedosa, deu margem ao universo do pensamento do social amazônico para acusar o seringalista e os aviadores de manterem os seringueiros na condição assemelhada à de escravos.

Arthur Reis informa que com o surto da borracha, o crédito cresceu intensamente em toda a região. Todos os investimentos realizados por bancos nacionais e internacionais não se destinavam diretamente aos seringalistas, mas sim às casas aviadoras, que também eram grandes firmas exportadoras.

Nessa dinâmica, os abusos foram sem conta. Os aviadores abriram créditos imensos aos aviados seringalistas; estes, aos seringueiros. As mercadorias pela tentação do lucro alto, ou para a garantia maior em face dos constantes perigos a que a aventura das gomas expunha a todos envolvidos no processo, eram faturadas sem medida num excesso incrível e lamentável. Para dentro dos seringais, nada se comprava ou se pagava a dinheiro, mas sim com a espécie da borracha. Os preços dos alimentos avultavam, chagando a mais de 60% sobre o valor real. O Aviador exagera-os, acresce-os para o seringalista e este para o seringueiro.¹⁴⁵

Nesse ambiente paradoxal, de opulência natural e miséria humana, Leandro Tocantins afirma que, embora fosse livre fisicamente, “o seringueiro constituía-se num escravo moral do patrão pela dependência econômica, rígida, e às vezes até mesmo num genuíno escravo, vítima de castigos corporais, tolhido nas liberdades que deveriam fundamentar a existência livre”¹⁴⁶. Como não lembrar aqui da famosa frase de Euclides da Cunha: “o seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se”.¹⁴⁷

A respeito dessas injustiças que o seringueiro sofria nos seringais, Oyama Ituassú informa que:

Na entrega das pelas, preço ínfimo para o mesmo, preço alto para as mercadorias e ferramentas necessárias para o trabalho [...] Muitas vezes o chicote, o tronco, a palmatória, como formas disciplinadoras para os que protestavam contra a extorsão. O sistema, em geral, era o mesmo em todos os rios... os que pagavam o saldo devedor com um esforço tenaz e perseverante, era “despachado” na descida do rio, na estrada de

¹⁴⁵ REIS, Arthur César Ferreira. *O Seringal e o Seringueiro*. Op. cit., p. 169-170.

¹⁴⁶ TOCANTINS, Leandro. *Amazônia: natureza, homem e tempo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Biblioteca do Exército, 1982, p. 105.

¹⁴⁷ CUNHA, Euclides da. *A Margem da História*. Op. cit., p. 8.

seringueiras onde trabalhava. No rio machado, afluente do Madeira, as cachoeiras guardam o segredo de centenas de desaparecimentos. Manicoré, Aripuanã ocultam os crimes ali cometidos. O Purus foi um celeiro de iniquidades.... Nenhum seringueiro podia retirar-se devendo ao patrão. Procurar escapar ao jugo importava em morte segura e certa. Os executores existiam à vontade, sempre ao dispor do coronel, que usava seu poder... entronizado sob a selva, que era o seu dossel feudal.¹⁴⁸

O seringueiro, por definição e apenas em tese, era um homem livre, não assalariado, que trabalhava por conta própria, cuja renda advinha da comercialização daquilo que conseguia produzir. Era por certo uma condição intrigante esta lida do seringueiro. Em seu texto *Seringueiros de saldo*, Álvaro Maia classifica sob essa terminologia o tipo de seringueiro que realmente importava nos seringais amazônicos. Não importava se tinha matado ou praticado desordens, o que importava é que fosse um “seringueiro de saldo”, ou seja, um homem que produzia, e que dava lucros anualmente. No entanto, Maia observa como se dava essa dinâmica paradoxal de lucro e de dívida:

Em certos seringais, onde não chegava a polícia, a situação era perigosa. O felizardo provocava a inveja dos devedores, presos à floresta por anos e anos, até o pagamento da conta... o patrão desfiava sorrisos melífluos, prometendo a viagem no fim do ano, tão logo terminasse o verão e, com a internada, as chuvas impediam o corte... A bala para o seringueiro de saldo já estava preparada, pronta para o momento decisivo no fim do ano, depois de aproveitadas todas as suas energias. Era melhor dever, pois a dívida era uma segurança de vida.¹⁴⁹

Dessa forma, as descrições acima ratificam a crueldade que sofria o seringueiro e que esta era estarrecedora, ao ponto de que o seringueiro que tivesse maior esperteza deveria aceitar o fato de que continuar devendo era a melhor coisa a se fazer para continuar vivo. Isso, nos leva a pensar novamente nas formas de resistência que empreendia e assimilava visando o melhoramento de sua mais valia, como por exemplo, “dentro das peles, para aumentar-lhes a densidade e o peso, os seringueiros punham-lhes objetos estranhos, inclusive pedras e paus”.¹⁵⁰

Nisso, conseguia através do maior peso das peles de borracha, obter maior saldo. Assim, lesavam a todos na cadeia logística do comércio, até chegar ao comprador americano ou inglês que ao descobrir a borracha adulterada era

¹⁴⁸ ITUASSÚ. Oyama. *O Colonialismo e a Escravidão humana*. Op. cit., p. 62-63.

¹⁴⁹ MAIA, Álvaro. *Banco de Canoa: Cenas de Rios e Seringais do Amazonas*. 2ª ed. Manaus: EDUA, 1997, p. 78-79.

¹⁵⁰ REIS, Arthur César Ferreira. *O Seringal e o Seringueiro*. Op. cit., p. 109.

praticamente impossível localizar a origem do seringal ou o seringueiro que fizera tamanha proeza.

Ao abordar-se estas interpretações do seringueiro amazônico, não se deve enquadrar tais sujeitos sociais apenas como pessoas que eram necessárias ao trabalho para aquela economia profundamente predatória em muitos sentidos, Ao contrário, como se pretende abordar nos capítulos seguintes, deve-se percebê-los como sujeitos históricos que tentaram atuar com protagonismo no rumo de suas vidas e que sofreram e reagiram ante às situações que lhes foram impostas. É uma dívida que perdura, e seus gritos ante a barbárie ainda ecoam em busca de atenção. São ecos ensurdecedores de uma história ainda não contada adequadamente.

CAPÍTULO 2: A IMPRENSA AMAZONENSE E O SERINGUEIRO

Uma característica eminentemente oficialista [da imprensa amazonense], presente nos primeiros anos, vai pouco a pouco dando lugar a diversificações não só estilísticas, mas também programáticas, fruto de sua inequívoca penetração nos mais diversos segmentos sociais.

Maria Luiza Ugarte Pinheiro

O PERIODISMO NO AMAZONAS: SURGIMENTO, DINÂMICA E DIVERSIDADE

Uma maior atenção à imprensa no interior da abordagem historiográfica amazonense é bastante recente e não deixa de estar associada ao avanço das pesquisas nesse campo tanto em um cenário historiográfico nacional quanto internacional. Assim, se a imprensa tem uma história que remonta a pelo menos três séculos, o seu uso por parte dos historiadores profissionais também tem, embora este seja bem mais recente, não alcançando ainda a primeira centena de anos.¹⁵¹

Não é intenção aqui recuperar a expansão da imprensa pelo mundo, acompanhando-a desde a publicação da Bíblia de Gutenberg, no século XV, até chegar-se ao espraiamento do jornal pelas principais cidades da Europa Ocidental, e dos Estados Unidos na virada do século XVIII para o século XIX¹⁵². Contudo foi apenas “no final do século XIX e no início do século XX, que o jornal tornou-se um produto de consumo corrente” e como principal meio de comunicação de massa nos

¹⁵¹ O pioneirismo no uso da imprensa como fonte para pesquisa acadêmica tem sido atribuído à intelectuais como Gilberto Freire, no Brasil, e Asa Briggs, na Inglaterra, ambos os autores explorando esse veio metodológico nos anos 20 e 30 do século passado. Cf. PALLARES-BURKE, Maria Helena (org.) *As muitas faces da história: nove entrevistas*. São Paulo: UNESP, 2000.

¹⁵² Explorando essa trajetória, Albert e Terrou informam o ano de 1597 como sendo o do surgimento da primeira “gazeta” em Augsburg, na Alemanha, espalhando-se no século seguinte pela Europa Ocidental. Apenas em 1702, na Inglaterra, surgiria o primeiro jornal “verdadeiramente diário”, o *Dayle Courant*. ALBERT, P. e TERROU, F. *História da Imprensa*. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 7 e 13.

países ocidentais¹⁵³. Basta destacar que essa trajetória, inicialmente lenta e fragmentária, encontrou forte acolhida exatamente no âmbito das populações mobilizadas tanto pelo avanço do letramento, quanto pelos movimentos políticos revolucionários que passaram a colocar em xeque o Antigo Regime. No entanto, essa parece ter sido uma via de mão dupla, já que, pelos impactos e transformações que produziu, a própria expansão dos impressos assumiu uma dimensão igualmente revolucionária.¹⁵⁴

De lá para cá, a imprensa periódica (jornais e revistas), tendo demonstrado sua força e capacidade de intervenção política, seja por meio da simples divulgação da informação (notícia), seja pela forte mobilização de ideias que produzia, tornou-se alvo de suspeitas e do desejo de controle pelos detentores do poder. Napoleão, por exemplo, reagia furioso às críticas que lhe faziam os jornais e, desta forma, orientava os censores: “Reprima um pouco mais os jornais... Faça-os publicar bons artigos... O tempo da Revolução acabou, já não há na França senão um partido, e jamais permitirei que os jornais digam ou façam algo contra meus interesses”.¹⁵⁵

No Brasil não foi diferente. Maria Luíza Ugarte Pinheiro informa que a existência no Brasil de “um rígido controle estatal impediu a montagem de prensas e a publicação de impressos durante todo o período colonial, mas já no início do século XIX esse controle passaria a ser cotidianamente questionado”.¹⁵⁶ Não apenas questionado, como também transgredido, já que foi comum o aparecimento de folhas manuscritas – muitas vezes definidas como “papeis incendiários” – afixadas em locais públicos nas principais cidades brasileiras.¹⁵⁷

A permissão para a importação de prensas e para a posterior circulação do jornal chegaria apenas em 1808, como decorrência da transferência da corte portuguesa para o Brasil¹⁵⁸. De acordo com José Ribamar Bessa Freire, tanto Nelson

¹⁵³ Idem, p. 51.

¹⁵⁴ DARNTON, Robert e ROCHE, Daniel. *Revolução Impressa: a Imprensa na França (1775-1800)*. São Paulo: EDUSP, 1996.

¹⁵⁵ Apud ALBERT, P. e TERROU, F. *História da Imprensa*. Op. cit., p. 26.

¹⁵⁶ PINHEIRO, Maria Luíza Ugarte. *Imprensa e cultura letrada no Amazonas, 1889-19320*. ANPUH – Anais do XXV Simpósio Nacional de História, 2009, p. 1-2.

¹⁵⁷ MOREL, Marco e BARROS, Mariana. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da Imprensa no Brasil no século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003, p. 11-14.

¹⁵⁸ LUSTOSA, Isabel. *O Nascimento da Imprensa Brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 11. Sobre o assunto, Nelson Werneck Sodré dirá: “a imprensa surgiria, finalmente no Brasil, e ainda desta vez, a definitiva, sob proteção oficial, mais do que isso: por iniciativa oficial, com o advento da Corte de D. João”. SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: INTERCOM, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011, p. 40.

Werneck Sodré, quanto Juarez Bahia (dois dos mais destacados historiadores da Imprensa no Brasil), veem aí o marco inicial da expansão da Imprensa no Brasil. Em sua abordagem, Juarez Bahia destaca três grandes períodos, a saber, a etapa inicial (1808 a 1880); a fase de consolidação (1880-1930) e a fase moderna (1930 a 1960). Já Nelson Werneck Sodré opta por uma divisão que acompanha a periodização tradicional da própria história do Brasil, apresentando em fases distintas, a Imprensa colonial, a Imprensa da independência, a Imprensa do Brasil Império e a Imprensa da República. Já esta última, seria segmentada por ele entre uma fase de formação da grande imprensa e outra, de crise dessa imprensa.¹⁵⁹

Na obra recente, Tania Regina de Luca e Ana Luiza Martins recapitulam todo o processo inicial de mudança na vida da Colônia e de emergência da Imprensa:

A chegada da Corte mudaria radicalmente a vida da Colônia que se torna sede da monarquia. Às tão citadas abertura dos portos e fundação do Banco do Brasil, somou-se a menos propalada criação da Imprensa Régia responsável, a médio prazo, pela impressão dos vários periódicos em terras brasileiras... [Assim] a nação brasileira nasce e cresce com a imprensa. Uma explica a outra. Amadurecem juntas. Os primeiros periódicos iriam assistir à transformação da Colônia em Império e participar intensamente do processo. A imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira. Tem certidão de nascimento lavrada em 1808, mas também é veículo para a reconstrução do passado.¹⁶⁰

A citação mostra mais precisamente que a partir desse momento a imprensa passaria a fazer parte da vida da nação e de todos os processos históricos e políticos que ainda viriam a ocorrer. Mas como ela passa a se inserir no Amazonas? Recorrendo ao estudo coordenado por Bessa Freire, vê-se que a Imprensa só passou a fazer parte da História do Amazonas após a elevação da então Comarca do Alto Amazonas à categoria de Província, em 1850, desmembrando-se, desta forma, da Província do Grão-Pará.¹⁶¹

Tudo indica que a primeira prensa amazonense, assim como também seu primeiro jornal (o *Cinco de Setembro*), foi introduzida na região para favorecer a publicação e publicização dos atos administrativos do governo provincial recém implantado. Sobre os primeiros jornais, é importante asseverar que o governo

¹⁵⁹ FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord.). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950). Catálogo de Jornais*. Manaus: Editora Calderaro, 1990, p. 12.

¹⁶⁰ LUCA, Tania Regina. MARTINS, Ana Luiza (Orgs). *História da Imprensa no Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 7-8.

¹⁶¹ FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord.). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas*. Op. cit., p. 11.

estabeleceu uma política de controle da informação, já que a patrocinava quase que exclusivamente.¹⁶²

Nesse tempo, conforme Werneck Sodré a difusão da imprensa nas províncias teve:

Lento desenvolvimento, portanto, geralmente iniciado com jornais oficiais, oficiosos ou ligados aos governos provinciais. Jornais de vida efêmera, como regra, refletindo o interesse transitório de alguma autoridade, de algum intelectual, de algum grupo. A imprensa se desenvolve com estreita ligação com a atividade política.¹⁶³

De qualquer forma, evidencia-se que as pesquisas iniciadas por Maria Luiza Pinheiro, e alargadas em um número crescente de livros, dissertações e artigos, tem contribuído substancialmente para o campo historiográfico que investiga a imprensa amazonense do período. Pinheiro situa a expansão da imprensa no Amazonas no interior do espectro mais amplo do periodismo brasileiro, alegando que “na segunda metade do século XIX, o Amazonas partilhou com as demais regiões do Brasil de um verdadeiro *frenesi* de produção periódica, responsável pelo aparecimento de mais de 500 títulos nos cem primeiros anos de sua existência”.¹⁶⁴

Essa expansão foi de tal monta, que, por ocasião das comemorações do centenário da imprensa no Brasil, em 1908, o governo do agora Estado do Amazonas chegou a nomear uma comissão para inventariar a produção jornalística do Estado até aquele momento e preparar exposição a ser presenteada na capital da república, no que contribuiu imensamente a atuação de J. B. Faria e Souza, que, à época, já se destacava como colecionador dos impressos que surgiram desde a Província.¹⁶⁵

O resultado desse trabalho monumental foi a brochura *Imprensa no Amazonas*, entregue a sociedade amazonense como um “catálogo geral onde registra nada menos do que 371 títulos de jornais e revistas, publicados na capital e no interior do Amazonas, de 1851 a 1908”¹⁶⁶. No entanto, Bessa Freire destaca uma

¹⁶² De acordo com Pinheiro, coube a Silva Ramos tocar o primeiro jornal produzido no Amazonas, o *Cinco de Setembro*, posteriormente transformado no *Estrela do Amazonas*, que saiu pela primeira vez no dia 3 de maio de 1851. Para confirmar a característica oficial deste primeiro periódico, de fato desde o início de seu funcionamento, coube à tipografia de Silva Ramos, através de contratos oficiais celebrados com a presidência da Província, atender aos pedidos de impressão (editais, leis, relatórios) feitos por esta. PINHEIRO, Maria Luíza Ugarte. *Folhas do Norte*: Op. cit., p. 58.

¹⁶³ SODRÉ, Nélson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Op. cit., p. 166.

¹⁶⁴ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte*, Op. cit., p. 73-74.

¹⁶⁵ FARIA E SOUZA, João Baptista de, SOUZA, A Monteiro de e BAHIA, Alcides. *A Imprensa no Amazonas, 1851-1908*. Manaus: Tipografia da Imprensa Oficial, 1908.

¹⁶⁶ FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord.). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas*. Op. cit., p. 7.

limitação nessa obra clássica da imprensa amazonense ao afirmar que “uma das características do catálogo de Faria e Souza, e que acaba por se constituir numa grande limitação, foi a de ter priorizado informações exclusivamente cronológicas relativas à duração dos jornais”. Ao destacar essa limitação, o autor aponta para o diferencial da obra que coordenou, *Cem anos de imprensa no Amazonas, 1851-1950*, buscando nela sanar tal limitação, afirmando que para essa nova catalogação de periódicos “ampliamos substancialmente o volume de informações, ao adicionarmos elementos morfológicos e históricos”.¹⁶⁷

Ampliando a discussão acerca do vigor alcançado pela imprensa amazonense daquele período, Pinheiro inclui um segundo fator de destaque, que diz respeito à diversidade desses periódicos. Nesse sentido a autora destaca que “produziram uma gama de abordagens acerca de temas comuns, quebrando uma visão preconceituosa inicial que entendia a imprensa como portadora de um discurso monolítico e oficial”.¹⁶⁸

Pinheiro destaca a mudança desse caráter oficial e monolítico como ocorrendo já nas décadas seguintes à fundação da imprensa no Amazonas:

[...] é somente com a decretação da Província do Amazonas, em 1851, que se monta a primeira prensa em Manaus. Contudo, uma característica eminentemente *oficialesca*, presente nos primeiros anos, vai pouco a pouco dando lugar a diversificações não só estilísticas, mas também programáticas, fruto de sua inequívoca penetração nos mais diversos segmentos sociais.¹⁶⁹

Pode-se inferir que essa diversidade relacionada aos diversos segmentos sociais existentes ou que vem se formando no decorrer da segunda metade do século XIX, também se relaciona com alguns fatores que já anunciados na escrita dessa história. Estamos nos referindo ao início da efervescência da economia da borracha e decorrendo disso, os diversos deslocamentos de população ocorridos naquele século.

¹⁶⁷ FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord.). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas*. Op. cit., p. 8.

¹⁶⁸ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte*, Op. cit., p. 20. Essa é uma característica também ressaltada sobre a Imprensa brasileira. Falando do surgimento de uma imprensa de trabalhadores, diz Capelato: “Há outros tipos de imprensa que hoje, como no passado, expressam projetos e reivindicações das classes trabalhadoras e grupos minoritários. Os periódicos, porta-vozes desses setores da sociedade representam instrumentos de luta muito eficazes; são também fonte documental valiosa para a reconstrução da história dos movimentos sociais”. CAPELATO, Maria Helena R. *Imprensa e História do Brasil*. Op. cit., p. 13.

¹⁶⁹ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte*, Op. cit., p. 20.

Com a chegada de imigrantes nacionais e estrangeiros, houve uma sensível incorporação de diversos sujeitos sociais na sociedade amazonense; sujeitos esses que, não necessariamente, estavam envolvidos diretamente com o trabalho da borracha. Ana Maria Daou destacou que muitas trajetórias de vidas foram incorporadas até mesmo à elite de Manaus, iniciando novas atividades de inserção social, enquanto médicos, advogados, farmacêuticos, engenheiros, dentistas, profissionais liberais e estudantes, dentre outros.¹⁷⁰

Para situar o quadro mais quadro “oficial” da imprensa no Amazonas de que acima se falou, deve-se fazer uso de um pequeno trecho de um dos periódicos mais antigos da Província. Trata-se do jornal *Estrella do Amazonas*. Assumindo esta designação, o *Estrella do Amazonas* dava continuidade ao primeiro periódico que foi publicado na Província do Amazonas, o *Cinco de Setembro*:

Se, como esperamos da proteção do Omnipotente, e do bom senso dos Brasileiros, continuar a ser mantida a ordem pública pela fiel observância de nossas liberais instituições; se os amazonenses, reconhecendo o paternal desvelo com que o Governo do Senhor D. Pedro Segundo cura da sorte e dos interesses d’esta extremidade do Império se empenharem em auxiliar a execução de suas patrióticas vistas; se as discórdias civis não vierem desgraçadamente estorvar a marcha que temos encetado, bem próxima estará a época em que as artes e a indústrias comecem a fazer desenvolver de um modo admirável os incalculáveis elementos de prosperidade que nos liberalizou a natureza.¹⁷¹

Esse trecho foi extraído de um texto maior, intitulado “*O Anno Bom*”, que saiu na primeira página do periódico. De sua leitura e interpretação, resulta que, foi por ocasião do segundo ano da existência da Província do Amazonas e em função desta criação, que se construiu o clima favorável para o início de um período de prosperidade e progresso. A criação da Província seria, assim, a “principal origem de vários benefícios que já gozamos”¹⁷², como afirmou o periódico, pondo nessa nova condição um futuro de sucesso para todos os amazonenses.

O caráter de apresentação desse texto, e seu forte apelo à ordem e ao alinhamento de todos os súditos aos seus governantes, deixa perceber certa

¹⁷⁰ DAOU, Ana Maria Lima. *A Cidade, o Teatro e o “Paiz das Seringueiras”*. Op. cit., p. 109-111.

¹⁷¹ *Estrella do Amazonas*. Cidade da Barra do Rio Negro, 4 de Janeiro de 1854. Bessa Freire informa que essa primeira imprensa do Amazonas era uma imprensa áulica, que se limitava sobretudo à publicação de atos governamentais da Província e do Império e a anúncios classificados onde proprietários oferecem gratificações pela restituição de escravos fugitivos e/ou objetos roubados. FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord.). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas*. Op. cit., p. 19.

¹⁷² *Estrella do Amazonas*. Cidade da Barra do Rio Negro, 4 de Janeiro de 1854.

influência positivista que já se manifestava na Província, bem como em toda nação, produto do próprio espírito do século XIX. O que importava era o progresso do homem regido pelo poder do estado que através de sua elite imperial objetivava para todos os fins construir a civilização onde não havia. No próprio periódico se anunciou que isso dependia apenas “dos esforços e da boa vontade dos homens”.¹⁷³ No entanto, os homens do Amazonas bem como boa parte da população não encarnavam a ideia que a Corte Imperial propunha para a Província.

Além disso, e mais precisamente na citação acima, o que se destaca são dois pontos específicos acerca do discurso nele proferido. O primeiro, e mais notório é o modo como o periódico demonstra sua relação direta com o poder no império, confirmando o que já temos anunciando, o caráter de seu discurso oficial a partir do estabelecimento da nova conjuntura da Província recém desmembrada do Grão-Pará. Já o segundo, pode ser percebido pela seguinte descrição: “*se as discórdias civis não vierem desgraçadamente estorvar a marcha que temos encetado*”. Ou seja: aos olhos dos editores do jornal, a tranquilidade almejada e necessária para o progresso da Província poderia ser ameaçada se a população não colaborasse com as condições estabelecidas pelo governo.¹⁷⁴

Entende-se isso pelo ambiente de revoltas contra a ordem pública que o país vinha enfrentando com diversos movimentos sociais, e aqui, mais dentro do contexto regional a revolta da Cabanagem representou isso, pois recentemente havia sido reprimida pelo Império. Assim, o discurso de ordem percebido no texto do periódico oficioso demonstra, nas entrelinhas, o ambiente anda agitado em que vivia a Província do Amazonas.

Nas décadas seguintes a conjuntura política e socioeconômica da Província passaria por profundas mudanças, mesmo que gradativas, como o crescimento da

¹⁷³ *Estrella do Amazonas*. Cidade da Barra do Rio Negro, 4 de Janeiro de 1854.

¹⁷⁴ Faz-se necessário destacar que em sua formação “a Província do Amazonas se caracterizou ao longo do século XIX pela precariedade material, pela dependência econômica e pela condição de subordinação política em relação ao poder central. Seus habitantes, em grande parte, constituíram uma sociedade majoritariamente indígena e mestiça que habitava em pequenas vilas às margens dos rios da bacia amazônica. Vivendo em condições precárias, a população da província era constantemente atacada pelas febres palustres, anemia e verminoses, sem poder contar, em razão da ausência de profissionais, com qualquer auxílio da medicina acadêmica.” Além disso, eram adjetivados pelos “de fora” como uma camada social indolente e pouco afeita ao trabalho manual e fabril, cuja preferência estava em viver somente do que a natureza amazônica pudesse lhes oferecer para a alimentação diária. COSTA, Cybele Moraes da. *Socorros públicos: as bases da saúde pública na Província do Amazonas (1852-1880)*. UFAM: Manaus, 2008. Dissertação de Mestrado, 2008, p. 73.

economia da borracha, o forte movimento migratório que se orientou para a Amazônia, a abolição da escravatura, a transformação da Província do Império em Estado do Amazonas com o advento da Proclamação da República, e que trouxe juntamente com suas novas instituições e repartições, um novo quadro político-social para a região.

No entanto, e voltando mais a questão da imprensa, no meio dessas transformações que se passavam, a própria imprensa amazonense sofre mudanças significativas: “equipamentos mais modernos de impressão são importados, e com eles tipógrafos, sobretudo portugueses”¹⁷⁵. Isto certamente contribuiu para o que já se tem anunciado, ou seja, o acréscimo acentuado de periódicos, reconhecendo-se assim, para além desse fator quantitativo, também sua grande diversidade.

A imprensa amazonense estava concatenada ao restante do país teve grande parcela de contribuição na inserção da cidade de Manaus e do Estado do Amazonas dentro dessa nova dinâmica de transformações do país. E no que tange a efervescência econômica da borracha, a imprensa se tornou um instrumento fundamental para a comunicação que toda aquela conjuntura econômica requeria. Como se verá, os diversos periódicos que foram acessados nesta pesquisa comprovam essa afirmativa.

Até este momento deu-se atenção ao contexto maior e antecedente da pesquisa, incluindo a formação da Província do Amazonas e da Imprensa. Não obstante, urge adentrar no contexto em que foi estabelecido o recorte espaço-temporal da pesquisa, ou seja: o período que vai de 1890 à 1920, procurando apresentar a imprensa amazonense em sua diversidade, não perdendo de vista a observância das representações do seringueiro por ela produzida, assim como, por seu intermédio, tentar perceber as experiências desses sujeitos sociais, tema este que será melhor desenvolvido no terceiro capítulo.

Para nortear essa breve apresentação da diversidade do periodismo amazonense não se pode deixar de lançar mão da obra que já temos citado, *Cem anos de imprensa no Amazonas, 1851-1950* organizada por José Ribamar Bessa Freire¹⁷⁶.

¹⁷⁵ FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord.). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas*. Op. cit., p. 19.

¹⁷⁶ Em sua apresentação são expostas cinco grandes linhas do jornalismo brasileiro (jornalismo áulico; jornalismo panfletário; jornalismo literário; jornalismo político e o jornalismo informativo) ao mesmo tempo em que a imprensa do Amazonas é também apresentada se articulando com essas linhas através de seus periódicos. Segundo Freire cada linha implica numa determinada prática jornalística, numa determinada concepção de jornal com um tipo definido de linguagem e de técnica

Embora haja uma classificação ampla de periódicos encontrados em cinco grandes linhas do jornalismo apresentada na obra, far-se-á uso prioritário dos periódicos que se encontram na linha do jornalismo político, predominante na época, e que trazem consigo determinadas contradições e contraposições no próprio ambiente da imprensa.

Nesse ponto é oportuno lembrar ainda Bessa Freire, quando faz distinções no ambiente dessa imprensa local:

Cabe aqui fazer uma distinção entre a Imprensa Quotidiana (ou "Grande Imprensa") e a Imprensa Alternativa (ou "Imprensa Nanica"). A primeira, em geral, defende os grupos que no momento detêm o poder político ou aqueles que pretendem alcançá-lo. A segunda, de periodicidade irregular, geralmente opta por um discurso de contraposição ao poder, defendendo a moralização dos costumes assim como a maior participação daqueles que se encontram à margem das decisões políticas.¹⁷⁷

Em boa medida, são estes periódicos de periodicidade irregular que demonstram com maior riqueza de detalhes a formação de uma imprensa de contraposição ao caráter mais oficial coadunado pelos periódicos que orbitavam a esfera do poder. Mais comprometida com o poder, essa imprensa muitas vezes alimenta a população com imagens distorcidas da realidade dos fatos, buscando legitimar a ação dos governantes.

Maria Lúza Pinheiro alerta para os cuidados de se enfrentar as fontes periódicas, fossem as mais atreladas ao poder político constituído, fossem àquelas que o contraditam, já que ambos os discursos que elas produzem, são falas comprometidas, carregadas de interesses que se projetam para além do dado meramente informativo que elas alegam possuir. A autora afirma que “assumindo interesses de grupos e facções, o discurso jornalístico possibilita a percepção das tensões e conflitos que permeiam a própria sociedade”¹⁷⁸, já que ele próprio é fruto dessas tensões e conflitos. Portanto, incorporar a imprensa à análise histórica permite ampliar a percepção das múltiplas dimensões do viver social.

Tal percepção é importante para que se possa analisar, perceber e identificar as múltiplas perspectivas inseridas nos discursos jornalísticos. Por exemplo, existiram periódicos importantes que parecem ter sido porta-vozes de uma elite

redacional. FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord.). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas*. Op. cit., p. 11-23.

¹⁷⁷ Idem, p. 21-22.

¹⁷⁸ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte*, Op. cit., p. 20.

política e econômica que buscava apresentar uma Manaus cosmopolita, bela e rica¹⁷⁹. Mas também é possível identificar uma imprensa mais artesanal e algo improvisada, que podia oferecer uma visão contrária, dando a ver um cenário marcado por tensões, manifestações e reivindicações de diversos segmentos sociais e, dentre eles, até mesmo as classes trabalhadoras.¹⁸⁰

Segundo Maria Luiza Pinheiro essas fontes jornalísticas podem se tornar contrapontos importantes ao discurso oficial que é pautado sobre os mecanismos vigentes de controle e dominação. Assim pode-se visualizar uma sociedade bem mais complexa e problemática que aquela projetada pela crônica memorialista ou por uma historiografia conivente com os interesses dos grupos dominantes. Além disso, os periódicos da imprensa muito têm contribuído para pôr fim ao que ela chama de “silêncio documental” sobre os segmentos populares, principalmente sobre os trabalhadores urbanos e menos favorecidos da cidade e do campo.¹⁸¹

Assim, infere-se que a imprensa representava um espaço de pluralidade de discursos em variadas temáticas do universo que cercava aquela sociedade. Mas o que se buscará visualizar nas páginas desses periódicos será o seringueiro e seu complexo universo social.

Nesta direção, o primeiro periódico investigado foi o *Commercio do Amazonas*¹⁸², vespertino que circulou no Estado entre os anos de 1869 e 1912, sofrendo no interior desses anos diversas interrupções. Seu fundador foi Gregório José de Moraes e, segundo nos informa o catálogo organizado por Freire, este periódico trouxe uma característica marcante para o leitor amazonense por ser o

¹⁷⁹ Como exemplo *Cidade Cabocla*, de Genesino Braga; *Porta do Eldorado*, de Clovis Barbosa; *Cidade Risonha*, de Raul de Azevedo; *Jornal do Comércio*, de Rocha dos Santos e depois assumido por Vicente Reis.

¹⁸⁰ Vejam-se os exemplos do *A Pimenta*, *O Chicote*, *A Marreta*, *Pontos nos ii* (onde atuava Faria e Souza), *A Luta Social*, do anarquista Tércio Miranda ou ainda o jornal *Vida Operária*.

¹⁸¹ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte*, Op. cit., p. 19.

¹⁸² De acordo com as informações catalográficas, após sua fundação em 1869, o jornal *Commercio do Amazonas* apresentou diversas fases, fruto de interrupções diversas por ele sofrido. Em 1891 passou a ser dirigido por J. H. de Souza. No dia 15 de agosto de 1897 (domingo), em edição extraordinária, anunciou que a partir daquela data deixava de apresentar artigos com conteúdo literário. Caracterizou-se por ser um jornal aberto às diversas correntes de opinião. De grande circulação, foi responsável pela adoção do sistema telegráfico e de ilustrações (vista da cidade e foto-clichês de pessoas de destaque, confeccionadas pelo xilógrafo, *Necphoro*) na imprensa amazonense. Possuía correspondentes em outros estados do país como Márcio Nery (Rio de Janeiro), José da Fonseca Lyra (Pernambuco), Dr. Abel Garcia (Ceará), Dr. Antonio Marçal (Pará) e no exterior: Antônio Machado (Portugal) e Dr. F.J. de Sant’Ana Nery (Paris). FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord.). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas*. Op. cit., p. 62-63.

“primeiro jornal de publicação diária no Amazonas, com exceção dos domingos”, periodicidade esta que ocorreria a partir do ano de 1890.¹⁸³

Através da leitura da primeira página¹⁸⁴ de alguns números acessados descobre-se que Rocha dos Santos foi um dos diretores do jornal a partir do ano de 1898, ele que viria a ser também proprietário do *Jornal do Commercio*, como se verá adiante. Em suas primeiras páginas o periódico sempre trazia fotografias de alguma personalidade de importância para o Estado, geralmente alguma autoridade executiva ou parlamentar. Em relação com a fotografia, um texto destacado apresentava o personagem e seus feitos sob um título padrão: “A ilustração de hoje”. Dessa forma, uma primeira constatação a se fazer é a de que em todas as fases que este periódico existiu, sua administração sempre esteve nas mãos de grandes empresários do Amazonas e estes externavam em suas páginas uma relação de proximidade, cordialidade e apoio às lideranças políticas estaduais.

Considerando a década de 1890, procurou-se acessar, dentre os números disponíveis, àqueles em que o seringueiro tenha sido representado nas páginas do jornal. Nesse sentido, foram encontradas notícias variadas, uma vez que o próprio ambiente econômico em que o Estado do Amazonas se encontrava potencializava notícias acerca do universo da borracha. Assim, e apenas à título de exemplo, veja-se a riqueza informativa de um simples anúncio de compra e venda de propriedade veiculado nesses jornais podia conter:

Vende-se um bem localizado e importante seringal com 200 estradas de seringueiras no rio Jandiatuba, com todos os demais pertences; sendo: Uma lancha quase nova de solida construção para transporte de 25 mil kg de carga, tendo o comprador mais a grande vantagem de estar neste seringal já colocados em barracas e ali residentes, um laborioso e ordeiro pessoal de 50 machadinhas. Para maiores esclarecimentos e a tratar com Alfredo Bastos, Rua Henrique Martins nº 23.¹⁸⁵

Esse anúncio é apenas um dentre centenas encontrados nos periódicos da época e demonstra bem como a atividade gomífera movimentava no mercado grandes faixas de terra no interior. Contudo, percebe-se que a riqueza daquela propriedade colocada à venda não residia na terra em si, ou no tamanho de sua

¹⁸³ FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord.). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas*. Op. cit., p. 63.

¹⁸⁴ Convém destacar este (o uso da primeira página dos grandes jornais diários) como um recurso metodológico que optou-se quando do início da pesquisa, tornando-a factível, já que concentrava a observação às notícias e questões destacadas pelos jornais. Com as pequenas folhas, o procedimento, foi, obviamente, diferenciado, sendo elas lidas e exploradas na totalidade de suas páginas.

¹⁸⁵ *Commercio do Amazonas*. Manaus, 27 dez. 1898.

extensão, mas na quantidade estradas e de seringueiros que haviam dentro dessas propriedades.

O mais importante, todavia, é perceber o uso que fez o proprietário, dos trabalhadores por ele imobilizados no seringal e agora listados como um de seus *pertences*. A presença de seringueiros, para além da oferta de estradas de seringueiras e de uma lancha quase nova, é apresentada como *grande vantagem*. Jacta-se o proprietário do fato de ali haverem já colocados e a disposição de quem comprasse o seringal, “um laborioso e ordeiro pessoal de 50 machadinhas”.

Ora, *pessoal* aqui se refere aos seringueiros, que nem mesmo são chamados de seringueiros, enquanto categoria de trabalhadores. Esse pessoal serve como atrativo de venda para o seringal, como se fossem meros objetos, mercadorias. Ou seja, não importava *quem eram* essas pessoas, o que importava era descrever *como eram* essas pessoas, a saber, trabalhadoras e ordeiras, sendo então a docilidade do trabalhador agregada ao anúncio como outra vantagem nada desprezível.

Nesse sentido, e dentre tantas temáticas lidas nesse periódico, chamaram atenção as diversas notícias de disputas e litígios pela posse dos seringais. Vê-se constantemente nas páginas dos periódicos os protestos de pessoas contra quem, inadvertida ou propositalmente, demarcavam para si a propriedade de outros. Esses protestos vinham de reclamantes que se diziam proprietárias de direito desses seringais, ou por herança por compra, e sempre citavam documentação comprobatória. Tais disputas levaram os administradores públicos do Estado e dos municípios a recorrer, em vários momentos, ao imperativo da restrição do processo de demarcação de terras por particulares, como chegou a noticiar um jornal da vila de Barcelos, no Rio Negro:

O Superintendente Municipal de Barcelos

Faz público, de ordem do Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado, que estando suspenso o serviço de demarcação de terras públicas, nenhum profissional poderá executar, enquanto não for o mesmo serviço restabelecido pelo governo.

Somente os engenheiros agrimensores designados pelo governo, precedendo requerimento da parte interessada, podem demarcar terras públicas do Estado, sob pena de suspensão daquele que infringir esta ordem e não aprovação da demarcação que fizer.¹⁸⁶

¹⁸⁶ *O Mariuaense*, nº 25. Barcelos, 19 jul. 1897.

Essas disputas eram publicadas no periódico, mas tramitavam na esfera judicial, assumindo grande importância no período.¹⁸⁷

Percebe-se nessa descrição que o seringueiro está quase oculto enquanto sujeito, sobressaindo assim uma gama de assuntos pertinentes à economia da borracha, como a abertura de seringais, compra de seringais, os coronéis apresentados enquanto patrões e principais comerciantes, a descrição dos tipos de borracha exportada, dentre outros assuntos. Tudo isso acaba por apresentar nos jornais um ambiente de debate puramente econômico e político acerca do mundo da borracha e nele, o seringueiro, embora também apareça, é sempre de forma indireta e secundária.

Pode-se assim apresentar, em linhas gerais, como o seringueiro foi frequentemente encontrado nos periódicos examinados nesta pesquisa. Tome-se para isso, um punhado de notícias que permitem gerar uma compreensão e análise. Numa notícia sob o título de *“Interesses Comerciais – Navegação”*, lá está o seringueiro e sua precária posição, mas apenas lembrado para, em extensa explanação, justificar um conjunto de ações que o jornal identifica como necessárias para favorecer o comércio e os donos de seringais (seringalistas).¹⁸⁸

Outro periódico a ser que destacado é *O Correio do Purus*¹⁸⁹ que circulou no Estado a partir do ano de 1898 até pelo menos 1916, embora não se saiba ao certo quando o mesmo deixou de existir. Seus fundadores foram M. de Castro e Paiva e M. de Freitas e, conforme os dados catalográficos disponíveis, foi um “jornal editado na cidade de Lábrea, Estado do Amazonas, de periodicidade semanária e matutina”.

¹⁸⁷ Davi Avelino Leal estudou os conflitos na atuação de agrimensores nos seringais e castanhais do rio madeira (1862-1932), e informa que: “nesse processo de territorialização em que se deu o esbulho do território indígena, a presença de engenheiros agrimensores, compondo o que se poderia intitular de ‘Reino dos Agrimensores’. Estes agentes do Estado foram os responsáveis pela formalização da demarcação das estradas de borracha e castanha. A presença deste corpo de profissionais, que embora fossem representantes do Estado, agiam com interesses muito específicos baseados em saberes técnicos especializados, espalhou-se para além do serviço burocrático, quando alguns chegaram a ocupar posições chave na administração estatal”. LEAL, Davi Avelino. *Direitos e processos diferenciados de territorialização: os conflitos pelo uso dos recursos naturais no rio Madeira (1861-1932)*. Tese de Doutorado. UFAM: Manaus, 2013, p. 27-28.

¹⁸⁸ *Commercio do Amazonas*. Manaus, 25 de Maio de 1900.

¹⁸⁹ José Ribamar Bessa também nos informa que este periódico tinha seu formato com 4 páginas que constituíam 1 caderno medindo 28 x 40 cm. Era administrado pelo Sr. Cândido Clóvis Paiva. O seu primeiro número circulou a 1º de Agosto de 1898. O acervo do IGHA (Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas) dispõe de 149 exemplares, compreendendo os anos de 1900 (Ano III) a 1916 (Ano XIX). FREIRE, 1990, p. 68-69. Queremos destacar que é possível acessar digitalizados um número bem superior no site da hemeroteca nacional. São 313 exemplares disponíveis desse importante periódico.

Trazia como subtítulo a expressão em francês *Pour Bien*, que significa “para muitos”, embora também se apresentasse como *Órgão do Comércio e Indústria*.¹⁹⁰

O que se observou num primeiro momento, foi a longa duração de sua periodicidade, além disso, chama a atenção por se tratar de um reconhecido periódico do interior do Estado, do município de Lábrea, que desde a sua fundação já se destacava por sua forte economia rural tendo assim um grande influxo de mercado com a cidade de Manaus.

Neste periódico registrou-se o aparecimento do *seringueiro* por mais de 30 vezes, num total de 327 números acessíveis. São diversas as temáticas que aparecem associadas ao seringueiro e inúmeras as questões e opiniões suscitadas. Nem sempre tais notícias eram abonadoras do trabalho do seringueiro:

Acostumamo-nos, no vasto Amazonas, a não trabalhar, por que não podemos considerar trabalho a vida do seringueiro; pois pelo método, posto em prática, é mais distração do que obrigação. A natureza, prodiga a mais não ser, exige apenas, do seringueiro a constância. E se ele não é indolente, colhe em breve o fruto de seu pequeno esforço. Devemos trabalhar, mormente agora quando é enorme a procura da borracha.¹⁹¹

A citação é parte de um artigo de primeira página, sem título e que aparece na sessão denominada *Colaboração*. O que se lê como palavra de ordem nesse artigo é que “o trabalho, ao mesmo tempo em que dá vigor ao corpo, enobrece o homem”¹⁹² e, por isso, o artigo exorta ao trabalho os seringueiros que vivem ociosos e indolentes. A notícia faz também uso das *Escrituras Sagradas* para defender que o seringueiro *viva com o suor de seu rosto*, e também menciona o *Código Criminal*, lembrando que os considerados *vagabundos* estão sujeitos a sanção penal.

Portanto foi comum constatar neste período que, quando o seringueiro, entra em cena é enquadrado dentro do estigma de trabalhador indolente, e o vemos classificado de um modo tão discriminatório ao ponto de se afirmar que o ofício que executa não pode ser considerado trabalho, e sim distração, exigindo, a despeito de qualquer realidade experienciada apenas a constância no trabalho, já que isto, posteriormente, lhe traria o fruto desse trabalho.

A crítica imposta de modo generalizado ao seringueiro é quase sempre feita em nome do progresso do Amazonas, progresso este que será alcançado unicamente

¹⁹⁰ *O Correio do Purus*. Lábrea, 13 Maio 1900.

¹⁹¹ *O Correio do Purus*. Lábrea, 16 Jan. 1910.

¹⁹² Idem.

pelo trabalho. Ela parece ser feita por quem desconhece a complexidade do trabalho que envolve o seringueiro e/ou ignora as contradições inerentes à ambiência do seringal.

Quantos foram os seringueiros que esgotaram-se no escorchante trabalho do fabrico da borracha e nunca alcançaram um fruto digno por este trabalho? Teria passado este redator algum tempo nos seringais amazônicos¹⁹³ e conhecido a batalha diária dos trabalhadores que ele denominava de “distração”? O texto é finalmente assinado com o pseudônimo de *Crente*.

Um periódico que trouxe uma característica incomum foi o *Quo Vadis?*, jornal publicado entre os anos de 1902 a 1904 na cidade de Manaus, que se apresenta inicialmente com o subtítulo de “órgão de interesses populares”, e que de acordo com Freire “foi um jornal de oposição à Silvério Nery”, governador do Estado do Amazonas de 1900 a 1904¹⁹⁴. Pesquisa recente levada à cabo por Ivana Luiza Gomes, identifica o periódico como crítico e de oposição à República, mostrando-se vinculado ao ainda significativo movimento de oposição monarquistas que se dirigia contra a República recém instalada no país.¹⁹⁵

Quo Vadis tinha publicação diária e matutina, sendo seus principais redatores – apresentados com os pseudônimos? – Apíus Claudius e Dr. Guedes Júnior. No programa apresentado em seu número inicial, encontra-se uma descrição do modo como seus editores compreendiam o papel social da imprensa:

Para nós que temos nítida compreensão da alta e melindrosa missão do jornalista e, mercê de Deus, saberemos praticá-la, invariavelmente, sem desvios na linha reta da conduta, a imprensa, esse trono erguido pela mão do povo em serviço da causa pública, é um verdadeiro sacerdócio...¹⁹⁶

¹⁹³ Tais imagens parecem relacionar-se com aquelas percebidas por Raymond Williams, no âmbito da relação campo/cidade: “O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação”. WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Cia da Letras, 2011, p. 11.

¹⁹⁴ Este periódico apresentou outros dois subtítulos: *Folha da manhã* e *Diário e imparcial*. Era composto por um caderno contendo quatro páginas, medindo 45 x 64 cm. O primeiro número é de 19 de novembro de 1902. Suspendeu a publicação em 7 de junho de 1903, com o nº 167. Reapareceu em 26 de setembro do mesmo ano, com o nº 168. Desapareceu definitivamente em 20 de março de 1904, com o nº 312. FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord.). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas*, Op. cit., p. 180.

¹⁹⁵ GOMES, Ivana Luísa de Souza. *Quo Vadis? A trajetória de um jornal de oposição (1902-1904)*. Monografia de Iniciação Científica. Manaus: UFAM/CNPq, 2009.

¹⁹⁶ *Quo Vadis?*. Manaus, 20 de Novembro de 1902.

Nesse primeiro fragmento os editores prometem exercer a atividade jornalística de modo imparcial, como foi e é comum ver-se anunciado pelos jornais de ontem e de hoje. Muito embora já se tenha alcançado o entendimento que não existe nenhum discurso neutro na imprensa, percebe-se o desejo de se usar este reconhecido e poderoso veículo de comunicação em prol da causa pública.

Em outro momento dessa apresentação, o jornal traz de modo mais explícito a preocupação de deixar claro ao leitor que o periódico não receberia influência partidária no exercício de sua atividade:

Sem liames partidários de qualquer espécie, absolutamente estranho aos partidos que se digladiam, ou existam realmente no Estado, é o *Quo Vadis?* na acepção rigorosamente científica, um jornal político, e, neste caráter, exercerá a sua ação geral sem paixão, sem ódios, sem recriminações, apreciando, analisando e discutindo os problemas e os fenômenos político-sociais, bem como o desempenho dos deveres e obrigações das instituições criadas para manter e dirigir a harmonia social; defendendo os interesses legítimos das classes populares...¹⁹⁷

Aqui o periódico *Quo Vadis?* nos apresenta em maiores detalhes a proposta de sua tese jornalística. Quando busca deixar mais evidente que seria um jornal dissociado de partidos políticos que tanto se digladiavam na esfera política, e também do próprio Estado. No entanto ao mesmo tempo em que promete tal feito, se caracteriza como sendo um jornal político na compreensão mais científica do que esta palavra significa.

Podemos entender melhor isso quando vemos um periódico buscando exercer seu papel político se envolvendo com as demandas sociais preocupado em defender “os interesses legítimos das classes populares”, ou seja, no âmbito do bem estar social da coletividade, e não de determinados grupos que se fazem e se constituem pelo poder. Daí, se um periódico cumprir realmente o que anuncia em sua proposta jornalística, vê-se de modo muito mais evidente o quanto a imprensa pode ser útil a toda população, muito embora seja possível que tenha sido tão somente um discurso retórico.¹⁹⁸

O que se quer enfatizar é que, o *Quo Vadis?*, assumindo-se como um jornal de político e de oposição, mostrou-se útil como um contraponto às análises dos

¹⁹⁷ Idem.

¹⁹⁸ Sobre este papel social da imprensa, afirma-se que “sendo porta-voz de interesses muito objetivos de classes sociais ou frações de classes sociais, ela procura formular para toda a sociedade uma determinada visão de mundo, tentando generalizar para o conjunto da nação, interesses específicos da classe que representa”. VIEIRA, et al, 1984, p. 49.

discursos de outros periódicos que construíram veiculavam matérias acerca da realidade amazônica ignorando outras perspectivas que surgiam das próprias contradições sociais. De imediato quer-se expor aqui uma de suas notícias que se refere ao seringueiro, e que o representa vivendo dramas de sua relação com outros agentes sociais:

O seringueiro José Galvão de Holanda chegou a poucos dias do interior saiu anteontem à noite a passeio. Ao passar por umas das ruas desta capital, ouviu um *pschuu!* e, voltando-se, deparou uma mulher que o chamava com carinho. Atendeu ao chamado e, quando dentro de casa, foi-lhe pedida a importância de 50\$000, a que prontamente acedeu, entregando essa quantia. Satisfeita esta, foi incontinentemente posto no olho da rua, onde narrou o facto estranho a uma praça de polícia que ali se achava. Esta aconselhou ao Holanda que fosse comunicar o facto à polícia e ofereceu-se, com outro companheiro, a leva-lo até a subprefeitura de segurança. E seguiram os três, não para a repartição policial, mas para as bandas da Cachoeirinha, para um lugar desconhecido do Holanda. Chagados ali, as duas praças deram-lhe algumas bordoadas e, deitando-o por terra, furtaram-lhe dos bolsos a importância de 50\$000 e um anel grande, de ouro, com uma pedra de brilhante. A perversidade iria adiante, se os gatunos não pressentissem passos de alguém que se aproximava. Livre das garras dos seus agressores, Holanda correu à estação policial, as 11 horas da noite, e narrou o facto à autoridade de permanência, que destacou o agente Lima, afim de capturar a meretriz que fora a causadora de todo esse crime que narramos e que não honra muito os créditos de nossa polícia. O agente Lima acompanhou até alta noite o seringueiro, por diversas ruas desta capital, mas ele, desconhecendo completamente a cidade, não soube indicar a casa de onde o tinham chamado.¹⁹⁹

O *Quo Vadis?* retrata com determinada extensão a notícia de um seringueiro que chegara do seringal à cidade de Manaus aquele ano²⁰⁰. Pode-se perceber nessa história alguns pormenores, desde uma meretriz consciente do que faz, até a astúcia de uma polícia envolvida tanto no roubo, quanto na investigação do roubo. É razoável reconhecer certa ingenuidade do seringueiro, praticamente perdido na cidade, e supor que houvesse alcançado algum saldo em seu trabalho, tendo dinheiro e joias, fato este que proporcionou sua vinda à cidade no período das chuvas.

O que se inicia com um simples passeio pelas ruas da capital, ainda cedo da noite, termina com agressões e roubos sofridos pelo Holanda. É importante registrar

¹⁹⁹ *Quo Vadis?* Manaus, 04 de Março de 1903.

²⁰⁰ Diferentemente do caso de José Galvão de Holanda, muitos seringueiros não conseguiam saldo suficiente para ir para as cidades no período das chuvas, tempo em que não trabalhavam no fabrico da borracha. Entre os que conseguiam ir à cidade, muitos se viam envolvidos com problemas de ordem social, sendo presos por isso, como atestam as notícias de vários periódicos que informavam as prisões do dia a dia.

que, dois dias após o fato noticiado surgiu outra notícia, demonstrando haver algum interesse na investigação do roubo e da agressão sofrida por Holanda, uma vez que informa a abertura de um inquérito para ouvir algumas testemunhas:

O Sr. Coronel Costa Fernandes, subprefeito do 6º distrito, abriu inquérito com relação à agressão e roubo praticado na noite de 2 do corrente mês, no bairro da Cachoeirinha, contra o seringueiro José Galvão de Holanda, por três praças do regimento. Já depuseram as seguintes testemunhas: Theodorico Gonçalves, Bertha Rosenberg, Antônio Figueira de Albuquerque e Daciano Cunegundes de Araújo.²⁰¹

No entanto, não se encontrou nos dias seguintes o esperado desfecho da investigação do crime ocorrido contra o Holanda, demonstrando ser comum à época haver muito casos insolúveis no campo da investigação policial. Mas ficou evidente que esse trabalhadores da borracha tinham uma vivência como qualquer trabalhador, que busca em seu tempo de folga o lazer e o sossego que são de direito de qualquer ser humano.

Alexandre Avelino analisou a perspectiva patronal na imprensa amazonense e observou de forma oportuna outra questão. Aquilo que é considerado vagabundagem no olhar do patrão, pode ser interpretado como práticas de lazer sob outra perspectiva, pois “por vezes o álcool e a prostituta eram as únicas e melhores companhias daqueles homens que chegavam ao fim do dia, da semana, ou do mês, cansados de tanto trabalho, de tanta exploração...”.²⁰²

Maria Luiza Pinheiro já havia asseverado estas dimensões em seu estudo sobre a categoria dos estivadores do porto de Manaus, e abordou entre outras questões, o espaço do divertimento popular que o estivador tinha na cidade, onde as práticas de lazer eram muitas vezes transgressoras, como “os prazeres do jogo, do álcool e da carne”.²⁰³

Por último, porém não menos importante, convém destacar outro periódico que também tinha uma característica nova dentro do recorte temporal desta pesquisa, pois sua publicação se deu durante a grande crise da economia da borracha. Trata-se do jornal *A Capital*, publicado de 1917 a 1918 na cidade de

²⁰¹ *Quo Vadis?* Manaus, 06 de Março de 1903.

²⁰² AVELINO, Alexandre Nogueira. *O patronato amazonense e o mundo do trabalho: a Revista da Associação Comercial e as representações acerca do trabalho no Amazonas (1908-1919)*. UFAM: Manaus, 2008. Dissertação de Mestrado, 2008, p. 73.

²⁰³ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A Cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1889-1925)*. 3ª ed. Manaus: EDUA, 2015, p. 68.

Manaus. O jornal teve como proprietário o Dr. Epaminondas Lins de Albuquerque, intelectual e advogado respeitado na cidade e seus principais redatores foram Dr. Elviro Dantas, A. Gusmão, Ângelo Barcelos e Luciano Pereira.²⁰⁴

Na consulta do terceiro número encontramos uma saudação do *Diário Oficial* do Estado, dando boas-vindas ao mais novo periódico da cidade, e nos informando que se tratava de “uma folha moderna, trabalhada por pessoas amestradas no mister jornalismo, tendo como diretor o Sr. Dr. Epaminondas de Albuquerque”.²⁰⁵

No Jornal *A Capital*, também foram encontradas muitas notícias associadas ao seringueiro, destacando em especial sua relação com outros agentes do seringal, por vezes relacionadas à tragédias ocorridas naquele ambiente, como brigas seguidas de morte, adultérios, suicídios e revoltas de seringueiros contra seus gerentes e patrões. Por ele também se pode perceber o transito de alguns seringueiros entre a cidade e interior, como a matéria abaixo reproduzida, sob o título de *Morte repentina*:

No hotel “Vasco da Gama”, onde achava hospedado há quatro dias, vindo do Anamã, faleceu repentinamente, ontem, às 23 horas, o seringueiro Lucio Vieira. Comunicado o facto à polícia, foi o cadáver transportado para o necrotério da Santa Casa. Lucio Vieira, contava 26 anos, era solteiro e de filiação ignorada.²⁰⁶

Vê-se aqui um fato inusitado, em que um jovem seringueiro morre num hotel. A fonte jornalística não informa o motivo da morte, embora seja possível considerar que o jovem e solitário seringueiro poderia estar doente no quarto do hotel há quatro dias e talvez não dispunha de recursos para se tratar. Além disso, aparentemente, morre como indigente, pois tem sua filiação ignorada.

A partir das informações buscadas nesse ambiente da imprensa, nas notícias do cotidiano amazonense, encontram-se representações do seringueiro nelas imbuídas, e aqui entendidas como sendo as “matrizes que geram as práticas sociais e os comportamentos, que dão coesão e explicação para a realidade”²⁰⁷. Mas, de modo semelhante, pode-se perceber que existe uma nova dimensão nas páginas

²⁰⁴ Era composto por 1 caderno de 4 páginas medindo 37 x 50 com os textos distribuídos em 6 colunas. O primeiro número é de 16 de Julho de 1917 e encerraria sua publicação em 15 de Novembro de 1918, com o nº 477. FREIRE, 1990, p. 50.

²⁰⁵ *A Capital*. Manaus, 18 Jul. 1917.

²⁰⁶ *A Capital*. Manaus, 27 Dez. 1917.

²⁰⁷ PESAVENTO, 2008, p. 42.

daqueles periódicos mais interessados na condição humana e na publicação das vivências e experiências dos seringueiros.

UM JORNAL DA COLÔNIA CEARENSE NO AMAZONAS: O *PÁTRIA*²⁰⁸

Na compreensão de alguns conceitos preponderantes para uma abordagem correta no trato das fontes da imprensa, pode-se acessar algumas ferramentas próprias da análise dos discursos que são encontrados nas notícias dos jornais²⁰⁹. Essas ferramentas configuram o caráter básico de interpretação do que se lê na notícia.

A historiadora Tania Regina de Luca, ao falar do debate em torno do *conteúdo* do que se publica na imprensa, enfrenta algumas questões próprias desse tema e afirma que o historiador deve saber distinguir a notícia da interpretação; compreender o problema da objetividade e da neutralidade; investigar o cerne da notícia, ou seja, saber e conhecer os porquês que a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra a notícia de determinada forma; compreender aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público. Com esta apreensão, a autora aconselha o historiador a utilizar este saber com ferramentas próprias da análise do discurso que problematizam a identificação imediata e linear da narração e do próprio acontecimento narrado.²¹⁰

Seguindo ainda as observações da autora quanto ao trato dos jornais e revistas, é elementar que se possa também estar atento as seguintes ações:

Identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos, que dão conta de intenções e

²⁰⁸ Uma primeira aproximação com este periódico foi feita através da dissertação de: OLIVEIRA, Erivonaldo Nunes de. *A Imigração Nordestina na Imprensa Manauara (1877-1917)*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2010.

²⁰⁹ A análise do discurso “é uma metodologia derivada de disciplinas como a Semiótica e a Linguística, que tem como objetivo interpretar o *discurso*... Segundo Eni Orlandi, o *discurso* é a prática da linguagem, isto é, uma narrativa construída a partir de condições históricas e sociais específicas... todo discurso materializa determinada ideologia na fala a partir de um idioma específico. Desse modo todo discurso possui uma ideologia, e é a língua que permite aos indivíduos compreenderem e assimilarem tal ideologia... Cada discurso é, assim, uma representação do imaginário no qual seu autor está inserido”. SILVA, Kalina Vanderlei e SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 101.

²¹⁰ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. Op. cit., p. 139.

expectativas, além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores. Igualmente importante é inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros, aí incluídos os de caráter publicitários.²¹¹

Conforme se percebe, há uma série de fatores a serem observados atentamente pelo historiador que deseja realizar uma pesquisa reveladora, pois tais fatores nem sempre, ou quase nunca estão explícitos aos leitores comuns, que desatentos a tais questões, muitas vezes são levados a lerem tudo o que leem sob a premissa de verdade. Ao refletir sobre as páginas desses periódicos, essa será uma das missões dessa pesquisa.

O periódico em destaque neste tópico, o jornal *Pátria*, traz consigo uma nova característica nesse universo da imprensa amazonense, pois é produzido com o intuito de congrega irmanados todos cearenses e nordestinos de modo geral, que se encontravam espalhados pelo vasto Estado do Amazonas. Como porta voz desses interesses e desse segmento social, o *Pátria*²¹² representou um importante contraponto ao discurso mais geral sobre o seringueiro presente no interior da imprensa amazonense de seu tempo.

Esse periódico circulou na cidade de Manaus entre os anos de 1898 a 1899 com sede tipográfica na Rua Barroso, no centro de Manaus e se apresentou com o seguinte subtítulo: “*Órgão da colônia cearense*”. De acordo as informações catalográficas disponíveis, tinha publicação diária com vendas de assinaturas semestral e anual para a capital e o interior. Seu diretor foi Antônio Bezerra de Menezes e teve como principais redatores Dra. Lúcia Alencar, Themistocles Machado,²¹³ Clementino Gomes e Francisco Theofilo. Pelo que se informa, percebe-

²¹¹ Idem, p. 140.

²¹² Era composto por um caderno, contendo quatro páginas e medindo 37 x 51 cm. O primeiro número é de 1 de Outubro de 1898. Suspendeu a publicação em 13 de Março de 1899. Reapareceu em 23 de Maio do mesmo ano. Então, desapareceu definitivamente em 29 de Setembro de 1899, com o nº 228. O acervo do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas – IGHA, dispõe da coleção quase completa. FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord.). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas*. Op. cit., p. 163. A pesquisa constatou que a partir de Maio de 1899 o periódico passou a ser de propriedade de *Varonil & Comp.*, tendo como gerente Antônio Varonil da Silva, e como redator Demétrio de Mello Oliveira.

²¹³ Durante a leitura sistemática dos números disponíveis, encontramos uma referência à Themistocles Machado, sob o título “a vítima”: “Themistocles Machado, o mavioso poeta cearense, ex redator deste jornal e da Federação, brilhante autor dos Myrthos, trabalha agora ativamente na elaboração de um sensacional romance de costumes amazonenses e cearenses... Nesta redação fica uma lista para que desejarem assinar tão notável publicação. *Pátria*, nº 212. Manaus, 12 set 1899.

se que tais animadores da publicação transitavam pelo mundo das letras,²¹⁴ e tinham ainda em comum o fato de serem nordestinos atentos às realidades vividas por seus conterrâneos no Amazonas.²¹⁵

Segundo nos informa Erivonaldo Oliveira, o diretor do *Pátria*, Antônio Bezerra de Menezes foi um importante jornalista de seu tempo, participando em sua juventude do movimento abolicionista. Além disso, colaborou no seu Estado com a fundação dos jornais: *O Libertador*, *O Ceará* e o *A Estrela*. Quando se aposentou como funcionário público, mudou-se para Manaus e colaborou na criação do jornal. Bezerra de Menezes agiu com uma orientação moderada nos embates políticos na região, que pela boa lógica e experiência dos fatos o *Pátria* teria que se identificar com certa moderação nos embates próprio do campo da política, não se omitindo em seu principal objetivo, que era o de unir pelas suas páginas o sentimento dos conterrâneos do nordeste.²¹⁶

Assim, através dessas informações percebe-se que o jornal *Pátria* surge do interesse comum de alguns nordestinos com posses razoáveis para criarem um periódico e que se mostravam preocupados com a situação de seus conterrâneos. Ao se dirigirem ao público como órgão da colônia cearense, falavam para uma parcela importante da população, pois eram muitos os cearenses que haviam migrado para a Amazônia. No seu primeiro número, o jornal externa suas preocupações e intenções ao público:

Com o aparecimento desta Folha, iniciamos hoje a árdua tarefa a que nos havemos imposto, de utilizar a nossa pena em defesa dos interesses da colônia cearense neste Estado. Não quer isto dizer que nos absteremos de tratar quaisquer assumptos quando não se relacionarem com a vida e trabalho de nosso coestadanos, de quem temos a ufanía de ser órgão na imprensa; porque jamais seremos exclusivistas, e nunca em as colunas da "Pátria" deixará de ter agasalho a toda e qualquer ideia justa, que deva ser trazida ao conhecimento do público. A causa que esposamos, longe de ocultar interesses menos dignos e injustificáveis, o que lhe desvirtuaria por certo o seu valor, traduz verdadeiramente o empenho que nos preocupa, de congregar, num só pensamento de elevação moral e material, os cearenses disseminados pelas vastas regiões deste Estado...²¹⁷

²¹⁴ Numa saudação ao jornal feita pelo *Comércio do Amazonas* pode-se ler: "À frente da A Pátria acha-se um grupo de inteligentes moços já conhecidos no mundo das letras, garantia segura de sua prosperidade. Ao novo colega as nossas saudações". *Pátria*. Manaus, 4 out. 1898.

²¹⁵ FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord.). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas*. Op. cit., p. 163.

²¹⁶ Idem, p. 113.

²¹⁷ *Pátria*, nº 1. Manaus, 1 out 1898.

Como se vê, ao final dessa apresentação o jornal *Pátria* confirma a informação de que eram muitos os cearenses que se encontravam espalhados por todo o Estado do Amazonas. No entanto, não protela em dizer o motivo da existência da folha, a saber, o da “defesa dos interesses da colônia cearense”. Se de um lado os imigrantes constatavam vinham do Ceará em grandes dificuldades, de outro viam sua situação agravar-se em terras amazonenses, e assim acabavam por se identificar uns com outros nesse drama, gerando um sentimento de solidariedade que os unia em face dos desafios e lutas enfrentados no labor do trabalho distantes de sua terra pátria.

Vale registrar também que na referida apresentação, o periódico tenta eximir-se de sua parcialidade em não ser exclusivista, fazendo adendo de que também publicaria e tornaria de conhecimento público “toda e qualquer ideia justa”, que chegasse até ele, o que remete a pensar novamente no conceito subjetivo de neutralidade²¹⁸. Ao fim, o jornal reitera que a causa que esposa é a de “congregar, num só pensamento de elevação moral e material” todos os cearenses da região.

Já em seu primeiro número, o periódico aborda a questão da conhecida seca do ano de 1877:

A seca de 1877 devastando a terra do Ceará forçou aos filhos daquela desventurada região a virem pedir a Amazônia o agasalho e amparo que generosamente dispensa aos que buscam trabalhos. E desse tempo em diante não teve mais limite a torrente da emigração daquele para este Estado e nem se poderá mais impedi-la, tais são as descrições risonhas e encantadoras que das riquezas do grande rio fazem os que ao lar regressam, tornando ao seu El Dourado quase sempre acompanhados de inúmeros fanatizados, que abandonam a terra do berço animados da mesma ideia.²¹⁹

Além do ano de 1877 ser tomado como ponto de partida para a afirmativa de que a migração não teve mais limite a partir de então, também é possível observar que as chamadas “descrições risonhas e encantadoras” das riquezas de nosso grande rio eram fundamentais para que estes *cearenses* continuassem migrando em busca

²¹⁸ “Uma radiografia rápida da imprensa brasileira desde suas primeiras publicações evidencia as raízes políticas da atividade jornalística: constituíram-se sempre a partir de grupos de interesse que viam na imprensa um meio de propagação de suas ideias e aspirações.... Essa publicações atendiam a interesses diversos, não apenas como mercadorias, mas ainda como veículo de divulgação de valores, ideias e interesses”. COHEN, Ilka Stern. Diversificação e Segmentação dos Impressos. In: LUCA, Tania Regina. MARTINS, Ana Luiza (Orgs). *História da Imprensa no Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 104-105. Portanto, não há nenhum discurso neutro, aquilo que muitas vezes se ouve dizer como neutralidade definitivamente não existe. O que há, e o que sempre houve desde a invenção da imprensa é a intenção por traz dos discursos publicados, que são carregados de valores, ideias e interesses particulares, quer sejam de pessoas ou de grupos dominantes.

²¹⁹ *Pátria*. Manaus, 01 de Outubro de 1898.

de um lugar de fartura que propiciasse a prosperidade: o seu *El Dourado*. Dessa forma, não eram poucos o que congregavam-se no Amazonas sob esta mesma ideia.

Em sua pesquisa, Erivonaldo Oliveira levantou a diversidade de assuntos que o jornal colocou em circulação. O diário sempre expôs em suas páginas as mazelas da sociedade manauara, embora de forma moderada e conciliadora, como no caso em que se denunciou a falta de higiene do hospício Eduardo Ribeiro, onde os doentes ao invés de receberem tratamento, morriam não de loucura, mas de beribéri. Assim, o periódico alertava à secretaria responsável e cobrava medidas para a melhoria daquele estabelecimento²²⁰. Após chamar a atenção para o fato, o periódico encerrava o apelo lembrando: “não queremos com isso magoar ao ilustre secretario, apenas pedimos-lhes que lance suas vistas para aquele estabelecimento digno de melhor local para recolher os alienados”.²²¹

O jornal *Pátria*, a despeito de quaisquer explicações que justificasse as muitas demandas que afetava as classes populares, esteve sempre presente como um veículo que denunciava o descaso e as injustiças em muitas esferas da sociedade amazonense. Assim, em seu segundo número, publicou: “há meses reina a epidemia de varíola no Purus e seus afluentes, e para debelar tão terrível moléstia urge que se tome alguma providencia”²²². Em seu quinto número, faz um apelo contra a falta d’água: “Os moradores das ruas 7 de Dezembro e Oriental queixam-se da falta d’agua há dois dias. Pede-se providencias apo Sr. Dr. Van Hulle”.²²³

Duas coisas merecem destaquei, sendo a primeira o fato de que o periódico tentou cumprir o que prometeu fazer, levando ao conhecimento público qualquer ideia ou notícia que, boa ou ruim, fosse considerada justa. Em segundo lugar, ao discutir tais questões demonstrava não se preocupar exclusivamente com as questões do mundo da borracha, já que também buscava dar atenção a muitas outras demandas na cidade.

Na matéria intitulada “*Nós*”, informa a trajetória dos imigrantes nordestinos, bem como apresentada a saga que os seringueiros experienciavam na vivência dos seringais:

²²⁰ OLIVEIRA, Erivonaldo Nunes de. *A Imigração Nordestina na Imprensa Manauara*. Op. cit., p. 120.

²²¹ *Pátria*. Manaus, 13 dez 1898.

²²² *Pátria*. Manaus, 2 out 1898.

²²³ *Pátria*. Manaus, 5 out 1898.

Começa aqui o terrível desengano. Quando esses infelizes não encontram a morte nos rigores dos seringais em vez da fortuna que tão deliciosamente sonharam, roubam-lhe desalmados vampiros grande parte do produto do seu trabalho e mais a honra, pois que não é raro ouvir-se-lhes a dolorosa história do defloramento de uma filha, do rapto de uma esposa muitas vezes a força d'armas.... Além do exageradíssimo preço dos gêneros de primeira necessidade lança-se-lhes ainda 20, 30% sobre toda a importância, que será descontada do que tiverem produzido de borracha durante o fabrico. Assim, caso algum desses não se desobrigue do seu debito, fica desde então privado de sair do lugar e é vigiado como um criminoso. Muitos, sabe-se por aqui, passam vida mais miserável que a do antigo escravo, e, no entanto, nós estamos felizmente em pleno domínio da liberdade... só queremos que se nos faça justiça e que sejam respeitados os nossos direitos... ²²⁴

Observa-se que logo em seu primeiro número os redatores estão resolutos em anunciar ao público a situação dos seringueiros e as injustiças que sobre eles eram lançadas. Vê-se explícita a função do discurso do periódico em denunciar o sistema de trabalho nos seringais amazônicos como sendo injusto, principalmente pela simples razão de não viverem num tempo de escravidão, mas sim em liberdade, por isso expressa em sua primeira página um clamor para que sejam respeitados os direitos desses seringueiros, a quem o periódico se inclui quando utiliza-se do pronome: *nossos*.

Embora tenha-se conhecimento das condições de trabalho dos seringueiros desse tempo relatadas pela historiografia clássica da borracha, como por Euclides da Cunha e Arthur Reis, já se tem demonstrado que o modo como alguns deles o fizeram, foi o de apresentar uma história sem contradições inerentes em que apenas a relação homem/natureza parecia opressiva. Simplificavam-se assim os problemas dos seringueiros como apenas relacionados às precárias condições do meio amazônico, condicionando-os a tais dificuldades que enfrentavam no trabalho da borracha. Nesta análise o fator econômico se sobrepunha a qualquer demanda sociocultural, e principalmente ao fenômeno propriamente humano.

O que se percebe de modo explícito, nas páginas do jornal *Pátria* é a denúncia clara da imensa contradição social produzida pela esfera do trabalho, onde os trabalhadores não apenas eram enganados quanto à natureza do trabalho que teriam que enfrentar, como também eram submetidos a formas de trabalho tão brutais e escorchantes que acabavam encontrando a morte dentro dos seringais amazônicos.

²²⁴ *Pátria*. Manaus, 1 out 1898.

Além disso, a fonte também informa o desrespeito que fere a honra desses seringueiros, quando estes não raramente enfrentavam “a dolorosa história do defloramento de uma filha, do rapto de uma esposa muitas vezes a força d’armas”, ao ponto de, não bastando estes e outros abusos que eram submetidos, ainda acabavam sendo tratados como criminosos, caso não conseguissem saldar toda a dívida exorbitante que contraíam nos seringais através das *normas naturais* deste ambiente de trabalho.

Embora, se saiba que este quadro não configurava de modo absoluto a realidade de todos os seringais, é possível aceitar que tais relações configuravam a regra no contexto sociocultural amazonense. Enquanto veículo da imprensa que claramente se apresentava como defensor dos interesses dos nordestinos que haviam se deslocado para o Amazonas, o periódico *Pátria* demonstra bem que não estava desatento ao principal ambiente de trabalho do Estado, e produz um quadro vívido da realidade nos seringais amazônicos, representando assim um discurso de contraposição às análises puramente políticas e econômicas que já naquele tempo davam conta de explicar por diferentes meios o progresso do trabalho no Amazonas.

Chama a atenção que o periódico reitere o pleno estado de liberdade, quando já se havia passado dez anos da abolição da escravidão no Brasil, através da Lei Áurea²²⁵ e quatorze anos no Amazonas²²⁶, demonstrando que a abolição não resolveu a condição de vida dos negros imediatamente, nem tão pouco mudou o modo como vários setores da elite brasileira tratavam o trabalhador livre e o assalariado.

Portanto, e no contexto pós-abolição, o Estado brasileiro não ofereceu condições para que os ex escravos fossem integrados ao mercado de trabalho formal e assalariado. A maioria dos negros libertos não conseguiu empregos nem manter

²²⁵ Em seus estudos sobre a formação da classe trabalhadora brasileira, Marcelo Badaró nos informa que a Lei Áurea não aboliu de fato a escravidão no Brasil, nem possibilitou a inserção do trabalhador livre ao mercado de trabalho. Mas o abolicionismo acabou ocupando um papel catalizador desse processo. Utilizando a imprensa como contraponto, o autor informa que os trabalhadores assalariados, compartilhando espaços de trabalho e de vida urbana com os escravizados, atuaram coletiva e organizadamente pela sua libertação, demonstrando que este tipo de solidariedade na luta pela liberdade era parte do arsenal de valores da nova classe em formação. Lutar pela liberdade era, pois, um valor fundamental, construído no contexto da luta entre escravos e senhores, mas que se incorporava à nova consciência da classe trabalhadora assalariada em formação. MATTOS, Marcelo Badaró. Trajetórias entre fronteiras: o fim da escravidão e o fazer-se da classe trabalhadora no Rio de Janeiro. Florianópolis: *Revista Mundos do Trabalho*, v.1, n. 1, Jan/Jun. 2009, p. 61-64.

²²⁶ Cf. NETO, Provino Pozza. *Aves Libertas: ações emancipacionistas no Amazonas Imperial*. UFAM: Manaus, 2011. Dissertação de Mestrado, 2011.

uma vida com o mínimo de condições necessárias com moradia e educação. O ranço escravocrata continuou cristalizado na cabeça do patronato e, nesse sentido, não é difícil perceber o porquê do comportamento patronal se estender a todas as categorias de trabalho e por toda a extensão do território brasileiro, inclusive, dentro dos seringais amazônicos.

Parece oportuno, nesse ponto, recapitular o que Edward Thompson trouxe para a pesquisa histórica, quando sob a perspectiva da *história vista de baixo* passou a dar atenção às histórias de homens e mulheres outrora esquecidos. Thompson passou a dar voz a essas trajetórias, que para além da luta de classes, recuperava experiências históricas objetivando a construção de uma consciência de classe que serviria como modelo unificador das ações de todos os trabalhadores que partilham entre si as mesmas lutas e opressões próprias do processo de construção de suas identidades históricas.

Em prestigiada obra, *A Invenção do Trabalhismo*, Ângela de Castro Gomes estuda o processo de constituição da classe trabalhadora brasileira como ator político, e especialmente por ser no Brasil, investiga a questão do conceito de cidadania, e de sua extensão nos setores populares. Ao assim proceder, a autora articula-se com a obra de Thompson observando que uma classe existe (acontece) quando um grupo de homens que compartilham experiências comuns apreende estas vivências em termos políticos e culturais. Dessa forma, a classe de trabalhadores é capaz de materializá-las em tradições, sistema de valores, ideias e formas institucionais. É no decorrer deste processo que se constrói uma identidade coletiva de interesses próprios a uma classe, distintos dos interesses de outras classes. Por isso, é fundamental para Thompson considerar a força ideal do *homem livre*.²²⁷

O jornal *Pátria* traz uma representação vívida da percepção que muitos nordestinos passavam a ter em tempo recém instaurado de liberdades civis. Isto é claramente demonstrado através do clamor consciente feito pelo redator do *Pátria* em seu primeiro número. Nesse sentido, é possível perceber um avanço importante no sentido da conscientização daquele segmento social, mesmo que esta seja ainda

²²⁷ Apud GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p. 18-21.

informe, esboçando sua manifestação por meio de um veículo tão importante para a reflexão popular, o da imprensa.

Confirmando o que se está analisando, percebe-se que o periódico utilizou seus primeiros números para informar e ao mesmo tempo unir todos os cearenses, sob o argumento de uma consciência que pudesse agrupá-los através dos laços de solidariedade e de interesses comuns, pois estavam vivendo em terras amazônicas com objetivo comum de vencerem na vida.

Em outro número, o periódico expressa tal conclamação aos seus leitores sob o título de “*agremiemo-nos*”:

Sucedem-se os tempos, as populações obedecem aos caprichos da sorte, e daí os embaraços que surgem para essa porção da família brasileira, no Ceará, vindo receber hospitalidade no Amazonas, para mais tarde satisfazer a sua dívida com o cabedal de sua inteligência e do seu trabalho... é preciso não esquecer que um dever mais alto nos fala a consciência, mandando que nos inspiremos nos verdadeiros sentimentos de amor e interesse pela causa que defendemos, por ser esta o escopo seguro a que devemos dirigir todas as nossas atenções. Trabalhem portanto com empenho pela realização dos nossos intuitos, e não tardará muito que possamos erguer o nome cearense no Amazonas à altura do merecimento que lhe dão os nossos coestadanos, pelos seus continuados esforços na faina recomendável de cometimentos difíceis e perigosos.²²⁸

Uma primeira constatação ao analisar a fonte é a afirmativa do redator em relembrar a migração nordestina como consequência da dinâmica dos tempos, sendo um efeito natural à sorte a que se impunha sobre a família cearense que, resignada, vinha para o Amazonas. Ao mesmo tempo, percebe-se que se transmite a ideia de que os imigrantes cearenses carregavam duas marcas distintas, a inteligência e o trabalho, este último sendo a garantia da gratidão, em um futuro próximo, ao Amazonas.

O *Pátria* produziu também um ardente clamor para que os leitores nordestinos não esquecessem o que deveria lhes falar mais alto à consciência, a saber, a inspiração de *verdadeiros sentimentos de amor e interesse* pela causa que defendiam. Esta causa seria a de *erguer o nome cearense* na região, no esforço de legitimar entre os amazonenses as lutas que enfrentavam desde sua terra pátria até o possível sucesso alcançado.

²²⁸ *Pátria*. Manaus, 2 out 1898.

Em um extenso artigo intitulado *Estudos sobre o Ceará e os cearenses*, o homem cearense é o principal destaque, pois é ele o principal protagonista dessa nova aventura em terras amazônicas:

Quem estuda atentamente o homem cearense em relação ao seu território, a sua educação, sua inteligência, sua coragem, vida aventureira, tendências para as letras, meios de que se serve para impor-se onde quer que se ache, selvaria das paixões, atos de abnegação e grandeza d'alma na realização de nobres cometimentos, inextinguível resignação antes os rigores de seu clima e estragos das secas, entranhando amor à terra do berço da qual jamais se esquece, conclui que é ele uma exceção no país, isto é, que tem características diferentes entre os demais filhos do norte e do sul [...] Sóbrio, afeito ao trabalho pesado para conseguir o pão de cada dia, é educado desde criança na escola da adversidade e do sofrimento. Não tem que estranhar tormentos. ²²⁹

Percebe-se certo esforço do redator em elevar a alma trabalhadora do cearense distinguindo-a de qualquer povo do restante do país. Mesmo diante de tantas adversidades encontradas no novo território, segundo relata, ele se impõe sobre o que quer que seja, utilizando sua inteligência peculiar. Além disso, fica evidente no texto a intenção de transmitir a imagem do homem trabalhador que desde criança é educado através do sofrimento e vence na vida. O intuito é, como já se disse, irmanar todos os *cearenses* sob laços de solidariedades comuns em terra estranha, porém, fértil pra viver. Pela centralidade do tema que aborda, o título deste artigo, *Estudos sobre o Ceará e os cearenses*, acabará sendo empregado outras vezes, virando uma espécie de coluna temática do jornal.

Portanto, tem-se demonstrado pelas páginas do jornal *Pátria* as representações produzidas acerca de um grupo social que se constitui entre cearenses vivendo e trabalhando em terras longínquas e construindo um discurso próprio, pois embora a circulação do periódico fosse para todos, é aos nordestinos a quem seu texto se dirige prioritariamente. ²³⁰

Renée Barata Zicman, em um estudo metodológico sobre a *história através da imprensa*, lembra que a mesma age sempre no campo político-ideológico, daí a necessidade de historicizar os jornais, pois a apresentação das notícias em um

²²⁹ *Pátria*. Manaus, 06 de Outubro de 1898.

²³⁰ Segundo Roger Chartier, as representações são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais; aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. Poder e dominação estão sempre presentes. Representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, e mesmo a legitimar escolhas. CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. São Paulo: DIFEL, 1990, p. 17.

determinado período não é uma mera repetição de ocorrências e registros feitos e postos ali aleatoriamente, mas é antes uma causa direta dos acontecimentos ao redor do espaço da imprensa, onde as informações não são dadas desinteressadamente, mas ao contrário, denotam as atitudes próprias de cada veículo de informação. Dessa forma, todo periódico organiza os acontecimentos e informações segundo seu próprio filtro, selecionando assim aquilo que segundo essa filtragem, importa que o leitor saiba.²³¹

O *jornal Pátria* produziu notícias que mencionam, mesmo que de modo indireto, o mundo da borracha, os seringais. Como o periódico serve aos interesses de um grupo social, a saber, os nordestinos que no Amazonas viviam, há muitas notícias informando sobre personalidades que iam e voltavam do Ceará, bem como das que chegavam do interior à cidade e que lidavam com o trabalho da borracha nos seringais da região. Muitos pareciam ter prestígio na sociedade local e eram anunciados sempre de forma destacada nas páginas do jornal: “Visitou-nos o nosso patrício e amigo Jose Gomes de Moura Martins, proprietário do seringal Cantagallo, no Rio Purus, o qual seguirá em breve para a praça do Pará”.²³²

Aqui, especialmente, deve-se notar que muitos nordestinos eram proprietários de seringais no Amazonas e, portanto, já chegaram à região com algum capital ou, certamente, haviam obtido sucesso com o negócio da borracha. Além disso, a referida visita do Sr. José Gomes à redação do jornal remete a pensar tanto na boa relação que estes donos de seringal poderiam ter com seus conterrâneos donos do jornal, e que, a visita fora feita num período de internada (outubro) em que o trabalho da extração do látex da borracha era interrompido por causa das chuvas.

Assim, como já argumentado anteriormente, em especial por meio dos estudos de Ana Maria Daou, alguns nordestinos transmigrados para a Amazônia acabaram sendo, de alguma forma, incorporados à elite de Manaus²³³ e, ao que parece, este fato esteve menos relacionado com as secas da região e com a migração de segmentos camponeses, do que mais ligado com as transformações que ocorriam na sociedade patriarcal do nordeste.

²³¹ ZICMAN, Renée Barata. História através da Imprensa. Op. cit., p. 90-91.

²³² *Pátria*. Manaus, 6 out 1898.

²³³ DAOU, 1998, p. 110.

Neste sentido, Maria Luiza Pinheiro nos informa que Manaus cedo passou a dispor de um contingente de doutores formados não só em Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, mas, também na Europa, sobretudo em Lisboa e Paris. A autora recupera vários personagens desse período, dentre estes uma das figuras mais destacadas do cenário amazonense do início do século XX, o intelectual Jorge de Moraes, que ilustra o caminho seguido por muitos filhos de ricos seringalistas. Moraes, conforme Agnello Bitencourt, fora uma figura brilhante, estudando medicina na Bahia e percorrendo vários países da Europa. Para Pinheiro, “Jorge de Moraes exemplifica uma trajetória intelectual de sucesso, onde o brilhantismo acadêmico associado aos aportes financeiros da fortuna familiar, facilitou o trânsito na cena pública e na vida política estadual”.²³⁴

O que isso indica é que embora o *Pátria* se apresentasse em defesa dos interesses dos nordestinos que estavam espalhados por toda região, e mesmo que sua grande maioria fosse composta por trabalhadores pobres, dentre os quais inferimos os seringueiros, o periódico parecia ter relação mais direta com a elite nordestina que se formava em Manaus e compunha o quadro da alta sociedade amazonense ou de setores médios urbanos mais destacados, de onde também se pode inferir, que atuavam os proprietários e redatores do *Pátria*.

Em um longo texto, sob o título de “*A Maniçoba*”, o redator retrata a situação da extração da borracha desde o Pará até o Amazonas, ressaltando seu modo incorreto de colheita do látex:

No próprio Amazonas a exploração da seringueira é um verdadeiro matadouro, contra o qual tem protestado brasileiros notáveis, sem incluir administradores e filhos do Pará. O Sr. M. A. Pimenta Bueno, numa monografia sobre a Borracha... se exprime neste termos: “A triste verdade é que a seringueira não é cultivada, mas sim explorada e devastada, e a

²³⁴ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte*. Op. cit., 123. A autora informa que “a atuação no magistério, a participação na vida literária, na imprensa local e na militância da política partidária, foram alternativas para quem se via na possibilidade do isolamento bucólico dos seringais no sertão amazônico. Em 1909, em pleno apogeu da borracha, Manaus viu nascer a primeira instituição universitária do país, a “Escola Universitária Livre de Manaus”. Boa parte dos docentes da *Escola Universitária Livre de Manaus* trilhou o caminho seguido por Jorge de Moraes. O próprio reitor da universidade, Dr. Astrolábio Passos, um médico piauiense de longa data radicado no Amazonas, também exemplifica essa trajetória. Outro médico de destaque, Araújo Lima, seguiu um caminho idêntico, todos com especializações nos grandes centros da Europa. No entanto a autora registra que essas trajetórias intelectuais alavancadas pela acumulação propiciada pela borracha chegaram ao fim tão logo o seu sustentáculo (a borracha) mostrasse os primeiros sinais de debilidade”. Idem, p. 124.

população que em tal serviço se emprega, vive empobrecida, não goza, nem prospera.²³⁵

Trata-se de um tema recorrente na historiografia, a questão do método de exploração mais primitivo, que geralmente era caracterizado pelo sistema do *arrocho*. O periódico faz uso de texto monográfico de Pimenta Bueno, publicado décadas antes no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, acenando para o problema e, atribui a este processo a causa da população que extrai o látex da seringueira viver em pobreza. Aqui a população é compreendida como *os seringueiros*.

Em outro número do jornal, foi publicado um texto completo sob o título de *Borracha*, detalhando as orientações do método correto de extração do produto: “Transcrevemos do *Diário Oficial*, de 2 do penado mês as linhas seguintes, referentes à patente de inovação n. 2.624: As tigelinhas empregadas para colher o leite da goma elástica são fabricadas, quer de uma peça de folha de flandres...”.²³⁶ Isto significa que o periódico assumia funções pedagógicas, orientando os seringueiros ao melhor método de extração e, ao assim fazer, demonstrava suas intenções de alcançar a comunidade nordestina, mesmo nos mais longínquos rincões da Amazônia.

Em outro momento deste longo artigo, o redator se põe a retratar o modo como os seringueiros viviam e se alimentavam:

A vida que levam esses exploradores é cercada de privações de toda a natureza. Mal alimentados, porque toda a sua alimentação se reduz a pirarucu seco e farinha d’água; expostos a febres intermitentes e paludosas que os dizimam as vezes por famílias inteiras; obrigados a penosas viagens, se tiram de um dia de trabalho lucro que outra indústria da província lhes não daria em muitos dias, voltam ao lar tão pobres quanto saíram, representando assim o papel de verdadeiras maquinas de trabalho para uso alheio.²³⁷

Vê-se neste fragmento, estampada a preocupação mais direta em relação às condições de vida enfrentadas pelos seringueiros nos vastos seringais amazônicos. Percebe-se acerca das privações que lhe são impostas, que essas configuram as normas do trabalho nos seringais, as quais o seringueiro se submete, e conforme é apresentado na fonte, é pobre a alimentação que recebem levando-se em consideração o escorchante trabalho que executam. Não é de admirar que as

²³⁵ *Pátria*. Manaus, 11 nov. 1898.

²³⁶ *Pátria*. Manaus, 5 out. 1898.

²³⁷ *Pátria*. Manaus, 11 de nov. 1898.

condições insalubres tenham levado a cabo a vida de muitas famílias durante toda essa história.

Ao mesmo tempo, o redator constrói no texto, um *paradoxo do trabalho com a borracha*, lembrando que *um dia* de trabalho executado pelo seringueiro no seringal lhe dava mais valia do que a valia de muitos dias trabalhados no sertão do Ceará. Ao final vê-se ainda o seringueiro sendo comparado a verdadeiras máquinas, lhe tirando assim a condição de humanidade, pois o principal efeito de seu trabalho residia no enriquecimento alheio.

Segundo Warren Dean, é possível que, sabendo dos elevados preços que a borracha atingia nesse período, o seringueiro tenha passado a nutrir em sua *práxis* um sentimento de justiça e por isso entendia merecer algum tipo de compensação. Provavelmente considerava que as torturantes condições de isolamento, privações e perigos sempre iminentes a que estava subordinado, limitavam sua carreira a algumas poucas temporadas, e que, durante as quais, contrair malária, doença de chagas e leishmaniose era uma forte probabilidade. Mais adiante, o autor ainda lembra uma frase emblemática do escritor Rubem Braga, que ao tomar conhecimento do processo de coleta da borracha, admirado e assombrado com o atraso de seu país exclamou: “Mas isso não é produção, é folclore!”. ²³⁸

O que se vê, a priori, é a preocupação com a cultura da borracha, utilizando uma série de argumentos que apontavam para a interferência do Estado nas condições em que a economia da mesma se encontrava. Dentre estes argumentos, o redator destaca as condições de trabalho a que o seringueiro estava submetido, conflitando-as com as altíssimas somas de dinheiro que tanto o Estado como os patrões faturavam, sem que estes notassem as contradições inerentes ao trabalho que diziam administrar.

Como prova disso, vemos mais adiante no texto um clamor exasperado apontando para um triste futuro:

Não esqueçamos ainda que os seringais vão sendo destruídos e que o produto, que deles nos provem, deve diminuir para o futuro, que registrará então aos anais de sua história o tempo que perderam os empreendedores desta indústria e os males que sofreu a população que a ela se dedica... da qual resultam em vez dos sonhados lucros que se encontram nas mãos de poucos, a ruína e a morte, uma sociedade de moral

²³⁸ DEAN, Warren. *A luta pela borracha no Brasil*. Op. cit., p. 68-70.

cristã, como é a nossa, não deve proclamar a indiferença pela ruína, estrago e mortalidade dessa classe inexperiente e cega.²³⁹

À vista de muitos estudiosos, se a extração da borracha continuasse a ser desenvolvida de modo predatório sem maiores cuidados técnicos, chegaria o tempo em que esta economia sofreria os efeitos devastadores deste descaso, como viria a ocorrer poucos anos depois. Havia um conjunto de fatores que foram decisivos e contrários para a queda da borracha no mercado, como o complexo meio geográfico amazônico e a falta de sistematicidade no processo de plantação das seringueiras.

Outra reflexão que se pode fazer a partir do jornal *Pátria* é a ganância desenfreada do patronato que geria os negócios da borracha e mediava suas ações, levando em consideração unicamente os seus próprios interesses, sob os quais subordinavam uma massa de gente despossuída. Estes carregavam o sonho de prosperarem no trabalho da borracha, mas como o texto informa, todos os seus esforços resultavam *em vez dos sonhados lucros que se encontram nas mãos de poucos, a ruína e a morte*.

Ao mesmo tempo, o redator faz um apelo à sociedade, acionando sua moral cristã, para que não se portasse de modo indiferente a tamanhos abusos e injustiças que eram acometidos aos trabalhadores da borracha, os seringueiros, que acabavam morrendo sob esta condição. Chama a atenção que no mesmo texto em que aparece esse alerta, haja duas referências que se categorizam como *representações* históricas acerca do seringueiro:

Primeiro, o uso do termo *classe* é citado de modo vago e, desta forma remete a uma primeira acepção, mais elementar, que traduz a posição básica de um segmento social específico. Seu uso implica, quase sempre, na percepção da estratificação social, ou seja na existência de outras classes, ou segmentos sociais, muitas vezes colocados em posições hierárquicas. É dessa estruturação mais geral da sociedade a partir de posições binárias do tipo ricos e pobres que quis dar conta a máxima de que “a história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes”.²⁴⁰

Para Edward Thompson, há na tradição do pensamento marxista uma segunda perspectiva para o conceito *classe*, que esconde em seu interior um caráter

²³⁹ *Pátria*. Manaus, 11 nov. 1898.

²⁴⁰ MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *O Manifesto Comunista*. São Paulo: Paz e Terra, 1998, p. 7.

dinâmico e muito mais humano. Thompson afirmara que os indivíduos só passam a se perceber como integrantes de uma determinada classe a partir de suas próprias experiências e percepções e que o reconhecimento desse conjunto de experiências, tanto na esfera social como cultural, é que permite ao indivíduo se identificar e passar a construir uma consciência de classe.²⁴¹

Partindo dessas perspectivas, é forçoso reconhecer que, pelos documentos compulsados, não se configuraram na Amazônia configurações de classe nesta perspectiva mais dinâmica, nem se percebe a emergência de um nível elevado de consciência de classe entre os trabalhadores da borracha, já que eles sequer dispunham de condições mínimas para estabelecer laços de proximidade e solidariedade, capazes de produzir qualquer modalidade mais sólida de união e articulação interna no interior das unidades produtivas – os seringais – e, desta forma, possibilitar a mudança do quadro em que se encontravam.

Segundo, e voltando à citação, no que se segue ao termo *classe*, vê-se o redator adjetivando-a como “inexperiente e cega”, uma verdadeira *representação* da imagem na qual esses trabalhadores eram enquadrados, e dessa forma, o discurso proposto pelo jornal constrói uma caricatura dos seringueiros como completamente alienados e resignados ao sistema que lhes era imposto.

Nesse sentido, percebe-se também que o discurso se utiliza da situação em que viviam os seringueiros como se estivesse denunciando as péssimas condições de trabalho deles, mas o uso, ao que parece, é indireto, visto que o artigo como um todo, fala da economia da borracha, pondo diretamente o patronato e o governo em foco. Dizemos isso na inferência de que quem é o redator do texto é Thomaz Pompeu de Souza Brazil, um importante intelectual e político cearense do período.²⁴²

²⁴¹ THOMPSON, Edward Palmer. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. 2ª ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2012, p. 269-281. Alexandre Fortes comenta que para Thompson, “classe é a relação de desigualdade a partir da qual grupos de seres humanos concebem os seus interesses coletivos em contraposição aos de outros, não a soma desses indivíduos, cujas posições na estrutura social, afinal de contas, são muito mais instáveis do que pressupõe muitos modelos sociológicos”. FORTES, Alexandre. “Miríades por toda a eternidade”: a atualidade de E. P. Thompson. São Paulo: *Revista Tempo social*, v. 18, n. 1, 2006, p. 200.

²⁴² Tomás Pompeu de Souza Brasil (Fortaleza, 30 de junho de 1852 — 6 de abril de 1929) foi um advogado, político e escritor brasileiro. Filho do senador Tomás Pompeu de Souza Brasil, logo que se formou na Faculdade de Direito do Recife, em 1872, tornou-se redator do *Cearense*, ao lado do pai. No ano seguinte, junto com este e outros intelectuais do período, funda a Academia Francesa do Ceará. Em 1876, assume, após aprovação em concurso, o cargo de lente da cadeira de Geografia no Liceu do Ceará. Foi deputado geral entre 1878 e 1886, pelo Partido Liberal. Foi vice-presidente da Província do Ceará e autor de inúmeras obras sobre geografia física e humana, abordando temas

É importante refletir no tema, a partir do que nos informa Alexandre Avelino, que estudou as faces do patronato amazonense nesse mundo do trabalho da borracha:

Na Amazônia o patronato vestia a máscara do paternalismo para esconder seu controle sobre os trabalhadores de forma a passar a imagem de protetor e amigo da categoria. O paternalismo foi uma forma de controle patronal que agia mais próximo dos seus empregados como um meio de inibir suas reivindicações e conhecer suas insatisfações e estratégias de protesto dando condições de reação ao patronato. Como símbolo de proteção e distribuição dos rendimentos, o patrão tomava-se instrumento por excelência da integração social; tornando possível o consenso acerca do sentido do mundo social ...²⁴³

O que se viu até aqui, foi a construção de representações do mundo social constituído por práticas e normas sob a perspectiva de quem detinha o poder ou que se mostrava próximo e em relação com ele. Os principais personagens e protagonistas dessa história, a saber, os seringueiros, por mais que contestassem quaisquer condições de injustiças no trabalho, executavam seu ofício com a ideia de que esta era a condição a ser vivida, pois era a condição do real construído e imposto por aqueles que vigiam o mundo do trabalho nos seringais, e assim, aceito como o mundo verdadeiro, apesar dos tantos infortúnios que enfrentavam diariamente. Isto remete a pensar no que diz Pierre Bourdieu acerca da reprodução da ordem social estabelecida junto aqueles que mais contestavam seu mundo, os trabalhadores.²⁴⁴

Neste ponto, convém lembrar o que informam Maria Lígia Prado e Maria Helena Capelato quando dizem que a única coisa que se esperava desses trabalhadores era apenas o rendimento material, pois o “povoamento da região nesse período não se processou dentro de um planejamento. Não havia o propósito de fazer funcionar um sistema de colonização visando demográfica e politicamente ao futuro”.²⁴⁵

como seca e irrigação. Disponível em: <http://www.geni.com/people/Tom%C3%A1s-Pompeu-de-Souza-Brasil/6000000008507138203> Acesso em 09/11/2015.

²⁴³ AVELINO, Alexandre Nogueira. *O Patronato Amazonense e o Mundo do Trabalho*. Op. cit., p. 89.

²⁴⁴ Segundo nos informa Bourdieu em sua obra, *O Poder Simbólico*, “a cultura dominante contribuiu para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções”. BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989, p. 10.

²⁴⁵ PRADO, Maria Lígia e CAPELATO, Maria Helena Rolin. *A Borracha na Economia Brasileira na Primeira República*. Op. cit., p. 319.

E por falar em futuro, tem-se um pequeno fragmento extraído do *Pátria*, fragmento este que demonstra bem o modo como os governos construíam seus discursos e os transmitiam à população:

Quem conheceu Manaus, 20 anos atrás, não pode deixar de admirar o seu grandioso progresso. Cidade verdadeiramente americana, Manaus caminha com a força irresistível do ciclone; ninguém pode parar o carro triunfal de seu estupendo engrandecimentos. Os operários que trabalham no dorso desse gigante, cobrindo-o com tantas construções nobres, são em número pequeníssimo... Temos o telefone, a luz elétrica, e brevemente o bonde elétrico encherá de vida e movimento este heroico e laborioso povo.²⁴⁶

Aqui vê-se um retrato da visão de mundo que era configurada pelo governo e pela elite socioeconômica local e transmitida aos cidadãos de Manaus. Uma euforia repleta de boas expectativas para o futuro, que se baseava no apelo a quem pudesse se lembrar da cidade de há duas décadas atrás. A ideia de uma cidade que triunfava sob um discurso de progresso, num modelo estrangeiro que lhe destituía sua identidade própria, e criava, pelo menos no nível do discurso, uma cidade limpa e moderna, com inúmeras obras e com os mais novos equipamentos urbanos da modernidade. Nesse sentido, é importante ressaltar que essa visão de mundo e perspectiva recebia acolhimento no próprio periódico *Pátria*, demonstrando que, em boa medida, seus editores coadunavam com as posições daqueles que estavam no poder.

No entanto, é necessário lembrar que esse discurso ocultava outras dimensões da cidade que não eram propriamente vistas, já que escondia uma demanda de contradições sociais que eram, inclusive, expostas, como se vê, nas páginas de um jornal que, ocasionalmente, denunciava descasos governamentais.

Importantes obras da historiografia regional recente demonstram isto. Em *A Ilusão do Fausto*, Edinea Mascarenhas Dias informa que havia uma cidade planejada e construída para atender a demanda do capital internacional, mas que possuía uma zona de sombra escondida, a Manaus dos excluídos, ou seja, dos pobres, miseráveis, imigrantes, enfermos e loucos. A autora informa que o início do século XX traria nova dinâmica a Manaus em que o aumento e a diversidade das novas atividades e ofícios

²⁴⁶ *Pátria*. Manaus, 1º mar. 1899.

exigiram da municipalidade uma série de medidas que disciplinasse o trabalho urbano.²⁴⁷

De igual modo, Selda Vale da Costa, em sua obra *Eldorado das Ilusões* estudou a história do cinema em Manaus, e para este fim, contextualizou bem esta efervescente metrópole dos trópicos, fazendo uso intensivo dos periódicos da imprensa amazonense. Através do cotidiano de Manaus aferido pelos jornais, a autora informa que os serviços construídos e gerenciados pelos ingleses foram alvo de protestos nacionalistas de trabalhadores e de jornais “nanicos”. O fausto da borracha tentava esconder a miséria e a fome. Funcionários sem vencimentos, crimes, roubos, mendicância escancarada, crianças perambulando pelas ruas, o outro lado triste e sujo do rosto de Manaus vinha estampado nas páginas policiais dos jornais, enquanto na primeira folha louvava-se a calma, a ordem e a tranquilidade pública da capital.²⁴⁸

O OLHAR DO PATRÃO: A REVISTA DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO AMAZONAS (ACA)

Explorando uma dimensão metodológica de priorizar, na análise da imprensa amazonense que se reportou à figura do seringueiro, posições diferenciadas (e até mesmo antagônicas) em interesses e atuações, e assim inquiriu-se primeiramente nesta pesquisa o jornal Pátria, órgão associado à colônia cearense em Manaus. Neste segundo momento, a pesquisa recairá sobre a *Revista da Associação Comercial do Amazonas* (doravante *Revista da ACA*), entidade patronal que, desta forma, congregava em seu interior os interesses de comerciantes de borracha e também de proprietários de seringais.²⁴⁹

Nela, identificaram-se diversas referências ao seringueiro, suas modalidades de trabalho, e sua condição socioeconômica. A pesquisa considerou o ano da fundação da *Revista da ACA*, em 1908, e todo o período inicial de publicação,

²⁴⁷ DIAS, Ednéa Mascarenhas. *A ilusão do fausto: Manaus (1890-1920)*. 2ª ed. Manaus: Valer, 2007, p. 36.

²⁴⁸ COSTA, Selda Vale da. *Eldorado das ilusões: cinema & sociedade: Manaus (1897-1935)*. Manaus: EDUA, 1996, p. 23-24.

²⁴⁹ De acordo com o site da organização, a *Associação Comercial do Amazonas* (ACA) foi fundada em 1871 “... quando a província mal contava vinte anos de existência.... A primeira década do século seguinte é caracterizada pelo ciclo da borracha de fastígio e progresso no Estado... A 5 de julho de 1908 é lançada a *Revista da ACA* com vida longa e que tantos serviços prestou ao empresariado”. Disponível em: <http://www.aca.org.br/conheca-ac/historico/> Acesso em 01/11/2015.

acompanhando-a até ano da eclosão da I Guerra Mundial, em 1914, episódio que acentuou a decadência da economia da borracha na Amazônia. Neste intervalo de publicação, acompanhou-se tanto o período de auge econômico da borracha, quanto os anos de sua desvalorização e decadência.

O modo como a *Revista da ACA* se reportou ao seringueiro foi bastante peculiar, construindo imagens e representações dele através de seus discursos. O período de atuação da *Revista*, parece associar-se com aquele em que começava a se erguer o último esforço para conter a crise que já se anunciava desde anos anteriores e, assim ampliar a vida da ameaçada economia da borracha.

Para tal empreendimento, e antes de adentrar propriamente no curso deste objetivo, é necessário que se possa acessar as informações acerca deste importante periódico, que aqui se constitui em fonte histórica, para a compreensão de uma parte da história do Amazonas, principalmente no que se refere à formação do patronato amazonense, neste momento histórico, durante a economia da borracha.

Neste percurso, não se pode iniciar este estudo sem lançar mãos da importante pesquisa realizada por Alexandre Nogueira Avelino, já citada, e que neste tópico servirá de orientação mais direta para a compreensão de algumas questões relacionadas da *ACA*. Em sua pesquisa Avelino interrogou a revista buscando compreender por meio dela a forma e os modos em que o patronato amazonense foi se constituindo.²⁵⁰

Convém aqui iniciarmos a abordagem da *Revista da ACA* sobre os seringueiros apresentando como este periódico se apresentou à sociedade amazonense. Em sua edição é possível ler uma decisão anterior da diretoria da associação em que a ideia da criação emergiu:

O jornal que a Associação quer criar e fundar terá a denominação de *Revista da Associação Comercial do Amazonas*, será publicada mensalmente sob fiscalização do presidente, e direção dum redator chefe, nomeado pela Diretoria. Sua distribuição será gratuita, o preço de sua venda avulsa será estabelecido pela Diretoria.²⁵¹

²⁵⁰ AVELINO, Alexandre Nogueira. *O Patronato Amazonense e o Mundo do Trabalho: A Revista da Associação Comercial e as representações acerca do trabalho no Amazonas (1908-1919)*. UFAM: Manaus, 2008. Dissertação de Mestrado, 2008. Segundo nos informa Avelino a intenção de seu estudo não foi somente classificar ou enumerar essas práticas patronais, mas entendê-las dentro do seu contexto, percebendo suas linhas de pensamento e atitudes. Entender de que forma o patronato foi construindo seu discurso para justificar suas práticas e perceber os momentos em que pareceu necessário aos patrões colocar o interesse financeiro acima das relações humanas. Idem, p. 14.

²⁵¹ *Revista da ACA*. Manaus, 5 jul. 1908.

Através dessa pequena nota de apresentação, infere-se que há um plano editorial estabelecido com a chefia de redação, diretoria e presidência da ACA. A fiscalização nada mais é do que um instrumento de regular o que se publica e para quem se publica. O objetivo geral da *Revista* era difundir ideias, notícias, boletins e artigos sobre toda aquela conjuntura socioeconômica.²⁵²

Como já anunciado, o *Congresso Comercial, Industrial e Agrícola* que se reuniu em Manaus em 1910 visou a execução de meios para a defesa da economia amazonense bem como o seu fortalecimento por uma série de medidas imprescindíveis à sua vitalidade em face dos ventos maus que sopravam do oriente. Com a organização do congresso, o patronato do Amazonas empreendia esforços para colaborar com a superação da crise.

Em todos os meses do ano de 1909, ou seja, ano que antecedeu o Congresso, houve na primeira página daquele periódico menções diretas ao grande evento a ser realizado em Manaus. Artigos traziam orientações ao empresariado amazonense, informações acerca de empresas do exterior que confirmavam sua participação, bem com o andamento dos preparativos e organização em curso, além do que se percebeu que a repetição dos anúncios seguidos a cada mês tinha o objetivo de divulgar ao máximo de pessoas interessadas do comércio da região.

Fragmentou-se aqui trechos de um desses artigos para analisar o discurso que se formava na *Revista da ACA* naquele momento. O primeiro diz respeito à expectativa acerca da realização do *Congresso Comercial, Industrial e Agrícola*:

Por força de dispositivo de nossos estatutos vamos celebrar nesta Cidade, em fevereiro de 1910, Um Congresso Comercial, Industrial e Agrícola, destinado a ser um expoente assas instrutivo da bacia amazônica, quer a que corresponde ao Brasil, quer a que pertence aos países limítrofes ao Estado do Amazonas. Já pela distância que nos separava a todos, já pelas condições fisiográficas, parecia impossível realizar uma obra dessa magnitude, que as prevenções e as rivalidades neutralizavam sempre. Agora o ambiente é outro. Crescemos tanto que não há mais receio de uns serem absorvidos pelos outros.²⁵³

²⁵² Conforme Avelino a revista foi de importância estratégica para a ACA. A presidência da ACA no período da primeira fase da Revista (1908-1919) compunha-se de personalidades oriundas do comércio: Rafael Benoliel (1908); W. Scholz (de 1908 a 1911); J. G. de Araújo (de 1911 a 1913); Luis Eduardo Rodrigues (de 1913 a 1919). Sua publicação foi interrompida em 1919, tendo tirado 118 números, e só voltou a ser publicada em 1925, sob a direção de Joaquim Carneiro da Motta.

²⁵³ *Revista da ACA*. Manaus, 5 Jul. 1910.

Percebe-se pelo fragmento exposto que o evento foi tratado como obra de grande magnitude, especialmente porque as condições fisiográficas na região amazônica em suas longínquas distâncias tinham sido até então um empecilho para que pudessem se reunir todos os que geriam a economia da região. Também é perceptível que haviam desconfianças internas à classe patronal, já que nutria rivalidades, mas que aquele seria o momento de, como *classe*, optarem por estar juntos defendendo seus interesses.

Maria Luiza Ugarte Pinheiro comenta acerca da conscientização de classe que o patronato passa a adquirir no início do século XX, pois essa consciência seria preponderante às afirmações de seus interesses:

O patronato esteve sempre atento aos perigos que o exercício da dominação impunha e por isso buscaram organizar-se em associações e, inclusive, atuar enquanto classe, postura que, entretanto, só passou a ser percebida com maior clareza ao longo da primeira década do século. De fato, da mesma forma como ocorreu no processo de conscientização e organização dos trabalhadores, também os segmentos patronais vivenciaram inicialmente experiências organizacionais tímidas e ideologicamente pouco definidas. Em Manaus, o principal órgão patronal, a Associação Comercial do Amazonas, precocemente fundada em 18 de junho de 1871, parece ter surgido muito mais com o intuito de uniformizar um discurso que, dirigido especificamente às autoridades governamentais, visava chamar a atenção para a necessidade de incentivos e investimentos para uma região carente e potencialmente próspera.... Criar vínculos de identidade respondia, portanto, à exigências menos perceptíveis (mas muito poderosas) de ascensão social e legitimação enquanto classe dominante.²⁵⁴

Vê-se, portanto, conforme a citação acima, que aquele foi um tempo em que a classe patronal criava laços. Pode-se dizer que naquele instante, houve uma grande euforia com forte otimismo do patronato em toda a Amazônia, a ponto de ver-se a afirmativa de que cresceram tanto que não podiam mais manter-se afastados uns dos outros, afinal este crescimento consolidou empreendimentos que lhes traziam enorme prestígio e influência na sociedade. O que parece, é que o redator coloca nesta razão o fator fundamental para que todos participassem do evento em Manaus.

Mais adiante, no mesmo artigo, chama a atenção que, após serem conclamadas várias autoridades do Estado e o empresariado em geral – todos confirmando presença no Congresso –, o redator priorize o interesse pela cultura da

²⁵⁴ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A Cidade sobre os ombros*. Op. cit., p. 127-128.

borracha, em detrimento de outros produtos: “para isso lhe anexamos uma pequena Exposição e um horto de demonstração pratica do plantio da *hevea brasiliensis*. Em congressos subsequentes atenderemos o cacau, a castanha, as plantas alimentares e industrias pecuárias e saccharinas”.²⁵⁵

Em sua pesquisa acerca do seringueiro e das relações de poder, na busca por recursos na Amazônia, Davi Leal pondera sobre a proeminência que a borracha tinha ante os demais produtos extrativos da região, tendo, neste sentido, a explicação do termo “ciclo”. Por não atentarem para as outras demandas, a economia da região tornou-se bastante dependente da borracha, como é possível ver na fonte citada.

Leal observa que a noção de *ciclo* econômico é sempre marcada por um caráter teleológico, ou seja, por uma finalidade a ser cumprida, onde um determinado produto surge de forma súbita e fenomenal, mas que, necessariamente virá a desaparecer, dando espaço a um novo produto que seguirá circularmente o mesmo trajeto. Durante o período de duração de cada ciclo, o produto em alta é considerado como produto rei, não dando margem a qualquer outra atividade econômica. Infelizmente, sugere o autor, tal forma de pensar tornou-se extremamente limitada, excluindo assim a possibilidade de tornar dinâmica a existência dos demais produtos em um mesmo período, oportunizando assim a uma região um amplo crescimento econômico.²⁵⁶

Patrícia Sampaio lança luz sobre esta importante questão econômica na conjuntura da região amazônica à época da borracha:

... a incidência de momentos de “picos” na produção extrativa, deve ser analisada como um fenômeno de uma determinada conjuntura, não podendo a atividade extrativa ser encarada como elemento definidor da estrutura, considerando que é apenas uma parte dela. Ainda que os produtos gerados pela economia extrativa possam, eventualmente, responder por uma vinculação mais rentável com o mercado, não é possível definir esta estrutura como basicamente extrativa.²⁵⁷

Portanto, o intuito aqui é confirmar o que apontam os estudos revisores de Davi Leal e de Patrícia Sampaio sobre o fenômeno da borracha, fazendo uso direto da fonte história da ACA que demonstra explicitamente que aquela conjuntura

²⁵⁵ Revista da ACA. Manaus, 5 Jul. 1910.

²⁵⁶ LEAL, Davi Avelino. *Entre barracões, Varadouros e Tapirís*. Op. cit., p. 41.

²⁵⁷ SAMPAIO, Patrícia Maria Melo. *Os fios de Ariadne: fortunas e hierarquias sociais na Amazônia, século XIX*. 2ª ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2014, p. 67.

tendia a dar mais atenção à economia da borracha do que a outros produtos que poderiam receber incentivo, mas, que como se vê na fonte, são postergados pela promessa de serem atendidos em “congressos subsequentes”.

Confirma-se assim, pelo o que se extrai de um número anterior da *Revista*, a seguinte preocupação:

A falta duma exploração metódica e as exigências duma colheita mais avolumada, causam, dia à dia, a devastação dos seringais. Não nos cansaremos de avivar este perigo, que só pode redundar em prejuízo de nossa supremacia nos mercados consumidores. Cada vez mais, o seringueiro penetra o interior das matas à procura de novos veios de ouro negro... Si por um lado essa penetração aumenta o trabalho extrativo da goma, é certo que, por outro, torna mais dispendiosa a indústria e encarece consideravelmente o transporte do produto até à margem dos rios ou aos portos de embarque.²⁵⁸

O texto demonstra que a *ACA* reconhecia dois fatores preponderantes para que a empresa da borracha não viesse a se exaurir, como era o caso das próprias seringueiras que não eram submetidas ao método adequado de corte e colheita do látex. Este seria o primeiro fator, que é, conseqüentemente causa do segundo, a saber, a necessidade de uma produção de borracha que suprisse a demanda internacional.

Este tema é recorrente neste estudo, mas, pela *Revista da ACA*, percebe-se o interesse explícito em evitar prejuízo “de nossa supremacia nos mercados consumidores”. Fato é que, o seringueiro, é sempre citado em segundo plano, e como parte de um processo decadente e improdutivo, já que, quanto mais ele produz, pouco altera o quadro maior e geral, a saber, o quadro dos interesses dos empresários da borracha.

Tem-se observado que a soma de muitos fatores causou a derrocada da borracha²⁵⁹ e, hoje, mais de cem anos depois, através de muitos estudos sobre o tema, ainda permanece, como que a inebriar pela busca, a tarefa de explorar outros aspectos intrigantes dessa história.

²⁵⁸ *Revista da ACA*. Manaus, 5 dez. 1908.

²⁵⁹ Expõe-se aqui minimamente um fator preponderante que tornava ainda mais complexo o trabalho da borracha. Segundo nos informa Ugarte Pinheiro “outro grande problema enfrentado estava ligado ao caráter sazonal da economia amazonense que, como vimos, estava pautada nos ritmos de exploração da borracha. Como a coleta desse produto ocorria somente no verão, momento em que as chuvas diminuam possibilitando a extração do látex, a vida portuária refletia essa sazonalidade com uma constância maior de embarcações chegando e saindo durante os meses de novembro a março”. PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A Cidade sobre os ombros*. Op. cit., p. 109.

Em sua pesquisa, Avelino apresenta com clareza que o patronato ligado a Associação Comercial, se compunha basicamente dos proprietários das casas de comércio e de donos de seringais. Um conjunto de princípios e ideias nortearam suas ações naquela que seria a última oportunidade de preservar suas posses e seu poder econômico relacionado, direta ou indiretamente, à borracha. Assim, os patrões buscaram o apoio em instâncias maiores do poder político o que nem sempre era conseguido facilmente.²⁶⁰ Estamos falando da intervenção direta do governo federal no sentido de defender a economia da borracha, intervenção que resultou incapaz de conter a crise que se avizinhava, principalmente pela produção asiática.

A *Revista* publicou uma nota destacando a ignorância do seringueiro que, segundo o discurso patronal, era considerado trabalhador rústico e ignorante em seu método de extração da borracha, sendo suas práticas comparadas a atitude que tiveram os plantadores do oriente: “Esse despertar, infelizmente, não alcançou senão os espíritos mais precavidos, continuando a maioria dos nossos seringueiros na antiga rotina... por uma ignorância ou indiferença que lhes será fatal”.²⁶¹

No jornal *O Mariuaense*, do proprietário Coronel Antônio Nogueira de Campos, um abastado dono de seringais em Barcelos/AM, vê-se como o seringueiro é representado no discurso patronal:

Se os seringueiros se empregassem no plantio de cereais, durante os sete meses que não são destinados ao trabalho da borracha, teriam a paz e a fortuna. Fazem o contrário, desperdiçam o tempo, gastam-no em diversões condenadas e quando chega o fabrico da borracha eles, por mais que trabalhem, não podem pagar pelo que gastaram no longo e pesados meses que não foram iluminados pelo trabalho... queixam-se do patrão, afirmando que ele vende tudo pelo mais alto preço e por isso estão em atraso, quando o atraso vem de longa vadiagem e da sociedade que é promotora de todas as podridões.²⁶²

Percebe-se por esse discurso, o modo como os seringueiros eram sempre vistos pelo patrão. Eram apontados como vagabundos e promíscuos e sempre inclinados aos vícios da vida, sendo ainda considerados perigosos para a sociedade organizada e detentora dos valores morais. Além disso, observa-se na fonte que o patronato enfatiza que se os seringueiros fossem ordeiros e comprometidos com o trabalho nos meses do inverno, das chuvas, *teriam paz e fortuna*. Contudo, sabe-se

²⁶⁰ AVELINO, Alexandre Nogueira. *O Patronato Amazonense e o Mundo do Trabalho*. Op. cit., p. 12-13.

²⁶¹ *Revista da ACA*. Manaus, 10 Jul. 1911.

²⁶² *O Mariuaense*. Barcelos, 29 abr. 1897.

que mesmo quando isso acontecia não era uma regra geral, mas uma exceção, já que uma ínfima minoria alcançou alguma riqueza e prosperidade, e também não foi necessariamente por ter *plantado cereais* na época das chuvas, mas por fatores diversos. A grande maioria dos seringueiros nunca enriqueceu, antes escravizou-se pelo trabalho.

Em outro número da *Revista da ACA* vê-se um longo artigo que trata em primeiro plano do futuro do Amazonas, considerando os ganhos inerentes ao plantio de uma lavoura diversificada como potencial de riqueza oferecida ao seringueiro:

Pudesse o seringueiro produzir uma grande parte do que consome e outras seriam as suas condições em riqueza e conforto. Seria mais rico, porque os valores que dá em troca dos gêneros que poderia produzir e não produz, constituiriam economias valiosíssimas que dentro de pouco tempo lhe asseguraria uma pequena fortuna. Teria mais conforto, porque o aumento de riqueza o traz sempre. ²⁶³

Essa era a tônica dos artigos produzidos pela *Revista da ACA*, os quais tratavam de toda a complexidade da economia da borracha construindo um discurso em que o seringueiro era fundamental no processo de trabalho, desde que submetidos aos valores e interesses do patronato, este sempre pintando o quadro de que o seringueiro, e nenhum outro sujeito ou fatores externos, era o responsável pela sua condição.

A historiografia mostra que toda a produção do seringueiro era trocada por gêneros diversos necessários à sua sobrevivência e que estes traziam preços elevadíssimos²⁶⁴. Nesse sentido, vê-se incorporar no discurso a ideia de que se o seringueiro produzisse mais do que consumia teria *as suas condições em riqueza e conforto*. Um discurso que, além de falacioso, é falso e enganador.

Outra questão, mencionada anteriormente, é a que diz respeito às práticas de vícios, compreendidas como práticas de lazer:

Por vezes o álcool e a prostituta eram as únicas e melhores companhias daqueles homens que chagavam ao fim do dia, da semana ou do mês, cansados de tanto trabalho, de tanta exploração e da humilhação de mendigar um emprego ou de ter que se submeter às atividades insalubres e mal remuneradas oferecidas pelos seus patrões, sem com isso ter a perspectiva de um reconhecimento ou de uma vida menos pobre. ²⁶⁵

²⁶³ *Revista da ACA*. Manaus, 10 jun. 1911.

²⁶⁴ CUNHA, Euclides da. *A Margem da História*. Op. cit., p. 8-9.

²⁶⁵ AVELINO, Alexandre Nogueira. *O Patronato Amazonense e o Mundo do Trabalho*. Op. cit., p. 73.

Maria Luiza Pinheiro em sua obra *A Cidade sobre os Ombros* aborda a questão do lazer do trabalhador, argumentando que os trabalhadores do porto de Manaus criavam seu próprio ambiente de lazer e descanso com aquilo que lhes era possível ter, uma vez que o que o poder público construía para esse fim visava apenas a elite. Assim, esse estivador do posto de Manaus passava a criar e inventar seus momentos de descontração, exercitando práticas que para alguns segmentos da sociedade manauara, e para seus dirigentes, eram consideradas transgressões às regras e preceitos morais vigentes, válidas de repressão policial. Tais prazeres diziam respeito ao jogo, ao álcool e a carne.²⁶⁶

Vale destacar uma das fontes utilizadas por Maria Luíza Pinheiro, retirada da imprensa amazonense:

No gênero tufão o estivador Francisco Carlos ainda não lhe encontrou quem lhe passasse a perna. É um dos mais dedicados devotos de Baco, à quem rende sempre o seu corpo, com fervor irrepreensível. Mas essa linha de conduta que se traçou, nunca deixou de dar mal resultado. Ainda ontem teve ele a prova disso. Metido numa moafa de não se poder lambar, deu para fazer de Hércules, na rua Municipal, como um tal querendo a fina força, que um policial lhe pagasse uma passagem de bonde. Não satisfeito, pôs-se a inticar com o miliciano. Este, porém, não esteve pelos autos de ouvir doestos do tipo e grudou bruto levando-o ao xilindró.²⁶⁷

Pinheiro estuda a cidade de Manaus como extensão de seu porto no qual os estivadores representavam uma categoria específica de trabalhadores que tinham no porto seu espaço de trabalho, este era o elo que ligava a cidade ao mundo. O porto também representava a passagem de roteiros múltiplos, de línguas diversas, para escritores, pintores e cineastas. Ao colocar o porto como um canal de representações, a autora afirma que os estivadores carregavam sobre si um peso de tensões, relacionadas a alguns aspectos próprios de resistência, assim a forma de vida desses homens, pode ter sido ignorada ao ponto de fortalecer uma visão equivocada sobre eles.²⁶⁸

Já o trabalho de Alexandre Avelino permitiu compreender como o trabalhador fora caracterizado pelo patrão sob um estereótipo carregado de preconceitos:

²⁶⁶ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A Cidade sobre os ombros*. Op. cit., p. 68.

²⁶⁷ *Apud* PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A Cidade sobre os ombros*. Op. cit., p. 70.

²⁶⁸ Idem, p. 21-22.

O discurso eugênico, elaborado pelo patronato na época, constituiu-se numa fala carregada de preconceitos e visões distorcidas da realidade dos trabalhadores de Manaus, e visava substituí-lo por um tipo melhor e mais eficiente de operário estrangeiro que fosse capaz de se adequar as exigências patronais sem se opor de forma mais vigorosa a eles. Considerados indolentes e ignorantes pelo patrão, os operários da borracha eram classificados como uma classe inferior que dificultava a realização de qualquer iniciativa mais profunda de modernizar o processo de extração e beneficiamento da borracha Amazônica.²⁶⁹

Nesse sentido não pode-se deixar de lançar mão mais uma vez da obra de Ednéa Mascarenhas Dias. Como já se disse, esse estudo pioneiro sobre a cidade de Manaus desnuda os discursos oficiais produzidos pelo Estado e pelo patronato amazonense, mostrando que não contemplavam as demandas sociais em sua complexidade, antes construíam a imagem de um progresso vil e desumano com as classes trabalhadoras. Isso foi favorecido pela nova dinâmica do século XX, quando se vê o aumento considerável de novas atividades e ofícios na cidade.²⁷⁰

Dessa forma, investigando o espaço do trabalho em Manaus, Dias informa como eram tratados os trabalhadores de modo geral:

Recorda-se que os discursos oficiais sobre estes problemas vinham sempre acompanhados da apologia do trabalho e dos valores morais que uma sociedade civilizada deve preservar. Separar o trabalhador do não-trabalhador é o fundamento das propostas apresentadas nos relatórios leis e decretos. Para o trabalhador o melhor são os bairros afastados, a identificação como trabalhador, etc. Para os marginalizados do processo de trabalho, o desocupado ou vadio, impõe-se uma disciplina exigida pelo capital, por meio das propostas de recuperação de possível enquadramento no processo produtivo.²⁷¹

De modo mais específico, no que tange ao trabalho do seringueiro, Dias informa que esses trabalhadores “nos seringais encontrariam ocupação e teriam garantida sua manutenção, evitando, dessa forma, que a população trabalhadora da cidade continuasse a ser importunada”²⁷². Ou seja, o aumento do trânsito de trabalhadores para os seringais amazônicos não representava apenas o aumento da mão de obra que o patronato requeria, mas também, e muito mais sob a ótica do

²⁶⁹ AVELINO, Alexandre Nogueira. *O Patronato Amazonense e o Mundo do Trabalho*. Op. cit., p. 70.

²⁷⁰ A autora informa que para o exercício do serviço doméstico como cozinheiro, copeiro, lavadeira, engomadeira, jardineiro e cocheiro cria-se uma matrícula obrigatória. Estavam também sujeitos a matrícula os boleiros ou carroceiros, condutores de bondes, açougueiros magarefes, vendedores de leite e outras categorias. DIAS, Ednéa Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto*. Op. cit., p. 36.

²⁷¹ DIAS, Ednéa Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto*. Op. cit., p. 133.

²⁷² Idem, p. 133.

Estado, serviria para que se pintasse o quadro ideal de uma cidade limpa e próspera, sem manifestações e sem a presença de pobres.

E essa presença de pobres na cidade parece ter ficado mais em evidência quando se inicia o colapso da borracha. Assim, voltando novamente a atenção para a *Revista da ACA*, percebe-se que os meses subsequentes a julho do ano de 1911 trariam em todas as publicações da *Revista*, e em primeira página, artigos provenientes da preocupação com a crise da borracha. O tom marcante dessas matérias tem a defesa da borracha como o maior interesse da classe patronal do Amazonas.

Em artigo com título de *O Mercado da Borracha: sua situação – prognósticos*, a *Revista* trazia uma apreciação geral do mercado da borracha dialogando com outro jornal *The Economist*, de Londres. Neste artigo, traçavam-se preços e tendências, mercados consumidores internacionais, análises dos especialistas, as intervenções do governo, bancos, entre outros.²⁷³

Já no artigo *Amazonien Society: uma resposta esmagadora*, tem-se a defesa proferida pelos governadores dos estados do Amazonas e do Pará em evento realizado em Londres, o que o periódico destacava como sendo uma “atitude patriótica e enérgica”²⁷⁴. A *Revista da ACA* afirma que tal evento teve grande repercussão na imprensa internacional, e dessa forma, selecionava trechos do discurso feito pelo Senador Paes de Carvalho naquele evento.

Esse discurso informa que a política brasileira, por intermédio de um Senador do Pará, tratou de afirmar que, embora a borracha fosse a grande riqueza da Amazônia, a região não vivia apenas dela. O texto informa ainda que embora a produção do oriente fosse reconhecida como fator principal da crise da produção amazônica, isto não deveria deixar os empresários brasileiros atônitos e demasiadamente preocupados. Pelo contrário, tal dificuldade deveria servir de estímulo e incentivo para despertar o potencial, aparentemente, inesgotável que a região podia contar.²⁷⁵

²⁷³ *Revista da ACA*. Manaus, 10 ago. 1911.

²⁷⁴ *Revista da ACA*. Manaus, 10 Set. 1911.

²⁷⁵ *Idem*.

Nem mesmo as resoluções provenientes do *Congresso Comercial, Industrial e Agrícola* de 1910 foram capazes de frear a crise, que daria a produção asiática estupendo crescimento em detrimento da produção amazônica.

Outra pauta da *Revista* foram os contratos com a empresa *Manáos Harbour* que aparentemente deixou de cumprir ações que lhe eram exigidas e, dessa forma, afetavam diretamente a *ACA*. De todo modo, no periódico, a tônica da discussão continua a ser a produção da borracha, como se fez na matéria: *Extremo Oriente e Amazônia: a rivalidade das duas borrachas*.²⁷⁶

Sob título *A Borracha: Aplicação do salitre como adubo nos seringais do vale do Amazonas*, a *Revista* aborda uma tentativa de dar mais vigor e tonicidade ao látex e assim recuperar a produção das seringueiras do Amazonas²⁷⁷. O único mês do ano de 1911 que em primeira página a *Revista da ACA* não tratou da questão da borracha foi o mês de dezembro, quando a revista optou por tratar das associações comerciais do Brasil, e assim lidar com o comércio de modo mais amplo.

Com relação à isso, Ângela de Castro Gomes informa em seus estudos acerca do trabalhismo que “as associações patronais, desempenhavam, em âmbito nacional, o papel de instituições que agiam em nome dos interesses do comércio e da indústria não só face as pressões do movimento operário, mas principalmente diante do Estado”.²⁷⁸

A análise realizada nos números da *Revista da ACA* apresenta a ordem do discurso patronal que se fez aparecer em um período nevrálgico da História do Amazonas. Embora se tenha identificado em algumas matérias representações acerca do seringueiro, as últimas aqui listadas tendem a ocultá-lo, visto a forte apreensão que se abatia sobre a classe patronal ante o declínio da economia borracha. Mesmo assim, até mesmo quando o seringueiro está oculto, tem-se nisso uma representação dele.

Neste ponto pode-se refletir sobre outras informações pertinentes que Avelino também traz acerca da existência e função do patronato da *ACA*:

Em nosso estudo do patronato amazonense percebemos que a sua compreensão como classe social não passava necessariamente pela

²⁷⁶ *Revista da ACA*. Manaus, 10 Out. 1911.

²⁷⁷ *Revista da ACA*. Manaus, 10 Nov. 1911.

²⁷⁸ GOMES, Ângela de Castro. *Burguesia e Trabalho: política e legislação social no Brasil, 1917-1937*. Rio de Janeiro: Campus, 1979, p. 117.

construção de um discurso uniformizador, mas resultava, em boa medida, da prática diária de vivência de seus conflitos com o Estado e com os trabalhadores, das rivalidades e choque de opiniões contrárias as suas... analisamos os patrões como uma categoria que buscava a criar identidade através do associativismo e do corporativismo, mas também pela legitimação pública, o que em muito ajudava os discurso veiculados pela *Revista*.... a fala patronal difundida pela ACA visava essencialmente a união e harmonia do grupo em torno de estratégias precisas para assegurar seu prestígio, seu status e seu poder econômico e político... Temos que considerar na análise do patronato suas relações não apenas com os trabalhadores, mas com as instituições públicas e com o capital externo. A preocupação dos donos de casas de comércio e de seringais não estava restrita a lidar com seus empregados, mas tratava também da concessão de benefícios, recursos e de proteção contra o monopólio inglês sobre instituições fundamentais da praça comercial da cidade, notadamente ligadas ao transporte, comunicação e armazenagem da borracha.²⁷⁹

Evidencia-se assim que para além da elaboração de um discurso coeso e uniformizador, era a prática patronal ante um conjunto de fatores que determinava um modo próprio de ação e de construção de um discurso revelando a finalidade patronal na busca de assegurar seu *status quo*. Dessa forma, vê-se que a existência e função da *Revista da ACA* configura-se pela necessidade de afirmação de seus interesses.

No ano de 1912, mais precisamente ao mês de junho, foi publicado um decreto de regulamentação da Lei Federal nº 2.543-A, de 5 de Janeiro de 1912. Com matéria em primeira página sob o título *Proteção e Amparo da Borracha*. Essa lei foi publicada na íntegra e ocupou praticamente todas as páginas desse número, e, como seu conteúdo é extenso, transcreve-se abaixo alguns dos títulos sob os quais estão organizados seus capítulos:

Das medidas de animação à indústria extrativa e à cultura das principais árvores produtoras da borracha.
Da criação das indústrias de refinação e de fabricação de artefatos de borracha.
Da assistência aos imigrantes, nacionais e estrangeiros recém-chegados e aos trabalhadores já estabelecidos no vale do Amazonas.
Dos melhoramentos e medidas tendentes a facilitar os transportes e diminuir o seu custo no vale do Amazonas.²⁸⁰

Outros capítulos abordam a questão da redução dos custos de utensílios e materiais empregados na coleta da borracha; prêmios em dinheiro aos cultivadores das principais seringueiras; as regras elementares para as estações de coleta;

²⁷⁹ AVELINO, Alexandre Nogueira. *O Patronato Amazonense e o Mundo do Trabalho*. Op. cit., p. 18-19.

²⁸⁰ *Revista da ACA*. Manaus, 10 Jun. 1911.

hospedagens mais apropriadas para o trânsito de trabalhadores; a instalação de hospitais nos interiores com a assistência mais efetiva e próxima dos seringais; novas diretrizes para o transporte fluvial e navegabilidade nos rios; dentre outros pormenores que objetivavam melhoramentos à empresa da borracha.

Observa-se através da leitura desses artigos, que o seringueiro não parece importar ao patronato. Quando aparece, é como mero extrator, cultivador ou trabalhador sem que se discuta sua situação em uma lei federal. Era de se esperar que os seringueiros da Amazônia fossem contemplados juntamente com suas demandas percebendo-se sua humanidade, aspirações e sonhos, bem como, o reconhecimento das injustiças as quais eram submetidos. Nada disso ocorreu. Foram ignoradas pelo poder público e pelo patronato. O que se viu foi a descrição do seringueiro sob uma lei rígida em que o mesmo não passava de um fator equacionado sob uma dinâmica predominantemente econômica.

Por esse motivo, Alexandre Avelino comenta ao afirmar que “o patronato queria de fato era a importação de homens que servissem como peças de reposição de uma massa de trabalhadores considerados indolentes por seus patrões, mas que fossem principalmente mais baratos e dóceis”.²⁸¹

É sob esta interpretação que a fala de Edward Thompson tomada como epígrafe, parece pertinente, não só por recuperar a existência e a agência das classes de trabalhadores e pessoas comuns do povo, como também por alertar o verdadeiro ofício do historiador:

A história não pode ser comparada a um túnel por onde um trem expresso corre até levar sua carga de passageiros em direção a planícies ensolaradas. Ou então, caso o seja, gerações após gerações de passageiros nascem, vivem na escuridão e, enquanto o trem ainda está no interior do túnel, aí também morrem. Um historiador deve estar decididamente interessado, muito além do permitido pelos teleologistas, na qualidade de vida, nos sofrimentos e satisfações daqueles que vivem e morrem em tempo não redimido.²⁸²

Esta fértil e emblemática citação de Thompson concatena-se a um dos objetivos deste estudo, o qual propõe investigar as vivências e o cotidiano dos seringueiros, buscando compreender suas histórias e sua relação com o universo complexo em está inserido, resinificando assim as práticas de seu ofício e existência.

²⁸¹ AVELINO, Alexandre Nogueira. *O Patronato Amazonense e o Mundo do Trabalho*. Op. cit., p. 70.

²⁸² THOMPSON, Edward Palmer. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Op. cit., p. 21.

Esta ação se faz engendrada através das imagens e representações trazidas pela multiplicidade dos periódicos da imprensa.

A *Revista da ACA* chama atenção também para a necessidade de defesa da borracha:

Quando se legisla um assumpto complexo, e além disso que a maioria não conhece bem, mesmo nas linhas gerais, não é estranhável que se imponham, na sua execução, os reparos e as modificações, assim, e como se vê, inevitáveis. Não admira, portanto, que esses reparos e essas modificações se evidenciem com a leitura demorada da Lei nº 2.543, de amparo e defesa à nossa borracha, máxime quando, em relação aos melhoramentos terrestres e fluviais que ela determina, existe, afinal, deficiência de dados e estudos prévios. Apesar das explorações destes últimos quarenta anos, nacionais e estrangeiras, de caráter científico ou simples interesse comercial, uma grande, senão a mais importante ainda, da nossa bacia amazônica e de seu território, permanece inexplorada ou desconhecida nos seus aspectos físicos e econômicos mais essenciais... Publicada a Lei em nosso número anterior, procuramos estudá-la com auxílio de pessoas competentes e de muitos dos nossos associados, a que estes assumptos, por várias razões, são familiares... Continua a Associação Comercial no seu louvável labor de auxiliar a execução da Lei nº 2.543. ²⁸³

Na primeira parte vê-se explicitamente o modo como a *Revista da ACA* se posiciona ante a publicação da Lei Federal que já se tem exposto aqui. Aparentemente, a associação constata através de seus estudos, que a lei carregava *deficiência de dados e estudos prévios*, pois acreditavam que a região permanecia *inexplorada ou desconhecida nos seus aspectos físicos e econômicos mais essenciais*. No entanto, a *ACA* não se exime de se aplicar no auxílio da execução da lei.

Pelo que se analisou isso deve estar relacionado à compreensão de que aqueles homens eruditos do início do século XX tinham a respeito da Amazônia, construída em parte pelo o que Euclides da Cunha ou Alberto Rangel escreveram em suas obras, apresentando aquela Amazônia como uma natureza repleta de aspectos nosológicos e fisiológicos, que acaba por impor ao homem. Neste modelo teórico onde o homem é elemento passivo e condicionado pela natureza.

Essa mentalidade dos associados da *ACA* devia ter certo sentido, considerando o tempo em que viviam. Contudo, avançando no tempo, a historiografia²⁸⁴ estudou um conjunto de fatores pertinentes à região que demonstram a complexidade que envolve a Amazônia. Essa perspectiva é bem mais ampla do que a que os associados da *ACA* supunham na época.

²⁸³ *Revista da ACA*. Manaus, 10 Jul. 1912.

²⁸⁴ Cf. BATISTA, Djalma. *O Complexo da Amazônia*. Op. cit.

Na leitura da *Revista da ACA* percebe-se que desde meados do ano de 1912 a efervescência da crise da economia da borracha foi a marca da maioria das suas publicações. A produção asiática se agigantava mês a mês, o Estado e o patronato amazonense empreendiam o que podiam para recuperar a queda da produção regional. As publicações traziam artigos diversificados, que embora trouxessem dados alarmantes da economia, era o tom positivo que sempre predominava.

Avelino informa que nesse período houve certa tensão entre os patrões seringalistas e os associados da *ACA* diante do quadro que passavam, tensão esta que pode ser percebida no interior da *Revista da ACA*. Os artigos e discursos ali proferidos apontavam sempre para uma prática mais racional ante o trabalho nos seringais, algo que nem sempre era seguido pelos patrões. Por exemplo, há muitas alertas para que a economia amazonense não dependesse exclusivamente da borracha e que o trabalhador pudesse ampliar o cultivo dos gêneros possíveis, como pode-se constatar pela seguinte fala: “o fator principal de nossa ruína é, a nosso ver, a falta dessa labuta incessante de variados ramos do trabalho... um empório formidável de energias... nós, entretanto, vivemos exclusivamente da borracha e nada mais”.²⁸⁵

No entanto, em menor ou em maior grau diante de tais conselhos, “os patrões da borracha, seringalistas, eram contrários e puniam com severidade os seringueiros que faziam roças”²⁸⁶. Isso ocorria, como já foi anunciado, pois viam que qualquer outro esforço empreendido que não fosse com a extração da borracha comprometeria sua produção, além do que poderia dar ao seringueiro certa independência ante o patrão, o que determinantemente traria prejuízos ao patronato.

A *Revista da ACA* publicou o discurso de um seringalista que demonstra este pensamento, onde dizia que

... a salvação de nossa produção de borracha consiste primeiramente na cultura intensiva da hevea... que para dar um enérgico impulso a esta lavoura deve-se lançar mão dos braços e das pernas atualmente ocupados na agricultura, de forma a obter o mais breve possível resultados.²⁸⁷

²⁸⁵ *Revista da ACA*. Manaus, 5 Set. 1908.

²⁸⁶ AVELINO, Alexandre Nogueira. *O Patronato Amazonense e o Mundo do Trabalho*. Op. cit., p. 78.

²⁸⁷ *Revista da ACA*. Manaus, 10 Jan. 1911.

Pode-se assim perceber primeiramente uma divergência do próprio discurso patronal na *Revista da ACA*. Muito embora, já se tenha dito que pela revista a classe patronal pudesse ser vista de forma coesa em seus interesses, nem sempre isto foi possível, ainda mais quando uma crise econômica se aproximava e que nesse tempo ainda estava por se concretizar. Os temores pela perda do capital investido e do controle da hegemonia da borracha gerou certamente discursos divergentes entre a classe patronal amazonense.

Considerando o mesmo cenário, outro ponto de destaque dessas publicações é o de responsabilizar o próprio seringueiro por parte da crise da borracha, visto que ele era o principal agente coletor do produto. Dessa forma, se não fizessem o trabalho corretamente, quem seria prejudicado seria o patrão, o seringalista, que daria continuidade ao processo de venda e exportação da borracha.

Em alguns artigos, além de serem demonstradas as deficiências no processo do trato com a borracha, também são expostos os erros cometidos pelos seringueiros e que deveriam ser corrigidos pelos patrões, sob intensa vigilância e disciplina. Isso pode ser visto com maior clareza nos seguinte trecho extraído do artigo denominado *O vale do Amazonas e seu futuro industrial*:

O rendimento da seringueira é penosamente reduzido pela falta absoluta de cuidado dos seringueiros e pelo habito quase universal de cortá-las em V com um machadinho em lugar de empregarem o herringbone, método que é atualmente quase universal nas plantações... Mr. Akers está convencido de que a produção de uma determinada área pode ser duplicada em poucos anos, sem grande dispêndio de trabalho, quando substituir-se o machado atualmente em uso pela faca apropriada ou goiva das plantações.... ao proprietário... e por si ou por seus agentes tem ou devem ter o compromisso de fiscalizar o seringueiro para que não cause danos às árvores produtoras.²⁸⁸

Vê-se então, de modo explícito, as ações do seringueiro sendo incorporadas aos fatores da crise econômica da borracha, por não adequá-las aos métodos estabelecidos no cultivo e na cultura da seringueira, devendo ser vigiado pelo patrão ou seus agentes. Esse artigo fora traduzido do jornal inglês *The Economist* e publicado na íntegra na *Revista da ACA* sob a seguinte ideia: “*The Economist*, de Londres, publicou um belo estudo sobre o futuro industrial do vale do Amazonas...

²⁸⁸ *Revista da ACA*. Manaus, 10 Jun. 1913.

Cremos que essa publicação possui toda a oportunidade e será lida com o maior interesse”.²⁸⁹

É possível perceber que o jornal inglês era aclamado pela *Revista da ACA*, pois não foram poucos os artigos dele traduzidos para o português. Na fonte se vê o estudo londrino sendo adjetivado como *belo*. Os redatores da *Revista da ACA* estavam convictos de que o artigo tinha *toda a oportunidade* para que fossem repensadas as ações do trabalho da borracha, tendo em vista um futuro promissor.

Esta análise que se faz do discurso da *Revista da ACA* em um período de crise econômica, permite também pensar os ideais de construção um ambiente moderno de um Estado e mais especificamente de uma cidade. Manaus emerge ali como representação de uma cidade construída por sua elite, objetivando a adequação dela ao sonho de uma cidade moderna, bem no estilo europeu partindo de condições objetivas e de capacidade para construir uma sociedade ideal.

É isto que se percebe quando se investiga a Manaus que vai sendo descrita e escrita na *Revista da ACA*. Os construtores desse ambiente socioeconômico são, antes de tudo, os associados da entidade, a classe patronal e o Estado com suas demandas governamentais. Seus discursos demonstram que a imagem projetada para Manaus estava baseada em suas próprias perspectivas. É a imagem construída sob interpretações feitas de acordo com os valores e interesses daqueles que ocupavam o poder.

O discurso produzido pela classe patronal sempre tendia a ignorar entre os fatores da crise as demandas próprias dos seringueiros. Os fatores salientados são: a completa inexperiência na produção organizada; o desconhecimento da fisiologia da seringueira; o uso de técnicas brutais tradicionais de extração. Vários desses homens, em sua maioria nordestinos fugidos da seca ou desempregados da cidade, vão à procura de melhores rendas nos seringais, sem nunca ter trabalhado no extrativismo na selva, e assim, acabavam por prejudicar a árvore por falta de conhecimento e preparo.

Além disso, havia também a necessidade de sustentar a família, de ter uma vida mais digna e humana. Isto os forçou a exercer uma atividade que exigia

²⁸⁹ Idem.

preparo físico para aguentar as longas caminhadas na selva fechada, suportando a solidão e todo aquele ambiente embrutecedor do seringal.

Os acidentes eram frequentes dentro do ambiente de trabalho. No entanto, para os patrões, os acidentes eram causados primeiramente pela falta de atenção dos trabalhadores que insistiam em não considerar as normas de comportamento da profissão. No caso das doenças, o descaso patronal é também patente, já que a culpa era atribuída aos maus hábitos de higiene. Quando não morriam por doenças, ataques de índios ou por animais, fugiam para não enlouquecer.²⁹⁰

É oportuno destacar aqui dois breves fragmentos retirados de uma extensa crônica publicada no jornal *O Correio do Purus*, a respeito da opressão exercida pelos seringalistas sobre os seringueiros nos seringais da região:

Doutrinando-se, poder-se-ia dizer ao proprietário de seringais... deram-te um poder, cópia fiel desse outro medieval em que o nobre tinha, à discrição, à vida, bens e hora dos servos... tu tens melhor preparo para a existência... porque motivo não levantas de sua degradação física e moral o teu operário – o seringueiro – que é a pedra angular desse edifício de tua fortuna? Porque motivo o explora, tu, com a inclemência do agiota, iludidor da fé e defraudador da lei?²⁹¹

Percebe-se na citação que a imprensa do período, ou pelo menos parte dela, trazia em seus discursos certa preocupação social e, dessa forma, não só percebiam a trágica situação dos seringueiros, como também fazia uma enfática condenação da atuação dos seringalistas, muito embora, o periódico em destaque trouxesse em seus textos o mesmo discurso elitista o qual temos visto na *Revista da ACA*.

No entanto, na mesma crônica há outro fragmento, no qual se percebe que o periódico também responsabiliza o seringueiro por sua inércia, por aceitar com resignação o estado no qual se encontra, sem atitude e mobilização de luta, a que poderia lhes trazer maior respeito:

Ao operário, dir-se-ia, também: Ergue-te pela economia, enobrece-te pelo trabalho e torna-te forte pela instrução; as horas que perdes, inutilmente, nas longas tardes estivais, quer na inércia que depauperas, quer nos divertimentos onde te nasce o vício do álcool, deves aplicar ao estudo de tua língua pátria, à compreensão dos deveres cívicos afim de que, melhorando, possas senão nivelar-se ao teu patrão, ao menos adquirir o seu respeito e estima.²⁹²

²⁹⁰ AVELINO, Alexandre Nogueira. *O Patronato Amazonense e o Mundo do Trabalho*. Op. cit., p. 79.

²⁹¹ *O Correio do Purus*. Lábrea, 16 Jun. 1907.

²⁹² *O Correio do Purus*. Lábrea, 16 Jun. 1907.

Portanto, vê-se materializado, em uma única nota da Imprensa, uma ambiguidade no discurso que, embora localize a dominação e a denuncie, acaba por atribuir aos dominados parcela relevante da culpa pela situação enfrentada. Vítima da opressão patronal, o seringueiro é também, nestas representações, vítima e algoz de si mesmo.

Quando se lê na fonte *ergue-te pela economia*, é impossível não lembrar dos motins e levantes que Edward Thompson descreve em seu conhecido estudo *A economia moral da multidão inglesa no século XVIII*:

O motim da fome na Inglaterra do século XVIII era uma forma altamente complexa de ação popular direta, disciplinada e com objetivos claros. Determinar... até que ponto tal levante era uma forma “bem sucedida” de ação é uma questão demasiado intrincada.... É certamente verdade que os motins eram provocados pelo aumento dos preços, por maus procedimentos dos comerciantes ou pela fome. Mas essas queixas operavam dentro de um consenso popular a respeito do que eram práticas legítimas e ilegítimas na atividade do mercado dos moleiros que faziam o pão, etc.... que constituem a economia moral dos pobres. O desrespeito a esses pressupostos morais tanto quanto a privação real era o motivo habitual para a ação direta.²⁹³

Aqui se vê o quanto é significativo e transformador para uma classe de trabalhadores alcançar a consciência de classe, já que isso torna possível mudar a situação em que se encontram.

Analisando a *Revista da ACA* é pertinente apresentar um trecho de um longo parecer descritivo do Dr. Eloy de Souza, relator da comissão mista de Senadores e Deputados Federais, publicado sob o título: *A crise da indústria da borracha na Amazônia*.

Vejamos agora o que a tal respeito ocorrer na Amazônia, nas relações entre patrões e trabalhadores e a inteira revelia do Governo. “Os seringueiros, [diz o Dr. Osvaldo Cruz no seu relatório], cujos trabalhos não foram suficientes para obter saldo, ficam na impossibilidade de recorrer ao médico e obter medicamentos. A comissão foi procurada por numerosos doentes e sempre ouvido de todos a mesma afirmação de não lhes sobraem recursos para adquirir os medicamentos que lhes prescrevia a comissão. E, entretanto são, doentes em estado grave, muitos em iminência de morte, na mais precária condição, fatalmente condenados ao aniquilamento total, se não forem submetidos a tratamento específico regular”. A referência é feita diretamente a factos constatados no Xapuri, mas podem ser generalizados a quase toda a região, sem injustiça.²⁹⁴

²⁹³ THOMPSON, EDWARD PALMER. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia da Letras, 1998, p. 152.

²⁹⁴ *Revista da ACA. Manaus*, 10 Jan. 1914.

Dentre tantos assuntos vê-se a descrição do estado de saúde em que os seringueiros viviam. O período descrito preconfigurava a eclosão da I Grande Guerra Mundial e atestaria a derrocada final da economia da borracha na região amazônica.

Chama atenção que a *Revista da ACA* seja receptora de um discurso onde através do discurso político o seringueiro é aparentemente observado em suas demandas. Como já dito, via de regra, todo e qualquer infortúnio que alcançasse o seringueiro, era explicado pelo discurso patronal por razões já conhecidas, como o meio geográfico, o descuido do seringueiro, a inércia, preguiça, os vícios, a falta de habilidade com o método de extração da borracha, dentre outros. Há também na fonte a referência feita à Osvaldo Cruz, que fora quem atestara o terrível quadro de insalubridade da região amazônica, pedindo providenciais para a erradicação de muitas moléstias.

No mês de julho de 1913 a revista faz menção direta ao artigo publicado no mês anterior e abre espaço para outro artigo, escrito por um antigo membro da diretoria da ACA, o Sr. Witt, que comenta as propostas feitas pelo Sr. Akers no *The Enonomist*, aparentemente discordando em alguns pontos, mas ampliando a resolução de outros.

Procederá o Governo Brasileiro de acordo com esta ordem de ideias? ... Em vez de se salvar a galinha que põe os ovos de ouro, abandona-se em geral a ave, que vai se definhando de fome, e só depois se reconhece que melhor teria sido contentar-se a gente com um ovo de tempos em tempos do que deixar morrer a galinha. No me ver, sem falhar na questão da redução dos direitos, ao Governo também competirá desenvolver o país e instruir o povo como propôs o Snr. Akers.²⁹⁵

Primeiramente, o que se nota aqui é o caráter dúbio do discurso da classe patronal em que tem na *Revista da ACA* o espaço para tratar das complexas questões que envolviam a crise naquele momento. A participação do Sr. Witt é assim anunciada pelo redator: “Como se sabe, o Snr. Witt sempre foi uma das autoridades mais acatadas no nosso meio comercial e como nosso Delegado na primeira Exposição de Borracha em Londres desempenhou esse encargo com todo o brilhantismo”.²⁹⁶

Ao assim proceder, a revista fornece o espaço de sua primeira página para alguém que participava mais de perto dos problemas enfrentados no comércio do

²⁹⁵ *Revista da ACA. Manaus*, 10 Jul. 1913.

²⁹⁶ *Idem*.

Amazonas e que poderia trazer outra perspectiva, como de fato se vê na citação acima, de que o governo brasileiro deveria intervir mais diretamente na situação para além dos conselhos do Sr. Akers provenientes de Londres. Isso fica mais evidente quando o Sr. Witt utiliza-se de uma analogia em que a galinha seria a seringueira e que a borracha seriam os ovos produzidos de tempos em tempos.

Ante a crise da economia da borracha percebida fortemente nos textos da *Revista da ACA*, é necessário ampliar a compreensão acerca desse fato histórico, refletindo sobre o que Dorinethe Bentes afirma sobre o mesmo ambiente instável da economia da borracha:

A historiografia regional passa a visualizar as condições reais da construção da cidade, desmistificando-se que a crise econômica vivenciada pelo Estado era apenas fruto da concorrência da borracha produzida na Ásia, pela falta de políticas voltadas para beneficiar os produtos extraídos da região. Nessa perspectiva podemos afirmar que a crise econômica vivenciada pelo Estado nas décadas de 1910, 1920, 1930 e 1940 foi fruto de toda uma política econômica equivocada, que tinha por objetivo a construção da cidade de Manaus aos moldes das principais cidades europeias, sendo que tal construção da cidade fora financiada por vultosos empréstimos que sobrecarregaram os erários por várias décadas como o que aconteceu na cidade de Paris em seu processo de modernização na década de 50 do século XIX. As dívidas deixadas pela administração de Haussmann se arrastaram por toda a metade do século XIX, dificultando os trabalhos das administrações seguintes, o que também aconteceu com a cidade de Manaus, que acabou por comprometer toda a economia do Estado do Amazonas. Os empréstimos vultosos, justificados pelo ideal de modernização da cidade foram tão mal feitos que comprometeram significativamente o orçamento da cidade por aproximadamente meio século, pois, tais empréstimos só foram pagos no final de 1957.²⁹⁷

Assim tem-se uma análise mais abrangente da situação econômica compreendida sob uma conjuntura muito maior, e a partir de fatores diversos, não apenas no que tange a desvalorização da borracha da região por causa do crescimento e da valorização da borracha do oriente. O ideal da construção de uma cidade modelo sob padrões europeus foi fator determinante para que a própria identidade amazonense com seus traços marcadamente regionais ficasse em segundo plano, sendo assim afetada e assimilada pela visão do outro e não de si própria. Analisando as décadas seguintes pode-se afirmar que pagamos caro o ônus dessa política econômica equivocada.

²⁹⁷ BENTES, Dorinethe dos Santos. *Outras faces da história: Manaus, 1910-1940*. Manaus: Reggo Edições, 2012, p. 84.

CAPÍTULO 3:

O COTIDIANO DO SERINGAL NA IMPRENSA AMAZONENSE

- Coronel, me desculpe, mas que é isso?
- Nunca viu? Ou será que está pensando que é um maracá?
- Queria só saber, me desculpe, pra que tanta bala?
- Não é pra matar passarinho, não. Ou vai querer enfrentar onça e índio, só mostrando a mão, como padre pra espantar o demônio?

Cláudio de Araújo Lima

Observa-se que a imprensa amazonense tem sido para essa pesquisa um valioso depósito, especialmente no estudo das representações do seringueiro. Para além da análise da imprensa e de seus discursos, pode-se perceber que muitas experiências são relatadas no interior desses periódicos, e dessa forma direciona-se a atenção ao acesso das diversas imagens do seringueiro que estão impressas nesses jornais.

A partir das matérias publicadas diariamente sobre o mundo do seringal e seus diversos atores encontram-se diversas histórias que foram organizadas por temáticas que configuram as muitas experiências do seringueiro e que em maior ou menor grau, podem diferir ou pelo menos confirmar tudo o que usualmente foi registrado pela historiografia regional. A acessibilidade desses periódicos esteve condicionada quase que em sua totalidade em arquivos microfilmados ou digitalizados de acordo com sua disponibilidade. Tratam-se de periódicos que acompanharam um mesmo contexto e que representam bem a imprensa amazonense do período.

Sendo o tempo da pesquisa exíguo, a exploração e o tratamento dos periódicos deu-se partir de abordagens temáticas. A partir da reunião das notícias acerca do seringueiro e de tudo o que o envolve fez-se uma tabulação de dados com essas notícias sistematizadas. Dentre os temas e questões que se pôde organizar estão os relativos aos deslocamentos para a Amazônia; o estranhamento e a adaptação ao novo ambiente; o enquadramento ao sistema de trabalho; a vida fora dos seringais, e a relação de dominação e as resistências. As imagens dos seringais

amazônicos emergem desse universo em que tem como interlocutora a imprensa amazonense.

O BRABO: O MIGRANTE NORDESTINO NO AMBIENTE AMAZÔNICO

Este novo contexto da pesquisa permite abordar de modo mais direto o seringueiro recém chegado (denominado *brabo*), e os dilemas enfrentados por ele em seu percurso de adaptação ao meio amazônico. Esses dilemas também podem ser observados sob a perspectiva dos periódicos, bem como através de outras fontes.

Sabe-se que as populações que migraram para a Amazônia desde meados do século XIX e mais abundantemente no período áureo da borracha, o fizeram em relação os infortúnios de diversas ordens que enfrentavam em sua terra pátria, explicando, em boa medida, esse trânsito migratório. Pode-se inferir, sem exageros, que a entrada dessas populações em um ambiente totalmente diferenciado daquele de origem provocou um forte choque cultural, e até mesmo psicológico, gerando também traumas indelévels, que nem o passar dos anos, e uma árdua adaptação, conseguiram fazer com que fossem superados.

Conforme Samuel Benchimol atesta, “talvez, na história das migrações humanas, jamais se tenha registrado drama de igual proporção”²⁹⁸. Isso se torna mais evidente quando se sabe que parte significativa desses migrantes se tornaram os trabalhadores da borracha, os seringueiros.

Talvez seja por isso que após tantos estudos realizados sobre o tema²⁹⁹, Djalma Batista tenha ressinificado a importância da pesquisa sobre o seringueiro, mostrando-a ainda em *déficit*: “o estudo antropológico do seringueiro propriamente dito não foi totalmente feito, e cada vez é mais difícil realiza-lo”³⁰⁰. É com essa

²⁹⁸ BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: formação social e cultural*. Manaus: Valer, 2009, p. 159.

²⁹⁹ Djalma Batista considera os estudos clássicos sobre a borracha como sendo parte de uma extensa literatura amazônica, científica e pseudocientífica, literária e pseudoliterária expressadas nas obras dos amazonólogos Arthur César Ferreira Reis e Cosme Ferreira Filho, bem como no campo das letras de Euclides da Cunha e Ferreira de Castro. Todavia, coaduna-se com o julgamento de Caio Prado Júnior quando reverberou a respeito da literatura amazônica dizendo que: *enjoava-o*. BATISTA, Djalma. *O Complexo da Amazônia*. Op. cit., p. 172-174.

³⁰⁰ Idem, p. 172.

perspectiva que esta pesquisa se une ao conjunto de estudos que buscam ressignificar a vida do seringueiro, símbolo por excelência do trabalhador da Amazônia.

Para efeito dessa análise recapitule-se o modo como o migrante nordestino adentrou em sua nova dinâmica de trabalho. Nos estudos acerca da formação cultural e social da Amazônia, Benchimol é também um dos autores que analisa todo esse processo de migração e de inserção dos nordestinos migrantes ao contexto regional e mais precisamente que entraram nos seringais amazônicos e, portanto informa que eles:

Começavam a trabalhar, já endividados, conforme Euclides da Cunha: *O seringueiro trabalhava para escravizar-se*. Começavam como *brabos* até que, com a ajuda dos companheiros mais velhos e experimentados – os seringueiros *mansos*, já domesticados, aprendiam o ofício do corte, sangria, coleta e defumação. Quando não eram vítimas da violência, das flechadas dos índios, picadas de cobras, das emboscadas e conflitos de sangue nas festas e nos negócios, morriam aos milhares de doenças como beribéri, pelagra, malária, maleita e ferida braba.³⁰¹

Sob orientação semelhante, Djalma Batista inseriu na análise o conceito da *lei da selva* como condição a ser assimilada por aqueles que quisessem sobreviver às (inesperadas?!) agruras do *Eldorado* que foi sendo construído em suas mentes, e assim os fazendo carregar grande expectativa de uma vida próspera. Contudo, quando passavam a viver e conviver no ambiente amazônico, as dimensões oníricas desapareceram, e a vida se mostrou tal como era:

Na Amazônia, com a borracha, vigorou mais do que nunca a *lei da selva* com o império da *lei do mais forte*. E a vitória do mais forte nem sempre foi a do mais cruel, porque muitas vezes resultou o surgimento de um líder pela inteligência, pela capacidade de trabalho e pela habilidade.³⁰²

Esse era o quadro geral da vida que se iniciava no seringal. As atribuições específicas no trato do trabalho e os dramas enfrentados na floresta legitimavam e fortaleciam a lei que se impunha aos indivíduos que ali se encontravam e que se submetiam ao controle e ao domínio do mais forte. São as produções simbólicas que Pierre Bourdieu chamou de *instrumentos de dominação*³⁰³. É sob este conceito que se analisa o ambiente que os seringueiros foram incorporados e através de seu

³⁰¹ BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: formação social e cultural*. Op. cit., p. 159.

³⁰² BATISTA, Djalma. *O Complexo da Amazônia*. Op. cit., p. 172.

³⁰³ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989, p. 10.

cotidiano desenvolveram um novo modo de vida construído através de forças simbólicas que eram externas a eles.³⁰⁴

Esses instrumentos de dominação podem ser percebidos no próprio modo em que o sistema de aviação era coercitivamente imposto aos agentes do mundo da borracha, especialmente ao nordestino. Como se sabe, os seringueiros se viam obrigados a consumir os produtos exclusivamente no barracão, isto fazia parte do regulamento dos seringais, que Euclides da Cunha chegou a chamar de “feudalismo acalcanhado e bronco”³⁰⁵. Coube, no entanto, à Cláudio Araújo Lima explicar a parte elementar desse regramento através de uma de suas personagens (Matias):

O brabo precisava se inteirar, antes de mais nada, de que ficava expressamente proibido de plantar. Nada de fazer lavoura. Nem de caçar ou pescar. Tinha de consagrar o tempo de trabalho, numa faixa média diária de doze horas, somente a extração da borracha... Ficava obrigado a se aviar, exclusivamente no armazém do seringal. Semanalmente, se o centro fosse perto. De quinze em quinze dias, se mais distanciado. E devia ficar sabendo que era considerado “crime” tentar aquisição de mercadorias de turco de regatão, a quem também não podia, em hipótese nenhuma, vender qualquer quantidade de seringa, por menor que fosse. Multa para a desobediência: cem mil réis.³⁰⁶

A compreensão da cultura que se constrói e que rodeia o universo do seringueiro e do trabalho nos seringais certamente se aproximará mais do que realmente foi a história desse sujeito social. No entanto, há uma perspectiva que impele para produção de uma história política e socialmente engajada, tal como Clifford Gertz alerta acerca dos estudos culturais, notadamente quando diz que “o perigo da análise cultural era perder contato com as superfícies duras da vida, como as estruturas políticas e econômicas”.³⁰⁷

Dessa forma, parece oportuno lembrar o conselho de Antoine Prost ao afirmar que “toda a história é, ao mesmo tempo e indissociavelmente, social e

³⁰⁴ O conceito de produção simbólica de Pierre Bourdieu se aproxima do conceito de representação. Bourdieu afirma que as produções simbólicas se relacionam com os interesses da classe dominante construindo ideologias que fazem interesses particulares se apresentarem como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo. A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante; para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas para a legitimação da ordem estabelecida. A cultura que une é também a cultura que separa. O campo de produção simbólica, cujo o poder se assenta no capital econômico, é um microcosmos da luta simbólica entre as classes. BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989, p. 10-15.

³⁰⁵ CUNHA, Euclides da. *A Margem da História*. Op. cit., p. 14.

³⁰⁶ LIMA, Cláudio Araújo. *Coronel de Barranco*. 2ª ed. Manaus: Editora Valer, 2002, p. 151-152.

³⁰⁷ Apud BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p.148.

cultural”³⁰⁸. Toma-se como fundamental para a compreensão disso as abordagens de Antoine Prost acerca da relação entre cultura e experiência no campo da história, bem como, os estudos de Edward Thompson que contempla em suas investigações históricas diversas categorias de pessoas comuns.³⁰⁹

Ao chegar à região amazônica o nordestino trouxe consigo um conjunto de valores próprios e ao entrar em contato com a população cabocla teve que se adaptar passando a aprender valores diferentes ou fundir os seus com os novos. Dantes morriam por falta d’água, agora o risco era morrer na água afogado.

Essa experiência se tornou ainda mais profunda e traumática no campo do trabalho quando sabe-se que não foram poucos os trabalhadores, *brabos*, que ao adentrarem nos seringais descobriam que até a passagem do navio que tomavam de sua terra pátria até ali, dentro de outras despesas da viagem, estava listada em débito, assim como todos as ferramentas de trabalho e mantimentos para sua sobrevivência se tornavam a primeira dívida para pagarem com o saldo de seu trabalho. No meio da selva inóspita não havia a quem recorrer. A decisão era trabalhar!

Os textos de Euclides da Cunha dão forma e cor a um universo degradante e cruel. Exprime traços profundamente realísticos da vida que o seringueiro enfrentou. Sob o título de *Amazônia* encontramos, republicada no *Correio do Norte* em 1906, em cinco números, uma extensa entrevista de Euclides da Cunha concedida originalmente à redação do *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro. Euclides havia voltado ao Rio após ter realizado trabalho em que chefiou uma comissão de reconhecimento do Alto Purus.

³⁰⁸ PROST, Antoine. Social e Cultural Indissociavelmente. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François (Org.). *Para uma História Cultural*. Rio de Janeiro: Editorial Estampa, 1998, p. 137. Temos compreendido que a história cultural ou a social não devem ser exclusivas, nem excludentes uma da outra, ou de qualquer dimensão em voga. Segundo Prost: “...se a cultura é aquilo que permite ao indivíduo pensar a sua experiência, aquilo que através do que o indivíduo formula a sua vivência, o trabalho, as preocupações quotidianas, bem como os episódios mais importantes da existência, o amor ou a morte, o historiador não poderia decifrar essas cultura sem conhecer a experiência vivida. A história cultural deve transitar constantemente da experiência ao discurso sobre a experiência”. Idem, p. 136.

³⁰⁹ A relação entre cultura e experiência vê-se em pleno funcionamento na obra de Edward Thompson que, como um historiador neomarxista, direcionou seus interesses para as investigações da composição social e da vida cotidiana de operários, criados, mulheres e grupos étnicos diversos. Assim, a dimensão cultural de Thompson acrescentou conceitos fundamentais ao materialismo histórico e à nossa pesquisa sobre o seringueiro amazônico e seu mundo.

Após leitura na íntegra, constata-se que muitos trechos, quase a maioria dos textos da entrevista, fariam parte da conhecida obra *A Margem da História*³¹⁰, obra póstuma lançada em 1909, um mês após a morte do escritor. Portanto, os fragmentos que acessamos, puderam ser lidos em Manaus através da imprensa amazonense três anos antes do livro se tornar público.

Além disso, muito do que Euclides relata na entrevista põe o seringueiro em cena, muito embora, o tenha inserido num modelo teórico³¹¹ em que o homem era pensado como elemento passivo de um processo mais importante, onde os aspectos nosológicos e fisiológicos davam conta de explicar a equação: homem *versus* natureza, em que o último sobrepunha-se ao primeiro.

Em dado momento da entrevista o redator do periódico profere o seguinte pedido a Euclides: *Desejaria, sobretudo, que me dissesse alguma coisa acerca da situação social dos seringueiros*. Após algumas considerações acerca de suas lembranças em Manaus, Euclides expõe suas impressões:

O seringueiro é um degradado que se degrada. Longe do solo nativo que deixou num lance de aventureiro, o próprio afastamento é a grande cópia de desilusões que o salteiam, acabam por transmuda-lo. Obliteram-se mesmo os mais fortes sentimentos. Mas isto está longe de ter generalidade e a fixidez de um atributo social. É um acidente, digamos mesmo, uma doença aguda, mas transitória, e provém quase tudo da mais falsa, da mais revoltante e da mais criminosa organização do trabalho que ainda engenhrou o mais absorvente egoísmo.³¹²

Após este trecho, poucas linhas mais à frente, Euclides declamaria uma das frases mais conhecidas acerca do seringueiro: *É o homem que trabalha para escravizar-se*. É o momento, inclusive, onde o autor, para confirmar tal afirmação, demonstra os números gerais que dão conta de explicar a exploração a que eram submetidos os seringueiros no trabalho. A lógica do seringal. No entanto, deve-se ater especialmente na análise do fragmento citado, em que diante de uma pergunta tão bem elaborada, Euclides não titubeia em denunciar o sistema de trabalho

³¹⁰ A obra *A Margem da História* reúne ensaios do escritor, nos quais se evidenciam sua disposição em colher dados históricos acerca da Amazônia em forma de arquivos e documentos. É composta de quatro partes: Na Amazônia, Terra Sem História (sete capítulos sobre a região amazônica), Vários Estudos (três capítulos sobre assuntos americanos), Da Independência à República (ensaio histórico) e Estrelas Indecifráveis (crônica).

³¹¹ Valentim Faccioli afirma que na constituição do pensamento científico de Euclides o positivismo teve um forte impacto, atenuando-se mais tarde com a aproximação deste autor com as ideias evolucionistas de Spencer. FACIOLI, Valentim. *A gênese da forma*. Tese de Doutorado: São Paulo, FFLCHUSP, 1990, p. 24.

³¹² *Correio do Norte*. Manaus, 6 Maio 1906.

opressor, embora fosse um funcionário do governo federal, não se esquivou de fazer tamanha crítica social, observando, a priori, a condição degradante que vivia o seringueiro, que, segundo diz, se degrada ainda mais.

Percebe-se que Euclides traz a noção de que para além do jugo pesado do trabalho, o seringueiro era transformado à medida que sofria com as decepções criadas pelas expectativas que carregava desde a terra pátria. Essa transformação certamente foi parte de sua adaptação ao meio e contribuiu para a absorção de novos valores e modos.

Acerca da *situação social*³¹³ do seringueiro, inquirida pelo redator do periódico, pode-se constatar o que se depreende do quadro de decepções e de coercibilidade que viveu o seringueiro, a saber, a ausência de uma condição social condizente com a dignidade humana, e que Euclides diz que o quadro geral nem mesmo prefigura um atributo social.

Ao denunciar tamanha ausência, Euclides fornece a causa desse efeito como sendo uma patologia aguda e revoltante advinda do egoísmo daqueles que detinham o poder, em que a condição humana era simplesmente minimizada ou justificada em nome do progresso e do trabalho na economia da borracha. Pode-se imaginar que críticas e denúncias como esta não tenham agradado tanto a elite amazonense que via na normalidade do sistema a garantia de seus lucros alavancados.

A denúncia direta e incisiva de Euclides da Cunha reverberou através de muitos periódicos da imprensa amazonense, como por exemplo, em matéria publicada pelo *Quo Vadis*:

No Amazonas, dá-se com o comércio da borracha por um processo interessante, um fenômeno esquisito. – Ao passo que o cacau e o fumo na Bahia, e o café em S. Paulo, Minas, Rio de Janeiro e Espírito Santo, *enriquecem simultaneamente* o exportador e o produtor; entre nós a borracha enriquece unicamente o primeiro, deixando na miséria o segundo, (o seringueiro) o qual consome nos paus a saúde e a vida, e em recompensa só extrai o *déficit*.³¹⁴

³¹³ A situação pode ser definida e na realidade acontece quando os atores sociais se ocupam, frequentemente, a definir as situações. O contexto é fundamentalmente composto de um conjunto de elementos do meio institucional, de circunstâncias, de normas sociais e de valores culturais. No caso da situação, é a experiência que a organiza; a situação está ligada à maneira como as pessoas a vivem, como são afetadas, como a experimentam e como lhe respondem. É, portanto, ao nível da situação, e não do contexto ou do meio ambiente, que se fala de experiência, seja a experiência coletiva ou a experiência pessoal. *Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico*. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível em: [http://www.infopedia.pt/\\$situacao-social](http://www.infopedia.pt/$situacao-social)

³¹⁴ *Quo Vadis?*. Manaus, 27 Dez. 1902.

Pode-se afirmar que não se tratava de algo que fosse oculto das autoridades, pois a própria imprensa exercia essa característica de denunciar os problemas da sociedade. No entanto, o que se percebe é que nada mais efetivo era feito para transformar a condição desses trabalhadores tão importantes para a história do trabalho. Mas, os tempos eram outros, embora certo trecho da citação chame de *fenômeno esquisito* o comércio da borracha no Amazonas em comparação com outras economias do Brasil.

Sabe-se que Ferreira de Castro viveu em um seringal no Rio Madeira nos idos de 1911 e viu de perto todo o universo do trabalho dos seringueiros enquanto viveu ali. Este literato português acabou por retratar em sua obra *A Selva* os contrastes e as injustiças sociais que presenciou em pleno declínio da economia da borracha na Amazônia³¹⁵. Embora trate-se de um romance, uma obra ficcional, não há como negar que muito do que escreve baseou-se em experiências reais as quais teve contato.

É importante ratificar que para além disso, pode-se valorizar na pesquisa histórica a relação entre a história e a literatura, entre o real e o imaginário, entre o fato e a ficção. Nos últimos anos essa possibilidade tem feito parte de muitas produções historiográficas, tanto na Europa, quanto no Brasil.³¹⁶

Paul Ricoeur auxilia nessa relação quando diz ser possível ler um livro como se ele fosse um romance: “O incrível é que esse entrelaçamento da ficção à história não enfraquece o projeto de representância desta última, mas contribui para realizá-lo... Narrar qualquer coisa é narrar como se isso tivesse se passado”.³¹⁷

³¹⁵ Segundo Bernard Emery a obra de Ferreira de Castro começa com “a adesão a uma teoria evolucionista, influenciada sem a menor dúvida pelo positivismo vigente no Brasil”. EMERY, Bernard. A Utopia no romance neo-realista europeu: o caso de José Maria Ferreira de Castro. In *Miscelânea sobre José Maria Ferreira de Castro*. Grenoble: Centre de Recherche et d’Etudes Lusophones et Intertropicales de Grenoble; 1994, p. 92.

³¹⁶ Os estudos sobre o imaginário presente nas obras da literatura tem ganhado espaço nas pesquisas historiográficas. O real e o imaginário trazem novos significados para a interpretação do passado. Segundo Gilbert Durant “tanto a doutrina do cientificismo quanto do historicismo se opõem ao imaginário, uma vez que desvalorizam o pensamento simbólico, a imagem e a poesia”. DURANT, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998. p.9-16; No campo da historiografia, convém consultar um texto já referenciado nas considerações iniciais: GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. No Brasil, cabe destacar o importante trabalho de: CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, Historiador*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

³¹⁷ RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 318, 323.

Nesse sentido a construção do imaginário dos seringais amazônicos na literatura apresenta de maneira vívida como o nordestino *brabo* chegava aos seringais amazônicos naquele tempo:

A chegada de *brabos*... provocava sempre risos e chocarrices daqueles que já se tinham amestrado na vida terra insubmissa e de costumes singulares. E se o recém-vindo se melindrava, humilhado pela recepção imprevista, os algozes folgazões não o largavam mais, deleitando-se em persegui-lo com todas as facécias que podiam inventar contra a sua inexperiência. Enervava-os, inconscientemente, que alguém acreditasse ainda naquilo de que eles já descreiam; e os remoques só terminavam depois de o *brabo* se ter familiarizado com os segredos da vida local e resignado ao extermínio das suas próprias ilusões.³¹⁸

Mais adiante há um diálogo entre dois nordestinos *brabos* da leva de Balbino, o arregimentador do Ceará, recebendo dos outros o tratamento normal:

A leva de Balbino, debruçada na amura, à espera de ordens para desembarcar, recebia, surpreendida e aparvalhada, as estranhas saudações que lhe enviavam de terra.

– Olha! Olha! Aquele não pode nem com um galão à cabeça!

– Ai se tu pensas que isto aqui é como em Baturité! ...

Alberto recolheu-se antes que o alvejassem. De novo se sentia chocado por aquela humanidade de hábitos rudimentares, cujo convívio, ainda apenas imaginado, o incomodava antecipadamente.³¹⁹

O modo como eram recebidos e a cena descrita por Ferreira de Castro demonstram o clima tenso e nada acolhedor que os *brabos* encontravam ao desembarcar nos seringais. Os agentes que ali viviam bem como os seringueiros amansados ritualizavam a chegada de cada nova leva de trabalhadores com deboches e escárnios característicos, pois os mesmos eram alienígenas ao meio, numa terra extremamente diferente da sua e com costumes totalmente outros. É possível imaginar o quanto sofreram esses trabalhadores até alcançarem o respeito de um seringueiro *manso*. Alberto, a personagem alterego do autor, quase tem seus pensamentos revelados, pois fica chocado por *aquela humanidade de hábitos rudimentares*.

Os trabalhadores nordestinos que migraram não tinham a noção exata do que significava vir para a Amazônia. O impacto era de sobremodo grande quando adentravam os rios e a imensidão da floresta, pois constatavam que era lugar que nunca dantes conheciam. Geralmente o nordestino crescia num clima seco e mata

³¹⁸ CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. Op. cit., p. 68.

³¹⁹ Idem, p. 69.

de caatinga. No vislumbre da selva fechada da Amazônia tinha grandes dificuldades, pois se defrontou com um meio natural hostil e selvagem. De qualquer modo, esses trabalhadores a despeito do choque cultural, enfrentavam com grande labor os desafios do trabalho que lhes era proposto, ou imposto.

Cláudio Araújo Lima apresenta uma fala do seringalista Cipriano que se constitui numa representação vívida acerca do nordestino e do caboclo:

O senhor vai aprender com o tempo, caboclo aqui do Amazonas não tem tutano pra enfiar a cara na mata. Só quer viver em beira de lago e de rio, pescando. Coisa de cabra preguiçoso. Só o senhor vendo, um peste... mas bota o safado pra cortar seringa. Pois sim. Isso é coisa pra cearense, cabra safado de ganância, mas bom de machadinha.³²⁰

Após a leitura de uma grande variedade de notícias que tangem ao processo de adaptações e dilemas enfrentados pelos seringueiros em seu campo de trabalho evidencia-se que realmente as experiências contribuíram para que o trabalho fosse assimilado bem como a própria personalidade de todos os agentes envolvidos nesse processo.

No periódico *O Imparcial*, encontram-se algumas notícias que demonstram alguns infortúnios e experiências vividas dos seringueiros. Sob o título *Naufrágio: No rio Madeira naufragou uma canoa, sendo salva uma criança de 5 anos*, tem-se a seguinte história:

No lugar Jataurana, no Rio Madeira, vivem os seringueiros Rufino da Silva Celdro e Francellino Casemiro de Mello. Ambos são empregados no fabrico da borracha e na colheita da castanha, tendo sempre o cuidado de reunir os seus produtos e embarcar numa mesma canoa, afim de venderem na cidade próxima que é Manicoré, acontecendo isso de muitos anos para cá. Como de costume este ano embarcaram eles em uma canoa com um carregamento de 4 barricas de castanha e 8 e meio de alqueires de farinha, afim de venderem em Manicoré. Em viagem, porém, foram açoitados por um temporal, cujos efeitos não se fizeram esperar, tendo a frágil embarcação naufragado em pleno meio do rio. Rufino e Casemiro, apesar do grande perigo que corriam, não perderam a calma, conseguindo, assim, salvar um filho do primeiro, que vinha também na canoa e que conta apenas cinco anos de idade. O carregamento da canoa, que constava da carga acima, perdeu-se totalmente.³²¹

Vemos a história de dois companheiros de ofício ainda trabalhando com o fabrico da borracha num período em que a grande crise já determinava sem volta, o declínio dessa economia. A ausência da borracha na carga aliada ao fato de Rufino e

³²⁰ LIMA, Cláudio Araújo. *Coronel de Barranco*. Op. cit., p. 133-134.

³²¹ *O Imparcial*. Manaus, 3 Mar. 1918.

Casemiro estarem transportando em sua canoa a castanha e a farinha como produtos alternativos atestam essa possibilidade.

Além disso, a forte tempestade indica o período característico de chuvas na região amazônica. Esses seringueiros em tempos difíceis continuavam suas trajetórias não medindo esforços para sobreviverem, e o infortúnio teria sido pior se não conseguissem salvar o filho de Rufino com apenas cinco anos de idade. Outra coisa que se percebe na história narrada, é a naturalização com que nossos personagens lidam com as intempéries do meio, provavelmente já vencida a fase de estranhamento e adaptação. A história de Rufino e Casemiro representa muitas outras.

Alguns meses depois o mesmo periódico traria uma notícia ainda mais triste, com o seguinte título: *Em uma cachoeira do Aripuanã pereceu afogado um seringueiro*:

A 20 de abril procurava o seringueiro Benedieto Lima transpor a cachoeira do Matamatá, no rio Aripuanã, em um pequeno batelão, quando perdeu o equilíbrio no momento em que fazia a respectiva manobra e caia n'água, em plena cachoeira. Benedieto, arrastado pelas águas e batendo de pedra em pedra, foi ter a morte no remanso da cachoeira. Somente nove dias depois é que foi encontrado o seu cadáver, sendo sepultado perto do local onde se deu o facto. Benedieto Lima era cearense e contava 30 anos de idade, sendo agricultor e freguês do Sr. José Caripe.³²²

Através dessa história pode-se lembrar que Benedieto Lima enfrentou um dos principais problemas da atividade extrativa da borracha, a saber, a inúmeras cachoeiras do sul do Amazonas e norte de Rondônia. Essa dificuldade esteve relacionada a necessidade de facilitar o escoamento da borracha produzida na fronteira com a Bolívia até o rio Madeira por águas brasileiras e por conseguinte até o atlântico, tendo como emblema a conhecida história da construção da ferrovia Madeira-Mamoré³²³ como possibilidade de um caminho alternativo de escoamento dos produtos extrativistas para além das cachoeiras.

É próximo desse contexto que o seringueiro Benedieto Lima com seu pequeno batelão acaba morrendo ao tentar transpor uma das cachoeiras do rio

³²² *O Imparcial*. Manaus, 01 Jun. 1918.

³²³ Há boa literatura histórica sobre o tema: FERREIRA, Manoel Rodrigues. *A Ferrovia do Diabo*. São Paulo: Melhoramentos, 1959; SOUZA, Márcio. *Mad Maria*. Rio de Janeiro: Record, 2002; HARDMAN, Francisco Foot – *Trem-Fantasma: A ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. São Paulo: Cia das Letras, 1988; NEELEMAN, Rose e NEELEMAN, Gary. *Trilhos na Selva: O dia a dia dos trabalhadores da Ferrovia Madeira-Mamoré*. São Paulo: BEI Comunicação, 2011.

Aripuanã. Sabe-se que o seringueiro trabalhava muito para adquirir um batelão, com o qual poderia levar sua borracha de saldo para vender diretamente na cidade. Embora, a notícia não tenha detalhado a razão de sua viagem, pode-se inferir que Benedieto estava em pleno exercício de seu ofício quando subitamente perdeu o controle de sua embarcação vindo a falecer por efeito da queda sobre as pedras. No isolamento da selva, seu corpo ainda passaria nove dias até receber o tratamento mínimo de sua dignidade, o sepultamento. Se Benedieto era *brabo* ou *manso*, não se sabe, pois os riscos existiam para ambos, a todo o momento.

Entre os infortúnios que os seringueiros tiveram que enfrentar e se adaptar no domínio de seu ofício, estão aqueles que dizem respeito aos animais da selva diante dos quais constantemente se deparavam, bem como, com as populações indígenas que geralmente eram arredios ao contato com os seringueiros, mas, vez ou outra os atacavam. Para ambos os casos a atenção deveria ser redobrada, pois como se disse anteriormente, a lei do mais forte imperava em todas as instâncias da selva.

Em *Coronel de Barranco* tem-se uma cena bem elaborada por Cláudio Araújo Lima que apresenta um diálogo entre o seringueiro Joca, ainda *brabo*, recebendo os instrumentos de trabalho, e o coronel Cipriano, o seringalista, presente no momento de seu aviamento:

Entregaram-lhe a machadinha. O facão. E mais o resto do material básico: garfo, caneca, prato, panelas. Afinal, um rifle com duzentas balas.

– Coronel, me desculpe, mas que é isso?

– Nunca viu? Ou será que está pensando que é um maracá?

– Queria só saber, me desculpe, pra que tanta bala?

– Não é pra matar passarinho, não. Ou vai querer enfrentar onça e índio, só mostrando a mão, como padre pra espantar o demônio?

Joca ficou meio desajeitado e confessou:

– Coronel, é que eu nunca dei tiro, não. Não sei nem pegar em espingarda.

– Aprende, ora essa é boa. Antonino quando soma isso? [...]

– Setecentos e trinta mil-réis.

– Toma nota. E avança outro. ³²⁴

Percebe-se no diálogo a total inexperiência do seringueiro *brabo*, representado por Joca quando se assusta ao ver o rifle e as suas duzentas balas. Não sabia dos perigos que estaria correndo a partir daquele dia. Entrementes, atenta-se para o fato do seringalista, o Coronel Cipriano, fazer pouco da inexperiência de Joca, embora que ao mesmo tempo alerte para os perigos das onças e dos índios. Isto

³²⁴ LIMA, Cláudio Araújo. *Coronel de Barranco*. Op. cit., p. 149.

demandaria que o seringueiro arrumasse um jeito imediato de aprender a usar o rifle, pois certamente iria precisar, lembrando do que disse Daniel Piza, ao refazer em sua pesquisa a mesma trajetória de Euclides da Cunha no início do século XX: “não há morador da região que não tenha história pessoal para contar sobre onças e cobras”.³²⁵

A pesquisa resultou em muitas referências a ataques de animais à seringueiros. Neste sentido, o periódico *A Capital* publicou uma história no mínimo inusitada acerca de um ataque de onças a um seringueiro em plena luz do sol:

No lugar “Moreira” da firma Fernando & Irmão, em dias do mês passado ocorreu uma cena terrível. É o facto que o seringueiro Manoel de tal, residente numa cabana muito distante do barracão, caminhava pela floresta por volta de meio dia, conduzindo à cabeça grande pele de borracha, quando foi assaltado por seis destemerosas onças. Os bravos felinos se precipitaram sobre o corajoso seringueiro com uma ferocidade característica, sendo por ele afugentadas à tiro. Quatro outros seringueiros que vinham perto lograram aproximar-se de Manoel, ajudando-o a afugentar as onças, que embrearam-se na floresta, algumas das quais gravemente feridas.³²⁶

Um ataque de onças em plena luz do dia, e a solidariedade, sentimento tão característico da Amazônia, e que unia os seringueiros de modo tão incomum, foi responsável por evitar que o seringueiro Manoel fosse morto pelos felinos. Uma história como essa possui nuances cinematográficas e algumas doses de certo sensacionalismo, esse companheiro inseparável da imprensa.

É impossível observar o cotidiano dos seringueiros, as múltiplas e variadas histórias que decorrem dele e não pensar em teledramaturgia, visualizar pelo poder das imagens, também elas representações dessas histórias³²⁷. Nesse sentido, retoma-se Paul Ricoeur e a analisa sobre a relação, perfeitamente possível segundo ele, entre ficção e história, para empregar a sua hipótese de que esta é uma relação de mão dupla, portanto “de que a narrativa de ficção imita de certo modo a narrativa histórica”.³²⁸

³²⁵ PIZA, Daniel. *Amazônia de Euclides: viagem de volta a um paraíso perdido*. São Paulo: Leya, 2010, p. 54.

³²⁶ *A Capital*. Manaus, 14 Out. 1917.

³²⁷ De acordo com Carlo Ginzburg “a representação faz as vezes da realidade representada e, portanto, evoca a ausência; por outro lado, torna visível a realidade representada e, portanto, sugere a presença”. GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 85.

³²⁸ RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Op. cit., p. 323.

Em 2007 a autora Glória Perez conseguiu reunir dados de uma densa pesquisa abarcando um período de cem anos da história recente brasileira para recuperar boa parte da história da Amazônia em uma minissérie. A autora desenvolveu a escrita tendo como orientação a narração de uma história sob duas perspectivas, a do seringalista, onde se vê todo o glamour e o fausto que o envolviam, e a do seringueiro, remontando as suas trajetórias para Amazônia e o cotidiano de seu trabalho nos seringais.

A trama teve por fontes os romances *Terra Caída*, de José Potyguara, *Seringal*, de Miguel Ferrante, e *Formação Histórica do Acre*, livro de Leandro Tocantins. Perez também fez pesquisas de campo e conversou com seringueiros e familiares de pessoas que viveram essa fase da história do Brasil. Apesar da liberdade ficcional e da licença poética de que dispunha, a autora buscou ser fiel aos marcos históricos e narrou muitas histórias reais, principalmente do período desta pesquisa.³²⁹

Dentre tantas histórias narradas pela autora, destaca-se a história do ataque de uma onça a casa do seringueiro *brabo*, Bastião, que vive com sua família no seringal Santa Rita, recentemente chegados das secas que afligiam o interior do Ceará. Aparentemente, é mais um dia normal de trabalho, Bastião está com seu filho Bento numa das estradas de seringueiras. Angelina, a mãe, está num castanhal, e Delzuite, outra filha, está na barraca da família cuidando de um outro irmão, o caçula de apenas um ano de idade, chamado Tonho.

Delzuite vai pegar água próximo da barraca num córrego, ao que tudo indica, se esquece do irmão, quando volta desse serviço a alguns metros da barraca depara-se diante de seus olhos com a imagem da desgraça. Ela assiste uma onça atacando o seu pequeno e indefeso irmão e o arrastando para dentro da mata. Naquele instante, chorando muito, grita por todos, e o que se vê depois é a correria incansável de todos os membros da família.

³²⁹ A minissérie tem por título *Amazônia: de Galvez a Chico Mendes*. Tem mais de 25 horas de duração distribuídas em 55 capítulos. Glória Perez é filha de acreanos, nasceu no Rio de Janeiro. Com um mês de idade, voltou para o Acre com os pais, e lá morou até os 16 anos. Kursou direito e filosofia na UNB e história na UFRJ. O projeto pôde ser concretizado graças ao desenvolvimento de novas tecnologias e equipamentos que permitem gravar em plena floresta Amazônica. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/minisseries/amazonia-de-galvez-a-chico-mendes/curiosidades.htm> Acesso em: 15/01/2016.

Bastião tenta com Bento localizar a onça na esperança de ainda salvar o pequeno, e Angelina, chora copiosamente, gritando pelo nome de seu filho, Tonho. Após algum tempo, conseguem ouvir um pequeno bramido de choro, então, o pior é constatado, a família encontra a onça devorando a pequena criança, e aos tiros Bastião ainda tenta matar a onça, mas já era tarde e chora a morte do filho. A onça escapa pela floresta, deixando os restos mortais do pequeno Tonho. Essa é uma imagem profundamente traumática, mas que, conforme se apura, representa bem histórias verdadeiras ocorridas comumente nos seringais nesse tempo.³³⁰

Em matéria publicada no periódico *A Capital*, tem-se o relato de mais uma dessas experiências, notadamente quando os seringueiros tinham que enfrentar as temíveis cobras da região. A notícia traz o seguinte título, *Cobra Terrível*:

No alto rio Jutahy, morava em uma choupana o seringueiro Antônio da Costa Pires. Tendo necessidade de ir até o barracão, a fim de se munir de alimentos que se lhe tornavam necessários, Pires partiu no dia 4 do corrente, pela madrugada. Depois de ter andado algumas horas na ocasião em que, dobrava uma vereda, foi subitamente atacado por uma terrível sucurijú, que enlaçando o seringueiro em seus terríveis elos o matou imediatamente.³³¹

O seringueiro Pires encontrou em sua trajetória de trabalho um dos principais temores da selva, a cobra sucurijú. A saída de Pires pela madrugada já constituía um hábito rotineiro do trabalho do seringueiro, a única diferença é que ele estava indo para se aviar no barracão, percorrendo uma jornada, provavelmente longa, pois andou por horas. Então, seringueiro Pires se deparou com o ataque mortífero dessa grande e temível cobra, tendo sua vida ceifada de um modo assustador.

Os ataques dos animais, como onças e cobras, são próprios da selva e eram, por assim dizer, considerados males que os seringueiros deveriam se acostumar e, sobretudo estarem atentos pra se defender. A selva guardaria para o seringueiro outros perigos, além da lida com a fauna regional, a presença dos índios e sua compreensível ação de defesa de suas terras e de proteção de suas vidas.

³³⁰ Ratifica-se o que Jim Sharpe afirma quando disse que “Edward Thompson, Carlo Ginzburg, Emanuel Le Roy Ladurie e outros, partindo de pontos diferentes e tendo em vista objetos históricos diferentes, foram todos capazes de demonstrar como a imaginação pode interagir com a erudição para ampliar nossa visão do passado”. SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 59.

³³¹ *A Capital*. Manaus, 27 de Novembro de 1917.

As notícias dessa relação conflituosa de seringueiros e índios ganhou sempre espaço na imprensa em uma forma unidirecional, como “*ataque de índios*” a seringueiros. Os índios jamais aparecem como atacados e suas ações como de defesa ou reação. Afirmando sempre o inverso, o ataque de índios aos seringais e propriamente aos seringueiros foi considerado um problema quase que insolúvel, assim como, até hoje, muitos problemas com as populações indígenas são complexos para se resolver. Conforme a leitura dos periódicos era feita, isso se tornava ainda mais perceptível, pois encontrou-se diversas notícias de mortes de seringueiros em ataques sangrentos, principalmente da tribo dos Parintintins.

Para além dos periódicos, muitas dessas histórias, bem como muitas outras parecidas, podem ser encontradas nos relatórios de Presidentes de Província e de Governadores de Estado, tanto do Pará como do Amazonas. Estes relatórios estão repletos dessas notícias, confirmando assim que este era um problema sempre presente nos seringais amazônicos.

Assim, no *Diário Oficial do Estado do Amazonas*, no ano de 1895 é noticiado o que o por muitas vezes os agentes dos seringais ainda tinham que enfrentar, o contato com índios chamados de “cruéis e assassinos”. Há uma notícia em que num abaixo assinado feito por donos de seringais no Rio Madeira, solicita-se *garantia de vida e propriedade* ao Dr. Fileto Pires Ferreira, Governador do Estado do Amazonas, visto que os habitantes desses seringais já lutavam há mais de trinta anos nas mãos da tribo de Parintintins: ³³²

Estes índios têm levado o atrevimento ao ponto [a princípio por meio de brados e depois por meios violentos] de atacarem os barracões da margem do Madeira... considerando que ainda no ano passado sucumbiram flechados nas margens do Madeira, cinco infelizes deste seringal... considerando que os moradores da dita zona estão abandonando os seus seringais, devido as periódicas agressões dos terríveis índios, que este ano já mataram uma infeliz mulher nas “Três Casas”, e um seringueiro no lugar São Pedro. Considerando que não é só a fortuna particular que sofre com este abandono de seringais e sim o Estado que tão dignamente V. Exa. administra... considerando que os Parintintins temem sobre modo a tribo dos Mundurucus, que só com sua presença os afugentará... veem cheios de esperança e justa razão pedir a V. Exa. que estabeleça uma colônia de índios Mundurucus... somente nos

³³² Os Parintintins são um grupo indígena que habita o sudeste do estado do Amazonas, entre os rios Madeira e o Marmelos mais precisamente na área indígena de Ipixuna e Nove de Janeiro. No passado eram chamados de “bocas-pretas”. Falam um dialeto da língua Cauaíbe, da família linguística tupi-guarani. Os Parintintins, como quase todos os indígenas brasileiros, sofreram muito com o processo de “aculturação”. Foram “pacificados” pela Funai, entre 1922 e 1923. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/parintintins/> Acesso em: 15/01/2016.

seis primeiros meses... um ano depois de estabelecida a colônia o aumento da safra da borracha será tal que o Estado será embolsado do capital... Rio Madeira, 19 de Novembro de 1896.³³³

Esse fragmento mostra com clareza o que a população dos seringais amazônicos enfrentava com as populações indígenas. Embora o abaixo assinado trace claramente os interesses dos donos dos seringais, é possível perceber nas entrelinhas, por assim dizer, e afirmar que eram os seringueiros os primeiros a enfrentar o conflito com os índios ao ponto de serem mortos, ou de abandonarem os seringais.

Ao final do abaixo assinado encontra-se a resposta do Governador Fileto Pires Ferreira, que parece ignorar, embora que não explicitamente, a sugestão feita de remanejamento dos índios Mundurucus para uma espécie de colônia no período de extração e trabalho da borracha, garantindo assim a *fortuna* dos seringais e do Estado na compensação do capital investido na resolução do problema. Após mais de seis meses, o governador respondeu, enfim, o abaixo assinado:

O governo não recusa seu apoio a ideia dos signatários e prontifica-se a patrocinar todo e qualquer tentativa que tenha por fim salvaguardar os interesses dos habitantes do Alto Madeira. Assim, os signatários que se congreguem para a realização do que propõe e o governo os coadjuvará como for de justiça. Apresentem um plano exequível e bem delineado e o governo depois de estudá-lo convenientemente dirá ao certo quais os favores que pode dispensar aos peticionários. Palácio do Governo, 21 de Junho de 1897 – Fileto Pires Ferreira.³³⁴

A pesquisa não se deteve em aprofundar a investigação no caso específico do Alto Madeira e saber se a ideia proposta pelos seringalistas foi levada a cabo. O que se sabe de modo geral é que o poder público fazia vistas grossas a resoluções complexas como esta, embora a fonte sugira o interesse do Estado em resolver a situação através de um plano exequível. O fato é que o problema é sempre revisto pelas páginas dos jornais do período.

Em *A Selva*, Ferreira de Castro constrói uma narrativa que assevera o que se está afirmando, quando Firmino, o seringueiro *manso* de sua narrativa, relata os riscos da selva à Alberto, um *brabo*:

– Isto faz medo! Confessou Alberto.
Firmino sorriu de novo:

³³³ *Diário Oficial*. Manaus, 24 Jun. 1897.

³³⁴ *Idem*

– Agora não é nada. Quando os índios chegavam até aqui, então é que um homem tinha de andar sempre com um olho à frente e outro atrás.
 – Ah, mas aqui houve índios?
 – Houve e há. Você não sabia mesmo? E vendo o gesto negativo de Alberto:
 – Lá em “Todos-os-Santos”, para onde nós vamos, ainda os cavalheiros vêm passear.
 – São
 mansos?
 – Mansos? Ui, minha gente! A estrada que você vai cortar era do Feliciano. O mês passado, os índios vieram ao encontro e levaram a cabeça dele. É por isso que a estrada está sem frequês e vancê vai para ela. E aqui, há uns quinze dias foi um estrago em popunhas. Os Parintintins chegaram e, como não tinham cabeça para cortar, foram à roça e quebraram tudo. Ante a estupefacção do *brabo*, Firmino continuava a sorrir.³³⁵

Pode-se destacar o contato dos seringueiros com os índios como violento. Pois eram travadas verdadeiras guerras. Conforme Arthur Reis informa os seringueiros:

viam o índio como um inimigo disfarçado, traiçoeiro, perigoso, e com o qual não havia por que ter contemporização. À perda de um ou dois companheiros, organizavam expedições punitivas, em demonstrações de selvageria verdadeiramente espantosas.³³⁶

Alguns anos depois do fato ter sido registrado no *Diário Oficial*, o *Jornal do Commercio* publicou uma extensa notícia sob o título *Os Parintintins – Ataque traiçoeiro – Scena de sangue e horror – Uma criança degolada*, a qual a transcrevemos na íntegra:

Por pessoas vindas do barracão Mairy, do propriedade do Sr. Antônio Achyles Cavalcante, sabemos que no dia 12 do corrente indomável tribo de selvagens fez mais uma de suas terríveis proezas. Eis como nos informaram o facto: Em uma barraca distante do seringal Mairy uns duzentos metros, pouco mais ou pouco menos, morava o boliviano Belisario Nosa com sua família, homem trabalhador que providencialmente abriu um grande campo ao redor de sua barraca para evitar o ataque dos Parintintins, que naquele lugar costumavam passar. Na manhã de domingo, Carmen, filha de Belisario, casada com Pedro de tal, foi no fim do campo... tirar umas varas e ao voltar disse ao seu pai que suspeitava da presença de índios ali, pois sentia um forte cheiro.... Belisário, sem acreditar, dirigiu-se para o banho, no porto, e Carmen voltou aos serviços em casa. Casualmente olhando pelas frestas... que formam as paredes da barraca, Carmen ficou horrorizada de ver que uma grande quantidade de índios marchava em direção à casa; correu à porta e gritou pelo pai que já voltava do banho. Belisario foi nessa ocasião alvejado pelas flechas dos índios, sendo ferido em um braço; correu para casa, pegou um rifle que infelizmente estava descarregado e não tendo como se defender fugiu para o porto, mas ao embarcar numa canoa foi agarrado pelos índios que ali o mataram. Carmen disparou contra os índios duas únicas balas que havia em outro rifle; mas ficando desarmada, carregou ao colo um filhinho de 2 meses, e com sua mãe e mais duas

³³⁵ CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. Op. cit., p. 78.

³³⁶ REIS, Arthur César Ferreira. *O Seringal e o Seringueiro*. Op. cit., p. 252.

mulheres atirou-se ao rio, perseguidas todas pelas flechas do inimigo. Uma mulher do Piauí, cujo nome ignoramos, que ali esperava o vapor “Justo Chermont” para descer, quando fugia foi morta no terreiro. Estava em adiantado estado de gravidez. Um filhinho de Carmen de 8 anos de idade, também foi encontrado morto, sem cabeça e com o pequeno corpo crivado por 37 flechas. Algumas pessoas do barracão Mairy vendo descender aqueles vultos água abaixo, prestaram-lhes os seus socorros, indo salvá-los em uma canoa. Ao chegar em terra faleceu a mulher de Belisario; uma das mulheres que a acompanhavam estava flechada e a outra e Carmen sem nenhum ferimento. Essas mesmas pessoas dirigiram-se à barraca de Belisario, que encontrara incendiada, recolheram os cadáveres do menino e da mulher, a cabeceira da qual se achava um seu filhinho de 7 anos presumíveis, que milagrosamente escapou à sanha terrível dos bárbaros.³³⁷

Essa história está carregava de sentimentos profundos, bem como de minúcias que podem ser analisadas. Como já suposto, essas tragédias ocorridas nos seringais eram constantemente trazidas por pessoas que testemunharam os fatos, e em fluxo para a cidade procuraram os jornais para relatar as notícias.

Inicialmente chama atenção a data em que o periódico publica a sangrenta notícia, véspera de natal em Manaus. De modo geral pode-se atestar um protagonismo feminino na história, representada por Carmen, filha do seringueiro boliviano Belisario. Assim como nota-se que o esposo de Carmen, Pedro de tal, é citado no início da notícia, porém, não o vemos mais no decorrer da história.

A notícia atesta que Belisario é um homem trabalhador pelo fato de ter aberto um campo ao redor de sua barraca, tendo em vista proteger sua família dos índios Parintintins. No entanto, o protagonismo de Carmen se evidencia quando ela sente o cheiro dos índios próximo ao campo, na área em que morava sua família. Embora, tenha comunicado ao pai, ele a ignora e vai tomar banho.

O que se vê depois daí é o ataque sangrento à família de Carmen não sendo poupados nem mesmo as crianças, e pelo que se percebe, cada um teve que buscar se salvar. Carmen sobrevive, graças a um fato inusitado de tamanha contingência. Ela é atingida pela flecha na cabeça e o *cock* que prende o cabelo foi sua salvação.

Um filho de oito anos é terrivelmente degolado e flechado 37 vezes, enquanto outro de 7 anos é milagrosamente encontrado vivo após o ataque. Até mesmo uma mulher grávida é morta pelos índios sem que estivesse no seringal e sim, esperando passar o conhecido vapor Justo Chermont.

³³⁷ *Jornal do Commercio*. Manaus, 24 Dez, 1905.

Enfim, a história é carregada de emoções. Após a notícia, numa espécie de nota ao fato ocorrido encontra-se um texto que esclarece mais os detalhes da história:

Belisario Nosa fez parte de muitas expedições organizadas contra os Parintintins, o Pedro de tal, seu genro; também fez parte de uma outra no ano passado constando que matara um tuxaua. Daí a presunção de ser este ataque uma vindicta dos índios, que são inteligentes e sagazes. No dia do morticínio, Pedro estava para uma pescaria, de onde voltou à tarde. ³³⁸

Atesta-se que os ataques dos índios eram normais e faziam parte do universo dos seringais. Fica claro também que os índios, menos que vilões diabólicos e sanguinários, reagiam à iguais agressões e violências que anteriormente haviam recebido daqueles que, agora, eram os alvos de seus ataques. Ainda ao final desse texto, há uma explicação do problema existente como se fosse uma espécie de satisfação dada das autoridades à população:

Contra estes índios têm sido feitas várias expedições e todas têm sido infrutíferas; não há meio de chama-los ao convívio civilizado, resistindo a toda a catequese. São traiçoeiros, valentes e alguns que tem sido agarrados não se tem conseguido amarrar; preferem morrer, pois não aceitam alimentação de espécie alguma. ³³⁹

Como já anunciado, esse era mais um problema enfrentado pelos seringueiros através de décadas e que fazia parte de seu processo de adaptação ao meio. Era problema sempre trazido às páginas da imprensa amazonense.

O periódico *O Imparcial* noticiou no ano 1918, outra cena de ataque dos índios Parintintins:

Nos seringais do rio Aripuanã os índios Parintintins estão praticando ataques e assassinatos sem fim... O último ataque foi levado a efeito contra o seringal "S. Pedro" ... e resultou a morte do seringueiro José Barreto, que foi atingido por uma flecha no pescoço, atravessando-o um lado ao outro. Além deste, outros ataques tem sido feitos contra os seringueiros quando os encontram nas estradas a exercer a colheita do látex. ³⁴⁰

Foram muitas as publicações em diversos periódicos da imprensa desse período em que os seringueiros travavam verdadeiras batalhas contra os índios. Mas, como se afirmou, o tom da notícia se dava sempre no viés de que eram os índios que atacavam os seringueiros e estavam cometendo atrocidades contra eles.

³³⁸ *Jornal do Commercio*. Manaus, 24Dez 1905.

³³⁹ *Idem*.

³⁴⁰ *O Imparcial*. Manaus, 22 Fev. 1918.

Como por exemplo, o *Jornal do Commercio* estampou em sua primeira página a seguinte notícia no ano de 1916: *Mais depredações cometem os índios no rio Aripuanã – Uma turma de seringueiros atacados – Os prejuízos foram avultados*. Nesta história é noticiado que os seringueiros estavam sendo “vítimas da ferocidade do Parintintins, Nhambiquaras, dos Araras e de outras tribos”³⁴¹. Num desses ataques os seringueiros tiveram suas barracas queimadas e pertences saqueados entre os quais sua borracha.

Os conflitos na região do rio Aripuanã voltariam a receber atenção do periódico um mês depois naquele mesmo ano, quando se publicou que “dezenas de seringueiros têm sido trucidados pelo índios”³⁴² e, além disso, os índios estariam:

... trucidando muitas vezes criancinhas, que ficam sós nas barracas dos seringueiros daquelas paragens... Muitos proprietários de seringais estão condenados a abandonar seus deveres porque seus seringueiros não querem mais continuar no trabalho em vista de estarem condenados a serem mortos, de uma hora para outra. É esta a situação de um dos nossos mais ricos e prósperos rios.³⁴³

Faz-se necessário certa ponderação no que diz respeito a participação do índio nessa história. Em sua tese sobre a obra *Coronel de Barranco*, Francielle Mendes auxilia nessa complexa análise em que o índio pode ser visto como intruso impertinente na história em que o seringueiro é o principal agente dessa pesquisa.

A autora afirma que não se deve esquecer que as culturas indígenas ajudaram a formar as pluralidades existentes na Amazônia, e não se deve ocultar ou omitir sua presença marcante nesse processo histórico, pois seria um erro camuflar aspectos relevantes da constituição dos todos os povos da região. Em outras palavras tratar os índios como intrusos e coloca-los à margem, é também desvirtuar o papel da história e da literatura, limitando-as.³⁴⁴

Ademais, conclui-se esse tópico, com mais uma história que dá cor à relação do homem com a natureza. O jornal *A Capital* informa sobre uma forte ventania passada num seringal, que acabou por colocar uma anta como protagonista de uma história, que tem por título, *No Rio Machado – Incêndio de uma barraca e morte de um homem*:

³⁴¹ *Jornal do Commercio*. Manaus, 11 Nov. 1916.

³⁴² *Jornal do Commercio*. Manaus, 12 Dez. 1916.

³⁴³ Idem.

³⁴⁴ MENDES, Francielle Maria Modesto. *Coronel de Barranco: a literatura no imaginário social da Amazônia no primeiro ciclo da borracha*. Tese de Doutorado. USP: São Paulo, 2013, p. 146.

O seringueiro Luiz Moreira da Silva, residente na secção “Tabajara” no rio Machado, de propriedade da firma Asensi & C^a, fez, no dia 15 de Agosto findo, um roçado perto à sua barraca. Aproveitando o dia 16, que era de sol ardente e bom para a queima da roça, Moreira tocou fogo ao mato e esperou o resultado. A princípio, o fogo foi sempre queimando, até o dia 19; no dia seguinte, caia sobre o lugar um temporal medonho; vento rugia com fúria, açoutando as arvores e dando mais impulso ao fogo. Por volta das 24 horas, estando Moreira, deitado na barraca, em companhia de sua mulher e 4 filhos menores, viu irromper, através das palhas, uma língua de fogo e, em breve era a barraca invadida pelas chamas. Moreira apenas teve tempo de retirar a família, deixando entregue à fúria destruidora das labaredas, a barraca e tudo quanto nela existia. Gritando por socorro, acudiram ao chamado várias pessoas, entre elas o seringueiro de nome Miguel de tal. Moreira possuía e estimava uma pequena anta. Na hora do incêndio o pobre animal tratou de fugir; já ia logrando este intento, quando Miguel, vendo a, tratou de persegui-la. O animal embrenhou-se pela mata e Miguel sempre atrás não mais voltando. No dia seguinte, grande foi a surpresa dos vizinhos, ao encontrar, dentro de um buraco, no meio do roçado, o inditoso Miguel, tendo debaixo de seu corpo a pequena anta, ambos mortos.³⁴⁵

O seringueiro nordestino que se adaptava ao novo ambiente geográfico, acabou tendo que lidar com situações como essa supracitada. Essas experiências são no mínimo inusitadas, embora também possam ser trágicas, tal como disse o poeta: “Seria cômico se não fosse trágico”³⁴⁶. Essa tragédia possui subsídios e fragmentos que chamam a atenção.

No rio Machado, a queima de uma roça em dia bom para esse fim, dá início a um incêndio generalizado, graças a uma ventania de temporal, que pelo que se percebe entra pelas horas da noite, afugentando com chamas, em sua própria casa, o seringueiro Moreira, responsável pela queimada e dono de uma anta. Ao que parece, esse animal, possuía uma representação valorosa, deveria ter um significado especial para um seringueiro, que no caso, Moreira ainda a *estimava*.

Não bastasse a família de Moreira ter sido salva do incêndio, embora tenha perdido *a barraca e tudo que nela existia*, e talvez por isso, seu vizinho e provavelmente amigo, Miguel de tal, tenha considerado que salvar aquela anta traria menos desgosto e sofrimento ao Moreira, a tragédia se torna maior ainda. Como se vê, no que parece ter sido um ato heroico de Miguel, morrem amigo e anta dentro de

³⁴⁵ *A Capital*. Manaus, 27 Set. 1917.

³⁴⁶ A frase é atribuída a Carlos Drummond de Andrade como um aforismo, significando uma sentença concisa, que geralmente encerra um preceito moral.

um buraco, possivelmente um precipício não visto na escuridão da noite, nem por Miguel e nem pela estimada anta.

Essas histórias possuem um caráter próprio. O significado da vida e das experiências dos seringueiros da Amazônia. Esta perspectiva se coaduna com a *história vista de baixo*, onde se tem o interesse incisivo e direto de ressignificar a história do seringueiro, as vivências e experiência de seu cotidiano, pois como afirma Jim Sharpe através da história de baixo tem-se “um meio para reintegrar sua história aos grupos sociais que podem ter pensado tê-la perdido, ou que nem tinham conhecimento da existência de sua história”.³⁴⁷

TORNAR-SE SERINGUEIRO: CONVÍVIO, DOMINAÇÃO E RESISTÊNCIA

Apresentar os agentes que estão direta e indiretamente se relacionando com o seringueiro permite uma melhor compreensão de seu universo. Contudo, analisar como se davam essas relações por meio daquilo que os periódicos noticiam agrega o imperativo de operarmos com filtros capazes de enfrentar as representações e de transpassá-las, buscando uma aproximação maior com as dimensões daquele cotidiano.

Já se argumentou que mesmo no ambiente historiográfico mais tradicional acerca do período da borracha, é perceptível que houve certo esforço na direção da exploração do tema das relações sociais às quais os seringueiros estavam envolvidos. Foi comum apresentar-se a ausência de agentes familiares do seringueiro na configuração dos seringais, reforçando o discurso de seu isolamento e solidão. No entanto, percebe-se também que nos últimos anos alguns trabalhos tem recuperado a existência da família, principalmente a presença e agência da mulher nos seringais, embora, não seja possível desenhar um quadro estático dessas

³⁴⁷ Jim Sharpe ainda prossegue afirmando que “os propósitos da história são variados, mas um deles é prover aqueles que a escrevem ou a leem de um sentido de identidade, de um sentido de sua origem... A história vista de baixo pode desempenhar um papel importante nesse processo, recordando-nos que nossa identidade não foi estruturada apenas por monarcas, primeiros-ministros ou generais”. SHARPE, Jim. *A história vista de baixo*. Op. cit., p. 60.

relações no mundo complexo da Amazônia nos variados momentos em que a borracha determinou o fluxo de pessoas para os seringais.³⁴⁸

O que pode-se destacar, com certa ponderação, são alguns padrões em que, ora se vê uma movimentação maior de trabalhadores entrando nos seringais com suas famílias, ora se vê isso ser terminantemente proibido em outros seringais, inclusive com a ideia de se arregimentar homens solteiros para o trabalho da borracha desde o nordeste. Como o fenômeno humano transcende essas equações, pode-se analisar essa dinâmica através daquilo que as fontes nos apresentam, tanto através das fontes primárias (periódicos da imprensa amazonense), como pela literatura histórica e romances que tratam do tema.

Assim, ao se falar dos agentes da ambiência no seringal, é oportuno começar com a descrição do processo que tange as relações de trabalho conforme informa Pedro Martinello:

Na base encontrava-se o seringueiro-extrator, o único produtor da matéria-prima vegetal; em seguida vinha o seringalista-proprietário e patrão do seringal; acima deste vinham as casas aviadoras, localizadas em Belém e Manaus, que abasteciam os seringais. Por últimos tínhamos as casas exportadoras que, com a negativa dos bancos em financiar a produção, constituíam-se nas verdadeiras financiadoras de todo o processo produtivo... as casas exportadoras, ligadas ao capital monopolista, financiavam as casas aviadoras, que se endividavam. Estas ficavam em condição de aviar os seringalistas, fornecendo-lhes todos os gêneros, utensílios e instrumentos necessários para o funcionamento dos seringais, assumindo estes a obrigação de destinar às casas aviadoras toda a produção da borracha do seringal aviado. O seringalista-patrão, por sua vez, procedia ao aviamento dos seus seringueiros ou fregueses, que formavam o último elo desta cadeia e que, com a extração da borracha, tentavam amortizar a dívida que já haviam contraído no barracão do patrão.³⁴⁹

Essa organização constituía a cadeia produtiva do trabalho no mundo da borracha e que naturalmente enquadrava todas as pessoas que lidavam com o

³⁴⁸ Explorando a temática de gênero, Davi Leal comenta que “o tema da presença de mulheres nos seringais... sempre foi um tabu para a historiografia... [já que] o discurso clássico da historiografia, no que tange aos anos de grande corrida para os seringais, apontou para estes seringais como espaço privilegiado para atuação masculina”. LEAL, Davi Avelino. *Entre barracões, Varadouros e Tapiris*. Op. cit., p. 166-167. Outros trabalhos importantes são: WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta: uma história do Alto Juruá, Acre (1890-1945)*. São Paulo: HUCITEC, 1999. LAGE, Mônica Maria Lopes. *Mulher e Seringal: um olhar sobre as mulheres nos seringais do Amazonas (1880-1920)*. UFAM: Manaus, 2010. Dissertação de Mestrado, 2010.

³⁴⁹ MARTINELLO, Pedro. A “Batalha da Borracha” na Segunda Guerra Mundial e suas consequências para o Vale Amazônico. In: *Cadernos da UFAC*, n. 1, série “C”, estudos e pesquisas, Rio Branco: UFAC, 1988, 44-45.

trabalho nos seringais. Arthur Reis pormenoriza um pouco mais os tipos agentes que trabalhavam na ambiência do seringal:

No seringal, unidade mais expressiva do complexo amazônico, o patrão abre a galeria... Na ordem hierárquica, segue-se-lhe o “gerente”. Muitas vezes, é ele quem faz as vezes do “patrão”, para isso recebendo os necessários poderes.... No guarda-livros, repousa a segurança da escrita, que lhe cabe ter em dia... Os caixeiros têm a seu cargo os depósitos de víveres, os barracões da borracha, as pesagens das peles que chegam, os abastecimentos dos “centros” ... Complementando-lhes a ação, encontramos, a seguir, os “comboieiros”, encarregados de levar aos centros, por terra, semanal ou mensalmente, os “comboios”, isto é, os lotes de burros que conduzem a carga de víveres e utensílios para os seringueiros.... Os “mateiros” habituados com as peculiaridades da selva, procedem ao reconhecimento preliminar das “estradas”, das árvores para corte.... O “toqueiros” completam a tarefa dos mateiros: abrem as estradas”. ... Os “caçadores”, os “canoeiros”, os “pescadores” entregam-se à tarefa sazonais. Geralmente caboclos amazônicos são de uma agilidade e de uma acuidade espantosas.... Chegamos Por fim, aos aos dois últimos tipos de significação na paisagem social do seringal. Referimo-nos ao “brabo” e ao “seringueiro”.³⁵⁰

Após essas descrições pode-se indagar: onde a mulher se inseria nesse organograma de funções? Como a família do seringueiro poderia existir numa configuração deste porte na imensidão verde das florestas? E mais, se existisse, qual o impacto psíquico que a família nordestina sofreria ao viver a tensão entre isolamentos e sociabilidades instáveis que lhes eram impostos, na luta diária pela sobrevivência, nos conflitos e nas intempéries que enfrentavam? É o que poderá ser a visualizados através das histórias que as fontes da imprensa reservam e que o tempo não levou.

FAMÍLIA E RELAÇÕES DE GÊNERO

Tomando como ponto de partida a memória da bravura de Carmem e sua numerosa família em sua dramática história no enfrentamento de um ataque de índios, pensa-se na inserção da mulher no contexto do trabalho nos seringais amazônicos. Deve-se lembrar que historicamente a mulher sempre esteve presente em toda e qualquer dinâmica em que o trabalho também se fez presente e, desta

³⁵⁰ REIS, Arthur César Ferreira. *O Seringal e o Seringueiro*. Op. cit., p. 225-226.

forma, o silêncio sobre sua presença na História é fruto de posturas preconceituosas e excludentes que precisam urgentemente ser urgentemente combatido.³⁵¹

Não deixa de ser surpreendente perceber na fala de Arthur Reis que “naqueles seringais por onde teve início o *rush* da borracha, a mulher existiu”³⁵². É realmente uma pena que, para além desta constatação, o tema não tenha sido desenvolvido pelo autor. Uma discussão mais ampla e segura do tema apareceu mais recentemente com a pesquisa de Cristina Wolff sobre as mulheres do Alto Juruá. Nela, a autora não apenas confirma a presença de mulheres nos seringais, como também a vê assumindo certo protagonismo naquele ambiente.³⁵³

Mas, deve-se, diferenciar esse aparecimento da mulher no que diz respeito à constatação de sua existência em seringais de família cabocla e nordestina. Na cabocla, ou seja, na família que havia ali nascido, constituído e permanecido, a mulher desempenhou grande função, além da atividade doméstica, também a de caráter econômico, dessa forma sempre esteve presente; já na família nordestina, ou seja, com o nordestino que migrara para a Amazônia, não ocorreu assim, salvo exceções quando vinha como *retirante* fugindo das secas, e trazia esposa e filhos para trabalhar ainda nos baixos rios, (pois isto não era lucrativo para os patrões) mas, em sua grande generalidade eram homens solteiros, pois eram estes quem interessava aos aviadores.

Dessa forma, e sob essa condição, a mulher se tornou objeto cobiçado e sonho permanente do seringueiro isolado na floresta. Mulher solteira que aparecesse nos seringais era objeto de disputa e cobiça sem fim³⁵⁴. Ferreira de Castro constrói essa mesma representação através do testemunho do personagem Firmino, dizendo: “Aqui é assim. Se aparecesse uma mulher sozinha, todos nós nos matávamos uns aos outros por causa dela. Mas não aparece... Qual é a mulher sozinha que tem coragem de vir para estas brenhas?”.³⁵⁵

³⁵¹ Cf. PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005.

³⁵² REIS, Arthur César Ferreira. *O Seringal e o Seringueiro*. Op. cit., p. 238.

³⁵³ Cristina Wolff informa como se constituíam as relações de homens e mulheres na formação social dos seringais. Observa faces destas relações, como as que envolvem questões do público e do particular, as etnias, o seringal e a cidade, os seringueiros e os patrões. Para ela, relações marcadas por violências, preconceitos, tensões, mas também por estratégias, resistências, invenções e inversões de papéis. WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta: uma história do Alto Juruá, Acre (1890-1945)*. São Paulo: HUCITEC, 1999.

³⁵⁴ REIS, Arthur César Ferreira. *O Seringal e o Seringueiro*. Op. cit., p. 238-241.

³⁵⁵ CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. Op. cit., p. 103.

O meio que se estabeleceu para a resolução de tal problema foi o de transformar verdadeiramente a mulher em objeto de compra e venda, tal como se fazia com todos os gêneros e produtos em que o seringueiro dispunha para se aviar. Os seringueiros, portanto, chegavam a encomendar mulheres aos seus patrões quando estes iam até a cidade.

A busca pela companhia das mulheres era uma constante na vida do seringueiro, ainda mais daquele que conseguia ir à cidade. Álvaro Maia informa que “seringueiro solteiro viajava sempre, no fim do fabrico, e gastava os saldos nos hotéis e prostíbulos de Manaus e Belém. Havia os que viajavam unicamente para trazer mulher”.³⁵⁶

Evidencia-se essa prática na imprensa amazonense quando esta noticiava ocorrências oriundas dessa relação em que geralmente o seringueiro era enganado por mulheres em hotéis da cidade. Observa-se que quando mantinha esses relacionamentos, o seringueiro tentava convencê-las de voltarem junto dele para os seringais.

O periódico *O Imparcial* apresentou o caso da prisão de uma mulher que havia roubado um seringueiro, sob o título de *Que Águias!* :

Foi preso hoje, às 11 horas a peruana Hermínia Calven, de 22 anos de idade, residente à rua dos Remédios nº 3, por ter explorado o seringueiro José Asthan, prometendo embarcar com o mesmo para o seringal, caso pagasse as suas contas. O proprietário do hotel Vista Alegre estava de acordo com Hermínia para a exploração do incauto seringueiro. Soubemos que não é a primeira vez que a Peruana arma contas do vigário.³⁵⁷

Através dessa fonte percebe-se implicitamente que José Asthan, o seringueiro, estava disposto a fazer o que fosse preciso para levar Hermínia Calven para o seringal onde trabalhava, não medindo esforços em pagar as contas dela para que pudesse amenizar sua solidão com uma companheira. No entanto, seduzido e ludibriado por Hermínia – tendo esta o auxílio do próprio dono do hotel onde estavam –, José foi explorado e enganado vendo perdido o dinheiro que tinha e o seu sonho de companhia no seringal. Esse relato ilustra muitas histórias similares ocorridas enquanto os seringueiros iam à cidade.

³⁵⁶ MAIA, Álvaro. *Banco de canoa*. Op. cit., p. 97.

³⁵⁷ *O Imparcial*. Manaus, 22 Mar. 1918.

Não foi sem razão que Álvaro Maia identificou essa situação quando afirmou que “a aquisição de mulheres figurava nas prestações de contas, no fim das safras, entre máquinas de costuras, rifles, sabão e café. Havia também o pagamento do valor feminino, baseado na saúde e nos encantos fisionômicos”.³⁵⁸

Neste ponto, tem-se à memória de um trecho do romance *A Selva*, de Ferreira de Castro, relatando o imenso sofrimento dos seringueiros isolados na imensidão da floresta, que não podiam satisfazer seus instintos sexuais, o que deveria ser uma situação desesperadora. Alberto, ele mesmo, que já estivera se escondendo na mata durante a noite para espiar pela fresta do banheiro dona Yayá tomando banho, mais adiante contemplaria uma cena horripilante e sombria ao se deparar com um seringueiro mantendo relações sexuais com uma égua. Vejamos o relato:

Atravessaram o terreiro. E como ali estivesse presa a égua que trouxera Balbino, o mulato avançou para ela, passando-lhe a mão pelo dorso, em longa carícia. Estremeceu a pele do animal, a sua cabeça voltou-se negligentemente para quem assim o afagava e logo tornou a roer as ervitas do chão. Entraram, por fim, na barraca e, tendo Firmino abatido uma cotia, entregaram-se à sua extirpação. Pouco depois Alberto enxergou, atrás do canavial, algo de muito estranho, que o deixou estupefato. A égua fora levada para ali e junto dela estava Agostinho, trepando num caixote, com a roupa descomposta. Não quis acreditar. Abriu muito os olhos e fixou melhor. Não, não era ilusão. – Firmino! Firmino. Olhe. – Murmurou, no seu espanto. O mulato riu em catadupa e gritou para Agostinho: – Aí, seu cabra escovado! Alberto ficou-se a contemplá-lo, sombria e severamente. Vendo aquela expressão reprovadora, Firmino inclinou a cabeça e disse com voz sumida: – Não há mulher. Que vai um homem fazer aqui? – É horrível! É horrível! – Também seu Alberto irá, um dia, lançar mão de vaca ou égua.³⁵⁹

Em seu texto, *A companheira desconhecida*, Álvaro Maia analisa alguns casos de apetites sexuais desenfreados na floresta. No caso da zoofilia exposta por Ferreira de Castro, Maia afirma que “era a animalidade brutal confundindo racionais e irracionais, que se espalhava nas selvas, naqueles tempos do predomínio solitário do homem... A construção da estrada de ferro *Madeira-Mamoré* motivou cenas dantescas”.³⁶⁰

Em sua obra, já transformada em filme, Ferreira de Castro informa através do personagem Firmino um relato que serve como uma representação emblemática das experiências traumáticas de mulheres que viviam nos seringais:

³⁵⁸ MAIA, Álvaro. *Banco de canoa*: Op. cit., p. 93.

³⁵⁹ CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. Op. cit., p. 96-97.

³⁶⁰ MAIA, Álvaro. *Banco de canoa*: Op. cit., p. 95.

Aqui há tempos, morreu no Laguinho o João Fernandes, que era seringueiro velho e tinha saldo e mulher. A viúva puxava para mais de setenta anos e não quis viver com outro homem, nem fazer o seu favor aos que lhe iam bater à porta... Um dia, todos os seringueiros do Laguinho, já convencidos mesmo de que por bem não iam lá, pegaram na velha e levaram ela para o mato e ali foi o que se sabe... Quando a deixaram, estava morta, porque o primeiro lhe tinha apertado o pescoço para lhe tirar a resistência. – Que miseráveis! Parece impossível! ³⁶¹

O periódico *A Capital* trouxe em seu interior muitas notícias associadas a tragédias envolvendo o seringueiro em sua relação com outros seringueiros e outros agentes na ambiência do seringal. São episódios marcados por dramas e tragédias passionais, além do que, o modo próprio em que os redatores da imprensa narravam essas histórias é singular.

Dentre tantas histórias, há uma que também dá cor à relação que os seringueiros tiveram com a mulher, que como já anunciado, era considerada escassa no seringal e por isso, pivô de muitas disputas sentimentais entre os próprios seringueiros e outros agentes. Sob o título *Matou a companheira... e continua em liberdade*, têm-se uma história que demonstra como a mulher sofreu nesses ambientes, muitas vezes sem motivo algum:

No seringal “Três Cruzes”, no rio Preto, afluente do Abunã Federal, o seringueiro Claudino Gomes, por questões antigas de ciúme, assassinou sua amante Josephina Maria. O crime, segundo nos foi narrado, revestiu-se de uma covardia inaudita pois Claudino, aproveitando-se do momento em que sua amazia dormia, altas horas da noite, em data de 2 do corrente, armado de um punhal, vibrou no peito da rapariga diversos golpes... ³⁶²

Aqui está um caso passional em que o seringueiro Claudino Gomes se enche de um sentimento contrário àquele que todo homem nutria pela ausência das mulheres nos seringais. O ciúme necessariamente pode representar o medo de perdê-la para outros agentes do seringal, sentimento este que se reveste, conforme o periódico informa, *de uma covardia inaudita*, levando Claudino a deferir diversas punhaladas em Josephina Maria.

O modo como o periódico traz o desfecho da história chama ainda mais a atenção, pois apresenta como muitos assassinatos ficavam impunes:

... Feito isto, sem se incomodar com os gemidos da infeliz mulher e ainda achando pouca a sua selvageria, o seringueiro sem alma enterrou ainda, por várias vezes, a arma homicida no ventre da vítima, até ouvi-la exalar

³⁶¹ CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. Op. cit., p. 103-104.

³⁶² *A Capital*. Manaus, 23 Jun. 1918.

o último suspiro. Claudio Gomes continua vivendo livremente no referido lugar, como se nada tivesse acontecido.³⁶³

Além dessas histórias bárbaras, Ferreira de Castro constrói o ambiente vívido através do qual os seringueiros conseguiam espairecer da dura realidade que viviam:

A cachaça para o uso diário e um baile de quando em quando, para desentorpecer as pernas, em qualquer barraca das margens, constituía as suas únicas aspirações o resto era a solidão imensa, uma vida encastoadada na selva, alheia a todas as inquietações do mundo, uma vida tão à parte, tão obscura e ignorada que Alberto ficava a pensar num retiro de misantropos.³⁶⁴

Segundo Davi Leal, a imagem literária criada por Ferreira de Castro é a da selva soberana, personagem principal que encarcera o homem numa prisão sem muro. Mesmo num universo marcado pela exploração do homem pelo homem, havia lugar para a festa. Um baile de vez em quando e a cachaça diária eram as únicas aspirações naquele mundo. Vê-se os seringueiros se divertindo na cena de um pagode no barracão regado com muita cachaça e pouca mulher³⁶⁵. Inclusive, como se sabe, nos momentos de música eles dançavam sempre, não havendo mulheres, dançavam homem com homem.

Na pesquisa de Carlos Teixeira há interessantes informações sobre os festejos de São Sebastião na região de Três Casas³⁶⁶. O autor informa que os festejos eram geralmente animados pelos toca discos à pilha. A música preferida era o forró, pois se parece muito com a música nordestina, embora se tocassem músicas populares em geral. Os embalos dessas músicas tinham grande aceitação, talvez pelo fato de seus temas explorarem as situações mais rotineiras do cotidiano, incluindo aqueles casos sentimentais marcados por tragédias ou paixões incontornáveis. A saudade da

³⁶³ *A Capital*. Manaus, 23 Jun. 1918. A atuação da justiça no interior das sociedades da borracha foi complexa e, por vezes, bastante difícil. Francisco Pereira da Costa mostra que os operadores da justiça sofriam pressões diversas. De um lado, sofriam as pressões de seringalistas, em especial porque colocaram-se alguns “aparatos judiciários, como a Polícia Judiciária, dentro dos espaços privados dos seringalistas e, sobre controle deles”. Por outro lado, enfrentavam também a força das oligarquias encasteladas no poder local: “houve casos em que os juízes foram depostos, outros se refugiaram na floresta e, ainda, os que se aquartelaram em armas”. COSTA, Francisco Pereira. *Seringueiros, Patrões e a Justiça no Acre Federal, 1904/1918*. Rio Branco: EDUFAC, 2005, p. 265; 263.

³⁶⁴ CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. Op. cit., p. 46.

³⁶⁵ LEAL, Davi Avelino. *Entre barracões, Varadouros e Tapirís*. Op. cit., p. 179.

³⁶⁶ Trata-se de uma festa de convergência em que se reúnem mais de 500 pessoas procedentes de todo o igarapé e de vários lugares. A festa é realizada de 1 a 20 de Janeiro. Dias 19 e 20 é a aglomeração quando ocorrem procissão, encontros amistosos e desonestos. TEIXEIRA, Carlos Corrêa. *Servidão Humana na Selva*. Op. cit., p. 91.

terra distante, as paixões e amores incompreendidos, os triângulos amorosos envolvendo homens e mulheres casadas, as traições e conquistas, tudo serve de inspiração aos versos que compõem melodias tão simples quanto esteticamente despretensiosas.³⁶⁷

Esse ambiente constitui uma atmosfera na qual os tipos atuantes nos seringais acabavam por se relacionar ainda mais do que no cotidiano normal do trabalho. Essas festas traziam sobre essas populações sentimentos ambíguos, tanto no fortalecimento das amizades através da solidariedade que geravam entre si pela condição similar de vida que viam uns nos outros, como também na deflagração de conflitos e rixas provocadas por desafetos no mesmo ambiente.

De todo o modo, Álvaro Maia também informa sobre o cuidado que se devia ter em não faltar com o respeito com certos personagens do mundo do seringal, como “tocadores, parteiras, benzedores, e donos de motor [pois estes] são criaturas com quem ninguém briga, pela necessidade de seus serviços de uma hora para outra”.³⁶⁸

Davi Leal, ao estudar os conflitos e as relações de gênero nos seringais do rio Madeira, bem como suas festas, através do que chamou de *politização do cotidiano e resistência simbólica*, dialoga com a obra de Maia e fornece análises pertinentes acerca dessas festividades e divertimentos:

Nestas festas dos beiradões, o que chamava atenção eram as canções e desafios travados no meio da festa. Estas recebiam o nome de desfeiteira e eram caracterizadas pelas provocações e desabafos cantados durante o baile. Algumas dessas desfeiteiras podiam até acabar com a festa, pois o alvo da brincadeira poderia não gostar e avançar agressivamente contra quem iniciou o canto. No entanto, a maioria das desfeiteiras tinha como objetivo provocar o riso nos brincantes... Esse tipo de desfeiteira, cantados por homens e mulheres, narra suas queixas, ciúmes e conquistas. A estrutura desses cantos populares está permeado por um rico imaginário que, ao mostrar o sonho do seringueiro de conseguir uma mulher para casar, rompe simbolicamente com o próprio limite imposto pela sociedade, pois o canto não pode ofender a honra de ninguém, sendo, desta forma, aceito por todos como brincadeiras “bobas”... a festa era o espaço privilegiado para o seringueiro expressar a sua subjetividade. Infelizmente, não encontramos um canto que se referisse diretamente à relação entre freguês e patrão.³⁶⁹

³⁶⁷ TEIXEIRA, Carlos Corrêa. *Servidão Humana na Selva*. Op. cit., p. 91.

³⁶⁸ MAIA, Álvaro. *Gente dos Seringais*. Rio de Janeiro, 1956, p. 305.

³⁶⁹ *Apud* LEAL, LEAL, Davi Avelino. *Entre barracões, Varadouros e Tapirís*. Op. cit., p. 179-180.

Isso está coadunado com a compreensão do universo da cultura popular, aqui especialmente representada pelo uso do riso, que sempre foi um elemento de libertação nas mãos dos povos, marcando também o caráter subversivo da cultura popular. Conforme Mikhail Bakhtin, “...o mundo infinito das formas e manifestações do riso opunha-se à cultura oficial, ao tom sério, e feudal da época”.³⁷⁰

De modo similar Thompson articulou essa compreensão inserindo a experiência como um sistema complexo, uma categoria que compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento. Nesse sentido há outro termo necessário, *cultura*.³⁷¹

Assim experiência e cultura, estabelecem um tipo de relação. Pois as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias. No âmbito do pensamento e de seus procedimentos, elas também experimentam sua experiência como sentimentos e lidam com esses sentimentos na cultura, na articulação de normas, obrigações familiares e de parentescos e reciprocidades, como valores ou na arte ou nas convicções religiosas. Essa metade da cultura pode ser descrita como consciência afetiva e moral.³⁷²

Seja como for, a ambiência do seringal era permeada pela violência, tomada quase que como linguagem a mediar as múltiplas relações entre os atores sociais ali adstritos. A pesquisa recuperou na imprensa muitas notícias de crimes ocorridos no Amazonas, principalmente nos seringais do interior. Dentre estas, está a história da desilusão profunda que se abateu sobre um seringueiro após a perda de sua mulher. O título da notícia, transformado em pergunta (*Suicídio?*), já deixa no ar a dúvida que acompanhava muitas das ocorrências havidas nos seringais:

Em companhia de esposa, morava em o lugar denominado *Deposito*, no rio Aquiry, o seringueiro Manoel Gomes. Devido a grandes febres, a esposa de Manoel faleceu, deixando-o desolado. O seringueiro sofreu o choque tremendo e começou fortemente a trabalhar. As saudades da esposa

³⁷⁰ BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. Brasília: Editora da UnB, 1999, p. 3.

³⁷¹ Ao abordar o aporte teórico ligado à história das mentalidades, Ronaldo Vainfas afirma que Carlo Ginzburg, Roger Chartier e Edward Thompson desenvolvem três modelos possíveis de análise cultural, os quais “reabilitam a importância dos contrastes e conflitos sociais no plano cultural, evitando, quando menos, as ambiguidades e concepções interclassistas e descritivas de algumas versões da história das mentalidades”. VAINFAS, Ronaldo. *História das mentalidades e história cultural*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história*. São Paulo: Campus, 2011, p. 235.

³⁷² THOMPSON, Edward Palmer. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros*. Op. cit., p. 15; 189.

carinhosa, dos tempos felizes de sua mocidade, fizeram com que Gomes se transformasse em um ébrio inveterado. Assim, no dia 29 de outubro, depois de ter ingerido no barracão repetidas doses de cachaça, foi para casa. Dias depois era o seu corpo encontrado em adiantado estado de putrefação, tendo no crânio um ferimento produzido por arma de fogo. Presume-se tratar-se de um suicídio.³⁷³

A história de Manoel Gomes apresenta um novo tema, assim como um novo aspecto comportamental sempre negligenciado ao “embrutecido” seringueiro: como todo ser humano, eles tinham e demonstravam sentimentos os mais diversos, mesmo no interior de um mundo áspero, embrutecido e embrutecedor. Manoel estimava muito sua companheira, de quem não se sabe o nome, e sua perda trouxe tamanho desgosto que, mesmo tendo ele se lançando de cabeça ao trabalho de extração da borracha, não conseguia esquecer sua amada, e a saudade lhe pesou tanto a ponto de desistir da própria vida.

Ao que, como costume do homem que sofre no coração a dor da perda de sua mulher, Manoel lança-se na cachaça ainda no barracão de seu patrão. O que não se vê a fonte jornalística afirmar, mas, presumir, é que Manoel após embriagar-se tenha decidido dar cabo de sua própria vida com um tiro na cabeça.

Pode-se afirmar que o tema do suicídio era fato recorrente nos seringais, e há muitas notícias na imprensa a confirmar. Embora não se tenha feito uma demonstração disso através de dados mais eficientes, foi possível perceber nas leituras dos periódicos, que muitas histórias traziam este triste fim, o suicídio. Este derivaria, quase sempre, das decepções e intempéries da vida que mediavam as relações entre os agentes na ambiência dos seringais. Não obstante, buscando compreender em alguns estudos³⁷⁴ as razões dos suicídios em contextos como estes, percebem-se paralelos próximos à orientação de Emile Durkheim que ao analisar causas e efeitos de tal prática. Em *O Suicídio*, Durkheim diferencia basicamente três tipos de suicida: egoísta, altruísta e anômico.³⁷⁵

³⁷³ *A Capital*. Manaus, 26 de Novembro de 1917.

³⁷⁴ Dentre alguns autores, destacamos Abraham Kuyper que, analisando as sociedades modernas principalmente pós-revolução francesa, afirma: “Dinheiro, prazer e poder social são os únicos objetos de busca; e as pessoas estão crescendo continuamente menos melindrosas com respeito aos meios empregados para garanti-los. Assim, a voz da consciência torna-se cada vez menos audível, e mais opaco o brilho dos olhos... O fogo de todo entusiasmo mais elevado foi apagado, permanecem apenas brasas mortas. Em meio ao cansaço da vida, o que pode impedir o desapontado de se refugiar no suicídio? Privado da influência saudável do repouso, o cérebro está superestimulado e extenuado...”. KUYPER, Abraham. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 187.

³⁷⁵ DURKHEIM, Emile. *O suicídio*: estudo de sociologia. São Paulo: EDIPRO, 2014, p. 131-292.

O principal paralelo existente entre os suicídios publicados nos periódicos da imprensa e os tipos de suicídios apresentados por Durkheim está no suicídio egoísta. Trata-se de um tipo de suicídio que predomina nas sociedades modernas e é geralmente praticado por aqueles indivíduos que não estão devidamente integrados à sociedade e geralmente se encontram isolados dos grupos sociais como família, amigos e comunidade. É um ato que se reveste de um individualismo extremado.

Outra história que teve por fim o suicídio de um seringueiro tem por título *Os naufragos da vida: Empolgado por uma paixão violenta, pôs fim à existência*. Essa história carrega alguns aspectos singulares:

A vida, para esses infelizes que procuram o interior tenebroso do Estado arrastados pela febre do dinheiro, é, geralmente, um romance de cruéis padecimentos, muitos dos quais de epílogo sangrento. Agora mesmo chega-nos a notícia de mais um desses factos que teve por teatro o seringal “Porvir”, no rio Purus, e do qual foi protagonista um infeliz mocinho de quinze anos de idade.³⁷⁶

Ao se fragmentar a história de José de Siqueira Costa vê-se, inicialmente, o redator fazendo uma analogia entre as histórias sangrentas dos seringais do interior – em que a busca pelo enriquecimento ignorava qualquer situação – com as de um romance com peças trágicas em que o seringal é também comparado a um palco de teatro. Logo a seguir, vê-se um primeiro traço singular dessa história, a saber, a apresentação de um seringueiro de apenas 15 anos de idade, que a fonte ainda o denomina como protagonista. De fato o é!

Trabalhava nesse seringal, na extração da goma elástica, o menor paraibano José de Siqueira Costa. Moço, na idade em que a vida tem todos os encantos descuidados da alegria, José de Siqueira começou a alimentar uma paixão profunda pela decaída Maria do Carmo, residente no mesmo lugar. Sentindo-se sempre, cada vez mais empolgado por esse extraordinário afeto que tantas mágoas lhe causava, resolveu ele aproximar-se da mulher, confessando-lhe o amor veemente em cujas chamas se abrasava, propondo-lhe a vida em comum. Aceita a proposta, passaram a viver maritalmente. Mas, fácil e leviana, Maria começou a aceitar a corte de um outro seringueiro. Tendo conhecimento do procedimento incorreto da companheira, Siqueira abandonou-a. Daí por diante, José de Siqueira Costa, não podendo esquecer a mulher por quem sofria horivelmente, começou a acariciar a ideia trágica do suicídio. Vivendo continuamente, sob o domínio dos pensamentos sinistros que o enlouqueciam, o infeliz seringueiro resolveu, no dia dois do corrente, por fim à existência...³⁷⁷

³⁷⁶ *A Capital*. Manaus, 11 Out. 1918.

³⁷⁷ *Idem*.

Embora chame atenção a idade desse seringueiro, vale lembrar que com quinze anos um adolescente no seringal já era considerado um adulto, pois, à época, começava-se a trabalhar desde muito cedo, em especial para os segmentos populares. Uma paixão consumiu avassaladoramente o jovem seringueiro, que com a tenra idade já labuta pela sobrevivência para lograr um melhor arranjo para sua vida, tanto que para isso não hesitou em declarar-se para Maria do Carmo, sua amada. Esta, ao que parece, não titubeou em aceitar viver maritalmente com Siqueira.

Ainda mais, percebe-se o modo como redator do periódico por duas vezes se refere a Maria do Carmo como prostituta, primeiramente quando a chama de *decaída* – isso antes dela juntar-se a Siqueira – e, posteriormente, quando a define como *fácil e leviana*, momento em que Maria, já amasiada com Siqueira, enamora outro seringueiro. Os termos empregados podem estar definindo o ofício prostitucional, tal como entendido à época, mas podem também traduzir o forte preconceito que se cristalizava sobre a imagem da mulher popular/trabalhadora, mesmo que a venda de seu corpo não fosse por ela efetivamente praticado. Com a informação limitada pela fonte, esta é uma dimensão que jamais se saberá ao certo.

Essa condição imposta pelo homem sobre a mulher sempre existiu, mas, a modernidade acabou por estabelecer ainda mais esta condição. Natalie Davis informa que na Europa da época moderna, “o sexo feminino era visto como o sexo desregrado por excelência”³⁷⁸. Situação que perduraria no tempo, já que Perrot informa que “o século XIX acentua a racionalidade harmoniosa dessa divisão sexual. Cada sexo tem sua função, seus papéis... Ao homem, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos”.³⁷⁹

Ao saber do que fazia Maria do Carmo, o protagonista, José de Siqueira, retraiu-se de tal modo, que além de abandoná-la tomou profundo desgosto pela vida,

³⁷⁸ DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo: Sociedade e cultura no início da França Moderna*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990, p. 107. Davis ainda nos diz que, para o pensamento da época, “esse desregramento estava fundado na sua fisiologia, o seu ventre, como um animal faminto, quando não era muito bem alimentado pelas relações sexuais ou pela prole, podia sair a vagar pelo corpo, dominando sua fala e sua razão. Os homens que também sofriam da retenção de fluidos sexuais, tinham a força de vontade e a sagacidade de controlar suas necessidades brutais por meio do trabalho, da bebida ou do estudo, mas a mulher só podia tornar-se histérica, assim a sua sujeição foi gradualmente se ampliando do século XVI ao XVIII. É essa imagem que foi tão utilizada como pretexto para a sujeição das mulheres”. Idem, p. 107-108.

³⁷⁹ PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 178.

e conforme o jornal, a ponto de arquitetar um plano suicida que envolvia profundas florações de amor, versadas em forma de poesia trágica como última declaração de seus sentimentos feridos à sua amada Maria. E aqui está mais um traço singular dessa história. Não se vê um seringueiro ferido com desejo de vingança, e de morte aos traidores, como normalmente ocorria em casos parecidos. Pelo contrário, sua melancolia introspectiva se constitui em mais um traço singular, como se vê na continuidade da notícia:

A noite, Siqueira dirigiu-se ao barracão central onde, depois de beber diversos cálices de cachaça, escreveu o seguinte em uma folha de papel almaço à mulher por quem se sentia morrer: *“Lua silenciosa! És doce amiga dos que sofrem e a inseparável companheira das criaturas infelizes, que procuram no silencio das noites abrandar, entre sentidos prantos, as suas agras dores! Volve para mim, pálida lua, um olhar de compaixão; ilumina com teus raios sublimes de esperança meu pobre coração desalentado! Chora também comigo! Sê minha fiel companheira, nas intermináveis noites do meu infortúnio, como fostes nos poucos momentos de minha felicidade”*.

Diz ainda o jornal:

Escrito isso, levou o cano de um revolver ao ouvido, suicidando-se. Em um dos bolsos do suicida, foi encontrada uma carta, dirigida a sua mãe, na Paraíba e na qual, depois de confessar o motivo que o levou àquele ato de loucura, pedia perdão.³⁸⁰

Torna-se ainda mais inusitado o fato desse jovem seringueiro compor versos como os descritos acima, uma vez que, como se convencionou afirmar, a maioria dos seringueiros era constituída por analfabetos. Mas aqui o que se vê, é o contrário, um seringueiro com pleno domínio da escrita, cuja aptidão, e até certo refinamento estilístico, se pode ver na declaração que escreveu em forma de poesia. Este é mais um aspecto totalmente outro e incomum que carece de uma maior investigação e pesquisa. Não que se duvide que os versos pertencessem mesmo a José de Siqueira, mas não a dúvida que isso era muito incomum. De todo modo, assiste-se a este jovem seringueiro despedir-se da vida, de sua companheira amada, e até mesmo de sua mãe, de quem não se esqueceu, e que distante estava no Estado da Paraíba.

Há um caso que também instiga a pensar no papel e na inserção da mulher nos seringais da Amazônia. Sob o título de *Cruel Destino: Vendo-se maltratada, põe termo a existência*, temos a seguinte história:

³⁸⁰ *A Capital*. Manaus, 11 Out. 1918.

Deixando os sertões da Paraíba onde nascera e o homem que desposara aportou a Manaus, há perto de dois anos, Anna de Barros Siqueira, com 18 anos de idade. Aqui chegando, hospedou-se em certa pensão da rua Itamaracá, até que encontrou no seringueiro Manoel das Neves, um futuro melhor aquele em que estava, resolveu segui-lo, tornando-se sua amante. Se em Manaus, os carinhos de Neves seduziram-na, no rio Japurá, para onde foram residir, a deixaram triste, porque o amante, maltratava-a diariamente, ao menor gesto e sem motivo. Vendo que a cólera brutal do amante não tinha limites, Anna já cansada de suportar tantos maus-tratos, no dia 26 de agosto, às 15 horas, aproveitando a ausência do algoz, pôs termo a existência, desfechando na cabeça um tiro de rifle.³⁸¹

Essa história demonstra que a mulher foi em mais um contexto vítima das arbitrariedades do homem. No entanto, deve-se fazer certa ponderação ante a fonte jornalística. Pela história tratar de maus tratos e violência contra a mulher, e muito embora a fonte anuncie categoricamente que Anna de Barros tenha cometido suicídio, pode-se conjecturar que tal não tenha sido. Isolado na mata, distante dos poderes públicos, o homem que se vê soberano frente à mulher a quem aplica castigos e violências, pode também ser o mesmo que, um dia, decide dela se livrar, tirando-lhe a vida. O comprometimento de Manoel das Neves com a tragédia, parece estar evidente, mas se foi ele assassino de Ana de Barros, é impossível saber. O que se argumenta, é que, dada a forma corriqueira do uso de violência contra as mulheres, a informação de suicídio, frequentemente notificada pelo próprio cônjuge, pode perfeitamente, em alguns casos, ser servido para acobertar casos de homicídio.

Consideremos outro aspecto da inserção da mulher nos seringais. Em sua pesquisa sobre as mulheres nos seringais do Amazonas, Monica Lage informa que além da capacidade de sedução, as mulheres apresentavam outras características, uma vez que, muitas delas traziam consigo alguns comportamentos que eram tradicionalmente associados ao universo masculino. Assim, a autora coloca nessa lista a coragem, a determinação, o desejo de vingança e a capacidade de articular-se em situações difíceis. Se muitas dessas mulheres nasciam com estas características, outras as adquiriam no decorrer de suas vidas. A viuvez, o abandono do marido, ou a necessidade de sobrevivência na mata, eram, por exemplo, fatores que as impulsionavam a serem fortes diante da vida.³⁸²

³⁸¹ *A Capital*. Manaus, 11 Set. 1917.

³⁸² LAGE, Mônica Maria Lopes. *Mulher e Seringal: um olhar sobre as mulheres nos seringais do Amazonas (1880-1920)*. UFAM: Manaus, 2010. Dissertação de Mestrado, 2010, p. 122-123.

Observando acerca da inserção da mulher nos ambientes que configuravam toda a dinâmica de relacionamentos no seringal percebe-se que a sedução foi para a mulher, assim como sempre foi em qualquer lugar na história, uma arma poderosa a ser utilizada em seu proveito, como um artifício para atenuar e/ou reverter o peso da dominação masculina.

Conforme lembra Michele Perrot: “as mulheres nunca tiveram poder, mas sempre tiveram poderes”³⁸³. Assim, o uso desses poderes em determinados momentos, sempre deixou o homem envolvido diante de seus encantos e em muitos casos perdendo a razão, o que fez com que a mulher, sem hesitação, continuasse a utilizar essa arma poderosa para capturá-lo. A esse respeito, há algumas histórias do cotidiano da imprensa amazonense que além de ratificarem essa estratégia, demonstram a agência da mulher em diversas situações do seringal em que os seringueiros a consideravam uma riqueza tão grande ou superior às pelas de sua borracha.

Assim, em matéria publicada no periódico *A Capital* tem-se a história do seringueiro Manoel Pereira que, se sentindo ultrajado por outro seringueiro, resolveu a situação do modo mais comum nessas circunstâncias. Sob o título *Vingando a honra*, o jornal narra-se a seguinte história:

Manoel Pereira da Silva é o nome do protagonista da cena de sangue que vamos noticiar, ocorrida no seio da mata, onde não há testemunhas e os delitos se praticam facilmente. No dia 1º do corrente, Antônio Pereira Marques, residente no lugar *Brasília*, rio Acre, chegando ao barracão, gabou-se de Amélia Marques da Silva, esposa de Manoel Pereira da Silva. A gabolice do seringueiro chegou aos ouvidos do marido de Amélia, o qual não lhe dando crédito, chamou de parte a esposa. Esta interrogada, disse ser uma calúnia imputada a sua pessoa o que alardeava Marques. Pereira chama então o seringueiro audacioso, pedindo-lhe explicações. Como este quisesse reagir e não dando as explicações que o satisfizessem, Pereira sacando da cinta um punhal vibrou em o conspurcador de sua honra 5 punhaladas, deixando-o morto.³⁸⁴

O periódico atesta uma informação importante acerca dos crimes ocorridos nos seringais amazônicos desse período e ao qual se fez referência acima, qual seja, o de que por estarem os agentes distantes dos órgãos de justiça, muito do que se

³⁸³ PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Op. cit., p. 57.

³⁸⁴ *A Capital*. Manaus, 26 Nov. 1917.

praticava não era passível de investigação policial. Era uma terra sem lei, que Euclides da Cunha chamou de “sociedade obscura e abandonada”.³⁸⁵

Assim, conforme a fonte denomina, o *protagonista* Manoel Pereira assiste o seringueiro Antônio Marques, seu companheiro de ofício, no barracão central, se gabando de sua esposa, Amélia da Silva, provavelmente fazendo isto na presença de outros seringueiros. O termo *gabou-se*, que a fonte denomina, não determina exatamente que Antônio Marques estivesse dizendo aos outros que teve relações (pessoais, sexuais, etc.) com Amélia da Silva, mas é isso que insinua.

Contudo, entre o que a fonte informa, o que a fonte não informa e o que realmente pode ter ocorrido, há muitas possibilidades, inclusive de que Amélia da Silva tivesse tido efetivamente um caso com Antônio, embora ela mesma tenha repellido qualquer ideia nesse sentido, dizendo ao seu marido que eram calúnias desse seu detrator. Enfim, entre o que Manoel Pereira ouve dos dois personagens e o campo das certezas que o assoma, havia, no mínimo, uma ofensa pública de sua moral, não hesitando assim, em assassinar o agressor de sua honra e de seu lar.

História parecida com a de Manoel Pereira, é a do seringueiro Berllarmino Teixeira, anunciada em notícia apresenta sob o título *Evadiu-se após matar o companheiro*:

No dia 21 de mês passado, no seringal Mundo Novo, no Rio Juruá, o seringueiro Berllarmino Teixeira assassinou, com dois tiros de rifle, o seu companheiro e rival Severiano Ferreira. O crime foi motivado por ter Severiano, dias antes, raptado a mulher daquele, de nome Maria de Jesus Gonçalves. O facto passou-se no meio da mata, onde os dois homens se encontraram, tento o assassino, fugindo, abandonado o corpo do companheiro, que, depois foi encontrado por algumas pessoas e devidamente sepultado.³⁸⁶

Vê-se a descrição de outra história com um triste desfecho entre seringueiros, companheiros de ofício, mas não de amizade. Partindo do que a fonte informa, é possível observar pelo menos dois aspectos. O primeiro é explícito, e diz respeito ao assassinato de Severiano por ter raptado a mulher de Berllarmino. O segundo é implícito, a fonte não registra nada acerca de Maria de Jesus, a não ser que foi raptada.

³⁸⁵ CUNHA, Euclides da. *A Margem da História*. Op. cit., p. 9. Como se viu na nota 363, a obra de Francisco Pereira da Costa relativiza essa dimensão, quando demonstra que, por vezes, aparatos da justiça eram levados para dentro dos seringais. COSTA, Francisco Pereira. *Seringueiros, Patrões e a Justiça no Acre Federal, 1904/1918*. Op. cit., p. 265; 263.

³⁸⁶ *A Capital*. Manaus, 13 Jun. 1918.

Nesse sentido, há muita coisa que a fonte não diz. Pode-se supor que a relação dos três sujeitos da história poderia configurar um triângulo amoroso, pois mesmo que a fonte nos informe que Maria de Jesus, a mulher de Berllarmino, tenha sido “raptada”, não foi incomum que tal prática fosse acordada entre os amantes e, portanto, consensual³⁸⁷. Assim, e ainda explorando o campo das possibilidades, já que não se fica sabendo de nada sobre seu paradeiro de Maria de Jesus, após o desfecho da história, poderia estar ocorrendo efetivamente uma situação de adultério, onde o rapto entraria como uma forma extremada de configurar o novo relacionamento.

Sobre os limites interpretativos do historiador ante à informação fragmentária dos registros, Carlo Ginzburg chamou esta tensão percebida na fonte histórica de “vertiginoso jogo de espelhos”, que tem como cerne a mistura entre *verdade e possibilidade*³⁸⁸. Assim, o modo como Berllarmino solucionou a situação para lavar a sua honra e dignidade é bem próprio da época, assassinando Severiano, um possível raptor ou amante de sua mulher.

Essas histórias saltam dos periódicos com muitas subjetividades e ambiguidades. São histórias carregadas de representações, mas que revelam o processo de formação da identidade de pessoas comuns. Aqui estando em destaque o seringueiro, mas também a mulher. Em matéria sob o título de “*No Rio Javary: Ultrajado, matou a mulher que o enganava e o amante desta*”, vê-se o que ocorreu em mais um seringal amazônico acerca do adultério nesse contexto:

Há perto de dois anos, deixando o Ceará, nesse tempo flagelado pela seca horrificante, aportaram a Manaus o sertanejo José Lopes da Costa e sua mulher Maria da Conceição Costa. Muitos dias estiveram os dois no galpão da Avenida Eduardo Ribeiro, até que lhe apareceu o seringueiro José Ricardo de Souza, que os convidou para o rio Javary. Sonhando com os montes de dinheiro e com lucros fabulosos, pois viram brilhar os anéis que o seringueiro trazia aos dedos como tochas de fogo, resolveram segui-lo³⁸⁹

³⁸⁷ Ainda em vida, o historiador Mário Ypiranga Monteiro cansou de contar a história de que seu próprio relacionamento com sua esposa se fez através de um rapto, uma vez que os pais de sua amada eram contrários à união de ambos.

³⁸⁸ GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 333. Ginzburg inicia esta obra lembrando que “os gregos contam que Teseu recebeu de presente de Ariadne um fio. Com esse fio Teseu se orientou no labirinto, encontrou o Minotauro e o matou. Dos rastros que Teseu deixou ao vagar pelo labirinto, o mito não fala”. Idem, p. 7.

³⁸⁹ *A Capital*. Manaus, 08 Out. 1917.

Inicialmente, atesta-se nessa história marca de muitas trajetórias de vidas, que ao migrarem para a Amazônia, ficavam à disposição de quaisquer trabalhos. Como se sabe, nesse tempo o trabalho com a borracha tinha forte apelo. Então, José Lopes e sua mulher Maria da Conceição se veem atraídos pela oportunidade de trabalho nos seringais, muito mais pelo fato de verem o seringueiro José Ricardo os convidando e atrativamente mostrando os anéis brilhando em seus dedos. Assim partem para o Rio Javary.

E lá se foram os dois, prontos para afrontar as peripécias da vida. Chegando ao porto do destino saltaram. Dias passados, deram-lhes os mantimentos necessários, internando-os no lugar denominado *Soledade*. Os dias passavam-se calmos e felizes. A mulher, sempre fiel ao cumprimento dos deveres, era cada vez mais cativada pelo marido, que via nela o anjo que o havia de amparar, quando, por acaso, caísse prostrado ao leito, com as febres tão frequentes no interior.³⁹⁰

Têm-se aqui o desenvolvimento de uma história aparentemente feliz, em que, a despeito dos desafios que José Lopes e Maria da Conceição, tiveram que enfrentar na ambientação e adaptação do seringal *Soledade*, o casal vivia dias *calmos e felizes*. Nesse sentido, José Lopes confiava que em Maria ele poderia encontrar grande esteio para quaisquer infortúnios que pudesse passar naquele ambiente, pois, como a fonte informa, ela era *cada vez mais cativada* por José Lopes. Mas, o que realmente estaria por vir?

Porém lá diz o rifão: “Não há bem que sempre dure e mal que não se acabe” e foi com serio desgosto que José Lopes viu cair do mês de Julho deste ano, por terra, todas as suas esperanças de felicidade continua. A mulher já não era a mesma, desprezava-o sem que ele desse o menor motivo, enganando-o com José Ricardo. José Lopes soube do que se passava. Um dia, 28 de agosto, ao voltar da estrada, entrando na barraca, deparou-se-lhe um espetáculo triste. Havia pilhado em companhia da mulher o amante, o mesmo que, havia dois anos, os levava para o seringal. Louco de raiva, cego e desvairado pelo o que acabava de acontecer, ferido na sua honra sentindo-se ultrajado, José Lopes arranca da cinta o punhal e vibra-o várias vezes contra os adúlteros. José Ricardo e Maria não tiveram tempo de defender-se. O instrumento mortífero havia produzido o seu efeito, pois os dois jaziam mortos nos braços um do outro. E assim terminou o romance de Maria.³⁹¹

Então, vê-se um novo desdobramento na história de José Lopes e Maria da Conceição. No curso de dois anos, conforme a fonte relata, o que era esperança de

³⁹⁰ *A Capital*. Manaus, 08 Out. 1917.

³⁹¹ *Idem*.

uma relação feliz, ladeada pela busca de uma melhor condição de vida, através do trabalho no seringal, se torna desilusão, pois tudo iria por água abaixo.

José Ricardo, aquele que tinha sido o agente providencial para o casal cearense, torna-se amante de Maria da Conceição, ao que José Lopes logo presente ao ver que Maria *já não era mais a mesma*. Então, o que se segue é o fim trágico em que José Lopes *ferido na sua honra e sentindo-se ultrajado*, não titubeia em dar cabo da existência de José Ricardo, e de seu grande amor, Maria da Conceição.

O desfecho de morte aos adúlteros configurava uma tendência natural na época, já que esses dramas ocorriam comumente na ambiência dos seringais amazônicos, assim como em todos os demais ambientes. Embora não haja um padrão factual no modo em que essas histórias aconteciam, quase que em todos os casos o desfecho trazia sempre a morte.

Sob o título de “*No Rio Içá: Uma Fera Humana*”, um periódico amazonense narra outra trágica história de amor; história impressionante, que por muito pouco não encarnou uma daquelas tragédias shakespearianas, mas que, ao contrário da última história, a de José e Maria, apresentou como resultado a fidelidade no interior do matrimônio. O relato vai narrado integralmente:

Por pessoa ultimamente chegada do seringal Belmira, de propriedade do coronel Manoel Getúlio de Abreu e situado no rio Içá, soubemos de crimes bárbaros ali praticados por um delinquente perigosíssimo. Os crimes que foram consumados com maior sangue frio e revestidos da maior hediondez, diz bem dos sentimentos ferozes do seu autor. Narremo-lo: Quando foi da última seca que impiedosamente castigou os sertões do nordeste brasileiro, aqui chegaram na proa de um cargueiro, numa leva de imigrantes que fugiam ao rigor do flagelo, o rio-grandense no norte Antônio Rodrigues de Lima e a cearense Aninha Barbosa. A figura pequenina, delicada e graciosa de Aninha, despertou em Antônio uma doce piedade, por isso que, forte, robusto, sentindo-se com forças bastante para lutar e vencer, começou a dispensar à sua amiguinha de infortúnios uma amizade protetora, a qual, com a convivência, robusteceu-se, enraizou-se e rebentou em florações divinas de um grande amor. Amaram-se e daí há algum tempo casaram-se. Alguns meses depois, ambos seguiram para o seringal Belmira, no rio Içá. Nesse mesmo seringal vivia há muito, o indivíduo Jeronimo Palheta que é um tipo excepcional de homem; desordeiro, assassino, arregimentado na escola de todos os vícios é ali temido devido à ferocidade de seus instintos. Palheta, de princípio, achando graça em Aninha, tornara-se amigo de Antônio Lima, a quem visitava constantemente. Dentro de sua alma danada, porém, trabalhavam sentimentos baixos, por isso que, após algum tempo, desiludindo de conquistar o coração da esposa de seu amigo, deliberou confessar-lhe a paixão violenta que o martirizava. Foi repellido. Por diversas vezes ainda voltou a protestar-lhe o seu amor, até que um dia, Aninha não podendo suportar as solicitações que lhe vinha fazendo impertinentemente Palheta, confessou tudo a seu marido. Este, indignado, procurou Jeronimo de quem exigiu uma satisfação formal e sem rodeios. Depois de uma

discussão acalorada, ambos se retiraram. Palheta, porém, perverso e cheio de ódio, jurou vingar-se. E assim, no dia 8 do mês de janeiro último, pelas 20 horas, quando Antônio regressava da mata, encontrou-se com Jeronimo na estrada. Este disse qualquer coisa que ofendeu aquele. Entre ambos se estabeleceu, então, uma forte discussão, a qual inclinou-se para o terreno dos insultos e daí para as vias de fato. No silencio fantástico da noite, no meio da mata, então, os dois homens, movidos pelo mesmo ódio selvagem que os enlouquecia, empenharam-se numa luta titânica, gigantesca e de morte. Por algum tempo lutaram assim, até que Palheta, desvencilhando-se dos braços de Antônio, deu um salto para traz e sacando do punhal que levava à cinta, embebeu-o oito vezes no peito do rival, matando-o instantaneamente. Consumado o primeiro crime, correu em direção à barraca de sua vítima, onde penetrou cautelosamente encontrando Aninha, que dormia, sufocou-a num beijo longo e demorado. Em seguida, mais uma vez ainda propôs-lhe o seu amor, sendo como das vezes antecedentes, repellido. Então, não podendo esconder mais o inferno que lhe ia n'alma e que o torturava, ameaçou-a. Houve entre ambos ligeira trocas de palavras e insultos. Por fim, Aninha, sentindo-se livre de seus braços, pode escapular-se, fugindo pelo fundos da barraca. Palheta, colérico, fora de si, sentindo fugir-lhe a presa na execrável hediondez de sua alma satânica, teve uma ideia infernal, que lhe fez brilhar os olhos de uma estranha alegria. Puxou do revolver e, alvejando o vulto esguio da infeliz criatura que fugia na escuridão da noite, detonou a arma três vezes, prostrando-a mortalmente ferida. Em seguida, aproximou-se do corpo que agonizava sobre uma poça de sangue e cobriu-o de repetidos beijos. A esse tempo, alguns seringueiros despertados pela detonação da arma corriam naquela direção. Jeronimo, então, para escapar ao castigo, evadiu-se, não sendo possível aos companheiros descobrir-lhe o paradeiro. Aninha nos últimos momentos de vida relatou o facto ao dono do seringal, ordenando este, que fosse dado sepultura aos corpos do infeliz casal.³⁹²

Têm-se aqui uma história com desdobramentos únicos. O redator do periódico anuncia de início que o jornal tem recebido denúncias acerca de crimes praticados no Rio Içá, região remota de fronteira do Amazonas, no município de Santo Antônio do Içá, sendo esta uma prova incontestada do quanto às distancias longínquas da região não desconectavam o interior da capital, pelo contrário, em grande parte pela dinâmica da economia da borracha, os agentes iam e viam de todos os lugares oportunizando assim, que os fatos ocorridos fossem noticiados sempre que necessários.

Na história de Antônio Rodrigues e Aninha Barbosa vê-se um diferencial das que narramos até aqui. Aparentemente eles se conhecem durante a viagem para o Amazonas e antes de seguirem para o trabalho no seringal Belmira consumam o matrimônio, o que pela linguagem extremamente romanceada do redator, a amizade de Antônio por Aninha cresceu tanto que *robusteceu-se, enraizou-se e rebentou em florações divinas de um grande amor*.

³⁹² *A Capital*. Manaus, 4 Fev. 1918.

Mas, o personagem de Jeronimo Palheta trouxe para a história de Antônio e Aninha a desgraça tão comumente conhecida em situações como esta. O que impressiona no desenvolvimento da história é a fidelidade irrepreensível de Aninha Barbosa que não cede às inúmeras investidas de Palheta, nem mesmo demonstra medo, pois como a fonte informa, Palheta era *“um tipo excepcional de homem; desordeiro, assassino, arregimentado na escola de todos os vícios é ali temido devido á ferocidade de seus instintos”*.

Aninha relata a Antônio a inconveniência de Palheta. Ao fim e ao cabo, têm-se o desfecho da história. Não se pode negar que se esperava um melhor final para o casal. Mas, Palheta desgraçadamente põe fim à história de amor do casal, assassina Antônio na mata e Aninha em sua barraca, para depois fugir do seringal. Por essas duas histórias antagônicas, por assim dizer, no sentido do adultério consumado e da fidelidade agredida, pode-se perceber o quanto esses seringais estavam carregados de tensões e contradições na vivência do seringueiro.

Há outros casos em que os filhos do seringueiro ganham o espaço das notícias nos jornais da cidade, embora sempre em meio à violência e dramaticidade com que se viam relacionado esses personagens. Há uma história em que Amélia de Brito, filha do seringueiro Joaquim de Brito é estuprada e, sob o título de *“O coração não envelhece: Amor que termina mal”*, tem-se o relato pela imprensa:

Parece que o homem, inconscientemente, vivendo nas regiões impaludosas do Amazonas, onde a vida se manifesta com sublime potencialidade, desafiando o embate dessas duas forças contrárias – Vida e Morte... Nada é seguro, tudo é fictício e instável e o homem é um animal que começa a raciocinar. Ultimamente, um facto desenrolado no seringal Novo Mundo, em um dos afluentes do rio Javary, vem em parte demonstrar a veracidade do que Euclides da Cunha escreveu, com cores negras a respeito da vida, no interior do Amazonas. Residia naquele seringal, há muitos anos, o paraibano Braule Ramos, o qual se dedicava ali à extração da goma elástica. Já velho, no último período da vida, um dia, não obstante os seus avançados 78 anos, apaixonou-se por Amélia de Brito, uma rapariguinha ali residente, de 18 anos de idade e filha do seringueiro Joaquim de Brito. Até então, sempre considerado entre seus companheiros, Brito confiava a sua filha aos carinhos e afagos de Braule, ignorando, porém, que sob aquela velhice se ocultava um coração de moço, cheio de vida e entusiasmo. Este, um dia, não suportando o ardor daquela paixão que o enlouquecia, confessou a Amélia toda a ardente inspiração de sua alma. Foi repellido. Então, fingindo-se arrependido, desculpou-se. Dentro de sua alma mesquinha, porém, jurou vingar-se. E assim, no dia 20 do mês findo, quando Joaquim, pai de Amélia, se encontrava para a mata, penetrou na barraca onde a moça se achava e, servindo-se das forças que lhe restavam, subjugou-a e violentou-a. Regressando Joaquim à barraca, a filha, em pranto, relatou-lhe todo o ocorrido. Este, indignado, procurou aquele e encontrando-o, travou com

Braule uma luta acesa e fatal. Depois de alguns momentos, caiu Joaquim gravemente ferido por cinco punhaladas, enquanto Braule, tapando o peito de onde esguichava sangue por uma punhalada, fugia em direção ao rio. O proprietário do seringal, sabedor do ocorrido, providenciava a respeito.³⁹³

A leitura desse relato revela sentimentos contra a injustiça. Inicialmente, o redator apresenta a notícia contextualizando sob o meio amazônico as condições próprias que, segundo pensa, contribuem potencialmente para que *vida e morte* se polarizem diante das desgraças ocorridas nos seringais, onde *nada é seguro, tudo é fictício e instável e o homem é um animal que começa a raciocinar*. Assim, acaba sendo sob este ponto de vista, de alterar a cultura do local.

É importante também notar que o redator respalda seu raciocínio coadunando essa análise às descritas por Euclides da Cunha, que se sabe, eram análises que, embora através de *cores negras* carregassem um tom de denúncia por descasos sociais, acabavam por explicar a conjuntura dos seringais amazônicos pela equação homem/natureza.

Daí em diante o que se segue é o fato ocorrido no seringal *Novo Mundo*, no rio Javary. Há no seringueiro Braule Ramos, um novo traço de singularidade na pesquisa, sua avançada idade, 78 anos. Aparentemente Braule, era figura respeitada no seringal, provavelmente pelos anos de exercício da extração da borracha, condição esta que fez com que Joaquim de Brito confiasse a ele a amizade de sua filha, Amélia de Brito de 18 anos. É possível notar na notícia relatada, a ausência da mãe de Amélia, sem que a fonte explique o porquê.

Assim, o que era uma amizade protetora, torna-se uma paixão doentia. Braule, 60 anos mais velho, embora como a fonte relate, que em sua velhice *se ocultava um coração de moço, cheio de vida e entusiasmo*, passa a desejar Amélia declarando a ela seus sentimentos, sendo de pronto repellido. Braule aparentemente arrependido pede perdão a Amélia, mas pelo o que a fonte informa, *dentro de sua alma mesquinha, porém, jurou vingar-se*, e passa a arquitetar outro plano pra satisfazer seus intentos.

Ao se usar o termo arquitetar, quer-se dizer que é possível observar que Braule adentra a barraca de Amélia de Brito quando seu pai está na mata. E violentamente estupra a filha de seu amigo Joaquim. A história segue como

³⁹³ *A Capital*. Manaus, 9 Fev. 1918.

normalmente se imagina. Amélia em prantos avisa ao pai da ultrajante vergonha provocada por Braule. Assim, Joaquim encontra Braule e travam uma luta com punhais, o que nota-se na história a ausência de rifles. Embora a fonte não informe se Joaquim ou Braule tenham morrido, o que se vê são dois seringueiros profundamente feridos.

Em outra notícia, em que outros agentes familiares podem ser vistos, tem-se a história de Josepha Tavares, provavelmente uma seringueira, que além de ter provocado inúmeros problemas num seringal, vendeu sua própria filha ao seringueiro Emílio Chagas. Com o título de “*Os crimes do interior: vendeu filha por um corte de chita*”, temos seguinte notícia:

No seringal “São Miguel”, no rio Pauhinhy, vivia a mulher Josepha Tavares, que tinha em sua companhia uma filha de 12 anos, de nome Mariana. Josepha, ultimamente, vinha lutando com toda a sorte de dificuldades e passando dias seguidos de fome e miséria. Nessa circunstância dolorosa, a infeliz mulher, sentindo-se só, num meio selvagem e tenebroso onde tudo lhe fugia, perdeu lentamente a noção de todos os sentimentos belos que elevam a alma às regiões serenas do bem, desceu o caminho escuro e sinistro do vício, até à mansão negra do crime. Daí por diante Josepha tornou-se abjecta, desprezível, sendo raro o dia em que o gerente do seringal não se visse forçado a encarcerar-la na prisão do seringal, afim de corrigi-la dos excessos a que se entregava, cometendo atos que revoltavam os bons costumes. Descendo todos os degraus do vício, um dia, tomada da neurose do crime, a mãe desnaturada aproximou-se do seringueiro Emilio das Chagas e ofereceu-lhe a filha em troca de um corte de chita que vira, momentos antes, no barracão central. Aceito o negócio e depois de Chagas haver entregue o corte de fazenda, Josepha, criminosamente e hediondamente, levou o seringueiro à sua barraca onde diante da menor, disse, apontando para a filha: “Está aí, leva-a contigo”. E, cinicamente, rindo-se, talvez sem consciência do tamanho da hediondez do seu crime, apertou de encontro ao seio o corte de chita com o qual vendera a filha. Mariana, vendo aproximar-se-lhe o seringueiro, tentou gritar, mas antes que fizesse, Chagas conseguiu segura-la, dominando-a... O gerente do seringal, sabendo do facto, prendeu os criminosos, remetendo-os às autoridades do lugar.³⁹⁴

Embora a fonte não informe expressamente, supõe-se que Josepha Tavares fosse uma seringueira, partindo das informações de que morava no seringal, de que a tempos vinha passando por necessidades seguidas *de fome e miséria*, e de que após ter descido *o caminho escuro e sinistro do vício, até à mansão negra do crime*, foi duramente repreendida, castigada e encarcerada pelo gerente do seringal.

Não bastando tais sofrimentos, Josepha decide levar a cabo uma ideia absolutamente absurda, mas, que sob seu contexto e tempo, parecia soar de modo

³⁹⁴ *A Capital*. Manaus, 30 Maio 1918.

atenuante: vender sua própria filha, aliás, trocar sua filha por um corte de chita,³⁹⁵ produto que pertencia à Emilio das Chagas e que, ao efetuar a troca, se apossaria da pequena Mariana, de apenas 12 anos de idade. De todo o modo, o que se vê é o gerente do seringal intervindo na situação e prendendo tanto Josepha Tavares como Emílio das Chagas.

Há outra informação que se sabe através da compreensão da conjuntura da vida social há cem atrás e que talvez possa explicar melhor o comportamento de Josepha Tavares em tentar negociar sua própria filha. A indústria de roupas ainda não havia se generalizado. Aquela era uma época em que as pessoas do interior costuravam suas próprias roupas, enquanto nas cidades podiam também usar os serviços de costureiras e alfaiates.

A VIOLÊNCIA COMO LINGUAGEM

É impossível pensar na violência ocorrida nos seringais da Amazônia e não ver a presença feminina como um dos principais agentes desses conflitos. No entanto, quer-se demonstrar que conflitos que, embora perpassem em um ou noutro momento a relação com a mulher, também apresentem a relação com os demais agentes do seringal observando a violência como uma expressão legítima de linguagem dos seringueiros nesse ambiente.

Natalie Zemon Davis, especialista nos estudos sobre a formação da cultura popular, ao estudar as guerras religiosas da França moderna, interpreta como ritos, os atos de violência ocorridos ali entre diversos grupos. A autora informa que:

A violência não é explicada em termos de quão loucos, famintos ou sexualmente frustrados são os violentos (embora eles geralmente tenham essas características), mas sim em termos dos objetivos de seus atos e em termos dos papéis e padrões de comportamento possibilitados por sua cultura.³⁹⁶

Do mesmo modo, pode-se dizer que a violência podia ser legitimada por diferentes aspectos do cotidiano nos seringais amazônicos, pois o que sempre esteve

³⁹⁵ Um corte é um pedaço de tecido com dimensão suficiente para produzir uma roupa (p. ex., 1m x 1,5m). A Chita é um pano barato, grosseiro até, usado mais pela população de baixa renda.

³⁹⁶ DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo*. Op. cit., p. 155.

em jogo eram os objetivos de um grupo, que podem ser interpretados ao se olhar para os papéis dos agentes na forma em que agiam. Seus comportamentos estabeleciam os costumes e os hábitos de seu cotidiano, que especialmente, põe o seringueiro como principal agente quando se vemos a sua representação³⁹⁷ nas páginas dos jornais.

O *Jornal do Commercio*, um dos mais importantes periódicos do Amazonas, também reuniu muitas dessas histórias, e dentre elas destaca-se aqui uma, intitulada “*Vingança Trágica*”, por onde se apresenta, com certos detalhes, as intrigas e desavenças entre dois seringueiros, companheiros de ofício, mas não de amizade:

Outra cena de sangue temos a registrar, hoje, desenrolada num dos antros do seringal *Retiro*, que fica à margem do Rio Acre. Ali viviam os seringueiros José da Silva Ramos e Anísio Gomes Brandão, ambos empenhados no serviço de extração de goma elástica, porem separados pelo ódio incontido de velhas rixas pessoais, à semelhança das que sempre surgem entre os homens educados na escola da ignorância. Ramos, que sempre se revelara um indivíduo de mau caráter, arquitetara um plano com o fim de prejudicar seu companheiro de trabalho. Penetrara no terreno sáfaro da mentira ignominiosa e, sem o mínimo decoro, dissera ao seu patrão que Anísio estava falsificando a borracha, com o fim de deslindar o credito do seringal. O patrão, como é natural, ficou prevenido com Anísio, mas, dias depois, examinando escrupulosamente a sua borracha, verificou que não tinha fundamento a queixa de José Ramos. Ciente do embuste e ainda mais revoltado com um ato infame com que seu inimigo procurara profanar a honra de seu lar e o brio de sua família, Anísio resolveu, servindo-se para isso de um único alvitre: a eliminação da vida de José Ramos, antes que ele incidisse em outros processos de mais grave afronta à sua família. E, assim, pela manhã de vinte e oito de setembro último, quando Ramos demandava uma estrada, rumo do trabalho, Anísio, que se achava oculto numa arvore, desfechou-lhe um tiro de rifle no crâneo, que o matou instantaneamente. Após o facto, o criminoso evadiu-se deixando a família no seringal, na ignorância do seu paradeiro. A vítima era natural de Pernambuco e contava trinta e nove anos de idade.³⁹⁸

Nesse mesmo dia o jornal *A capital*, também relatou o mesmo episódio, mas com um ou outro detalhe a mais, como por exemplo, o fato de que Ramos ainda tenha

³⁹⁷ De acordo com Marcelo Badaró Mattos “noções associadas à dimensão subjetiva... do homem, como as de identidade, as do simbólico e, particularmente as de representação passaram a ser valorizadas... a realidade é construída pela forma que os homens a representam. Como afirma Roger Chartier, em passagem citada por Ciro Cardoso: ‘A relação assim estabelecida não é de dependência das estruturas mentais para com suas determinações sociais. As próprias representações sociais do mundo social é que são os elementos constitutivos da realidade social’”. BADARÓ, Marcelo. *E. P. Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico*. Rio de Janeiro: Editora URFJ, 2012, p. 123.

³⁹⁸ *Jornal do Commercio*. Manaus, 13 Out. 1917.

procurado Anísio para se desculpar dizendo que “havia dado ao patrão todas as explicações que lhe tinham sido exigidas”.³⁹⁹

Ao que parece, na descrição acima, no termo *ato infame*, Ramos ainda tinha dissimuladamente, a partir do pedido de desculpas a Anísio, tentado se aproximar da família, ou da própria mulher de Anísio, com o desejo ainda impertinente e libidinoso de *profanar a honra de seu lar e o brio de sua família*. Nesse sentido, o periódico *A Capital* informa que Anísio soube que Ramos havia criado novas intrigas, não mais no barracão *contra sua pessoa, mas contra a sua honra de homem casado*⁴⁰⁰. Isso demonstra bem ser possível que Ramos tenha proferido alguma infâmia contra a mulher de Anísio, embora não se saiba o quê.

A solução encontrada por Anísio era *a de um único alvitre*: matar Ramos. Como já se tem dito, isso era, por assim dizer, *natural*, nestas circunstâncias, considerando o contexto no qual viviam. Em outras palavras, para Anísio era matar ou morrer. A história de Ramos e Anísio é simbólica nesse sentido, pois ocorreram inumeráveis crimes dessa natureza dentro dos seringais amazônicos.

Sabe-se que além da representação dos crimes provenientes de traições e adultérios, fortemente percebida nas páginas da imprensa amazonense, foi possível também visualizar injustiças cometidas contra seringueiros que eram idôneos no caráter e honestos no trato de seu trabalho, mas, que nem por isso deixavam de encontrar punições provenientes de infâmias e calúnias de outros agentes.

O *Jornal do Commercio* publicou extensa notícia sob o título de “*Barbaridade Inaudita – Os conluíros infames – Um homem castrado*”. Essa história representa a violência, a que vez ou outra eram submetidos seringueiros que conquistavam seu espaço e o respeito de seus patrões, mas que eram também alvos da inveja de outros agentes do seringal.

Do Jutahy chegou a esta capital o seringueiro Olympio Cavalcanti de Albuquerque, vindo do seringal Icarahy, que fica situado no alto Jutahy. Esperava Olympio Cavalcanti, nesta capital, um vapor que conduzisse para Belém do Pará, onde reside sua família, e ao seio da qual se queria recolher, quando, ontem, indo ele ao rodway da Manáos Harbour syndicar da chegada de alguma embarcação com aquele destino, teve uma demorada conversa com o vigia ali destacado de nome Pedro de tal, conversa essa que se foi desdobrando sempre até chegar a espantosa culminância que atingiu, conforme o leitor vae conhecer minuciosamente, em todos os seus lances, que se revestem de mais inconcebível e

³⁹⁹ *A Capital*. Manaus, 13 Out. 1917.

⁴⁰⁰ Idem.

requintada barbaridade. Olympio de Albuquerque que trabalhava no seringal citado, que é de propriedade de um cearense, homem, pelo que se sabe, fraco e dócil a sugestões, pela ação das quais tem naquele rio cometido e mandado executar as barbaridades mais torpes...⁴⁰¹

Através desse primeiro fragmento tem-se a apresentação da notícia que anuncia o protagonista da história, o seringueiro Olympio Cavalcante de Albuquerque, recém-chegado do interior à cidade de Manaus, que de passagem, buscava retornar a Belém do Pará ao seio de sua família. É possível notar que ao buscar informação na *Manaus Harbour*, Olympio encontrou-se com uma pessoa que seria determinante para que sua história pudesse ter registro no periódico *Jornal do Commercio*, o vigia Pedro, com o qual inicia uma longa conversa.

Em determinado ponto de sua conversa é revelado ao vigia Pedro o que este seringueiro acabara de enfrentar no seringal Icarahy, onde seu proprietário, pelo o que a fonte informa, tinha *naquele rio cometido e mandado executar as barbaridades mais torpes*. Vê-se a continuação do relato:

Pela narrativa que Olympio ontem fez na 1ª delegacia, onde foi levado à presença da autoridade pelo vigia Pedro, deixou-nos ele revelar os seus bons sentimentos de espirito. Disse-nos que, havendo conseguido captar as simpatias da família do seu patrão, todos os domingos deixava a sua barraca para ir passear até o barracão onde estes residiam e era sempre recebido com festas pela esposa e os filhos do patrão e demais pessoas da casa, principalmente por uma filha daquele a quem tinha uma afeição sincera, nutrindo os sentimentos de um verdadeiro pai, visto a diferença que ia da sua idade para a dessa menina. O patrão tem, porém, ao seu serviço um troço de homens de má nota, entre os quais Francisco Thimoteo, Paulino da Silva e José Plauhy, com os quais fazia um verdadeiro conselho de Estado, agindo sempre em conjunto e de acordo com o que entre eles se deliberava. Por uma destas cousas, esperadas em casos de tal natureza, a afeição extrema que a filha do patrão mantinha com Cavalcante, que também por esse motivo ia ganhando a simpatia deste, começou a não calar bem na ambição e no egoísmo de Francisco Thimoteo, o homem de confiança do seu patrão. E assim começou esse pobre homem a chamar a atenção de Thimoteo, que passou a tê-lo como elemento nocivo à sua preponderância e interesses, tratando logo, por isso, de armar um plano tenebroso para o incompatibilizar com o lar do seu patrão. Thimoteo, perverso em todos os seus desígnios, em momento propício, denunciou caluniosamente essa inocente amizade de Cavalcante com a menina, e sem o menor remorso na consciência, citou quiméricas infâmias por Cavalcante praticadas, que só a sua celebração de miserável podia conceber. Infelizmente o plano surtiu o efeito esperado, O bandido, então, como vindicta aconselhou o dono do seringal a que, depois de açoitar Cavalcante, procedesse a castração para execução da qual ele próprio seria dirigente.⁴⁰²

⁴⁰¹ *Jornal do Commercio*. Manaus, 30 Jul. 1908.

⁴⁰² Idem.

Percebe-se então, que por mais que o seringueiro Olympio Cavalcante tivesse conseguido de algum modo ganhar a confiança não apenas do patrão, mas de toda a sua família, as regras que vigiam na natureza de um seringal não permitiriam que tal fenômeno fosse visto com normalidade pelos agentes do patrão, na história denominados, Francisco Thimoteo, Paulino da Silva e José Plauhy e que a fonte anuncia que se constituíam num *um verdadeiro conselho de Estado, agindo sempre conjunto e do acordo com o que entre eles se deliberava*.

Obviamente não se pode incorrer no risco de afirmar que Olympio Cavalcante não tivesse praticado nenhum ato ilícito contra a filha do patrão. Mas, considerando tão somente o que a fonte nos informa, é provável que fosse inocente tendo pela menina apenas *uma afeição sincera, nutrindo os sentimentos de um verdadeiro pai*. Contudo, como diria Michel Foucault, acerca do poder disciplinar, este tendia a “ser absolutamente indiscreto, pois está em toda parte e sempre alerta, pois em princípio não deixa nenhuma parte às escuras e controla continuamente...”⁴⁰³. Assim, a história segue, contando que:

Raiou o dia 18 de Julho, escolhido para realização dessa barbaridade sem nome. Cavalcante pela manhã, como de costume, entretive-se na extração da borracha e depois das 10 horas deitou-se e dormiu. Foi nessa posição que os covardes o foram apanhar, segurando-o fortemente. Cavalcante acordou nessa ocasião e julgando-se acometido por uma onça, quis gritar, mas taparam-lhe a boca, enquanto com uma corda lhe amarravam os pulsos. Em seguida foi levado para o tronco e aí açoitado a chicote feito de couro de anta. Finda esta surra, Francisco Thimoteo, em pessoa, da maneira mais bárbara, cortou-lhe a bolsa escrotal, sacando para fora os testículos do infeliz que, em seguida, meteram numa canoa e foram abandonar no seringal denominado Ouro Preto. Só depois veio Cavalcante saber a causa daquela selvageria em si praticada. Não fez ele disso revelação a autoridade alguma do Jutahy.⁴⁰⁴

Ao que parece, o patrão concede a Francisco Thimoteo, Paulino da Silva e José Plauhy o poder de levarem à cabo seu plano de punir Olympio no tronco pela suposta prática ilícita e de até castrarem o seringueiro. Que em nenhum momento é inquirido sobre a questão. Olympio teve um início de dia aparentemente normal, saindo cedo para a extração da borracha. Mas às 10 horas da manhã enquanto descansava do laborioso trabalho foi inadvertidamente arrancado de sua barraca, sendo conduzido a força e amarrado por cordas ao tronco, onde começaria a sua

⁴⁰³ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 147.

⁴⁰⁴ *Jornal do Commercio*. Manaus, 30 Jul. 1908.

tortura, sendo ao fim barbaramente castrado. Olympio deve ter perguntado repetidas vezes aos seus carrascos a razão de toda aquela violência. Nisto, chama a atenção o trecho da fonte que diz que somente depois de castrado Olympio viria *saber a causa daquela selvageria em si praticada*, da infâmia consciente e deliberadamente praticada principalmente de Francisco Thimoteo o arquiteto de tudo.

Foucault analisou o conceito de *vigilância hierárquica* na história, e o seu caráter de violência, afirmando em seu estudo que foi por causa das técnicas de vigilância, que “a ‘física’ do poder, o domínio sobre o corpo se efetuam segundo as leis da ótica de mecânica, segundo um jogo de espaços, de linhas, de telas, de feixes, de graus, e sem recurso, pelo menos em princípio, ao excesso, a força, a violência”. Mais adiante, o autor ainda incluiria o conceito de *sansão normalizada* onde apresenta a ação da violência como um legítimo processo próprio de justiça.⁴⁰⁵

A saga de Olympio possui uma marca distinta de tantas histórias que se lê nos periódicos da imprensa amazonense neste período. Ele sobrevive! Sua história possui um desfecho inusitado, já que após ter sido abandonado, provavelmente em um seringal distante do seu, e de onde ocorrera sua desgraça:

Tomou a lancha *Mercedes* e dirigiu-se para esta capital quando ontem, narrando o que lhe acontecera ao vigia Pedro, este, lhe fazendo ver a necessidade que havia de tornar a polícia conhecedora desse facto, o acompanhou até a 1ª delegacia, onde o subdelegado Carneiro de Cunha, por ordem do desembargador chefe de polícia que antes ouvira Cavalcante em seu gabinete, abriu inquérito. As 4½ da tarde realizou-se na sala das operações do hospital da Santa Casa o exame no ofendido, pelo médico legista Dr. Guimaraes Maia, ao qual assistiu o desembargador chefe de polícia. Por esse exame ficou constatada a completa ausência dos testículos, e as cicatrizes ainda visíveis da bárbara castração. O infeliz é natural de Pernambuco, casado, tem filhos, e conta 32 anos de idade.⁴⁰⁶

Então, quando se lê na fonte que o seringueiro Olympio Cavalcante embarca numa lancha seguindo para a capital, Manaus, não se pode ignorar a distância

⁴⁰⁵ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 147. De acordo com o autor: “O poder na vigilância hierarquizada das disciplinas não se detém como uma coisa, não se transfere como uma propriedade; funciona como uma máquina... Na essência de todos os sistemas disciplinares, funciona um pequeno mecanismo penal. E beneficiado por uma espécie de privilegio de justiça, com suas leis próprias, seus delitos especificados, suas formas particulares de sanção, suas instancias de julgamento. As disciplinas estabelecem uma ‘infra-penalidade’; quadriculam um espaço deixado vazio pelas leis; qualificam e reprimem um conjunto de comportamentos que escapava aos grandes sistemas de castigo por sua relativa indiferença”. Idem, p. 147-148.

⁴⁰⁶ *Jornal do Commercio*. Manaus, 30 Jul. 1908.

percorrida, uma vez que vivia no Alto Jutai. Vencida esta longa viagem, tem-se a imagem de um seringueiro profundamente ferido no corpo e na alma, sendo convencido e conduzido por um vigia do porto de Manaus, o Sr. Pedro de tal, a relatar o crime às autoridades da cidade, onde até tem-se o registro de que o subdelegado Carneiro de Cunha abriu inquerido sob pedido do desembargador chefe da polícia para investigar o fato, mas, que conforme nossa investigação não se conseguiu acessar no periódico algum novo desdobramento da história de Olympio Cavalcante até final daquele ano de 1908.

Isto leva a presumir que Olympio tenha seguido para a sua terra de origem ao encontro de sua família. Ao mesmo tempo, sabe-se que tais crimes ocorridos no interior do Estado e principalmente nos seringais amazônicos nessa época ficavam impunes dadas a conjuntura e as próprias normas reguladoras do cotidiano do seringal.

Edward Thompson articulou os conceitos de teatro e contrateatro ao estudar a reação popular frente a dominação empreendida pela *gentry*⁴⁰⁷ na Inglaterra do século XVIII. Nesse sentido Thompson afirma que “os donos do poder representam seu teatro de majestade, superstição, poder, riqueza e justiça sublime”⁴⁰⁸. Eles encenam como realidade um conjunto de ações para legitimarem o seu poder e controle sobre os trabalhadores ou classes subalternas.

É o que pode ser percebido nessas histórias em que se vê encenada a vida real do seringal, em que os próprios redatores dos periódicos chegam a comparar a vida e os infortúnios enfrentados pelo seringueiro como uma peça encenada tragicamente. A violência tem forte poder simbólico. Essa cena vívida é representada pelos agentes do poder que legitimam suas ações no cotidiano do seringal e que o seringueiro é quem sofre as ações (não apenas) teatrais do poder.

Observando a vivência do seringueiro que é representada na imprensa amazonense, saltam dos periódicos diversas histórias de conflitos entre os próprios trabalhadores. Para além dos conflitos, que geralmente envolviam mulheres, haviam muitas brigas, seguidas de morte, brigas por canoas, batelões, punhais, rifles, estradas, e demais objetos que constituíam posse, sem falar de uma animosidade

⁴⁰⁷ Designa-se *gentry* (do francês arcaico *genterie*) a nobreza rural europeia que, embora desprovida de títulos nobiliárquicos, possuía os mesmos valores da restante aristocracia inglesa. Oxford English Dictionary.

⁴⁰⁸ THOMPSON, Edward Palmer. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Op. cit., p. 239.

sempre presente que fazia com que, por qualquer motivo, eles iniciassem uma briga ou uma disputa. Talvez isto represente o quanto a linguagem da violência era latente nos seringais e perpassava o cotidiano do seringal sendo assimilada pelos seringueiros.

Em matéria publicada no periódico *Correio do Norte*, sob o título “*Homicídio*” tem-se a história de dois seringueiros, José Joaquim de Sant’Anna e Tiburcio Ferreira dos Santos que foram alvejados, sendo um deles morto, enquanto o outro escapou do atentado. Ao que parece os tiros foram dados por outro seringueiro, Paulo Gomes Coutinho. Diz a nota:

Chegou, ontem, ao conhecimento da primeira delegacia a notícia de um bárbaro assassinato cometido na pessoa de José Joaquim de Sant’Anna quando passava este em uma canoa às 9 horas da manhã de ontem pelo igarapé do Mucura, indo em sua companhia Tiburcio Ferreira dos Santos que só logrou escapar à morte por ter se atirado à água. Tiburcio foi quem trouxe ao conhecimento da polícia a notícia do barbiteso homicídio. Chama-se Paulo Gomes Coutinho o degenerado assassino que disparou tiros de rifle sobre Sant’Anna. De há muito, Coutinho que tem por instinto natural a mania de provocar a todos sem motivo e por questões nonada, atirava a Sant’Anna pilherias ofensivas, insultos intoleráveis, ameaçando-o, sempre que o encontrava que um dia mais, um dia menos as contas ficariam ajustadas. Ante isso, receando Sant’Anna algum encontro funesto, veio na semana transata a esta cidade e fez ver autoridade policial as condições em que se encontrava. Coutinho sabendo do fim que trouxe Sant’Anna a esta capital idealizou o plano terrível que levou a efeito ontem pela manhã. O corpo da infeliz vítima chegou ontem pela manhã a esta cidade sendo recolhido ao necrotério, onde o médico legista da polícia Dr. Alfredo Araújo procedeu a respectiva autopsia. José Joaquim de Sant’Anna era natural do Ceará, viúvo, seringueiro, e tinha 40 anos de idade. Paulo Gomes entregou-se voluntariamente à polícia.⁴⁰⁹

Embora a fonte não revele que Paulo Gomes Coutinho, o assassino, e Tiburcio Ferreira dos Santos, o companheiro de José Sant’Anna fossem seringueiros, é possível que atuassem em algum seringal, uma vez que Sant’Anna era designado por seringueiro. Nesse sentido, o redator do periódico foi vago, uma vez que Tiburcio dos Santos é um sobrevivente aos tiros de Paulo Coutinho, escapando pela água e sendo ele o portador da notícia na cidade.

Outro ponto que chama atenção é que o seringueiro José Sant’Anna chegou a ir à cidade de Manaus denunciar as ameaças de Paulo Coutinho, aparentemente sem nenhum proveito. O igarapé Mucura, no Amazonas, se localiza próximo a cidade de Manaus no Rio Negro. De todo modo, vê-se na história, o seringueiro José Sant’Anna

⁴⁰⁹ *Correio do Norte*. Manaus, 29 Jul. 1909.

ser morto por qualquer motivo fútil, pois como se tem dito, a violência era uma forma, senão legítima, ao menos banal e corriqueira para tais sujeitos sociais e por meio dela expressavam suas intenções e interesses. Além disso, e diferentemente de tantas outras histórias, o assassino, Paulo Coutinho, se entrega a polícia.

Natalie Davis concluiu seu estudo sobre violência, lembrando que, de maneira geral, as pessoas que praticavam os atos de violência o faziam tendo de algum modo a percepção de que suas ações eram legítimas, pois as ocasiões em que praticavam tais atos estavam sempre muito relacionadas com a defesa de suas causas. No entanto, a autora lembra que os ritos de violência não podem ser considerados em sentido absoluto um direito à violência, pois as práticas de violência devem servir para orientar, que para além de resoluções e medidas que possam garantir a diminuição de práticas destrutivas e cruéis, ou de tentar pacificar os desviantes, deve-se buscar a mudança dos valores centrais de uma comunidade⁴¹⁰. Isto certamente tem a ver com a consciência e a luta por direitos dos trabalhadores, que no caso dos seringueiros passariam a existir somente décadas depois.

Transgressões e Resistências

As ações empreendidas pelos múltiplos sujeitos sociais vinculados aos seringais constituíram-se, muitas vezes, em conflito com a autoridade patronal, deixando perceber, de modo particular, transgressões e resistências, práticas nem sempre iluminadas no discurso historiográfico. Já se salientou que a violência era uma prática institucionalizada nos seringais amazônicos do período e, por isso, Maria Lígia Prado e Maria Helena Capelato informam que a ambiência de um seringal geralmente “se caracterizava pela violência..., quando os trabalhadores ousavam..., abandonar o trabalho, cometiam faltas ou empregavam processos condenados na extração do látex, os meios de punição eram os mais brutais”.⁴¹¹

⁴¹⁰ DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo*. Op. cit., p. 156. A ideia da existência de noções legitimadoras por trás das práticas de violências rituais, já havia sido desenvolvida por Thompson em vários estudos, ganhando maior destaque em seu estudo sobre a “Economia moral da multidão na Inglaterra do século XVIII”. THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em Comum*. Op. cit.

⁴¹¹ PRADO, Maria Lígia e CAPELATO, Maria Helena Rolin. *A Borracha na Economia Brasileira na Primeira República*. Op. cit., p. 322.

Atento a essa situação, Euclides da Cunha teve acesso e destacou esse regramento por meio dos “regulamentos” dos seringais que ele teve acesso. Neles eram organizadas as interdições e penas destinadas aos trabalhadores aviados pelo barracão central. As regras determinavam sanções a quem, por exemplo, fizesse um corte inferior ao gume do machado, com multa de 100 mil réis, bem como, a quem se atrevesse a comprar qualquer mercadoria que não fosse fornecida pelo armazém do seringal, nesse caso a multa equivalia a 50% do valor do produto comprado. Euclides afirmou que aqueles eram regulamentos impiedosos. Fugir? Nem pensar. Buscar outro barracão? Pior, pois havia entre os patrões um acordo de não aceitarem seringueiros de outros, antes de saldadas as dívidas. Além disso, era um sistema coercitivo, pois o recurso da fuga era dificultado pelas enormes distâncias a serem percorridas.⁴¹²

Estas descrições da historiografia ganharam na literatura, como visto antes, contornos vívidos em romances que trataram do cotidiano dos seringais. Imagens que ficaram cristalizadas no imaginário amazônico, como no caso dos seringueiros Joca e Quinquim, em *Coronel de Barranco*, que caçavam, plantavam e pescavam escondidos do Coronel Cipriano, e que, conforme o enredo, foram denunciados por Maciel, outro seringueiro rival. Ali Joca e Quinquim sofreram as consequências do não cumprimento do regulamento do seringal, da lei do patrão:

Cipriano desembarcou, aparentemente calmo, seguido pelos quatro homens armados.
– Boas-noites, Coronel. O senhor por aqui. Que é que manda?
Sem responder, Cipriano foi direto à barraca:
– Que quer dizer isso aí?
– O quê, seu Coronel?
– Isso aí, seus cachorros?
Os dois não sabiam como responder.
Não poderiam mesmo explicar, quando Cipriano apontou com o facão a pequena reserva de jerimuns, em cima da mesa, ao lado de umas macaxeiras e algumas espigas de milho... Agora enraivecido, Cipriano se pôs a sondar as imediações da barraca, acompanhado dos homens armados. E, em poucos minutos de investigação, descobria a plantação clandestina.
Berrou para os caboclos armados que levava
– Terçado em cima.
Os quatro homens tinham de cumprir as ordens, mas sentiam vontade de chorar, enquanto iam executando a obra de destruição.
– Fogo. Começa logo com o fogo.
E dirigindo-se a Quinquim, que o olhava, estarecido:
– Vamos, seu patife, vai buscar também o querosene de vocês, pra acabar isso mais depressa.

⁴¹² CUNHA, Euclides da. *A Margem da História*. Op. cit., p. 9.

Começou o incêndio a se alastrar.

– Fogo nessa porcaria toda.

A clareira se iluminava tragicamente, quando ele ordenou a Joca, em crescente cólera:

– E você, seu moleque ordinário, vai buscar todas aquelas porcarias que estão lá na cozinha.

E ele obedeceu, como um autômato...

– Toca. E vocês, seus gatunos, terçado na mão, e já, para o fogo não se alastrar pelas seringueiras. Vamos, seus cachorros. Ladrões. E eu aí me sacrificando, pra esses sem-vergonhas me roubarem assim, nessa safadeza, em vez de cortar seringa? ...⁴¹³

Esse trecho do romance é simbólico no sentido de atestar tanto a existência dos regulamentos dos seringais, como da prática de resistência dos seringueiros. Pois, sabe-se que a maior parte deles burlava a regra das plantações, da caça e da pesca, bem como se utilizavam de outros meios que, para eles eram legítimos para livrarem-se do escorchante enquadramento que eram submetidos.

No romance *Terra Caída* tem-se uma representação do poder que os coronéis, donos dos seringais, tinham ante qualquer demanda que pudesse colocar em risco sua autoridade e o cumprimento de seus regulamentos. A descrição a seguir refere-se ao Coronel Tônico Monteiro:

Sua influência comercial granjeou-lhe a nomeação de juiz de paz do seringal, cargo decorativo que ele exerce ditatorialmente, em proveito próprio, aumentando sua autoridade de patrão mediante uma justiça vesga que extravasa em violências contra seringueiros indefesos. Em momentos de raiva, vira ferrabrás e ameaça, blasonando prepotência: “No meu seringal, quem manda sou eu. Eu só! Aqui, sou delegado, juiz, rei, papa, o diabo! Ninguém se meta a besta! Quem faz a lei sou eu; e a lei, aqui, aqui é bala!”. Embora um tanto exagerado, por vaidade ou para intimidar, a verdade é que, dentro do imenso seringal, ele é temido. Tudo resolve e decide arbitrariamente, mesmo porque autoridade, de fato, só existe na sede da comarca, distante dali quatro dias de rio abaixo.⁴¹⁴

Os Coronéis Cipriano e Tônico são representações emblemáticas do patrão que vigia e pune os seringueiros que transgridem seus regulamentos. Vê-se claramente na narrativa em que o Coronel Cipriano desempenha o papel do agente intimidador e inquisidor da prática da plantação clandestina, sendo absolutamente implacável em sua na destruição. Percebe-se também uma marca distinta do discurso patronal, onde Joca e Quinquim são chamados de cachorros, ladrões, e sem vergonhas, pois é Cipriano, o patrão, quem se sacrifica investindo seu capital na provisão do aviamento.

⁴¹³ LIMA, Cláudio Araújo. *Coronel de Barranco*. Op. cit., p. 244-246.

⁴¹⁴ POTYGUARA, José. *Terra Caída*. São Paulo: Globo, 2007, p. 27-28.

O fato sob a ótica do patrão, é que ele está sendo roubado, pois enquanto plantam e colhem, deixam de cortar seringa, e, por conseguinte o lesam, diminuindo seu faturamento através das pelas de borracha não produzidas. Mas, sob a perspectiva dos seringueiros, suas ações são legítimas e representam uma forma de resistência e do próprio exercício de sua liberdade. Michel Foucault ao analisar o exercício do poder, afirma que o mesmo serve para “demarcar as posições e os modos de ação de cada um, as possibilidades de resistência e de contra-ataque de uns e de outros”⁴¹⁵. Nesse sentido, haveria assim um campo variado de possibilidades de atuação e ações próprias de sujeitos livres desempenharem sua agência.

O periódico *O Correio do Purus* traz uma notícia que representa bem o conceito da resistência em uma forma mais direta e incisiva, em que a fuga é precedida de um ataque ao barracão por parte dos seringueiros. Sob título de “*Dolorosos acontecimentos*”, é apresentada a história de Luiz Pastor:

Ilmo. Sr. Redator – Cordiais saudações. Ainda sob o peso da mais esmagadora impressão pelos trágicos acontecimentos, ocorridos aos vinte e seis de maio, em meu seringal, venho à vossa presença não só narra-los, como também pedir-vos a fineza de inserirdes nas colunas de vosso conceituado e utilíssimo jornal “*O Correio do Purus*”, a narração do fato cujos dados são os seguintes: Tendo como fiscal de uma dependência de meu seringal, de nome “Curupaity”, o Sr. Luiz Pastor da Silva, me vi obrigado a substituí-lo, por outro, em virtude de seu mau procedimento consentindo que a freguesia além de estragar desapiedadamente as estradas de seringa, inutilizasse o produto com grande mistura de Sorva. Isto foi o bastante: o Sr. Luiz Pastor que havia sido retirado do emprego, aliás por muito boas maneiras, reunindo-se aos seringueiros, em número de treze, atacou o barracão do referido lugar onde se encontravam completamente desarmados e seu substituto, Miguel Moura e os cargueiros, Francisco Moura e Manuel Nogueira Pontes, matando-os barbara, fria e traiçoeiramente; também foi, da mesma forma, morto um seringueiro de nome Sergio Cavalcante pelo motivo de não ter compactuado com eles. ⁴¹⁶

A história de Luiz Pastor, fiscal ou gerente do seringal Curupaity traz novos contornos de ação entre os agentes que li se encontram, principalmente entre os seringueiros que caracterizam a formação de uma espécie de motim. Neste primeiro fragmento percebe-se de imediato que é o patrão, o dono do seringal quem procura a redação do periódico em Lábrea para denunciar os fatos ocorridos ali. Esse coronel

⁴¹⁵ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011, p. 125.

⁴¹⁶ *O Correio do Purus*. Lábrea, 28 Jun. 1912.

tem por nome Trajano Alves da Costa, que tem seu nome revelado apenas ao fim na notícia.

De todo o modo, é sob a ótica de Trajano que os fatos são publicados. Isso pode ser notado quando informa em sua narrativa à redação do jornal que Luiz Pastor, enquanto fiscal, estava tendo um *mau procedimento consentindo que a freguesia além de estragar desapiedadamente as estradas de seringa, inutilizasse o produto com grande mistura de Sorva*, ou seja, provavelmente extraíndo indevidamente o látex das seringueiras e adulterando a borracha com a sorva, causando prejuízo a Trajano, sendo esta a causa da demissão dele do cargo. Além disso, percebe-se que o Trajano também informa que Luiz Pastor saíra do emprego *por muito boas maneiras*, demonstrando assim ao jornal que não o havia tratado com injustiça.

No entanto, o desdobramento da história apresenta Luiz Pastor reunindo um grupo de treze seringueiros para atacar o barracão sorrateiramente, e nele encontrando desarmados alguns trabalhadores, inclusive seu substituto, grupo o qual a fonte ainda informa seus nomes. Entende-se que esta ação, pode ser entendida como um modo de Luiz Pastor vingar-se de seu patrão, muito embora seja possível, que a história tenha ocorrido conforme Trajano denunciara.

A fonte também registra que o movimento de Luiz Pastor não foi de todo coeso, pois o seringueiro Sergio Cavalcante acaba sendo assassinado pelo grupo por não ter *compactuado com eles*. Compreende-se que a decisão do seringueiro Sérgio pode ser considerada normal neste contexto. Pois, participar de uma revolta era difícil e englobava muitos riscos. Ele pode ter se recusado a participar por muitos motivos, embora o medo de represálias do patrão por compactuar com os revoltosos seja o mais provável. A fonte não informa, jamais saberemos ao certo, embora o que se pode é apenas especular. Mas, o certo é que Sérgio Cavalcante pagou com a vida a escolha em não participar da resistência.

A história tem um desfecho inusitado e até mesmo improvável, a se considerar o que até aqui a fonte registrou:

Por um milagre que fica figurando como uma ressurreição, pode salvar-se o Sr. Manuel Nogueira Pontes, que acima figura entre os mortos, (porque como tal o deixaram) o qual só três dias depois de penosa viagem conseguiu, arrastando-se a muito custo, trazer a notícia à uma barraca que dista quatro horas do local em que se deu a verdadeira catástrofe. As vítimas eram, pelo seu irrepreensível comportamento, geralmente

estimadas; se as mataram foi somente para não deixarem uma testemunha presencial do hediondo fato. A Providencia, porém, fez que escapasse o Snr. Manuel Nogueira Pontes depois de receber uma bala de rifle na espadua direita, outra por sobre o olho direito e uma facada na garganta. O seu estado continua gravíssimo. Tomaram parte ativa no crime, ao lado do Snr. Luiz Pastor da Silva: José de Lima, Antônio Ferreira, Thimoteo Ferreira de Barros, Ananias Rodrigues, Antônio Alves Pacheco, Quirino Ribeiro, Manuel Pinto de Araújo, David Francisco Farias e Francisco Menezes. Os outros limitaram-se a acompanhar os bandidos na evasão. As vítimas tiveram como resistência as suplicas, repetidas, entre lágrimas. Contando com o seu apoio. Sou com a mais distinta e elevada consideração. De S. S.^a Am.^o Att.^o e Obr.^o. Trajano Alves da Costa. ⁴¹⁷

Então, o personagem Manuel Nogueira Pontes, um dos cargueiros, citado entre os mortos ressurgue inesperadamente para a vida. O que talvez signifique que o mesmo tenha fingido estar morto, para de alguma forma, poder pedir ajuda após a fuga do grupo de seringueiros de Luiz Pastor. Ao mesmo tempo a fonte revela através do testemunho do patrão, que as pessoas que foram atacadas eram *pelo seu irrepreensível comportamento geralmente estimadas* por todos, mas, poderiam certamente ameaçar o grupo em denunciá-lo. Embora, também esteja explícito na fonte que dentre os mortos estava o substituto de Luiz Pastor, o que provavelmente não represente uma coincidência.

De todo o modo, realmente foi providencial a sobrevivência de Manuel Pontes para que depois de ter levado uma bala no ombro, *outra por sobre o olho direito e uma facada na garganta*, consegue após três dias trazer a notícia *à uma barraca que dista quatro horas do local*. Certamente, quando se lê que Manuel Pontes fez *penosa viagem*, pode-se imaginá-lo parando muito tempo em seu percurso pra recuperar sua condição ferida, dormindo não se sabe em que condições, ou até mesmo, se esgueirando na mata ante a possibilidade de ser encontrado pelo grupo de Luiz Pastor, que a fonte informa ter se evadido do seringal juntamente com outros seringueiros.

Ao fim, o patrão ainda informa ao jornal que *as vítimas tiveram como resistência as suplicas, repetidas, entre lágrimas*, informação esta certamente trazida por Manuel Pontes à barraca em que chegara. Embora, a fonte informe que Manuel Pontes ficara em estado gravíssimo, não se sabe se sobreviveu aos ferimentos. Outro aspecto que pode ser destacada nessa história é a notada ausência do patrão no momento do ataque do grupo de Luiz Pastor ao barracão central. Não se sabe

⁴¹⁷ O Correio do Purus. Lábrea, 28 Jun. 1912.

também o motivo, embora possa-se supor que o grupo tenha preferido e planejado fazer o ataque justamente quando Trajano estivesse fora por qualquer motivo.

Investigou-se nos dias subsequentes à publicação dessa notícia, qualquer indício de informação acerca do que ocorreu depois, procurando saber o paradeiro do grupo que Luiz Pastor conduziu em fuga. Assim, três meses depois, o periódico *O Correio do Purus* publicou a seguinte notícia: “Na cadeia de Lábrea deram entrada, a 24, sete dos 13 homens que praticaram diversas mortes no centro do seringal Caçaduá, no lugar Curupaity”⁴¹⁸. E nada mais foi mencionado no periódico, embora tenhamos buscado mais informações até março de 1913.

A história de Luiz Pastor e seu grupo de seringueiros demonstra tanto a existência da *transgressão*, como da *resistência*, conceitos percebidos em ação na ambiência dos seringais amazônicos. Edward Thompson ao falar do teatro do poder também apresenta o sentido do contrateatro, ou seja, o seu contraposto, quando afirma que “assim como os governantes afirmavam sua hegemonia por um estudado estilo teatral, os plebeus afirmavam a sua presença por um teatro de ameaça e sedição”.⁴¹⁹

Em outro momento Thompson também afirma que “os pobres encenam seu contrateatro, ocupando o cenário das ruas dos mercados e empregando o simbolismo do protesto e do ridículo”⁴²⁰. Essa dinâmica ocorre de modo semelhante no enquadramento do sistema de trabalho do seringal, onde havia uma espécie de *hegemonia cultural* da parte de quem regia o poder. Os seringueiros não tinham outra alternativa a não ser lutarem quando preciso, demonstrando o vivo espírito da sua resistência provocando revoltas contra o sistema que os oprimia, e em alguns casos, até mesmo buscavam a todo o custo matar o patrão, responsável por lhes impingirem a injustiça. Este era o seu contrateatro!

⁴¹⁸ *O Correio do Purus*. Lábrea, 29 Set. 1912.

⁴¹⁹ THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em Comum*. Op. cit., p. 65.

⁴²⁰ THOMPSON, Edward Palmer. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Op. cit., p. 139-240. Para Edward Palmer Thompson a cultura é um campo complexo em que a luta de classes se desenvolve sob vários aspectos. Os motins de fome estudados por Thompson na Inglaterra do século XVIII e XIX devem ser compreendidos através da observação de um processo de luta em torno dos costumes, valores e da cultura. Nesse sentido os motins representavam a quebra de costumes antigos através da economia moral. THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em Comum*. Op. cit., p. 152. Em outro momento Thompson afirma que “definir o controle nos termos de hegemonia cultural não significa renunciar ao intento da análise, mas arquitetá-la para os tópicos necessários: as imagens de poder e autoridade e as mentalidades populares de subordinação”. THOMPSON, Edward Palmer. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Op. cit., p. 240.

No romance *A Selva*, pode-se ver o desfecho de uma história que demonstra bem o que aqui se afirma. Ferreira de Castro deu cores vivas ao fim trágico da vida do patrão Juca no seringal Paraíso:

... Era sonho? Pesadelo? Quedou-se um momento a escutar. Os gritos repetiam-se, arrastavam-se móveis, havia gente correndo na varanda e agora, ali, por detrás da porta, a voz de Tiago chamava:

– Seu Alberto! Seu Alberto!

– An? Que é?

– Se levante, seu moço! O barracão está a arder. Ouviu?

– O quê? O barracão está a arder? ...

As chamas enovelavam-se, distendiam-se, como panejamentos trémulos e dilacerados; ora se afuselavam e partiam em muitas línguas, fechando-se, lá no alto, em diademas, ora se abaixavam e corriam ao longo do beiral, descendo até envolver os pilares da varanda. Era uma rajada de fogo que se prendera no extremo do barracão, lá onde residia o amo, e lutava pela sua liberdade, empenhada em ir mais longe, ansiosa de se alastrar pelo dorso enegrecido do telhado. O esqueleto cedia e, às vezes, um desmoronamento interior punha nota grave naquele murmúrio brando, mas ardente, de sedas e de asas. Só as figuras, com suas expressões e gestos, ditavam sentido dramático à cena grandiosa....

– Vamos! Vamos! Atire a água para o lado de lá!

E como visse agitar-se, na outra ponta da varanda, um vulto negro que empurrava móveis, gritou-lhe:

– Pare com isso, nhá vitória! Vá buscar água na lata. Já!

Encarou Alberto e Elias, que acabavam de surgir na sua frente:

– Andem depressa! Depressa! ...

– E seu Juca? Já apareceu?

– Não o vimos. Onde está ele?

– Está lá dentro. Eu e o João fomos ver se entrávamos lá, mas o fogo não deixou. Tenho as mãos piores que um moqueado e não tenho cabelo nem pestanas. Se seu Juca não saiu para o quintal, a esta hora está perdido...

– E seu Juca? Perguntaram.

Guerreiro fez um gesto triste e resignado:

– Logo que me levantei, fui ver se o salvava. Tentei entrar com o Alexandrino e o João, deitando as portas abaixo com um machado. Não foi possível. Era demasiado tarde. Queimámo-nos todos e nada conseguimos. É horrível! Eu ainda julguei que ele tivesse saído pelo lado do quintal, mas andei por lá e não o vi.... Ao passar sob o beiral incólume, onde alexandrino temendo vingança dos homens chicoteados, se sentara, fingindo seguir atentamente a morte do incêndio, Tiago levantou os olhos, contemplou-o um instante e avançou de novo. Dona Yáyá ia justamente retirar-se quando ele chegou ao grupo. Descobriu-se, entregando ao último fulgor da noite a carapinha encanecida, e disse, voltado para o guarda-livros:

– Branco: me mande para a cadeia de Humaitá, fui eu que deitei fogo ao barracão e fechei as portas para seu Juca não sair...

O espanto tornara mudas todas as outras bocas e a do negro deixara de mascar. As linhas da sua cara chupada pelo tempo, tinham agora a rigidez das esculturas de madeira e os olhos brancos, de tão quedos, dir-se-iam artificiais e encastoados. Havia zumbidos no cérebro de todos os que o ouviam e na noite criara-se um vácuo enorme.

– Me mande para a cadeia, branco...

Dona Yáyá, em novo desespero, levava as mãos à cabeça. E o senhor guerreiro, subitamente indignado, ergueu-se num arremesso, estendeu os braços para o negro e sacudiu-o com furor:

– Miserável! ...

– Larga-me! Seu Juca era tão amigo dele ... Que coisa miserável!

Humilde na sua serenidade, o olhar baixo, como que alheio à cólera que o alvejara, Tiago murmurou:

– Eu também gostava muito do patrão. Ele me podia até matar que eu não fugia. Era mesmo amigo dele. Mas seu Juca se desviou. Estava a escravizar os seringueiros. Tronco e peixe-boi no lombo, só nas senzalas. E já não há escravatura...

Deteve-se. Os seus olhos erguiam-se, procuravam os de guerreiro, adquiriam vida e choravam agora.

– Eu é que sei o que é ser escravo! Ainda tenho aqui, nas costas, o sinal do chicote do feitor, lá no maranhão. Branco não sabe o que é liberdade como negro velho. Eu é que sei! ... Negro é livre! O homem é livre! ⁴²¹

O fim do romance *A Selva* é simbólico no sentido de apresentar uma recuperação histórica da agência desses homens que travaram verdadeiras batalhas nas selvas da Amazônia. Dentre tantos pontos de observação no trecho apresentado, a ação de Tiago desempenha papel fundamental na trama. Pois é ele quem discretamente vê as atrocidades cometidas por Juca Tristão.

Pouco antes de Tiago decidir atear fogo na casa de seu patrão, um grupo de seringueiros liderados por Firmino havia sido capturado em fuga, ironicamente, por outros seringueiros de um seringal próximo e sem consciência de sua condição de extrema submissão⁴²², sendo por eles entregues à Juca Tristão⁴²³. Durante o incêndio esse grupo de seringueiros jaz quase mortos após terem sofrido toda espécie de tortura. Ali ficaram ensanguentados, amarrados como animais por terem se evadido do seringal.

Na narrativa, percebe-se que foram esses maus tratos o estopim para que o negro Tiago justificasse sua ação de incendiário, pois ao confessar que embora

⁴²¹ CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. Op. cit., p. 213-219.

⁴²² Infere-se aqui sobre o que pode ocorrer elementos da classe de trabalhadores alcançam um nível maior de consciência, despertada pela experiência vivida, e também percebida e compreendida, ao ponto de tentarem mudar, coletivamente a situação em que se encontravam. “Deve-se ressaltar que ao estudar a classe trabalhadora inglesa, Thompson destacou, a partir da formação da identidade e da cultura popular, a base para a contestação das ideias de hegemonia e gênese do proletariado. Este conjunto de críticas tornou-se alicerce para uma nova perspectiva historiográfica: *a história vista de baixo*. O autor afirma que os indivíduos só passam a se perceber como integrantes de uma determinada classe a partir de suas próprias experiências e percepções. O reconhecimento desse conjunto de experiências, tanto na esfera social e cultural, é que permite ao indivíduo se identificar e passar a construir uma consciência de classe”. LIMA, Daniel Barros de. *Historiografia contemporânea e alguns sujeitos sociais como objeto da pesquisa histórica: aproximações e possibilidades*. In: PIO JÚNIOR, Amaury Oliveira e SILVA FILHO, Eduardo Gomes da (Orgs.). *História da Amazônia em Doze Olhares: novas contribuições*. Manaus: Mundo Novo, 2014, p. 108; Cf. THOMPSON, Edward Palmer. *A Miséria da Teoria ou planetário de erros*. Op. cit., p. 11.

⁴²³ O personagem Alberto, ao saber o modo como o grupo de Firmino foi capturado fica grandemente surpreso: “Alberto ficou-se a olhá-los, surpreendido. ‘Como podia ser, como podia ser que as vítimas saboreassem também o papel de algoz? De que sórdida matéria era feita a alma de alguns homens, que gozavam bem da alheia, mesmo quando era igual à deles?’”. CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. Op. cit., p. 208.

gostasse de Juca Tristão, disse que ele *estava a escravizar os seringueiros. Tronco e peixe-boi no lombo, só nas senzalas. E já não há escravidão*. E mais adiante, legitima sua ação fazendo referência direta ao que ele mesmo enfrentara anos antes no Maranhão no regime de escravidão negra⁴²⁴ no país: *Eu é que sei o que é ser escravo! Ainda tenho aqui, nas costas, o sinal do chicote do feitor, lá no maranhão... Negro é livre!*

A ação de seringueiros contra seus patrões é muito latente nos jornais de Manaus neste período e demonstra não ter sido esporádica. Em outra notícia da imprensa, sob o título, “*Os crimes do interior – perseguido por seu ex patrão, matou-o*”, vê-se a história do seringueiro Joaquim Lucas, demonstrando o contrateatro vivo na expressão legítima da resistência no seringal:

No seringal Nova Califórnia, no rio Abunã, pertencente ao Acre Federal... Joaquim Deophino Lucas, há largos tempos, era aviado de Carlos Rivas, tendo porém uma certa independência quanto à compra de suas mercadorias, isto é, fazia seu fornecimento onde melhor lhe conviesse, em lugar de fazê-lo ao seu patrão, o que de certo não agradava a este. No dia 16 do mesmo mês, Rivas, acompanhado de seus capangas João Salgado, Luiz Antônio, José Lobo e Accacio de tal, tentou chegar a um acordo com o seu aviado, relativamente às transações de Lucas e para que o mesmo lhe pagasse certas contas atrasadas e duzentos e tantos mil réis, pertencentes a Elias Serruya que lhe delegara poderes para receber este dinheiro. Como Lucas não o quisesse atender, Rivas despedi-o do seu seringal, dando-lhe o prazo de quarentena e oito horas para se retirar. E assim, dois dias depois, quando Lucas deixava o seringal, em uma canoa, onde conduzia dois filhos menores e mais três companheiros seus trabalhadores, foi novamente abordado pelo seu ex patrão que, desta vez, em um motor com alguns capangas fazendo a sua embarcação ir de encontro a de ex aviado. Lucas, saltando n'água e nadando, pode disparar alguns tiros de rifle matando Rivas instantaneamente. Travou-se então um ligeiro tiroteio, de parte a parte, morrendo Joaquim Lins de Oliveira, companheiro de Lucas e Luiz Antônio, capanga de Carlos Rivas, resultando virar a canoa daquele e perder-se toda a mercadoria e bagagem de seus companheiros. Lucas, nadando, chegou à terra e dirigiu-se para a casa de Antônio Gomes, onde

⁴²⁴ Conforme lembra a autora Olga Maria Pereira, “os negros, arrancados de seu país e separados de seus familiares, foram obrigados a suportar a arrogância do branco e também sua covardia, estando, durante o descarregar dos navios negreiros a mercê da coação, do chicote, do tronco e de correntes, além de serem transportados doentes, famintos e amontoados, tais como objetos, expostos à humilhação que, de forma patológica, alimentava o vazio da alma de seus futuros compradores. Jamais saberemos até que ponto foi justificado os castigos impostos aos negros no Brasil, já que, os referenciais teóricos dos quais temos acesso, retratam, em sua maioria, apenas uma parte da história que, desconsiderando o não dito dos discursos escravistas, silenciaram os lamentos e os gritos de homens negros que perderam suas vidas em um país estrangeiro”. PEREIRA, Olga Maria Lima. A dor da cor: reflexões sobre o papel do negro no Brasil. In: *Cadernos Imbondeiro*. João Pessoa, v.2, n.1, 2012, p. 1. Ao estudar a presença do negro no Brasil, Gilberto Freire afirma que “todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma [...] a sombra, ou pelo menos a pinta do indígena ou do negro. No litoral, do Maranhão ao Rio Grande do Sul, e em Minas Gerais, principalmente do negro”. FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51ª Ed. São Paulo: Global, 2006, p. 367.

se destinava, sendo seus filhos salvos, um pelo Dr. João Hermann Felício Maciel que descia o rio em montaria, e o outro por um dos companheiros de Lucas. Em seguida, este se dirigiu para Fortaleza do Abunã, porém o major José Pedro de Campos Junior, delegado de polícia daquele lugar, que andava em uma diligência no mesmo rio, tendo recebido denúncia, do Dr. João Maciel, sobre o crime, encontrando-se no caminho, com o assassino, sem este se aperceber, acompanhou-o até a Fortaleza, onde efetuou sua prisão. Após foi aberto inquérito, no qual foram ouvidos o criminoso e duas testemunhas sendo o criminoso, depois, remetido para o termo de Orion, no Acre, e daí para a Empresa Rio Branco, onde se acha recolhido à cadeia. Carlos Rivas era autor de diversas mortes entre as quais a do coronel Alexandrino José da Silva, crime este praticado no seringal Quatorze de Dezembro, no Acre. O criminoso, Joaquim Delphino Lucas é cearense, casado, de 33 anos e seringueiro.⁴²⁵

A história do seringueiro Joaquim Lucas é instigante tanto do ponto de vista dos aspectos inusitados e incomuns contidos nela, como pelo modo em que essa história é representada pelo redator do periódico. De imediato tem-se um seringueiro com uma aparente independência ante aquilo que, por muitas décadas, era um padrão estabelecido, ou seja, que o seringueiro deveria se aviar unicamente no armazém do patrão. Na contramão dessa prática, Joaquim Lucas *fazia seu fornecimento onde melhor lhe conviesse*, o que certamente deixou seu patrão, Carlos Rivas, descontente, pois isso também implicava perda da borracha produzida em seu próprio seringal.

É por isso que Rivas, além de cobrar uma dívida atrasada de *mais duzentos e tantos mil réis* também decide demitir Lucas de seu seringal lhe dando 48 horas para sair. Numa situação como essa em que o patrão se vê grandemente lesado, é o seringueiro quem geralmente pagava com a vida. E ao que parece, foi isso que Rivas planejou fazer, já que, quando na saída de Lucas, tenta com *um motor com alguns capangas fazendo a sua embarcação ir de encontro a de ex aviado*. Lucas consegue, mesmo após ter sua canoa virada pelo impacto com o motor de Rivas, salvar seus filhos, juntamente com seus companheiros. Eles caem na água tendo que nadar para se salvar. Lucas logo que cai n'água e consegue deferir um tiro certo em seu ex patrão, *matando Rivas instantaneamente*.

O que se vê a seguir, pelo o que a fonte registra, é uma atitude incomum de seringueiros que acabam por matar alguém nos seringais. Lucas decide ir a *Fortaleza do Abunã*, o que se entende aqui, ir à procura de alguma ajuda ante o que lhe ocorrera, no distrito próximo a cidade de Porto Velho. No entanto, o Dr. João Maciel,

⁴²⁵ A Capital. Manaus, 8 Jun. 1918.

o mesmo médico que salvou um de seus filhos no infortúnio, acaba por denunciá-lo ao major *José Pedro de Campos Junior, delegado de polícia daquele lugar, que andava em uma diligencia no mesmo rio*, o que considera-se ter sido um evento muito coincidente. De todo o modo, sem alarde e sem que Lucas percebesse, o delegado José Pedro chega a acompanhá-lo até a Fortaleza, onde efetua sua prisão.

Desse instante em diante, percebe-se o modo como o redator do periódico trata Joaquim Lucas. Ele é chamado mais de uma vez de *criminoso*. Após abertura inquérito Lucas acaba sendo recolhido à cadeia. Ao fim, o redator registra que seu patrão era autor de diversas mortes, dentre as quais, a morte de um Coronel, muito embora não ateste que era um criminoso.

Davi Leal em sua pesquisa também estudou um caso semelhante, em que o seringueiro aproveitou a ocasião de uma agitada noite de festejos de São João, no interior de Humaitá (AM), para matar seu patrão.

O seringalista Francisco Gomes dos Santos resolveu, naquela noite agradável, dar uma volta com a família para apreciar a festa do barracão próximo de sua casa. Francisco Gomes convidou alguns aviados seus para andarem um pouco, tomarem uma cachaça, afinal de contas o período de trabalho duro estava para começar, pois havia terminado o período de chuvas. No momento em que a festa estava começando, alguns deram a ideia de saldarem a São João com tiros de rifle para o alto. Neste momento, Francisco Gomes pede a um aviado seu, de nome Antônio Severino da Silva, para que este fosse até o barracão pegar um rifle, pois queria participar da saudação ao santo. Severino não se negou a tal tarefa, foi até a casa do patrão buscar o rifle. Quando se aproximou de seu patrão não titubeou, engatilhou a arma e apontou para o mesmo atingindo-lhe um tiro certo na testa, matando-o instantaneamente. Após o episódio, a nota no jornal informou somente que não havia rixa entre Severino e seu patrão, e que este morreu deixando a esposa e filhos.⁴²⁶

Davi Leal analisa o episódio articulando os conceitos de resistência. O assassinato do patrão à queima roupa, no contexto da festa, fora talvez a única oportunidade do seringueiro para acertar as contas com o seringalista, já que este se encontrava longe de seus capangas armados. Antônio Severino da Silva, cansado de ser humilhado, não via a hora de retribuir os anos de sofrimento e exploração praticada pelo seu patrão arrivista, então para Severino este seria o seu dia de festa.

Além daquilo que a fonte do jornal informa, pode-se captar nesses pequenos e importantes atos de resistência, um sujeito que, mesmo diante de todas as

⁴²⁶ *Humaythaense*. Humaitá, 30 jun. 1907. Apud LEAL, Davi Avelino. *Entre barracões, Varadouros e Tapirís*: Op. cit., p. 134-135.

adversidades, encontra forças para fazer frente aos desmandos de seu patrão. Não é possível saber o motivo exato que o levou a assassinar o patrão, talvez uma desavença no cotidiano de trabalho, um rancor guardado que encontrou espaço para emergir e se concretizar no ato de violência física ou tenha vindo à lembrança dos anos de trabalho e humilhação sofridas no seringal.⁴²⁷

Compreende-se assim, enfocando através de algumas fontes, o que a imprensa apresentou em suas páginas que podem representar a transgressão e a resistência dos seringueiros nos seringais. Esse esforço se deu na orientação de produzir uma História da Amazônia através da perspectiva da *“história vista de baixo”*, conceito este que Edward Thompson expressou vividamente na década de 1960.

Além disso, sabe-se que durante muito tempo a sociedade amazônica foi estudada e descrita de um modo simplificado e homogêneo, embora nas últimas décadas tenham sido produzidas muitas pesquisas que serviram de um modo geral, para apresentar uma complexidade maior pra a compressão da Amazônia. Assim, buscou-se enxergar e compreender um pouco mais, através do uso dos periódicos da imprensa amazonense, a enorme complexidade intrínseca ao tema, e principalmente revelar novas perspectivas acerca das representações produzidas na imprensa e da aproximação das vivências do seringueiro e das imagens do cotidiano do seringal. Acreditamos ter contado parte dessa história.

Conclui-se com um sentimento latente de que o que foi pesquisado é mais uma contribuição da pesquisa histórica sobre os seringueiros amazônicos. Na esperança de que o aforismo de Ferreira de Castro se torne uma realidade para muito trabalhadores de nosso tempo: “Sobrepõe-se, sempre no meu espírito, uma causa mais forte, uma razão maior, a Humanidade... esqueço-me de mim, mas não me esqueço da selva”.⁴²⁸

⁴²⁷ LEAL, Davi Avelino. *Entre barracões, Varadouros e Tapirís*: Op. cit., p. 135.

⁴²⁸ CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. Op. cit., pórtico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se teve aqui a pretensão de apresentar conclusões fechadas acerca dos temas pesquisados nos últimos dois anos. Mas, tornar pública uma contribuição para com a historiografia regional sobre o seringueiro, um símbolo maior do trabalhador na História do Amazonas, reforçando as proposições acadêmicas de que este sujeito social continuará sendo objeto de estudos diversos, pois muito ainda falta para que se esclareça sua vivência adequadamente.

Porém, e no que diz respeito a nossa investigação, podemos neste momento fazer algumas considerações plausíveis na conexão dos resultados alcançados na pesquisa. Uma primeira reflexão reside na percepção da singularidade das representações dos seringueiros produzidas pela imprensa amazonense no período investigado.

Conforme se viu, embora houvesse uma imprensa bastante rica, no que diz respeito a uma diversidade de periódicos, a constatação que tivemos, foi de que a maioria deles projetaram uma imagem caricatural e esquemática dos seringueiros, geralmente relacionada à ideia de pessoas ignorantes, insolentes e arregimentados da escola de todos os vícios, razões estas que os colocavam à margem da história, sob o emblema de que, ele mesmo fora culpado por sua condição miserável. Esse foi o principal tom de suas representações lidas nos periódicos, que reconhecidamente estavam alinhados com os interesses do capital e do poder público.

Porém, tanto nesses periódicos, mas principalmente naqueles de cunho mais popular, e que, de certa forma, carregavam um tom crítico de denúncias e reivindicações acerca da qualidade de vida das pessoas comuns, foi perceptível que a imagem do seringueiro pudesse ser representada de outro modo.

A marca desses periódicos foi a construção de uma representação do trabalhador que se impõe ante as intempéries da vida e demonstra com uma singularidade um *modus vivendi* próprio, que sob sua perspectiva revela muitas contradições sociais, mas, também revela um cotidiano carregado de vivências e experiências nem sempre conhecidas, pois afinal, não interessavam àqueles que produziram uma história alinhada com o espírito positivista da época. No entanto,

foi possível, através do que esses periódicos informaram, conhecer, em parte, aspectos da vida do seringueiro, ou pelo menos, aproximar-nos através dos registros, da realidade em que experienciavam nas suas diversas demandas, como por exemplo, os sentimentos relacionados à família, a mulheres e filhos e a outros agentes de sua ambiência.

A pesquisa demonstrou que, a partir da análise das múltiplas representações do seringueiro produzidas no interior da imprensa amazonense, bem como acerca da própria realidade do seringueiro em suas ações cotidianas refletida nos jornais, História e Imprensa produzam uma viva articulação com resultados profícuos para a pesquisa histórica.

Neste percurso foi possível compreender os meandros do processo da migração nordestina para a Amazônia. Após diversas análises sobre esse fenômeno, que com certa ponderação, percebemos que essa vertiginosa migração não foi isolada apenas sob a explicação do efeito das secas do nordeste e da conquista da riqueza de um *Eldorado*. Havia mais razões que complementam essas, como por exemplo, o interesse e o investimento do governo do Amazonas em trazer uma mão de obra do Ceará.

De igual modo, ficou evidente que as experiências marcantes que o seringueiro enfrentou, tanto em sua adaptação ao ambiente da selva, enquanto brabo, como na almejada condição de seringueiro, contribuíram para formar uma cultura peculiar dos trabalhadores da borracha. Através das variadas histórias que os jornais publicaram que envolviam seu mundo, foi possível perceber, ainda em formação, o processo gradual de construção identitária do seringueiro, pois esse processo se deu a partir de sua imersão no mundo da floresta e do seringal.

Decorrente disso, outra percepção foi demonstrada na relação do que a bibliografia clássica informou em confronto com que os periódicos informaram. O que pode-se afirmar, é que estes periódicos se distanciaram uns dos outros na percepção e na interpretação dos novos sujeitos sociais que foram se inserindo no contexto do trabalho e que dessa forma se relacionaram com os demais sujeitos da região amazônica.

A partir das pequenas letras dos jornais de uma distante época, das vidas passadas, de mentalidades de outro tempo, essa pesquisa trouxe a compreensão da

frase de A. Warburg: “Deus está no particular”⁴²⁹, encerrando a compreensão do método indiciário de Carlo Ginzburg, que leva a ampliação do campo de observação, com atenção nos detalhes, com elementos ricos e reveladores dentro dos caminhos e descaminhos da pesquisa histórica, tal como por diversas vezes pudemos constatar quando descobríamos fatos novos dessa trama.

Repensar a História, neste sentido, é incorporar a ideia de que o papel social dos historiadores da História do Trabalho tem um propósito muito claro, o de contribuir para o resgate das práticas adotadas pela classe trabalhadora em seu interminável processo de construção de identidade, e que de nós através do seringueiro amazônico, fica esta pequena contribuição.

Assim afirmamos sob inspiração thompsoniana, que podemos encontrar através das representações do seringueiro a possibilidade de contar uma história vista de baixo,⁴³⁰ descobrindo muito daquilo que geralmente está pronto para ser esquecido, as histórias de gente comum, experiências de homens e mulheres na construção de sua própria história.

Isso engrandece nosso papel como historiador, bem como disse Eric Hobsbawm, “o ofício do historiador é lembrar o que os outros esquecem”.⁴³¹ Aqui, talvez possamos até ampliar essa máxima, afirmando como o fez Peter Burke, que o ofício do historiador é lembrar o que muitos a sociedade deseja ardorosamente esquecer⁴³². Repensar a História do trabalho, portanto, também é ressignificar a compreensão sobre o mesmo, dando à homens e mulheres as condições ideais para se viver num mundo melhor, num mundo mais justo.

⁴²⁹ GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 143.

⁴³⁰ THOMPSON, Edward Palmer. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Op. cit., p. 185.

⁴³¹ HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 12.

⁴³² BURKE, Peter. *Variedades de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 89.

REFERÊNCIAS

1 – Periódicos:

A Capital. Manaus, 18 de Julho de 1917.

A Capital. Manaus, 11 de Setembro de 1917.

A Capital. Manaus, 27 de Setembro de 1917.

A Capital. Manaus, 08 de Outubro de 1917.

A Capital. Manaus, 13 de Outubro de 1917.

A Capital. Manaus, 14 de Outubro de 1917.

A Capital. Manaus, 26 de Novembro de 1917.

A Capital. Manaus, 27 de Novembro de 1917.

A Capital. Manaus, 27 de Dezembro de 1917.

A Capital. Manaus, 04 de Fevereiro de 1918.

A Capital. Manaus, 09 de Fevereiro de 1918.

A Capital. Manaus, 30 de Maio de 1918.

A Capital. Manaus, 08 de Junho de 1918.

A Capital. Manaus, 13 de Junho de 1918.

A Capital. Manaus, 23 de Junho de 1918.

A Capital. Manaus, 11 de Outubro de 1918.

A Constituição. Belém, 01 de junho de 1877.

A Crítica. Manaus, 22 de Outubro de 1958.

Commercio do Amazonas. Manaus, 25 de Maio de 1900.

Commercio do Amazonas. Manaus, 27 de Dezembro de 1898.

Correio do Norte. Manaus, 06 de Maio de 1906.

Correio do Norte. Manaus, 29 de Julho de 1909.

Diário Official. Manaus, 24 de Junho de 1897.

Estrella do Amazonas. Cidade da Barra do Rio Negro, 04 de Janeiro de 1854.

Humaythaense. Humaitá, 30 de junho de 1907.

Jornal do Commercio. Manaus, 24 de Dezembro de 1905.

Jornal do Commercio. Manaus, 30 de Julho de 1908.

Jornal do Commercio. Manaus, 11 de Novembro de 1916.

Jornal do Commercio. Manaus, 12 de Dezembro de 1916.

Jornal do Commercio. Manaus, 13 de Outubro de 1917.

O Correio do Purus. Lábrea, 13 de Maio de 1900.

O Correio do Purus. Lábrea, 16 de junho de 1907.

O Correio do Purus. Lábrea, 16 de Janeiro de 1910.
O Correio do Purus. Lábrea, 28 de Junho de 1912.
O Correio do Purus. Lábrea, 29 de Setembro de 1912.

O Imparcial. Manaus, 22 de Fevereiro de 1918.
O Imparcial. Manaus, 03 de Março de 1918.
O Imparcial. Manaus, 22 de Março de 1918.
O Imparcial. Manaus, 01 de Junho de 1918.

Pátria. Manaus, 12 de Setembro de 1899.
Pátria. Manaus, 01 de Outubro de 1898.
Pátria. Manaus, 02 de Outubro de 1898.
Pátria. Manaus, 05 de Outubro de 1898.
Pátria. Manaus, 06 de Outubro de 1898.
Pátria. Manaus, 11 de Novembro de 1898.
Pátria. Manaus, 13 de Dezembro de 1898.
Pátria. Manaus, 01 de Março de 1899.

Quo Vadis? Manaus, 20 de Novembro de 1902.
Quo Vadis? Manaus, 27 de Dezembro de 1902.
Quo Vadis? Manaus, 04 de Março de 1903.
Quo Vadis? Manaus, 06 de Março de 1903.

Revista da Associação Comercial do Amazonas. Manaus, 05 de Dezembro de 1908.
Revista da Associação Comercial do Amazonas. Manaus, 05 de Julho de 1908.
Revista da Associação Comercial do Amazonas. Manaus, 05 de Setembro de 1908.
Revista da Associação Comercial do Amazonas. Manaus, 05 de Julho de 1910.
Revista da Associação Comercial do Amazonas. Manaus, 10 de Janeiro de 1911.
Revista da Associação Comercial do Amazonas. Manaus, 10 de Julho de 1911.
Revista da Associação Comercial do Amazonas. Manaus, 10 de Junho de 1911.
Revista da Associação Comercial do Amazonas. Manaus, 10 de Agosto de 1911.
Revista da Associação Comercial do Amazonas. Manaus, 10 de Setembro de 1911.
Revista da Associação Comercial do Amazonas. Manaus, 10 de Outubro de 1911.
Revista da Associação Comercial do Amazonas. Manaus, 10 de Novembro de 1911.
Revista da Associação Comercial do Amazonas. Manaus, 10 de Dezembro de 1911.
Revista da Associação Comercial do Amazonas. Manaus, 10 de Julho de 1912.
Revista da Associação Comercial do Amazonas. Manaus, 10 de Junho de 1913.
Revista da Associação Comercial do Amazonas. Manaus, 10 de Julho de 1913.
Revista da Associação Comercial do Amazonas. Manaus, 10 de Janeiro de 1914.

2 – Fontes “Oficiais”

Fala do Governador do Amazonas ao Congresso do Amazonas. Agesilão Pereira da Silva, 04/06/1877.
Mensagem do Governador do Amazonas ao Congresso do Amazonas. Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt. 10/07/1910.

3 – Bibliografia

- ALBERT, P. e TERROU, F. *História da Imprensa*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- AVELINO, Alexandre Nogueira. *O Patronato Amazonense e o Mundo do Trabalho: A revista da Associação Comercial e as representações acerca do trabalho no Amazonas (1908-1919)*. Dissertação de Mestrado. Manaus: UFAM, 2008.
- BADARÓ, Marcelo. *E. P. Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico*. Rio de Janeiro: Editora URFJ, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. Brasília: Editora da UnB, 1999.
- BARATA, Manoel. *A Antiga Produção e Exportação do Pará. Formação Histórica do Pará*. Belém. UFPA, 1973.
- BARROS, José D'Assunção. *O Campo da História: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BATISTA, Djalma. *O Complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento*. 2ª ed. Manaus: Valer, 2007.
- BATISTA, Luciana Marinho Batista. *Muito além dos seringais: elites, fortunas e hierarquias no Grão-Pará, 1850-1870*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.
- BAZE, Abrahim. *Ferreira de Castro: um imigrante português na Amazônia*. 3ª ed. Manaus: Editora Valer, 2005.
- BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: formação social e cultural*. Manaus: Valer, 2009.
- BENTES, Dorinethe dos Santos. *Outras faces da história: Manaus, 1910-1940*. Manaus: Reggo Edições, 2012.
- BITTENCOURT, Agnello. *Dicionário Amazonense de Biografias: vultos do passado*. Rio de Janeiro: Conquista, 1973.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989.
- BRAGA, Robério. *Euclides da Cunha no Amazonas*. Manaus: Valer/Fundação Lourenço Braga, 2002.
- BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BURKE, Peter. *Variedades de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CAPELATO, Maria Helena Rolin. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.
- CARDOSO, Fernando Henrique e MÜLLER, Geraldo. *Amazônia: expansão do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense/CEBRAP, 1978.
- CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. 37ª ed. Lisboa: Guimarães Editora, 1989.
- CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história*. São Paulo: Campus, 2011.
- CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, Historiador*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- CHARTIER, Roger. *A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. São Paulo: DIFEL, 1990.
- CHARTIER, Roger. *A História ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos avançados*, 11(5), 1991.
- COELHO, Geraldo Mártires. História e identidade Cultural na Amazônia. In: D'INÇÃO, Maria Ângela. SILVEIRA, Isolda Maciel da (Orgs). *A Amazônia e a Crise da Modernização*. Belém: Museu paraense Emílio Goeldi, 1994.
- COHEN, Ilka Stern. Diversificação e Segmentação dos Impressos. In: LUCA, Tania Regina. MARTINS, Ana Luiza (Orgs). *História da Imprensa no Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- CORSETTI, Berenice. Análise documental no contexto da metodologia qualitativa. *UNIrevista*, vol.1, nº1, Jan/2006.
- COSTA, Cybele Moraes da. *A constituição da Província do Amazonas e sua estruturação no campo da saúde pública (1852-1880)*. ANPUH – Anais do XXV Simpósio Nacional de História, Fortaleza, 2009.
- COSTA, Cybele Moraes da. *Socorros públicos: as bases da saúde pública na Província do Amazonas (1852-1880)*. UFAM: Manaus, 2008. Dissertação de Mestrado, 2008.
- COSTA, Francisco Pereira. *Seringueiros, Patrões e a Justiça no Acre Federal, 1904/1918*. Rio Branco: EDUFAC, 2005.
- COSTA, Selda Vale da. *Eldorado das Ilusões: Cinema & Sociedade: Manaus (1897-1935)*. Manaus: EDUA, 1996.
- CRUZ, Heloísa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário. Na oficina do historiador: conversa sobre História e Imprensa. *Projeto História*, São Paulo, nº 35, p. 255-272, dez. 2007.
- CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999
- CUNHA, Euclides da. *Amazônia: Um paraíso perdido*. 2ª ed. Manaus: Valer, 2011.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Ministério da Cultura: Fundação Biblioteca Nacional.
- CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira. *Reservas Extrativistas: Uma Alternativa de Produção e Conservação da Biodiversidade*. Disponível em: <http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/color/resex.pdf> Acesso em: 27/06/2014.
- DAOU, Ana Maria Lima. *A Cidade, o Teatro e o “Paiz das Seringueiras”*: práticas e representações da sociedade amazonense na virada do século XIX. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- DARNTON, Robert e ROCHE, Daniel. *Revolução Impressa: a Imprensa na França (1775-1800)*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo: Sociedade e cultura no início da França Moderna*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.
- DE CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- DEAN, Warren. *A luta pela borracha no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989.
- DIAS, Ednéa Mascarenhas. *A ilusão do fausto: Manaus (1890-1920)*. 2ª ed. Manaus: Valer, 2007.
- DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. In: *Tempo e Argumento*, Florianópolis: Revista do Programa de Pós-graduação em História, UDESC. v. 4, nº1. jan/fev. 2012, p. 8-13.

- DOSSE, François. História e historiadores no século XIX. In: MALERBA, Jurandir (Org.). *Lições de História: o caminho da ciência no longo século XIX*. Porto Alegre: FGV/EDIPUCRS, 2010, p. 15-31.
- DURANT, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.
- DURKHEIM, Émile. *O suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: EDIPRO, 2014.
- EMERY, Bernard. A Utopia no romance neo-realista europeu: o caso de José Maria Ferreira de Castro. In *Miscelânea sobre José Maria Ferreira de Castro*. Grenoble: Centre de Recherche et d'Études Lusophones et Intertropicales de Grenoble; 1994.
- ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, PUCRS, v. XXIV, nº 2, Dez/1998.
- FACIOLI, Valentim. *A gênese da forma*. Tese de Doutorado: São Paulo, FFLCHUSP, 1990.
- FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- FARIA E SOUZA, João Baptista de, SOUZA, A Monteiro de e BAHIA, Alcides. *A Imprensa no Amazonas, 1851-1908*. Manaus: Tipografia da Imprensa Oficial, 1908.
- FERREIRA, Manoel Rodrigues. *A Ferrovia do Diabo*. São Paulo: Melhoramentos, 1959.
- FONTANA, Josep. *História: análise do passado e projeto social*. Bauru, SP: EDUSC, 1998.
- FORTES, Alexandre. Miríades por toda a eternidade: a atualidade de E. P. Thompson. São Paulo: *Revista Tempo social*, v. 18, nº 1, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord.). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950) Catálogo de Jornais*. Manaus: Editora Calderaro, 1990.
- FREIRE, José Ribamar Bessa et al. *A Amazônia Colonial*. Manaus: Metro Cúbico, 1990.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51ª Ed. São Paulo: Global, 2006.
- FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 20ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisas*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- GOMES, Ângela de Castro. *Burguesia e Trabalho: política e legislação social no Brasil, 1917-1937*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- GOMES, Ivana Luísa de Souza. *Quo Vadis? A trajetória de um jornal de oposição (1902-1904)*. Monografia de Iniciação Científica. Manaus: UFAM/CNPq, 2009.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Trem-Fantasma: A ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

- HOBBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOBBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOBBSBAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- IANNI, Octávio. *Colonização e Contrarreforma agrária na Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- ITUASSÚ, Oyama. *O Colonialismo e a Escravidão humana*. Manaus: Academia amazonense de letras, Governo do Estado do Amazonas e Editora Valer, 2007.
- KUYPER, Abraham. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.
- LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes Cearenses no Pará: faces da Sobrevivência (1889/1916)*. Belém: Editora Açaí, 2010.
- LAGE, Mônica Maria Lopes. *Mulher e Seringal: um olhar sobre as mulheres nos seringais do Amazonas (1880-1920)*. UFAM: Manaus, 2010. Dissertação de Mestrado, 2010.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: *A História Nova*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.
- LEAL, Davi Avelino. *Direitos e processos diferenciados de territorialização: os conflitos pelo uso dos recursos naturais no rio Madeira (1861-1932)*. Tese de Doutorado. UFAM: Manaus, 2013.
- LEAL, Davi Avelino. *Entre barracões, Varadouros e Tapirís: os seringueiros e as relações de poder nos seringais do Rio Madeira (1880-1930)*. UFAM: Manaus, 2007. Dissertação de Mestrado, 2007.
- LEAL, Davi Avelino. Por uma arqueogenealogia dos seringais: os seringueiros na historiografia regional. In: *Canoa do Tempo*, Manaus: Revista do Programa de Pós-Graduação, UFAM, v. 1, nº1 jan/dez. 2007.
- LIMA, Cláudio Araújo. *Coronel de Barranco*. 2ª ed. Manaus: Editora Valer, 2002.
- LIMA, Daniel Barros de. Historiografia contemporânea e alguns sujeitos sociais como objeto da pesquisa histórica: aproximações e possibilidades. In: PIO JÚNIOR, Amaury Oliveira e SILVA FILHO, Eduardo Gomes da (Org.). *História da Amazônia em Doze Olhares: novas contribuições*. Manaus: Mundo Novo, 2014.
- LIMA, Oliveira. *Don João VI no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.
- LOUREIRO, Antônio. *A grande crise*. 2ª ed. Manaus: Valer, 2008.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- LUCA, Tania Regina. MARTINS, Ana Luiza (Orgs). *História da Imprensa no Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- LUSTOSA, Isabel. *O Nascimento da Imprensa Brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- MAIA, Álvaro. *Banco de Canoa: Cenas de Rios e Seringais do Amazonas*. 2ª ed. Manaus: EDUA, 1997.
- MAIA, Álvaro. *Gente dos Seringais*. Rio de Janeiro, 1956.
- MARTINELLO, Pedro. A “Batalha da Borracha” na Segunda Guerra Mundial e suas consequências para o Vale Amazônico. In: *Cadernos da UFAC*, n. 1, série “C”, estudos e pesquisas, Rio Branco: UFAC, 1988.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *O Manifesto Comunista*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

- MATTOS, Marcelo Badaró (Org.). *História: Pensar & Fazer*. Niterói: LDH/UFF, 1989.
- MATTOS, Marcelo Badaró. Trajetórias entre fronteiras: o fim da escravidão e o fazer-se da classe trabalhadora no Rio de Janeiro. Florianópolis: *Revista Mundos do Trabalho*, v.1, n. 1, Jan/Jun. 2009.
- MENDES, Francielle Maria Modesto. *Coronel de Barranco: a literatura no imaginário social da Amazônia no primeiro ciclo da borracha*. Tese de Doutorado. USP: São Paulo, 2013.
- MIRANDA, Bertino. (Org.) *Anais do Congresso Comercial, Industrial e Agrícola: 22 a 27 de fevereiro de 1910*. Manaus: ACA/Fundo Editorial, 1990.
- MOREL, Marco e BARROS, Mariana. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da Imprensa no Brasil no século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.
- MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: LUCA, Tania Regina. MARTINS, Ana Luiza (Orgs). *História da Imprensa no Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- NEELEMEN, Rose e NEELEMEN, Gary. *Trilhos na Selva: O dia a dia dos trabalhadores da Ferrovia Madeira-Mamoré*. São Paulo: BEI Comunicação, 2011.
- OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. O Caboclo e o Brabo. In: *Encontros com a Civilização Brasileira*. Nº10. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- OLIVEIRA, Erivonaldo Nunes de. *A Imigração Nordestina na Imprensa Manauara (1877-1917)*. UFAM: Manaus, 2010. Dissertação de Mestrado, 2010.
- OLIVEIRA, José Aldemir de. *Manaus de 1920-1967: A cidade doce e dura em excesso*. Manaus: Valer, 2003.
- PALLARES-BURKE, Maria Helena (org.) *As muitas faces da história: nove entrevistas*. São Paulo: UNESP, 2000.
- PALMER, Bryan. *Edward Palmer Thompson: objeções e oposições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- PEREIRA, Olga Maria Lima. A dor da cor: reflexões sobre o papel do negro no Brasil. In: *Cadernos Imbondeiro*. João Pessoa, v.2, n.1, 2012.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. São Paulo: Autêntica, 2008.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Muito Além do Espaço: por uma história cultural do urbano*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.8. n.16, 1995.
- PETERSEN, Sílvia e LOVATO, Bárbara. *Introdução ao Estudo da História*. Porto Alegre: Edição do Autor, 2013.
- PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. *A Batalha da Borracha: das vivências do passado às lutas contemporâneas* (Resenha). Manaus: *Fronteiras do Tempo – Revista de Estudos Amazônicos*, nº 5, 2014.
- PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. Na contramão da história: mundos do trabalho na cidade da borracha (Manaus, 1920-1945). *Canoa do Tempo*, Manaus, v.1, n. 1, Jan/dez. 2007.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1889-1925)*. 3ª ed. Manaus: EDUA, 2015.
- PINHEIRO, Maria Luíza Ugarte. *Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920)*. Manaus: EDUA, 2015.

- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Imprensa e cultura letrada no Amazonas, 1889-19320*. ANPUH – *Anais do XXV Simpósio Nacional de História*, 2009.
- PIO JÚNIOR, Amaury Oliveira e SILVA FILHO, Eduardo Gomes da (Org.). *História da Amazônia em Doze Olhares: novas contribuições*. Manaus: Mundo Novo, 2014.
- PIZA, Daniel. *Amazônia de Euclides: viagem de volta a um paraíso perdido*. São Paulo: Leya, 2010.
- POTYGUARA, José. *Terra Caída*. São Paulo: Globo, 2007.
- POZZA NETO, Provino. *Aves Libertas: ações emancipacionistas no Amazonas Imperial*. UFAM: Manaus, 2011. Dissertação de Mestrado, 2011.
- PRADO, Maria Lígia e CAPELATO, Maria Helena Rolin. A Borracha na Economia Brasileira na Primeira República. In: FAUSTO, Boris (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. vol. 8. 4ª ed. São Paulo: DIFEL, 1985.
- PROST, Antoine. Social e Cultural Indissociavelmente. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François (org). *Para uma História Cultural*. Rio de Janeiro: Editorial Estampa, 1998.
- REIS, Arthur César Ferreira. *A Amazônia e a Cobiça Internacional*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Americana, 1972.
- REIS, Arthur César Ferreira. *O Seringal e o Seringueiro*. 2ª ed. Manaus: EDUA, 1997.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. 3 vols. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- SAMPAIO, Patrícia Maria Melo. *Os fios de Ariadne: fortunas e hierarquias sociais na Amazônia, século XIX*. 2ª ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2014.
- SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T. A. Queirós, 1980.
- SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 39-62.
- SILVA, Kalina Vanderlei e SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- SODRÉ, Nélson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: INTERCOM, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.
- SOUZA, Aldair José Batista de. *Em busca da cidade ideal: imagens e imaginação do urbanismo de Haussmann no interior da Amazônia*. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos> Acesso em: 12/12/2015.
- SOUZA, Gisele Elaine de Araújo Batista et al. *Movimentos Sociais dos Seringueiros e a RESEX Chico Mendes: a cada conquista, persiste a necessidade das lutas*. Disponível em: <http://sober.org.br/palestra/13/911.pdf> Acesso em: 27/06/2014.
- SOUZA, Márcio. *Mad Maria*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- TEIXEIRA, Carlos Corrêa. *Servidão Humana na Selva: o aviamento e o barracão nos seringais da Amazônia*. Manaus: Valer: EDUA, 2009.
- THOMPSON, Dorothy. Marxismo e História. In: *Cadernos AEL*, v.11, n.20/21, 2004.
- THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.
- THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa*. Vol. 1, 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

- THOMPSON, Edward Palmer. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. 2ª ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2012.
- TOCANTINS, Leandro. *Amazônia – natureza, homem e tempo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Biblioteca do Exército, 1982.
- VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história*. São Paulo: Campus, 2011.
- VIEIRA, Maria do Pilar *et al.* Imprensa como fonte para a pesquisa histórica. *Projeto História*, São Paulo, nº 3, p. 47-54, jan./dez. 1984.
- WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850–1920)*. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.
- WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta: uma história do Alto Juruá, Acre (1890-1945)*. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- ZICMAN, Renée Barata. História através da Imprensa: algumas considerações metodológicas. *Projeto História*, São Paulo, nº 4, p. 89-102, jan./dez. 1985.

4 – Sites

[http://www.infopedia.pt/\\$situacao-social](http://www.infopedia.pt/$situacao-social)
<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/minisseries/amazon-ia-de-galvez-a-chico-mendes/curiosidades.htm>
<http://www.dicionarioinformal.com.br/parintintins/>
<http://bndigital.bn.br/>